



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ADILBÊNIA FREIRE MACHADO

**SABERES ANCESTRAIS FEMININOS NA FILOSOFIA AFRICANA:
POÉTICAS DE ENCANTAMENTO PARA METODOLOGIAS E CURRÍCULOS
AFRORREFERENCIADOS**



FORTALEZA / CEARÁ
2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ADILBÊNIA FREIRE MACHADO

**SABERES ANCESTRAIS FEMININOS NA FILOSOFIA AFRICANA: POÉTICAS DE
ENCANTAMENTO PARA METODOLOGIAS E CURRÍCULOS
AFRORREFERENCIADOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito para conclusão do doutorado. Área de concentração: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola – Sociopoética, Cultura e Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit

FORTALEZA / CEARÁ
2019





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M129s Machado, Adilbênia Freire.

SABERES ANCESTRAIS FEMININOS NA FILOSOFIA AFRICANA: POÉTICAS DE ENCANTAMENTO PARA METODOLOGIAS E CURRÍCULOS AFRRREFERENCIADOS / Adilbênia Freire Machado. – 2019.

268 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.

1. Saberes Ancestrais Femininos. 2. Filosofia Africana e Descolonização dos Sentidos. 3. Currículos e Metodologias Afrrreferenciadas. I. Título.

CDD 370





ADILBÊNIA FREIRE MACHADO
SABERES ANCESTRAIS FEMININOS NA FILOSOFIA AFRICANA: POÉTICAS DE
ENCANTAMENTO PARA METODOLOGIAS E CURRÍCULOS
AFRORREFERENCIADOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, como requisito para conclusão do doutorado. Área de concentração: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola – Sociopoética, Cultura e Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit

Aprovada em: 06 / 09 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Haydée Petit (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

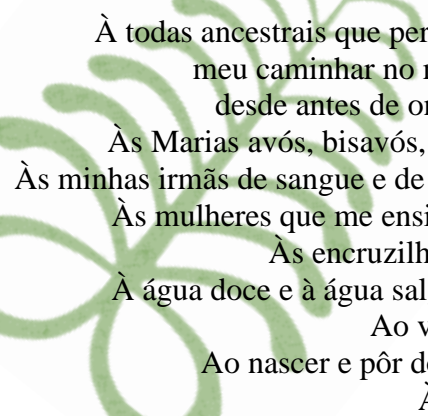
Prof. Dr. Wanderson Flor do Nascimento
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dra. Fátima Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB – CE)





À todas ancestrais que permitem
meu caminhar no mundo
desde antes de ontem...
Às Marias avós, bisavós, mãe...
Às minhas irmãs de sangue e de vida...
Às mulheres que me ensinam...
Às encruzilhadas...
À água doce e à água salgada...
Ao vento...
Ao nascer e pôr do sol...
À lua...



ABRAÇAR E AGRADECER¹

Maria Bethânia

Chegar

Chegar para agradecer e louvar

o ventre que me gerou,

o orixá que me tomou,

a mão da doçura que consagrou.

Louvar a água da minha terra

O chão que me sustenta, o palco, o massapê,

a beira do abismo,

o Punhal do susto de cada dia.

Agradecer as nuvens que logo são chuvas,

sereniza os sentidos

e ensina a vida a reviver.

Agradecer os amigos que fiz

e que mantém a coragem de gostar de mim, apesar de mim.

Agradecer a alegria das crianças,

As borboletas dos meus quintais reais, ou não.

A cada folha, a toda raiz, as pedras majestosas

e também aquelas pequeninas como eu em Aruanda.

Agradecer o sol que raia o dia

E a lua que como menino Deus esprai a luz

e vira os meus sonhos de pernas pro ar.

Agradecer as marés altas

e também aquelas que levam para outros costados todos os males.

Agradecer a tudo o que canta livre no ar, dentro do mato, sobre o mar.

As vozes que soam tênues e partem cristais.

Agradecer aos senhores que acolhem e aplaudem esse milagre.

Agradecer ter o que agradecer

¹ Esse poema é uma transcrição do Show Completo “Abraçar e Agradecer” de Maria Bethânia. Maria Bethânia Teles Veloso nasceu no dia 18 de Junho de 1946, em Santo Amaro da Purificação (terra encantada e que tem um delicioso XXX), Bahia. É uma das maiores cantoras e compositoras de nosso país, creio mesmo que do mundo. Suas canções são puro encanto, algumas são mesmos orações ancestrais. Vide o poema e assista ao belo show: https://www.youtube.com/watch?v=EOmi_Fg9IDg





Louvar e Abraçar...

Agradeço....

Tecer agradecimentos é algo que angustia... pois corremos sérios riscos de esquecer (e esquecerei) pessoas, esquecer movimentos e acontecimentos aos quais deveríamos agradecer. Por isso iniciei com a voz encantada de Maria Bethânia, uma sábia ancestral vivendo em nossos novos velhos tempos. Agradeço.

Agradeço às pessoas da minha família de sangue e da família afeto que encontrei nas encruzilhadas da vida... assim, agradeço minha mãe Dona Ivone (Maria Filomena), minhas irmãs Artenildes e Arbênia, minhas avós Mariá e Genuína (In memoriam), minha mãe Chica (parteira que me trouxe ao mundo)...

Agradeço Dona Toinha e Vanda Machado pelo afeto, pelos muitos ensinamentos, pelo cuidado ancestral e pelas conversas que fortalecerem meu caminhar no doutorado assim como a tessitura dessa tese! Minha gratidão, meu afeto...

Rebeca Meijer e Fátima Vasconcelos, agradeço pela acolhida e com-partilhas nas bancas, assim como em nossos encontros / encantos.

Kelma Matos, Kiusam de Oliveira, Bernadete Porto, Juraci Maia, Lis de Maria, gratidão por vocês.

Agradeço ao meu pai Chico Dimas, aos meus irmãos Júnior, Adilberto e Wdemberg e aos sobrinhos que eles me deram: Afonso, Artur, Dimas, Daniel e Davi...

Agradeço Wanderson Flor, Eduardo Oliveira, José Castiano, Severino Ngoenha, Babi Fonteles, Alex Ratts, Prof. Botelho, Marcos Carvalho, Renato Nogueira, Olinda Braga... pela escuta, acolhida e ensinamentos!

Sandra Petit, nossa trajetória não foi fácil, entretanto, foi rica e tecida pelos saberes ancestrais femininos que nos ensinaram a nos ouvir, compreender, desculpar, entender-se, conversar, aprender juntas e com-partilhar. Gratidão por acreditar desde o início, há quinze anos. Gratidão por nós.

Agradeço à Sávia, Laís, Kellynia, Eliene, Rafael, Gerson e Ventura que dividiram andanças durante o meu doutorado, enquanto vocês andavam pelos trilhos do mestrado... Por meio de vocês agradeço às pessoas queridas que estiveram comigo pela FACED. Agradeço Patrícia, Nenzinha, Isabel, Clédia, Paulo, Trindade, Mustafá, Rinardo, Agricelha, Viana, Flávio, Jean, Victor, Manu Kelé, Manu, , Juliana, Raíssa Carol, Alexandrino, Andy, Beatriz, Sarah, Débora, Jarles, Victor Macedo, Bruno, David, Chico, Liana, Moana, Tânia, Sérgio...



Agradecimento especial à Kellynia Farias, Eliene Magalhães e Patrícia Adjokè pelos belos relatos que me ajudaram na tessitura dessa tese.

Agradeço, agradeço... às pessoas companheiras da filosofia africana, Ivo Queiroz, Renato Nogueira, Julvan Moreira, Lorena Oliveira (que foi minha aluna no estágio docente do mestrado, que é minha amiga, que me orgulha e que me cuida com sua sabedoria ancestral que encanta), Luís Carlos, Luís Thiago, Luiz Rufino, Luís Ferrara, Eliseu Pessanha, Aline Matos (Que questionou e estimulou a pensar e tecer “minha / nossa” filosofia africana desde os saberes ancestrais femininos. Meu encanto Oxum), Bas’Ileli Malomalo, Luís Tomás, Phelipe, Sérgio São Bernardo...

Agradeço à AAFROCEL (Academia Afrocearense de Letras) na pessoa de Manuel Casqueiro.

Ana Argentina, agradeço por você, pela poesia!

Lucas Sullivan, Hilma, Júlia, Ivaniza, Dona Chiquinha Louvado, Fran...

Agradeço à ancestralidade, ao encantamento, aos saberes ancestrais femininos!

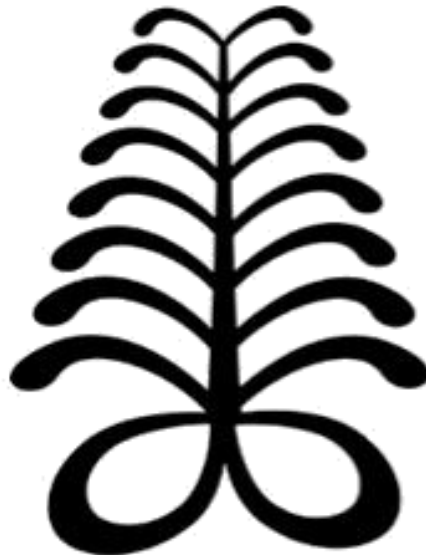
Agradeço ao fundamental apoio financeiro da CAPES. Sem esse apoio esse doutorado não seria possível...

Agradeço Água Preta, Lagoa do Mineiro e meu sertão Pau Preto!



Figura 1 – AYA

Símbolo de resistência, de desafio às dificuldades, força física, perseverança, independência e competência.



Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá.
Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.

“...eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais,
que desde a África vinham arando a terra da vida
com as suas próprias mãos, palavras e sangue.
Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias.”

Olhos D'água.
Conceição Evaristo, 2016.





RESUMO

Diante da ausência de valorização epistemológica, metodológicas e curriculares numa perspectiva afrorreferenciada para pesquisas em torno das africanidades, além do sexismo que inviabiliza as mulheres na construção da filosofia africana contemporânea, mesmo em culturas marcadas pelo patriarcado, essa tese tem o objetivo de contribuir com a descolonização do conhecimento, descolonização curricular e metodológica desde as filosofias africanas, afro-brasileiras, da ancestralidade e do encantamento crocheteada pelos saberes ancestrais femininos e sua relação com a educação. Como povo negro é imperativo construirmos nossas epistemologias e modos de ensinar / aprender pautados em nossas próprias categorias e trajetórias. Assim, interrogamos a naturalização e a universalização do privilégio falocêntrico, cisgênero e branco, enquanto ordem do pensamento e da própria existência. Apresentamos propostas teórico-metodológicas afrorreferenciadas, em especial a Metodologia dos Odus, que delineou a construção dessa tese, além de propostas curriculares, assim como um referencial teórico feminino em uma perspectiva da transversalidade, inclusão e valorização dos saberes negados pelo ocidente. Para tanto, buscamos trazer reflexões desde experiências próprias, sobre descolonização dos sentidos (ser / fazer / aprender / ensinar / conhecer / sentir), as cosmossensações, no intento de construir epistemologias para uma educação engajada e libertária. Privilegiando as poéticas do encantamento, as experiências tecidas em nossas palavras, nossos escritos, nossos saberes crocheteados pelas escrevivências de nossos corpos femininos cheio de sentidos, (re)existências e da ancestralidade que possibilita e potencializa a própria existência do / no mundo. Propomos, então, diálogos afrorreferenciados, antirracistas, antissexistas e conectados com as poéticas de encantamento, ou seja, com o cosmoencantamento, os saberes ancestrais femininos negros, problematizando a interseccionalidade própria de existências marcadas por diversas opressões oriundas do racismo, das desigualdades de gênero, da sexualidade e da classe social, mas também falar desde a potência da vida e da própria possibilidade do existir, do criar, do ser. As filosofias africanas são oriundas do feminino, pois a ancestralidade é feminina, assim, essas filosofias estão implicadas no retorno ao feminino como fonte principal da e para a vida.

Palavras-Chave: Saberes Ancestrais Femininos; Filosofia Africana e Descolonização dos Sentidos; Currículos e Metodologias Afrorreferenciadas.



ABSTRACT

Given the lack of epistemological, methodological and curricular appreciation in an Afro-referenced perspective for research on Africanities, besides the sexism that makes women unfeasible in the construction of contemporary African philosophy, even in cultures marked by patriarchy, this thesis aims to contribute to the decolonization of knowledge, curricular and methodological decolonization from African, Afro-Brazilian philosophies of ancestry and enchantment crocheted by female ancestral knowledge and its relation to education. As black people it is imperative that we build our epistemologies and ways of teaching / learning based on our own categories and trajectories. Thus, we question the naturalization and universalization of the phallogocentric privilege, cisgender and white, as an order of thought and existence itself. We present Afro-referenced theoretical-methodological proposals, especially the Odus Methodology, which outlined the construction of this thesis, as well as curricular proposals, as well as a female theoretical framework in a perspective of transversality, inclusion and valorization of knowledge denied by the West. Therefore, we seek to bring reflections from our own experiences, about decolonization of the senses (being / doing / learning / teaching / knowing / feeling), the cosmossensations, in order to build epistemologies for an engaged and libertarian education. Privileging the poetics of enchantment, the experiences woven into our words, our writings, our knowledge crocheted by the scribes of our feminine bodies full of senses, (re) existences and the ancestry that enables and enhances the very existence of / in the world. We propose, therefore, Afro-referenced, anti-racist, antisexist dialogues and connected with the poems of enchantment, that is, with the cosmoencantamento, the black feminine ancestral knowledge, problematizing the proper intersectionality of existences marked by diverse oppressions arising from racism, gender inequalities, of sexuality and social class, but also to speak from the power of life and from the very possibility of existing, of creating, of being. African philosophies come from the feminine, because ancestry is feminine, so these philosophies are implicated in the return to the feminine as the main source of and for life.

Keywords: Female Ancestral Knowledge; African Philosophy and Decolonization of the Senses; Afroreferenced Curricula and Methodologies.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – AYA.....	9
Figura 2 – VÓ GENUÍNA	21
Figura 3 - IRMÃ.....	27
Figura 4 - CASA	65
Figura 5 – DONA TOINHA E O CAJUEIRO DO ABRAÇO – DESCOLONIZAÇÃO DOS SENTIDOS	97
Figura 6 – FOTOGRAFIA POEMA	132
Figura 7 - AKOMA NTOASO.....	136
Figura 8 - ANANSE.....	144
Figura 9 - SANKOFA.....	147
Figura 10 - NKYINKYIM.....	149
Figura 11 - FUNTUMMIREKU DENKYEMMIREKU.....	151
Figura 12 - NEA ONNIM NO SUA A, OHU	152
Figura 13 – PRIMEIRA VISITA / ÁGUA PRETA	153
Figura 14 - OFICINA: ADINKRAS E MÁSCARAS AFRICANAS	155
Figura 15 - ADINKRA “ZEBA KANI”	156
Figura 16 - ADINKRA “ÁGUA PRETA”.....	158
Figura 17 – ADINKRA ÁGUA PRETA “ESTILIZADO”	158
Figura 18 – LOGOMARCA DE ÁGUA PRETA	159
Figura 19 - NYANSAPO - NÓ DA SABEDORIA.....	160
Figura 20 – COM-VERSA COM “AS MENINAS”	161
Figura 21 - ANANSE.....	163
Figura 22 - SOL OXUM	164
Figura 23 - OPELÊ IFÁ	169
Figura 24 – O BAÚ DAS MEMÓRIAS AFRO-ANCESTRAIS	196
Figura 25 – O BAÚ DAS MEMÓRIAS AFRO-ANCESTRAIS	197
Figura 26 – O BAÚ DAS MEMÓRIAS AFRO-ANCESTRAIS	198
Figura 27 - NYANSAPO	219
Figura 28 - NEA ONNIM NO SUA A, OHU	267



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAFROCEL	Academia Afrocearense de Letras
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
DMMDC	Doutorado Multi-Institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento
NACE	Núcleo das Africanidades Cearenses
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
HCAA	História e Cultura Africana e Afro-brasileira
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UECE	Universidade Estadual do Ceará



SUMÁRIO

OXUM NA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO	18
PARTE I - ANDANÇAS INTRODUTÓRIAS E ANCESTRAIS.....	20
DA VELHA À MENINA.....	20
1. MINHA HISTÓRIA – MEU PERTENCIMENTO.....	22
1.1. DISPARADA.....	27
1.1.1. ORIGEM: MEU CAMINHAR.....	28
1.1.2. TRANSIÇÃO	31
1.1.3. DESCONSTRUÇÃO	34
1.1.3.1. BREVE CAMINHAR SOBRE OLHARES RACISTAS ACERCA DO FILOSOFAR EM ÁFRICA.....	36
1.1.3.2. E O INÍCIO DA TRANSFORMAÇÃO	39
1.1.4. TRANSFORMAÇÃO	43
1.1.5. ESPAÇO.....	46
1.1.6. ENCANTAMENTO.....	52
1.1.7. TEMPO	53
1.1.7.1. OBJETIVO GERAL:	57
1.1.7.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....	57
1.1.7.3. PROBLEMÁTICA	57
1.1.8. NATUREZA	58
A TERRA MEXIDA E PLANTADA DÁ FRUTOS.....	60
2. A PESQUISA: O OBJETIVO INICIAL E O QUE SE TORNOU.....	62
2.1. A LEI 10.639 / 2003: BREVE CAMINHAR E MUITAS POSSIBILIDADES	62
2.2. FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA: BREVE CAMINHAR	67
2.2.1. CORRENTES DA FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA: BREVE PASSAGEM.....	78
2.2.2. ETNOFILOSOFIA.....	79
2.2.3. FILOSOFIA DA SAGACIDADE OU SAGACIDADE FILOSÓFICA (<i>FILOSOFIA DOS SÁBIOS</i>).....	81
2.2.4. FILOSOFIA NACIONALISTA / IDEOLÓGICA OU FILOSOFIA POLÍTICA .	82
2.2.5. FILOSOFIA PROFISSIONAL OU CORRENTE CRÍTICA DA FILOSOFIA AFRICANA OU FILOSOFIA INSTITUCIONAL.....	84
2.2.6. FILOSOFIA LITERÁRIA / ARTÍSTICA	86
2.2.7. FILOSOFIA HERMENÊUTICA.....	86





2.2.8.	FILOSOFIA FEMININA.....	87
2.3.	O ANTES, O AGORA E O DEPOIS: O ANCESTRAL FEMININO.....	89
	EXU, O MENSAGEIRO.....	95
3.	A TESE: CAMINHOS E PERSPECTIVAS.....	96
3.1.	ALGUMAS PERSPECTIVAS IMPORTANTES	102
3.1.1.	NOÇÃO DE PESSOA	102
3.1.2.	EPISTEMICÍDIO.....	104
3.1.3.	A INTERSECCIONALIDADE DO FEMINISMO NEGRO E DECOLONIAL	108
3.1.4.	ESCREVIVÊNCIA E ORALIDADE	113
3.1.5.	CORPO INTEIRO: FIO QUE TECE CONHECIMENTOS E SENTIDOS.....	116
	CRIANDO NO ESPAÇO DA CRIAÇÃO DIVINA	119
	PARTE II - ANDANÇAS METODOLÓGICAS E CURRICULARES	121
4.	ANCESTRALIDADE E ENCANTAMENTO: PENSAMENTO, METODOLOGIAS E CURRÍCULOS AFROREFERENCIADOS.....	121
4.1.	POÉTICAS DE ENCANTAMENTO.....	130
4.1.1.	COM-VERSAS: METODOLOGIA DO SENTIR.....	132
4.2.	ORALIDADE E ESCRITA: PERCEPÇÕES DELINEANDO MODOS DE APRENDER / ENSINAR.....	136
4.2.1.	MITOLOGIAS, CONTOS E PROVÉRBIOS.....	139
4.2.2.	ANANSE.....	144
4.2.3.	ADINKRAS, QUEM SÃO?.....	147
4.3.	TECENDO PRÁTICAS FORMATIVAS.....	151
4.3.1.	ÁGUA PRETA - TURURU (CE).....	152
4.3.2.	METODOLOGIAS ANANSEANAS - ENCANTAMENTO E PERTENCIMENTO.....	160
	O DIA EM QUE ANANSE ESPALHOU A SABEDORIA PELO MUNDO	161
	OXUM NA CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA.....	164
5.	METODOLOGIAS AFROREFERENCIADAS	165
5.1.	METODOLOGIA DOS ODUS	166
5.1.1.	ODUS.....	170
5.1.1.1.	ODU DE ORIGEM.....	171
5.1.1.2.	ODU DE TRANSIÇÃO.....	175
5.1.1.3.	ODU DE DESCONSTRUÇÃO	177
5.1.1.4.	ODU DE TRANSFORMAÇÃO.....	179
5.1.1.5.	ODU DE BELEZA / ESTÉTICA / ENCANTAMENTO.....	180
5.1.1.6.	ODU DE NATUREZA	182





CHORO DA NATUREZA.....	184
5.1.1.7. ODU DE ESPAÇO.....	185
5.1.1.8. ODU DE TEMPO	186
5.2. FILOSOFIA DA SAGACIDADE (FILOSOFIA DAS PESSOAS SÁBIAS) E SUA METODOLOGIA.....	190
5.3. PEDAGOGIA DA ANCESTRALIDADE.....	193
5.4. PRETAGOGIA	205
5.4.1. RELATOS DE PRETAGOGAS	209
ORI.....	214
6. CURRÍCULO AFRRREFERENCIADO: DESCOLONIZANDO PELA ESCUTA SENSÍVEL	215
6.1. COLONIZAÇÃO DO PENSAMENTO	216
6.2. UNILAB – CE E A PROPOSTA / AÇÃO DE UM CURRÍCULO AFRRREFERENCIADO	221
IAN SÃ, CRIANDO A DEMOCRACIA	228
PARTE III - PENSAR / CRIAR / EXPERIENCIAR A FILOSOFIA AFRICANA DESDE O FEMININO	230
7. IN-CONCLUSÕES: ANDANÇAS OU O ENCANTAMENTO QUE NOS TECE – FEMININO ANCESTRAL.....	230
7.1. FEMININO NA FILOSOFIA AFRICANA: BREVE CAMINHAR.....	231
7.1.1. BREVE ANDANÇAS: O FEMININO NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA	233
7.2. APRENDIZADOS / CUIDADOS ANCESTRAIS.....	238
7.2.1. O BORDADO, A COSTURA, O CROCHÊ, A TEIA QUE NÃO FINDA	242
7.3. SOMOS ÁGUA: SABEDORIAS ANCESTRAIS FEMININAS TECENDO A FILOSOFIA AFRICANA – ESTÉTICAS DE RE-EXISTÊNCIA.....	244
AS ASAS DOS PÁSSAROS ENCANTADOS: UMA HISTÓRIA PARA A CRIANÇA DE CADA UM	251
REFERÊNCIAS	254
MARIA MARIA	265
NEA ONNIM NO SUA A, OHU	267
PROVERBIO.....	268





OXUM NA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO

Era uma vez, no princípio do mundo, *Olodumaré* mandou todos os orixás para organizarem a terra. Os homens faziam reuniões e mais reuniões. Somente os homens, as mulheres não eram convidadas. Aliás as mulheres foram proibidas de participar da organização do mundo. Deste modo nos dias e horas marcadas, os homens deixavam em casa as suas mulheres e saíam para tomar as providências indicadas por *Olodumaré*. As mulheres não gostaram de ficar de lado. Contrariadas foram conversar com *Oxum*. *Oxum* era conhecida como uma *Iyalodé*. *Iyalodé* é um título da pessoa mais importante entre as mulheres do lugar. Na verdade parece que os homens tinham esquecido do poder de *Oxum* sobre a água doce. E sem a água doce, com certeza, a vida na terra seria impossível. *Oxum* já estava aborrecida com esta desconsideração dos homens. Afinal ela não poderia de forma alguma ficar longe das deliberações para o crescimento das coisas da terra. Ela sabia de tudo que estava acontecendo. Era preciso compreender que todos são importantes para a construção do mundo. Procurado por suas companheiras, conversavam durante muito tempo e por fim a *Iyalodé* comunicou:

- De hoje em diante, vamos mostrar o nosso protesto para os homens. Vamos chamar atenção, porque somos todos responsáveis pela construção do mundo. Enquanto não formos consideradas, vamos parar o mundo!
- Parar o mundo? O que significa isto? Perguntaram as mulheres curiosas.
- De hoje em diante, falou *Oxum*, até que os homens venham conversar conosco, estamos todas impedidas de parir. Também as árvores não vão mais dar frutos, nem as plantas vão florescer, nem crescer. Isto foi dito e isto aconteceu. Aquela foi uma reunião muito forte. A decisão foi acatada por todas as mulheres. E os resultados foram imediatos. Os planos que os homens faziam, começaram a se perder sem nenhum efeito. Desesperados, os homens se dirigiram a *Olodumaré* e explicaram como as coisas iam mal sobre a terra. As decisões tomadas nas assembleias não davam certo de forma nenhuma. *Olodumaré* ficou surpreso com as más notícias. Depois de meditar por alguns instantes perguntou:
- Vocês estão fazendo tudo como eu mandei? *Oxum* está participando destas reuniões?

Os homens responderam: - Veja senhor, estamos fazendo tudo “direitinho” como o senhor mandou. Agora, este negócio de mulher participando de nossas reuniões... Isto aí, a gente não fez assim não. Coisa de homem, tem que ser separado de coisa de mulher. *Olodumaré* falou forte:

- Não é possível. *Oxum* é o orixá da fecundidade. É quem faz desenvolver tudo que é criado. Sem *Oxum* o que é criado não tem como progredir. Por exemplo, vocês já viram alguma coisa plantada crescer sem água doce? Os homens voltaram correndo para a terra e cuidaram logo de corrigir aquela grande falha. Quando chegaram à casa de *Oxum*, ela já esperava na porta, fazendo jeito de quem não sabia o que estava acontecendo. Aí os homens foram chegando e dizendo:
- *Agô nilê!* (Com licença).
- *Omo nilê ni ka agô* (filho da casa não pode licença).

Deste jeito ela os convidou a entrar em sua casa. Conversaram muito para convencer a *Oxum*.





Eles pediam que ela participasse imediatamente
dos seus trabalhos de organização da terra.
Depois que ela se fez bem de rogada, aceitou o convite.
Não tardou e tudo mudou como por encanto.

Oxum derramou-se em água pelo mundo.

A terra molhada reviveu. As mulheres voltaram a parir. Tudo floresceu e os planos dos homens
conseguiram felizes resultados. Daí por diante, cada vez que terminavam uma assembleia,
homens e mulheres cantavam e dançavam com muita alegria, comemorando o reencontro e suas
possíveis realizações: *Araketu é Faraimará.*

Carlos Petrovich e Vanda Machado, 2004.



PARTE I

ANDANÇAS INTRODUTÓRIAS E ANCESTRAIS

DA VELHA À MENINA

Conceição Evaristo (Poemas da Recordação...)

Houve um tempo
em que a velha
bordava nos meus dias
os pontos mistérios
do meu viver.

E eram tantos os pontos
das cruzadas linhas
sombreadas, encadeados,
pontos cheios e vazios
atrás, adiante, adiante.

Houve um tempo
em que a velha
temperando os meus dias
misturava o real e os sonhos
inventando alquimias.

E eram tantos os paladares
do mel ao amargo
e seu entremeio
do ácido ao favo
e seu entregosto
do escaldante ao frio
e seu entrelaço.

Houve um tempo
em que a velha me buscava
e eu menina, com os olhos
que ela me emprestava,
via por inteiro o coração da vida.

Houve um tempo em que eu velha...
houve um tempo em que eu menina...



Figura 2 – VÓ GENUÍNA

Dos rios, do jardim, dos beija-flores, das histórias e dos sermões no oitão de casa...



Fonte: Arquivo da Autora.

“...Tal é o poder da herança-memória. A avó de minha infância existe mais porque eu tive tempo de observá-la, porque ela passou a existir em mim. É dessa fusão de tempos perdidos que desejo fazer o meu tempo; essa colheita de tempos fugazes. Possa eu viver ainda, porque há em mim tanto que não foi visto. Concedam-me a estação das contemplações e, mesmo se os tratores apagarem a terra ou as divisas do território, peço a sobrevivência remanescente da identidade de nós outros, pois será assim meu corpo, decomposto e renascido.”
(Lia Vieira, 2011)



1. MINHA HISTÓRIA – MEU PERTENCIMENTO

*As escrituras dos fatos, as costuras do desejo, essa alfaiataria do tempo [...].
Sempre a palavra a me rondar.
Elisa Lucinda*

Escrever é sempre um ato de desprendimento e intimidade. Escrever *crocheteada*² pelo cosmoencantamento é um ato de implicação, respeito e desejo pelas pessoas³ que há em cada uma de nós, seja quem escreve, quem lê, quem inspira, quem suspira... São cotidianos tecidos por nossa ancestralidade, assim, todas somos convidadas a participar da subjetividade dessa escrita / criação... Portanto, desejo que nesse percurso de leitura reflexiva – crítica tenhamos afeto (mesmo nos momentos em que discordarmos) e cumplicidade e que esses movimentos de escuta / escrita / leitura sensível / criticidade sejam de muitos aprendizados, onde possamos nos permitir sentir às Outras pessoas e assim nos irmanarmos, pois estamos todas interligadas em nosso viver / sentir / ser / experienciar, pois que, como nos diz Vanda Machado “a comunidade e a pessoa são uma coisa só. Um rebulição com um membro da comunidade e todos são afetados. Somos elos de uma mesma corrente. Galhos e Folhas de uma

² Nessa tese a escrita e a própria construção epistemológica é bordada desde mulheres que me tecem, nesse sentido usarei palavras (criadas ou não) oriundas do ser / fazer dessas mulheres que costuram, que fazem crochê, que bordam, que trançam, que pintam... artesãs que criam e re-criam vida(s), poéticas / poetas de encantamento, poéticas curriculares e metodológicas da própria vida! Assim, essa tese é uma homenagem especial à minha mãe e às minhas avós... Às mulheres que me tecem!

³ No decorrer da escrita buscarei utilizar o feminino referindo-me às pessoas. É uma crítica e uma busca de contribuir com a desconstrução da linguagem, da imposição epistemológica euro-americana de falar, escrever “homem” para dizer do ser humano. Pois, “o uso do masculino genérico para designar humanidade reduz automaticamente a existência de mulheres à não existência” (KILOMBA, 2019, p. 108). Também opto por usar *pessoa* em vez de *indivíduo*, posto compreender a pessoa como um todo e em relação com a comunidade, não fazendo referência a seres individuais, mas sim pessoas e suas singularidades. Compreendo que tecer novas / outras linguagens na academia (também em nossos cotidianos) é fundante para a descolonização dos saberes, das escritas, das construções e desconstruções epistemológicas, da colonização que há em cada uma de nós. Desse modo, essa tessitura se dá em diálogo com nossa ancestralidade e com encantamento, pois o encantamento é responsabilização, como nos diz Grada Kilomba (2019). Essas novas / outras linguagens são oriundas da escuta de nós mesmas, de nossas ancestralidades africanas e indígenas, pois sabemos que “uma sociedade que vive na *negação*, ou até mesmo na *glorificação* da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas. Não permite que seja a responsabilização, e não a moral, a criar novas configurações de poder e de conhecimento” (Idem, pp. 12-13), assim, nos permitir é um processo de descolonização. Apenas “quando se reconfiguram as estruturas de poder é que as *muitas* identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem?” (KILOMBA, 2019, p. 13, grifo da autora). Compartilho do sentimento de Grada Kilomba quando ela nos diz: “Para mim, [...] não havia nada mais urgente [...] poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário, no qual eu pudesse finalmente encontrar-me. No que eu pudesse ser *eu*.” (Idem). É necessário sermos insurgentes para descolonizar o conhecimento, nossas mentes, nossas escritas, nossos corpos, nossos sentidos, nossos corações. Ser insurgentes e encantadas e assim aprender a nossa própria linguagem, aprender a linguagem do modo de ser / fazer / pensar / criar de nossas ancestrais, reconhecê-las, tecê-las.



mesma árvore” (2013, p. 60). Portanto, nossa subjetividade só existe por estar em relação com a(s) comunidade(s) que nos tece(m), trançando nosso / novos / outros caminhar / viver. Tessituras epistemológicas oriundas de nossas escrituras.

Sentir / refletir, delinear-se desde nossas experiências, tecendo *escrituras*, como nos ensina Conceição Evaristo (2017), implica em criar nossas próprias ferramentas, nossas próprias categorias, nossos próprios palavreados para aprender / ensinar / desenhar / bordar / costurar / crochetear / costurar / trançar / pintar / escrever / criar / tecer nossos escritos, nossas epistemologias, nossas metodologias e nossos currículos, compreendendo que a oralidade é fundante e é ela a linha da tessitura desses fazeres, dessa escrita, dessa tese, pois ela, a oralidade, é a linha que trança os saberes ancestrais africanos e indígenas... Oralidade desenhada por corpos que sentem, que pensam, que vivenciam, que experimentam, que experienciam, que sonham, que criam, que significam, que ressignificam... No decorrer da tese sentiremos mais sobre essa *oralidade* ao dialogarmos acerca da metodologia que pretende ser apresentada, uma metodologia que já é em movimento desde as andanças do meu próprio viver em relação e invenção / pesquisa com outras pessoas. Etapas de caminhos marcados pelo encontro / encanto / espanto!

A estética de sentidos (a escuta sensível – poesia do bem-viver) que delinea as cosmossensações de nossas ancestrais, constrói essa teia epistemológica, teórico-metodológicas, curricular, que se faz desde experiências diaspóricas que atravessam o tempo e que também são atravessadas por esse tempo e seus sentidos, sim, são as ancestralidades africanas e indígenas⁴ que guiam esse(s) texto(s), essa(s) escrita(s), essa(s) epistemologias crocheteadas, costuradas, pintadas, alinhavadas, bordadas, trançadas, desenhadas, desenvolvidas, apresentadas, experimentadas, experienciadas, vividas, sentidas, gritadas, caladas, sussurradas, choradas... São essas ancestralidades que costuram, que tecem nosso modo de ser / estar em terras brasileiras, sinônimo de resistência, da nossa própria (re)existência, de transformação e construção de outros signos de linguagem. Terras brasileiras tecidas pelos saberes ancestrais africanos e indígenas.

Entretanto, nessa tese, estaremos dialogando / costurando / bordando / crocheteando desde a ancestralidade africana, em um diálogo fundante com o intento de contribuir como uma educação antirracista, antissexista, com descolonização curricular e metodológica e com a

⁴ Importante demarcar que sou tecida pela ancestralidade africana e indígena, entretanto, enquanto pesquisadora tenho privilegiado o meu sentir / ser afrodescendente / afrotecida / afrocrocheteada / afrotrançada/ afromarcada / afrobordada, sem deixar de ser / sentir minha ancestralidade indígena... pois a ancestralidade acordada dança, canta e nos desenha, costura, borda e acolhe sem fazer diferenciações. A ancestralidade é uma relação intrínseca com a terra, com o ser-tão de cada uma de nós.



implementação da Lei 10.639/2003⁵, promulgada em nove de janeiro de 2003, alterando a Lei 9394/1996 de 20 de dezembro que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

As ações de re-existência do povo negro são tecidas por estratégias de resistências daquelas pessoas tecidas pela potência do viver (ainda que carreguem dores infinitas, ainda que lutem dia após dia para permanecerem vivas, quer seja pela sociedade violenta, pelas necropolíticas impostas, quer seja pelas violências psíquicas que nos enforcam). Pois os mistérios, a sacralidade própria da ancestralidade só é compreensível por pessoas delineadas por essa potência, pela poiésis da vida, da potencialização da vida, do viver bem, do viver em comunidade, pessoas aquilombadas... Essas re-existências, pertencimento próprio de quem busca e vive suas / nossas ancestralidades, costurando, demarcando, bordando, trançando, marcando, pintando suas tradições! A poética de encantamento é a escuta de si e essa escuta leva à escuta das outras pessoas, valorização e reconhecimento, compreender-se como valiosa e assim potencializar a existência de si e de todas as outras pessoas tecidas em seu viver / fazer / sentir / acontecer. A arte dos encontros / encantos!

Assim, essa escrita / tese tem o intuito de contribuir na transformação de imagens, escritas, epistemologias, currículos e metodologias com concepções racistas e sexistas que nos foram impostas, mentiras enraizadas na cultura ocidental (suas culturas e epistemologias), para isso é fundante alterarmos esses paradigmas, é imperativos subverter a negação de nossa humanidade, da humanidade do *Outro*, que fora colocado a margem, e tudo isso só é possível quando criamos, questionamos, criticamos e transformamos tais imposições. É preponderante transformar os modos de sentidos, de sentir, ver, ouvir, tocar, falar, entender que somos seres de percepções diversas, somos muito mais do que “o olho que vê”, somos o que sentimos, somos as sensações que nos habitam... Portanto, a proposta é criar desde nosso próprio contexto, pois é ele a força transformadora dessa realidade imposta, racista, sexista, falocêntrica. Desta feita, privilegiamos todos os nossos sentidos, para além do ver, pois somos de corpo inteiro!

Privilegiamos as poéticas do encantamento! Cosmoencantamento! As poiésis de nossas re-existências, pois que nossas palavras, nossas escritas são tecidas pela estética de uma vida de luta, escritas de um corpo cheio de sentidos, experiências, vivências, resistências. Nossos corpos / ações são políticos, assim, é fundante transgredir às amarras que nos impuseram. Criar outras gramáticas de diferenças e diversidades pautadas no respeito, criar outras metodologias, outros currículos, que em vez de silenciar, de negar potencializam a

⁵ Em 11 de Março de 2008 essa lei foi alterada pela criação da Lei 11.645/08 que torna obrigatório, também, o ensino de História e Cultura dos Povos Indígenas.



diferença, potencializam nossas vozes delineadas pela escuta sensível, ou seja, a abertura para conhecer, sentir, perceber a outra pessoa, inclusive as diversas pessoas que há em nós. Delineando uma escuta afetiva e efetiva. Entretanto, não podemos esquecer que

A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar, perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de que é que pode representar a *verdadeira condição humana*. (KILOMBA, 2019, p. 14).

Portanto, é preponderante cuidarmos da linguagem que usamos, descoloniza-la para que possamos criar epistemologias críticas, reflexivas que não estejam “ancoradas a um discurso colonial e patriarcal” (Idem), para que possamos expandir, divulgar nossas epistemologias tecidas desde uma linguagem própria.

Desse modo, o encantamento que marca, borda, trança, costura, pinta essa escrita / vivência / experiência / tese é tecido, crocheteado, bordado por implicações políticas, éticas, estéticas, epistemológicas, amorosas, empenhadas na formação, na desconstrução, na transformAção, onde nossas vivências sejam transformadas em experiências e essas sejam transformadas em saberes, pois apenas refletindo acerca de nossas ações, de nossas vivências é que experienciamos e tecemos saberes. Por isso, o encantamento é oriundo da ancestralidade, movimenta-se, pois conhecer é um ato dos acontecimentos. Por isso o encantamento traz todo um cosmo em si... Assim, o **cosmoencantamento** caracteriza-se por ser fonte e fortalecimento de nosso pertencimento, de nossa origem, processos de desconstruções, transições, transformações e encantamento, respeitando os movimentos próprios do tempo, dos espaços e da natureza. É perpassado pelas cosmossensações, a ética do bem-viver, a escuta sensível, o cuidado, o afeto. Como veremos na Metodologia dos Odus.

Desta feita, é necessário lermos, sentir, ouvir, perceber nossas experiências para que assim possamos tecer nossa(s) história(s), que nunca são só nossas, mas coletiva, ainda que marcada pela subjetividade de cada uma de nós... Pois, “não podemos entrar na filosofia, assim como na vida, senão misturados[as] a uma história que nos precede e enredados[as] em histórias que se tecem em torno e sobre nós” (BIDIMA, 2002, p. 01). Nessas histórias se

sondam nossas próprias *constituições* e *situações*; histórias nas quais se separam *narrativas intrincadas* que nos levam e transportam em direção a um outro lugar; histórias que nós antecipamos por nossa audácia e que nos capturam; histórias, finalmente, que se conjugam no condicional de tanto que suas armadilhas conduzem a língua às nossas categorizações arriscadas. (Idem, grifo do autor).

Portanto, essa escrita constrói realidades. Vivências transformando-se em experiências, experiências transformando nossas vivências, escrevivências transformando-as



em saberes. Pois, o conhecimento é oriundo dos acontecimentos, dos movimentos e as experiências são as reflexões acerca desses acontecimentos, ou seja, não há conhecimento sem experiência, não há conhecimento sem movimento e a experiência só acontece em movimento! Assim sendo, não há encantamento sem que não sejamos tocadas, o toque impele movimentos. E o encantamento não é sem dor, ele é a possibilidade de ser em potência, assim, chora, sorri, tem medo, sofre, pensa em desistir... o encantamento sou eu, você, com nossas lutas diárias para existirmos, muitas vezes re-existirmos, resistir. O encantamento é inacabado, é cotidiano. É o que nos faz não sucumbir as dores do mundo.

Somos nossas ancestrais ontem, hoje e amanhã. E o encantamento tecido por essas ancestrais potencializa nosso estar no mundo, nos fortalecendo e nos ensinando a transformar as dores do mundo em potência para mudar esse mundo, transforma-lo em “mundos melhores”. Nossas ancestrais acordam o encantamento que há em nós. Implicações com o mundo... Portanto, são as minhas ancestrais, a Iansã, a Oxum, a Iemanjá, a Obá, a Nanã que há em mim que me ensinaram / permitiram, que me ensinam / permitem transformar as dores do mundo em potência para o criar, amadurecer, parir outros encantamentos. O parir parte da reflexão sobre si na relação que estabelecemos com o mundo e as pessoas, inclusive as pessoas que há em cada uma de nós.

Assim, essa tese também apresentará o cosmoencantamento, pois o encantamento é todo um modo de ser e estar mundo, perpassado por essas vivências refletidas e transformadas em experiências, descolonização dos sentidos, dos afetos, pois é ética do bem-viver, tem a(s) cultura(s) que tem as experiências / vivências como aquela que dá sentido à vida. Cosmoencantamento é a potência da vida, perpassado por tudo que nos cerca, talvez seja mesmo o feminino, a feminilidade como potência para fecundar, fertilizar, procriar, criar, re-criar, espantar (espanto como fonte e inspiração da curiosidade, da vontade e do desejo de conhecer / aprender). Lugar de reinvenção por meio do sentir, do inventar e do reinventar, inclusive a si mesma. Eu sou / nós somos espanto! Eu sou / nós somos encanto! Eu sou / nós somos travessia!



1.1. DISPARADA⁶

Jair Rodrigues

Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar, eu vivo pra consertar

Na boiada já fui boi, mas um dia me montei
Não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse, porém por necessidade
Do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu



Figura 3 - IRMÃ⁷

Fonte: Arquivo da Autora

Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente, pela vida segurei
Seguia como num sonho, e boiadeiro era um rei
Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando
As visões se clareando, até que um dia acordei

Então não pude seguir valente em lugar tenente
E dono de gado e gente, porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente
Se você não concordar, não posso me desculpar
Não canto pra enganar, vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado, vou cantar noutro lugar

Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém, que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse, por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu querer ir mais longe do que eu

Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
Já que um dia montei agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte num reino que não tem rei

⁶ Canção (moda de viola) escrita pelo paraibano Geraldo Vandré e musicada por Théo de Barros, foi interpretada pela primeira vez por Jair Rodrigues em companhia do Trio Marayá e do Trio Novo. Uma das principais composições da época dos festivais, sendo vencedora do Festival de Música Popular Brasileira em 1996. Vide: <http://qualdelas.com.br/disparada/>

⁷ A entrada da casa onde nasci.



1.1.1. Origem: Meu Caminhar...

Eu, que vim lá do sertão. Sertão de chão batido, de secas e floreios... Sertão que fez em mim meu ser-tão! Ser-tão tecido por uma ancestralidade encantada, o feminino que há em nós. O viver apesar de tudo, sorrir mesmo na seca! Ser-tão é imensidão... fortaleza, encanto, natureza, ancestralidade. Sertão é de onde venho, é onde potencializo o ser-tão que há em mim. Nasci em um fim de tarde, quando o sol partia e a noite descia, quando as cores do dia saudavam Iansã... nasci pelos braços de minha *mãe Chica*, pela força de minha *mãe Ivone* e pelas bênçãos crepusculares de minha *mãe Iansã*. Eu que vim lá do sertão nasci sob o cair do sol e luzes de lamparinas. Nasci enquanto meu pai *tocava fogo no mundo*⁸, por isso ele diz que *sou fogo*, e eu brinco: “Tá vendo? A culpa é sua”. Sim, a ancestralidade me tece!

Eu, que vim lá do sertão, cresci com o pé no chão e a cabeça nas nuvens, sonhadora que sou, nunca perdi essa mania de andar nas nuvens. Eu, que vim lá do sertão, cresci com duas irmãs (uma mais velha e outra mais nova) e três irmãos (dois mais velhos e um mais novo), muitas primas e primos, 27 tios (19 tias e 8 tios). Convivi com minhas avós (Genuína – *In Memoriam* e Mariá), meus avôs (Dimas – *In Memoriam* e Antônio), na infância convivi com minha bisavó Maica (*In Memoriam*) e o bisavô Pai Luca (*In Memoriam*), pais do meu avô materno, Antônio. Também conheci meu bisavô, Pai Caboclo (*In Memoriam*), pai de minha vó Mariá. Convivi com tias-avós e tios-avô... Enfim, tive a sorte de ser de uma família grande, de conviver com as mais velhas e as mais novas, de ser tecida por muitas mulheres. A sorte de ser tecida por essas andanças / encontros / encantos ancestrais. Eu, que vim lá do sertão aprendi a pedir a benção às mais velhas, a tê-las como mestras da vida, assim, nossa família sempre foi estendida pelo afeto. Sim, há pessoas em nossa caminhada que são da família, não de sangue, mas de encanto! Há pessoas da caminhada que são mais família do que pessoas da família de sangue... A vida é tecida pelas caminhadas e por quem encontramos e por quem nos encantamos! Eu, que vi lá do sertão sou feita de encantamento e afeto!

Eu que sou feita dos terreiros por onde andei e dos que por mim andaram... Eu que sou feita dos terreiros das casas que me tecem... Por onde tantas histórias inventei e invento nas andanças por suas camadas, suas pedras, suas terras, onde aprendi a cair, levantar, correr, andar, brincar com a chuva, admirar os redemoinhos, correr dos bichos, correr com os bichos, onde fiquei horas “pastorando” o feijão a secar no sol... Lugar de encantarias... Terreiros que me

⁸ Meu pai estava fazendo uma *coivara*, como se chama no sertão. Estava “limpando”, por meio de queimadas, um pequeno terreno onde plantaria milho e feijão para nosso consumo e pequenas negociações.





teceram, pois minhas ancestrais ensinaram e ensinam que “o inventar terreiros é parte de uma dinâmica de reconhecimento, afirmação e acabamento de si” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 55). Eu que sou feita pela ancestralidade que me tece... Origem ancestral, aqui, agora e depois. Origem tecida, bordada, construída, descoberta, encontrada, encantada... Construção ética, estética, epistemológica. Origem, transição, desconstrução, transformação, encantamento, tempo, natureza, espaço... Meu sertão e seus terreiros tecendo o ser-tão de mim, mesmo quando esqueço que sou das águas, dos ventos e desse sertão... Mesmo quando esqueço que sou essa natureza toda...

Carta de Amor⁹

Não mexe comigo, que eu não ando só,
Eu não ando só, que eu não ando só.
Não mexe não!

Eu tenho Zumbi, Besouro o chefe dos tupis,
Sou tupinambá, tenho os erês, caboclo boiadeiro,
Mãos de cura, morubichabas, cocares, arco-íris,
Zarabatanas, curare, flechas e altares.
À velocidade da luz, no escuro da mata escura,
o breu o silêncio a espera.
Eu tenho Jesus, Maria e José,
todos os pajés em minha companhia,
O Menino Deus brinca e dorme nos meus sonhos,
o poeta me contou.

Não mexe comigo, que eu não ando só,
Eu não ando só, que eu não ando só.
Não mexe não! (2x)

Não misturo, não me dobro.
A rainha do mar anda de mãos dadas comigo,
Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim.
É do ouro de Oxum que é feita a armadura que guarda meu corpo,
Garante meu sangue, minha garganta.
O veneno do mal não acha passagem
E em meu coração Maria acende sua luz
e me aponta o Caminho.
Me sumo no vento, cavalgo no raio de Iansã,
giro o mundo, viro, reviro.
Tô no recôncavo, tô em Fez.
Voo entre as estrelas, brinco de ser uma, traço o cruzeiro do sul com a
tocha da fogueira de João menino, rezo com as três Marias, vou além,
me recolho no esplendor das nebulosas, descanso nos vales,

⁹ Carta de Amor é uma canção de autoria de Maria Bethânia em parceria com Paulo César Pinheiro, e dá nome ao DVD que fora gravado em abril de 2013 no Vivo Rio.



montanhas, durmo na forja de Ogum, mergulho no calor da lava dos vulcões, corpo vivo de Xangô.

Não ando no breu, nem ando na treva
Não ando no breu, nem ando na treva
É por onde eu vou, que o santo me leva
É por onde eu vou, que o santo me leva (2x)

Medo não me alcança.
No deserto me acho, faço cobra morder o rabo,
escorpião vira pirilampo.
Meus pés recebem bálsamos, unguentos suaves das mãos de Maria
Irmã de Marta e Lázaro, no Oásis de Bethânia.
Pensou que eu ando só?
Atente ao tempo.
Não começa, nem termina, é nunca é sempre.
É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra,
fulmina o injusto, deixa nua a Justiça.

Eu não provo do teu fel, eu não piso no teu chão,
E pra onde você for, não leva o meu nome não
E pra onde você for, não leva o meu nome não (2x)

Onde vai valente?
Você secou, seus olhos insones secaram, não veem brotar a relva que
cresce livre e verde longe da tua cegueira.
Seus ouvidos se fecharam à qualquer música, qualquer som, nem o
bem, nem o mal, pensam em ti, ninguém te escolhe.
Você pisa na terra mas não sente, apenas pisa.
Apenas vaga sobre o planeta,
e já nem ouve as teclas do teu piano.
Você está tão mirrado que nem o diabo te ambiciona,
não tem alma.
Você é o oco, do oco, do oco, do sem fim do mundo.

O que é teu já tá guardado.
Não sou eu quem vou lhe dar,
Não sou eu quem vou lhe dar,
Não sou eu quem vou lhe dar.(2x)

Eu posso engolir você, só pra cuspir depois.
Minha fome é matéria que você não alcança.
Desde o leite do peito de minha mãe, até o sem fim dos versos, versos,
versos, que brotam do poeta em toda poesia sob a luz da lua que deita
na palma da inspiração de Caymmi.
Quando choro, se choro, é minha lágrima que cai pra regar o capim
que alimenta a vida,
chorando eu refaço as nascentes que você secou.
Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégio.
Vivo de cara pra o vento na chuva, e quero me molhar.





O terço de Fátima e o cordão de Gandhi, cruzam o meu peito.
Sou como a haste fina, que qualquer brisa verga,
mas nenhuma espada corta.

Não mexe comigo, que eu não ando só
Eu não ando só, que eu não ando só(2x)
Não mexe comigo!

1.1.2. Transição

Eu que vim lá do sertão cresci com quatro irmãos, mas tenho cinco. Crescemos no meio do mato, com os pés no chão, correndo contra o vento, correndo com vento, pulando cerca, escalando porteiras, tomando banho de rio, açude, chuva... Até a chegada da adolescência não tinha energia onde morávamos, na nossa comunidade Pau Preto... Eram as lamparinas, os lampiões, as fogueiras e a lua que nos alumiam (iluminavam¹⁰). Cresci em meio as águas, mas também vivemos tempos críticos de seca, que tornava tudo mais difícil, provocando a morte de muitos animais, destruição de plantações... vento seco, árido, terra quente, mortes e miséria... Cresci correndo no chão batido, no curral dos bichos, nas plantações, nos cercados... Sempre ajudamos nas diversas tarefas de nosso cotidiano, eis algumas: lavar, passar, correr atrás dos carneiros e ovelhas para vacinação, buscar as ovelhas no cercado, abastecer a casa com água carregando pesados baldes na cabeça, uma tarefa que pelo machismo era colocada como obrigação das mulheres da casa, ajudar na *budega* (pequeno comércio que meu pai tem), fazer entregas (aprendi a dirigir entre os doze e treze anos), fazer algumas viagens no carro de “linha”, no “pau-de-arara” (meu pai tinha um carro de linha que saía cedinho de casa e voltava na hora do almoço, foi o jeito que meu pai arrumou para ter combustível para que pudesse levar a mim e aos meus 4 irmãos para estudarmos na cidade de Tauá, que fica há 36km de casa. Assim, além do trabalho semanal (segunda a sábado), também fazia fretes (mudanças, festas, enterros, cultos, missas, campeonatos de futebol, socorrer e levar pessoas ao hospital¹¹, etc),

¹⁰ Quando eu tinha uns 13, 14 anos (década de 90) é que chegou energia elétrica em nosso distrito / comunidade. Em julho / agosto de 2012 a internet chegou, mas até hoje só temos uma linha de telefone que é ligada a uma antena. Assim, apenas o telefone de casa tem “linha”, mas todos que desejarem têm internet.

¹¹ Lembro de um episódio que me marcou profundamente. Meu pai foi chamado para levar uma mulher em trabalho de parto para o hospital. Ele pediu que eu fosse buscá-la (ela morava em um interior aproximadamente 20 minutos distante da nossa casa e o acesso era um pouco difícil, pois a estrada de terra era muito ruim) enquanto ele tomava um banho e se vestia. Fui desesperada, não podia correr (meu pai sempre dizia: vá e volte logo, mas não corra), mas não tinha “tempo a perder” como meu pai sempre diz. Cheguei na pequena residência da senhora, a colocamos cuidadosamente no carro e saímos. A estrada tinha muitos buracos e cada vez que a senhora gritava eu pedia



entregas do comércio, compras e vendas de milho, feijão, etc. Fiz “linha” muitas vezes, mudança, festas, cultos, campeonatos de futebol, entregas, pegar milho, feijão, que meu pai comprava... Enfim, muitas atividades!

O principal motivo de ter aprendido a dirigir cedo foi por afronta! Sim, afronta! Minha família é bem machista, cheia do “isso não é pra mulher” e homem pode tudo. Desde cedo fazia o que eu queria, dentro das minhas possibilidades, especialmente quando diziam que eu não podia por ser mulher. E tudo isso não era fácil. Sempre preferi as atividades fora de casa... fugindo das tarefas domésticas que diziam serem as tarefas femininas. Gostava de acompanhar meu pai em suas atividades, dirigir carro, moto, andar de bicicleta, andar a cavalo, soltar pipa, etc.

Assim, cresci... Comecei a estudar na cidade quando tinha seis anos, no mesmo colégio que meus irmãos e muitas primas e primos. Eu e meus irmãos éramos bons estudantes, além de bem-comportados no colégio, mas em casa, hummm... Quis deixar de estudar quando recebi a primeira nota vermelha. Afinal, estudar era uma fuga e a possibilidade de conhecer outros mundos, construir outras realidades. Também por sentimentos oriundos de uma educação colonizadora, limitadora e que não tem uma preocupação necessariamente com a formação para a vida, mas sim com uma perspectiva profissional, hierárquica. Deformação. Preocupação com a uma “cabeça bem cheia” e não uma “cabeça bem feita” (MORIN, 2001; MACHADO, 2014). Uma educação bancária que “está baseada no pressuposto de que a memorização de informações e sua posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados numa data futura” (hooks, 2017, p. 14).

bell hooks¹² afirma que foi o pensamento de Paulo Freire que lhe deu o apoio necessário para “desafiar o sistema da “educação bancária”, a abordagem baseada na noção de

desculpas, teve um momento em que ela disse: minha filha fique tranquila, não são os buracos, é assim mesmo quando a gente vai parir. Fiquei um pouco aliviada, mas não o suficiente. Ao chegar na entrada de casa (moramos bem próximos da BR) eu nem entrei, deixei o carro na pista mesmo, como dizemos, e sai correndo desesperada chamando meu pai. Ele me olhou desesperada o apressando e disse: minha filha, já fiz tantos partos de vacas e ovelhas que não é possível que eu não consiga ajudar essa mulher se não der tempo da gente chegar no hospital. Bom, deu tempo. Mas, nunca mais aceitei pegar nenhuma mulher que tivesse parindo.

¹² No texto respeitarei a decisão de bell hooks em escrever seu nome em letras minúsculas. Segundo Aline Matos Rocha (2018, p. 10), “bell hooks, escreve seu nome em letras minúsculas por não estar em conformidade com uma percepção de autoria vinculada ao individual, mas sim ao plural, e por acreditar que o nome próprio não deve se elevar sobre as ideias”. Aline traz uma interessante citação de Gabriel (2010, p. 93, grifos meus): “o emprego de maiúsculas serve geralmente para estabelecer uma hierarquia entre palavras no texto, que palavras são mais importantes (ou ocupam lugar de destaque)? Como o jeito que pensamos está centrado numa valorização do sujeito humano como o agente, nomes próprios aparecem destacados. Essa ideia de que o sujeito é a fonte por excelência da ação (e o pensamento é aqui entendido como ação) está bem conectada a outra de que *ele* age por si, *sozinho*, individualmente. Seguindo a teórica bell hooks opto por escrever meu nome sem maiúsculas, num **esforço de**



que tudo o que os alunos precisam fazer é consumir a informação dada por um professor e ser capazes de memorizá-la e armazená-la.” (2017, p. 26). Para hooks (idem) foi

a insistência de Freire na educação como prática de liberdade que me encorajou a criar estratégias para o que ele chamava de “conscientização” em sala de aula. Traduzindo esse termo como consciência e engajamentos críticos, entrei nas salas de aula convicta de que tanto eu quanto todos os alunos tínhamos de ser participantes ativos, não consumidores passivos.

Pois a educação, segundo a obra de Freire, de acordo com hooks (2017, p. 26), “só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar”. Coletividade! Práxis! Comunitarismo! Igualdade e Justiça! Ancestralidade! Encantamento! Assim, a educação já tecia, em mim, possibilidades de criar / conhecer outros mundos possíveis. A política do bem viver entranhada em meu corpo, pois, como diz Umberto Eco (*apud* ACOSTA, 2016), “não há nada melhor do que imaginar outros mundos para esquecer o quanto é doloroso este em que vivemos. [...] imaginando outros mundos, acabamos por mudar também este nosso”. Acho que por muito tempo a compreensão de que “os mundos novos devem ser vividos antes de ser explicados” (CARPENTIER *apud* ACOSTA, 2016) também já me bordava. O imaginar e criar outros mundos possíveis sempre esteve entranhado com muitas perguntas, muitos questionamentos e hoje com o meu fazer enquanto pesquisadora.

Sáímos da vida interiorana com passagens diárias pela cidade para estudarmos, e fomos estudar na capital. Sim, o estudar como perspectiva de um futuro melhor é o que nos leva para a capital e nos “tira” do interior. Assim, aos quinze anos fui, juntamente com meu irmão mais velho e minha irmã mais velha, estudar em Fortaleza. Um mundo possível. Não foi fácil, aos quinze anos passei a ser responsável por mim, depois de adulta percebi o quanto isso “pesou” no tempo futuro, hoje passado e presente.

Mas, a vida é feita de **encontros / encantos**, construções e desconstruções que levam a importantes transformações e encantamento!



1.1.3. Desconstrução

Quando tinha uns doze (12), treze (13) anos fiquei em crise pensando que não poderia mais conversar seriamente sobre qualquer assunto, não poderia expor o que pensava, pois ninguém conhece nada por completo, nem nós mesmas nos conhecemos totalmente, há diversos *eus* em cada uma de nós... Esse pensamento me consumiu por dias e dias, até que em uma noite quando assistíamos¹³ ao Jornal Nacional e veio o anúncio de que um “determinado” filósofo havia falecido e ao fim da reportagem disseram uma frase que fora dita por ele e que me marcou profundamente. Não lembro exatamente como era a frase, assim como não lembro quem era esse filósofo, mas lembro-me que foi esse acontecimento que resolveu o meu “problema” e trouxe-me a paixão, o encanto pela filosofia. A frase dita era mais ou menos assim: *se você muda muito de opinião é sinal de que você pensa.*

Pensar, refletir, estar sempre abertas ao conhecimento, à compreensão da imensidão de tudo, inclusive de nós mesmas, ter curiosidade. Foi essa a reflexão feita e, então, o desejo de cursar filosofia nunca mais me “largou”. Muitas pessoas, inclusive professores, desencorajavam, dizendo que era uma profissão que “não dava dinheiro”... E eu perguntava o que era a vida!

Perguntadeira e questionadora que era, compreendi, com aquela frase, que a filosofia seria o lugar onde fortaleceria as muitas perguntas feitas, onde poderia entender a função e os sentidos dos meus questionamentos, onde poderia encontrar respostas contínuas, nunca definitivas, pois o mundo dava muitas voltas, a natureza nos ensina isso. Pois, se nada em nossa volta é estático, porquê o conhecimento seria? Sou do movimento, dos sentidos... sou do “mato” e como diz minha mãe, eu sai do mato, mas o mato não saiu de mim, ou seja, é a natureza que me tece, é a natureza que nos tece. Uma das perguntas que sempre “incomodou” muito, no sentido de ser persistente, era sobre a razão do estar no mundo e ainda na adolescência concluí, sem finalizar, que o estar no mundo tem o sentido de se melhorar como pessoa, ou seja, aumentar nossa força vital, nosso axé. Mais tarde compreendi que a pergunta e a resposta inacabada já eram ações da ancestralidade e do encantamento me tecendo. Pois, compreender nosso estar no mundo, re-conhecer nossa(s) origem(ns) é entender como a ancestralidade nos

¹³ Quando não existia energia elétrica “lá em casa”, meu pai comprou um aparelho que transformava a carga da bateria do carro em energia para que pudéssemos assistir televisão. Assistíamos às novelas e ao Jornal Nacional, pois não havia energia suficiente para assistirmos o que quiséssemos. Assim, ao anoitecer muitas vezes a casa se enchia com pessoas vizinhas que iam assistir televisão.



alimenta, nos cria, nos sustenta e nos leva ao encantamento! Mas, antes de entendermos um pouco mais sobre esse processo de transição vamos continuar dialogando sobre o processo de desconstrução.

Bom, não passei no vestibular de primeira, como se diz, mas a primeira vez que passei foi para o curso de Bacharelado em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará, pois sempre gostei de pesquisa e tinha pânico de falar em público, assim, a licenciatura só veio em virtude do meu encontro / encanto com a filosofia africana, mas antes disso veio o “desencantamento do mundo”, com a filosofia.

Fiz o curso noturno de filosofia, ainda que tenha cursado alguns componentes curriculares no período da manhã e fim de tarde... Tive a sorte de ter uma turma diversa e ter um grupo de sete (7) pessoas com quem compartilhávamos histórias de vida, saraus de nossas poesias e das poesias que nos encantavam, discutíamos muito sobre política e as questões sociais que nos envolviam, pois era uma turma predominantemente de pessoas negras, eu vinda do sertão do Ceará e elas da periferia (eu também morava na periferia na mesma onde moro). Nossos debates eram estimulantes. Entretanto, o tempo foi passando e o curso adoecia-me, diante de todos os problemas psicológicos a vida universitária angustiava-me, compreendia que a filosofia tinha que despertar curiosidades, nos levar ao espanto, à uma diversidade de conhecimentos filosóficos, ou seja, às diversas filosofias, várias referências, mas que referências tínhamos ali? Era um lugar onde não se “falava” de mim, enquanto mulher e, principalmente, enquanto negra. Não se falava de uma filosofia negra, africana, diaspórica, latino-americana, indígena, feminina. Falava-se de uma filosofia com uma origem única, grega, a filosofia ocidental (euronortista), branca, falocêntrica, única, universal. E África? E a América Latina? E as mulheres? Aliás, quando se falava de alguma mulher era sempre sob a tutela de algum homem branco. A filosofia que “vivíamos” não dizia sobre mim, sobre *Os setes anões em busca do vale perdido dos cogumelos encantados*.

Por volta do terceiro ou quarto semestre do curso em filosofia, comecei a questionar acerca dessas outras filosofias. Mas, uma pergunta específica tomou conta de mim, do meu “eu” pessoa / pesquisadora. Perguntei-me como seria a filosofia no continente africano, posteriormente também entendi que essa pergunta se dividia em duas: como seria a filosofia africana em África e como seria nos países constituídos fundamentalmente pela presença africana em seus chãos, frutos da diáspora, ou seja, como seria a filosofia Africana em África e como seria nos países afro diaspórico, especialmente no Brasil, tendo em vista ser fruto da diáspora africana em terras canarinhas. Mesmo não tendo consciência de viver em uma



comunidade com uma cultura afrodescendente bem presente, pois isso não era dito, falado, mas vivenciado, tecido, sentido, desde muito cedo reivindico a descendência africana da minha família. Desde que “me entendo por gente” sou encantada pelo universo africano e afrodescendente. Sentia-me totalmente incomodada com as aulas do “tempo do colégio” e, posteriormente, na universidade (não apenas na graduação, mas também no mestrado e no doutorado), quase sempre nos apresentavam, e ainda apresentam, uma visão (visão e não sentidos) negativa (escravidão e não escravização, guerras, fome, miséria, a falácia do não conhecimento, do atraso, da incapacidade de racionalizar, portanto, produzir filosofia, conhecimento). O que “aprendia” era uma perspectiva negativa e falaciosa. Assim, a “filosofia” que seria um lugar de produção de mundos encantados trouxe um grande “desencantamento do mundo”.

1.1.3.1. Breve caminhar sobre Olhares Racistas acerca do Filosofar em África¹⁴

A filosofia apareceu-me como “lugar” de produção de sentidos para a vida, de reflexões críticas, questionamentos, criações de conceitos e perspectiva de “libertação”, de descolonização. Com o tempo, especialmente pesquisando filosofia em torno das africanidades (africana, africano-brasileira) agreguei a compreensão de filosofia também como espaço de re-criações, ressignificações, ações contínuas de construir, re-construir, criar desde o nosso chão, desde nossas raízes, nossas experiências, nossas percepções, nossos sonhos e sentidos, nossa ancestralidade, nosso encantamento. Tudo isso remete à diversidade do conhecimento, mas com perspectivas de possibilitar mundos encantados, não com expectativas de “controlar”, colonizar, usar o(s) conhecimento(s) para justificar “raças” superiores, culturas superiores, para inferiorizar culturas, justificar ações como a escravização de um povo, a inferiorização do povo negro, indígena e das mulheres. Pois que compreendemos que a função da filosofia é criar / produzir mundos encantados (OLIVEIRA, 2007), para além da criação, re-criação e ressignificação de conceitos! Filosofia para descolonizar olhares, os sentidos, a mente, filosofia

¹⁴ Essa discussão encontra-se na minha dissertação de mestrado (MACHADO, 2014), assim como no livro oriundo da mesma (MACHADO, 2019). Também podemos encontra-la em alguns artigos publicados, entretanto, considereei trazer um breve histórico seguindo a narrativa do desencanto com a *filosofia* e o posterior encanto. Essa breve discussão apresentada aqui visa atender às pessoas que não conhecem minhas publicações anteriores, desse modo, tem o intuito de despertar curiosidade para buscar tais publicações.



como possibilidade diversa de tornar nosso mundo melhor, desde o solo em que pisamos, o solo que nos tece, nos trança, pinta, borda...

Ainda em nossa atualidade a filosofia é usada como meio para justificar diversas formas de exclusão cultural e humana. Durante muitos séculos fora utilizada como meio científico para colonizar o conhecimento e justificar a colonização humana, justificando barbáries em nome de uma “civilização”. Civilização essa formada predominantemente por homens brancos, cis gênero, heterossexual, cristão, estes que “conduzem” o mundo capitalista. Desse modo, a filosofia é utilizada para inferiorizar, justificar barbáries, dizer quem “pensa” e quem não pensa, quem produz epistemologias desde a racionalidade e quem não produz. Por fim, dizer quem pode viver e quem deve morrer,

de facto, a justificação filosófico-teológica da prática da escravatura, primeiro, e do colonialismo, depois, por parte de um Ocidente humanista e racionalista, dependia de uma prévia desqualificação ontológica, do alter, do Ocidente. Mas se a escravatura foi um processo desconstrutivo da realidade histórico-existencial para as populações africanas, o colonialismo foi um processo reconstrutivo entre historicidades humanas, a partir do quadro da filosofia da história hegeliana ligada a um darwinismo biológico, histórico e social, na qual a África ocupava o último lugar num processo evolutivo. Isto explica duas coisas: que a filosofia, estado supremo da reflexão humana se tenha aplicado minuciosamente no racista sec. XIX a um revisionismo histórico a fim de tirar todas e quaisquer manchas negras no arianismo sem mácula do ocidente. Mas, *mutatis mutandis*, que os africanos tenham visto na filosofia o lugar epistemológico da reivindicação de uma humanidade que lhes era negada (Eboussi Boulaga). (NGOENHA, 2011, pp. 197-198).

A filosofia é, então, utilizada para justificar uma política de morte dos povos africanos, indígenas, aqueles povos colocados na periferia do pensamento, considerados incapazes de filosofar. Coloca esses povos à margem, os condenam ao “não-lugar”, à incapacidade de ser e conhecer, o condiciona a ser o Outro, justifica e enaltece a colonização, o imperialismo, o capitalismo, o machismo, usurpando conhecimentos diversos, inferiorizando os povos latino-americanos, principalmente, os povos africanos e, posteriormente, os afrodescendentes. Vejamos o que nos diz o moçambicano Severino Ngoenha (2011, pp. 199-200):

A terra onde, segundo a paleontologia, o homem [e a mulher] teria visto dia, tem uma relação controversa com a filosofia, o saber mais abstracto que [o ser humano]¹⁵ tenha produzido. A tradição filosófica ocidental, sobretudo depois do século XIX, quer que a filosofia seja um fenómeno grego (M. Heidegger), isto é, unicamente Ocidental; desconectado assim da Grécia e a filosofia da África – e da Ásia – como denuncia Martin Bernal no *Black Athen*.

No início do século XX o Afro-americano William Dubois, mas sobretudo a partir dos anos sessenta, Cheikh Anta Diop, primeiro, e Teófilo Obenga, depois, denunciaram o eurocentrismo desta posição e apoiando-se nos trabalhos históricos de

¹⁵ O autor coloca “homem”.



Heródoto, reivindicam uma relação intrínseca entre Grécia e o Egípto e entre este e a África Negra.

O que invés é indiscutível, é que a reforma da filosofia medieval pela filosofia realista de Aristóteles contra o Platão canonizado por Agostinho, deveu-se a conservação dos escritos de Aristóteles pela tradição árabe. Todavia, pouca importância se dá contudo a uma eventual filiação africana de Agostinho como de outros *Peter ecclesiae*, assim como se mete pouco o acento sobre a relação que existe entre a tradição árabe e a África.

Desde o séc. XV a África tornou-se o *non mens land*; este não reconhecimento jurídico depende essencialmente da desqualificação ontológica da sua condição antropológica.

A expansão do colonialismo e do capitalismo, segundo o filósofo nigeriano Emanuel Eze (2001, p.58), são “necesidades lógicas para la realización de la obviamente universal *idea* Europea, y al etiquetar a los territorios y pueblos no europeos como “atrasados” en la “industria”, éstos se convierten em presas legítimas para las actividades coloniales y colonialistas”. Assim, corrobora que a dominação imperial e colonial da África foi, originariamente, um elemento chave para a construção, formação econômica, política e cultural da Europa. O nigeriano ainda afirma que autores como Hegel, Hume, Kant e Marx se “originaron en – y son inteligibles únicamente en cuanto se comprenden como – un desarrollo orgánico dentro de los contextos sociohistóricos, más amplios, del colonialismo europeo y la Idea de etnocentrismo” (Ibid, p.55). Vejamos brevemente: Hegel, considerado um dos filósofos mais importantes de todos os tempos, classificou o continente africano como o “país da infância¹⁶” onde o negro torna-se o representante da “natureza em seu estado mais selvagem”, em um estado de total inocência, desse modo o continente africano fora considerado “una tierra baldía llena de “anarquía”, “fetichismo” y “canibalismo”, que espera que los soldados y misioneros europeos la conquisten y le impongan el “orden” y la “moralidad”” (EZE, 2001, p. 57). Em textos como “A leitura do Tratado sobre os caracteres nacionais” o alemão David Hume discorre que a raça negra é inferior a raça branca, considerando que o povo negro ignorava tudo aquilo que se referia à inteligência, tais como a manufatura, a arte e a ciência. Para o prussiano Immanuel Kant “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo” (*apud* FOÉ, 2011), assim a cor da pele evidencia a capacidade ou ausência de raciocínio (EZE, 2001).

O Iluminismo, com intuito de validar a servidão, determinou a inferioridade do povo negro. Esses filósofos e muitos outros consideram que o povo africano não tem a capacidade de conhecer, pois não tem capacidade de utilizar a razão para produzir

¹⁶ Infância compreendida de modo “negativo”, como se a criança não tivesse capacidade de discernimento, de conhecer, faz o que mandam, repete o que vê, não pensa por si só. Assim, era a compreensão da criança, também da mulher.



conhecimento. Filosofia perdida de seus sentidos. Filosofia adoecendo o corpo, negando nossos sentidos. Filosofia como prisão e não libertação.

1.1.3.2. E o início da transformação

Em virtude de uma história colonizada e colonizadora que influencia fortemente a educação, a produção de conhecimento e nossa própria formação, não aprendemos a história contada pelos “vencidos”. Não aprendemos, por exemplo, que “O Antigo Egito esteve na origem de um sistema filosófico elaborado e não de uma mera cosmogonia, como muitos ainda sustentam” (DIOP *apud* MOORE, 2007, p. 308). Situações como essas mostram a importância crucial, fundamental para descolonização do conhecimento, para a desconstrução de “olhares” racistas, além da necessidade urgente de referências bibliográficas, currículos e metodologias outras, descolonizadas, crocheteadas pelas histórias locais, por nossos próprios sentidos e modos de ver / sentir / tecer o mundo, nossos valores e nossos saberes, pois é basilar a descolonização epistemológica (curricular, metodológica, didática, bibliográfica) para que a formação tenha um real impacto em nossas escrituras, na transformação social da nossa sociedade. Para que a formação esteja implicada na transformação (para melhor) de nossa realidade, desse modo, a descolonização epistemológica está implicada com a compreensão do pensar plural, diverso, dialógico. Construção que se dá numa relação de diálogos diversos, com as diversas culturas, os diversos povos, numa construção geopolítica, geocultural e não geográfica que tem o *Ocidente* como centro, impondo uma relação hierárquica, fálica, racista, sexista.

A descolonização é a relação com os diversos centros, entendendo que é fundante partirmos de nosso próprio centro, ou seja, de nós mesmas (nossas culturas, saberes, experiências, histórias), assim, descolonizar nossa mente, nosso pensamento, pois a lógica ocidental (patriarcal, sexista, capitalista e branca) gira em torno da continuidade de colonização de nossas mentes / pensamentos / subjetividades / corpo, nos levando a deixar a margem nosso protagonismo em nossa própria história, é assumir nosso lugar de protagonistas, reaprender a aprender / ensinar de modo inclusivo, dialógico, poético, humano. É consciência, pertencimento e engajamento críticos, participação ativa na transformação.



É a compreensão *Ananseana*¹⁷ do mundo, ou seja, a compreensão de que somos uma grande teia e tudo está interligado, desse modo, não se hierarquiza saberes / culturas, ao contrário, valoriza-se todas elas, *aprende-com, dança-com, joga-com, ginga-com, conta-com, cria-com, é-com*, partindo desde nós mesmas, desde nossos valores, saberes, culturas. Portanto, são as nossas andanças para sairmos da colonização imposta pelo pensamento ocidental, desde os processos diversos de escravização dos nossos corpos até a construção do conhecimento, histórias, currículos, metodologias, didáticas, com intenção de colonização de nossas mentes, afetos, etc. A descolonização se dá com as andanças que culminam na fundamentação teórica da descolonização. Catherine Walsh nos diz:

Para Fanon, a descolonização é uma forma de (des)aprendizagem: desaprender tudo que foi imposto e assumido pela colonização e desumanização para reaprender a ser homens e mulheres. A descolonização só ocorre quando todos individualmente e coletivamente participam em sua derrubada, ante a qual o intelectual revolucionário – como também o ativista e mestre – tem a responsabilidade de ajudar ativamente e participar no “despertar”: “Educação política significa abrir as mentes, despertar [as massas] e permitir o nascimento de sua inteligência, como disse Césaire, ‘é inventar almas’” (FANON, In: MALDONADO-TORRES, 2005, p. 160 *apud* WALSH, 2009, p. 35).

Desse modo, a descolonização do conhecimento implica em currículos e metodologias marcadas, crocheteadas pelo contexto em que se está inserida, pela cultura local e seus valores, pelo desaprender para aprender desde eixos plurais, desaprender o imposto e aprender sobre nós mesmas desde nós mesmas. Provocando diálogos entre as culturas, e não hierarquização, pois diálogos

entre as culturas é a condição básica para a formação da identidade nacional. Esta perspectiva educacional da interculturalidade (formação de atitudes e predisposições), entendo, deve ter, porém, como pressuposto, uma educação cultural na qual os aprendentes se confrontam com os conteúdos, valores e práticas culturais do seu meio identitário. (CASTIANO, 2011, p. 214).

Assim, a formação perpassada pela valorização das culturas e de sua diversidade, ensinará o que não nos ensinam, por exemplo: há um extenso conteúdo de conhecimento, além de avanços tecnológicos alcançados pela civilização egípcia e quando o conhecimento egípcio é reconhecido a identidade africana dessa civilização é negada. Não nos contam que a escrita tem origem no Egito e no Sumer, enfim, “há todo um cabedal de conhecimento, de tecnologias,

¹⁷ Ananse é um símbolo adinkra representado por uma *teia de aranha*, significa *sabedoria, esperteza, criatividade e a complexidade da vida*. Ananse em suas andanças descobre que o conhecimento só existe se compartilhado e que todas as pessoas, independente de sua origem, gênero, idade, etc., tem algo para ensinar e para aprender. Ananse é o símbolo da minha dissertação de mestrado que traz a Filosofia Africana mediada pelas Filosofias da Ancestralidade e do Encantamento como inspirações formativas para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Vide MACHADO, 2014; 2019.



de metalurgia e mineração, agricultura e criação de gado, matemática, engenharia, astronomia, ciência e medicina, espalhados pelo continente” (MACHADO, 2012).

Alguns filósofos importantes na *historiografia da filosofia ocidental* não negam o lugar de sua formação: *Templos da Vida*. Lugar fonte de conhecimentos filosóficos, onde historiadores gregos confirmam a origem egípcia não apenas da filosofia, mas também de diversas ciências e artes em geral. Muito do que sabemos hoje acerca da civilização egípcia como origem de diversas áreas do conhecimento é em virtude do fundador da egiptologia, o senegalês Cheikh Anta Diop que nos apresentou muito dessas histórias. Por meio da pesquisa de Diop conhecemos a falácia da Grécia como civilização primeira do conhecimento. Vejamos:

O fundador da Egiptologia africana Cheikh Anta Diop foi aquele que dedicou maior tempo a essa questão fundamental da história e da filosofia, sua pesquisa fora continuada pelo seu discípulo Théophile Obenga, este demonstrou em sua obra *L’Egypte, La Grèce ET l’Ecole d’Alexandrie* (O Egito, a Grécia e a Escola de Alexandria) que muitos filósofos e homens da ciência grega estiverem no Egito para serem instruídos pelos sacerdotes dos Templos da Vida nas diversas Escolas do pensamento filosófico egípcio-faraônico, demonstrou ainda a influência do pensamento egípcio nas reflexões de muitos filósofos e pensadores gregos. Podemos citar vários nomes que beberam das fontes egípcias, tais como: Tales, Platão, Pitágoras, Sólon, Anaximandro, Anaxímenes, Demócrito, Anaxágoras, Aristóteles e tantos outros. (MACHADO, 2012, p. 10-11).

Aprendemos uma história falaciosa e tal história tem a intenção de negar a nossa própria humanidade, colocando o Ocidente como centro do mundo, da própria razão de humanidade, o eurocentrismo. Eugenio Nkogo Ondó, nascido na Guiné Equatorial, afirma ser impossível mencionar os primeiros filósofos gregos sem mencionar o Egito:

en el ámbito estrictamente filosófico se ha podido comprobar insistentemente que resulta difícil mencionar a los primeros filósofos griegos sin mencionar a Egipto, donde la mayoría de estos aprendió filosofía. Y, como en cualquier otro tipo de aprendizaje, en este era preceptivo escalar gradualmente los niveles pertinentes o exigibles del conocimiento. “Así, Plutarco, en *Isis y Osiris*, relata que, según el testimonio de todos los sabios y filósofos griegos que fueron discípulos de los egipcios, estos últimos no querían profanar su ciencia: Solón, Tales, Platón, Licurgo, Eudoxo, Pitágoras, encontraron dificultades antes de ser iniciados por los egipcios. Siempre de acuerdo con Plutarco, entre todos los discípulos sabios de los egipcios fue Pitágoras el predilecto por su temperamento místico; y, recíprocamente, fue Pitágoras uno de los griegos que más veneraba a los egipcios.” Además de estas grandes figuras que aquí menciona Plutarco, la lista de filósofos griegos que estudiaron en Egipto es interminable. (ONDÓ, 2001, p. 86).

Ondó nos relata sobre alguns filósofos dizerem da importância dos aprendizados no Egito:

Al ser buscadores de la verdad que bebieron directamente de la fuente de la sabiduría egípcia, los que procedían con honradez pensaron que había que comunicar a la humanidad el testimonio de esta experiencia viva y única, irreplicable, en la historia





universal del pensamiento. Por eso, el mismo Platón, poniendo la palabra en boca de Critias, narra la experiencia de Solón en su viaje de estudios a Egipto, donde sus maestros descubren la vacuidad de los conocimientos que traía de Grecia. En uno de los momentos de su aprendizaje, el griego pensó que él también podía contar a los egipcios los secretos más antiguos de su ciudad estado, Atenas, y así, al narrar las historias de sus principales personajes, empezó a hablar de Foroneo que, para ellos fue el primer hombre, después de Níobe, de Deucalión y Pirras, siendo estos dos últimos los que sobrevivieron del diluvio. Al recordar la genealogía de sus descendientes e intentar calcular el tiempo que había transcurrido desde entonces, para saber “cuántos años había vivido cada uno de ellos”, fue interrumpido por la exclamación de un viejo sacerdote, quien le dijo: “¡Ay!, Solón, Solón, ¡los griegos seréis siempre niños!, ¡no existe ningún griego viejo!” Al escuchar esto, Solón le preguntó: ¿Por qué lo dices?” El sacerdote respondió: “Vosotros, todos, tenéis almas de jóvenes, sin creencias antiguas transmitidas por una larga tradición y carecéis de conocimientos encanecidos por el tiempo”. (ONDÓ, 2001, p. 86).

Faz pouco tempo que descobri essas verdades (cerca de 15 anos), tem muitas pessoas, muitas estudantes e pesquisadoras que não conhecem sobre essa “outra” face da filosofia. É fundante conhecermos esse legado “negado” pela história eurocentrada, branca, racista, sexista e machista, para reconhecermos fontes outras de conhecimento, para fortalecermos nossa história, para que possamos não cair no engodo de acreditar numa supremacia única, branca e falocêntrica. Para fortalecermos nossa humanidade tão negada pelas falácias da filosofia ocidental.

Assim sendo, é importante compreender que a tarefa fundante dos “novos” (velhos) tempos da descolonização do conhecimento é “captar a energia espiritual e intelectual nessas fontes inesgotáveis da ciência e da cultura [africana, afrodiáspórica, indígena] para enfrentar eficazmente os desafios da nossa época” (FOÉ, 2011, p.77), fontes ancestrais de nossa Mãe África. Desse modo, a descolonização do conhecimento permitirá ao povo negro “entrar na história como sujeito ativo pela retomada da iniciativa história e o trabalho da razão no mundo” (Idem). Ou seja, captar energia intelectual, espiritual nas diversas culturas e modos de ser / fazer / existir, é aprender / ensinar / criar a filosofia desde os saberes e valores oriundos de nosso chão! Desde a capoeira angola, as rodas de samba, os terreiros de religiões de matriz africana, as danças circulares, as danças afros, os modos de pensar / criar mediados pela ancestralidade africana, enfim, há uma diversidade cultural que ensina e cria possibilidades epistemológicas diversas.

Portanto, descolonizar o conhecimento implica no seu ressignificar, onde esse conhecimento possa aparecer a serviço da ética que tem o ser humano como bem maior e não os interesses políticos de países que tentam obter todo o poder possível, seja ele econômico, social, político e/ou cultural, onde a “imposição” aparece como um dos sinônimos da filosofia. Esse ressignificar implica na valorização do que somos, implica no re-conhecer todas as



peessoas, percepções de todos nossos afetos, sentidos. Assim, o **desencantamento do mundo** oriundo por descobrir a filosofia como um espaço de perpetuação e fortalecimento do racismo, do sexismo, etc, levou-me também a importantes transformações que implicaram no meu ser como um todo, pois, somos seres de sentidos, de corpo inteiro! A filosofia racista e machista me implica na busca contínua de contribuir para sua descolonização, busca que não faço sozinha. Uma filosofia referenciada em nosso pertencimento, construída por mulheres e homens. Uma filosofia encantada, ancestral!

1.1.4. Transformação

*Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo[a].
Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado
no conhecimento concreto da realidade.
Neusa Santos Souza¹⁸*

O encontro com a filosofia africana, e assim com as filosofias da ancestralidade e do encantamento, fortalece diariamente a compreensão de que estamos em constante aprendizado e somos eternas aprendizes, pois o conhecimento é fruto dos acontecimentos e esses dos movimentos e não há vida sem movimento. É importante inter-PRETAR o cotidiano, o que está a nossa volta, os discursos, os contextos, os acontecimentos e ver as possibilidades de insurgir e transformar... transfor-A-MAR! Transfor-A-MAR é um ato de resistência e espiritualidade! Em tempos tão desumanos, amar é um ato de resistência, de re-existência. Amar como potência pra vida, empatia, não é o amor romântico é o amor ancestral, encantado, implicado com o bem-viver, com as pessoas, com a humanidade, com a natureza!

Minhas transformações deram-se, e se dão, na busca contínua de entender como se dava, e como se dá, o pensamento filosófico no continente africano e como a sua influência na construção de nosso país impactava e impacta na construção de “nossos conhecimentos”, de uma vida implicada no bem-viver. Minhas transformações eram/são oriundas da busca de conhecer os modos do filosofar africano e afro-diaspórico. Desse modo, como pesquisadora fui em busca desses conhecimentos que me eram negados. Não foi fácil (continua não sendo), 14, 15 anos atrás éramos poucos, dispersos e quase não tínhamos publicações traduzidas e disponíveis no Brasil. Entretanto, o encontro com a filosofia africana fora também o início de

¹⁸ Tornar-se Negro ou As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social, 1983.





um processo de cura, de criação de outros mundos possíveis. Assim o encantamento foi dando sentido ao meu existir e é esse encantamento, apesar de todas as dores do mundo, que segue dando sentido ao meu existir, em todos os sentidos, enquanto humana, enquanto mulher, enquanto pesquisadora, enquanto natureza, enquanto, enquanto, enquanto... Havia um poema! O poe-mar, o poe-amar...

Foi também esse encantamento que me levou a concluir o bacharelado e fazer a licenciatura em filosofia, pois precisava compartilhar minhas descobertas, o que eu estava conhecendo, precisava, para re-existir, contribuir com a descolonização do conhecimento, com uma educação antirracista, com a construção de um currículo plural, descolonizado, com a criação de metodologias diversas, tecidas em nós, por nós. Assim, comecei uma luta árdua contra o pânico de falar em pública e a ideia de ministrar aulas para que pudesse discorrer sobre o que estava trazendo encantamento para meu viver, para falar sobre o que estava potencializando o meu estar no mundo, a descolonização dos sentidos que estava atravessando-me. Assim, compreendo, também, que para falar / escrever / filosofar e ser ouvida, a transformação em torno do pesquisar a filosofia africana e suas diversas perspectivas é contínua, com processos continuados de descobertas, desconstrução, transição, transformações, descolonização, encantamento.

Desse modo, logo que terminei o bacharelado em filosofia comecei a licenciatura, e no componente curricular de “Didática” conheci um professor, o qual o reencontrei no doutorado, que me falou da Profa. Dra. Sandra Petit¹⁹, que hoje me orienta nesse doutorado. O referido professor falou-me sobre suas pesquisas e vendo o meu interesse, passou-me o seu e-mail e eu corri em busca do apoio de Sandra para sair da solidão em relação à pesquisa, afinal, o conhecimento necessita e se faz em diálogos, com-versas, trocas afetivas e efetivas. Sandra Petit não apenas apoiou-me como convidou-me para acompanhar suas aulas na pós-graduação do programa de Educação da Universidade Federal do Ceará, em um componente curricular que dividia com o Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior²⁰. Sandra Petit compartilhou conhecimentos e, ainda, orientou-me quando, como pré-requisito para obtenção do diploma de licenciada em filosofia, tive que ministrar um minicurso sobre algum tema de minha escolha, obviamente, escolhi falar sobre Filosofia Africana. Decidi que o curso seria ofertado para turmas do terceiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Paulo Freire localizado no bairro periférico onde

¹⁹ Professora na Universidade Federal do Ceará, atuando na área de Educação, com ênfase em Pretagogia, Relações Etnicorraciais (negra e indígena) e Educação Popular.

²⁰ Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Trabalha, dentre outros, com Educação Brasileira nos temas de Africanidades e Afrodescendência.



moro em Fortaleza. O curso fora bastante proveitoso, deveria ter duração de uma semana, com diálogos / aulas das 18:00 às 21:00hs, porém, o horário sempre ultrapassava e, por pedidos das estudantes que faziam o curso, nos encontramos mais dois dias na semana seguinte. Para o curso criei uma apostila que deu origem aos meus primeiros artigos publicados, assim como fundamentou muito da dissertação de mestrado.

Em 2007, período em que conclui a licenciatura em Filosofia, decidira morar em Salvador, por ser um sonho de infância, mas fundamentalmente por dois motivos: um que envolvia minha saúde psicológica e também por acreditar que em Salvador, na UFBA, teria muito mais oportunidade de realizar um mestrado onde pudesse pesquisar e escrever sobre filosofia africana. O CEAO (Centro de Estudos Afro-orientais / UFBA) pareceu-me o lugar ideal para isso. Foi assim que, pouco antes de viajar, Sandra Petit apresentou-me o livro *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*, em seguida apresentando-me o autor, Eduardo Oliveira, que ao saber que eu estava indo para Salvador pesquisar sobre filosofia africana, prontificou-se em orientar-me. Assim, viajei em abril de 2009, pouco depois de Eduardo Oliveira passar em concurso e assumir o cargo de professor Adjunto II na Faculdade de Educação da UFBA, assim fizemos uma parceria muito importante para as minhas pesquisas e para a vida. Nessa parceria pude participar da criação de grupo de pesquisa, linhas de pesquisa, criação do componente curricular de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, dentre outras ações. E em abril de 2014 voltei para o Ceará, logo após concluir o mestrado. Foram cinco anos de pesquisa e parcerias diversas, além de muito trabalho. Também foram anos de muito amadurecimento, desconstruções, transições, transformações, desencantamento, encantamento.

Todos esses processos são atos de transformação que se dão com o “implicar-se processualmente e *realizar algo defendido numa perspectiva valorada, social e imaginariamente referenciada*” (MACEDO, 2012, p. 33, grifo do autor), atuando no todo da formação, sabendo-se que “tudo o que compõe o processo de formação é contingente, isto é, é produto de um contexto” (FLOR DO NASCIMENTO, 2006, p. 80). Portanto, tenho aprendido que:

talvez a tarefa iminente da formação não seja mais imprimir a forma, formar, mas antes *transformar*. Abrir a possibilidade de que as pessoas se tornem sempre outras, estejam em constante processo de modificação, de recusa de formas dadas, prontas e não pensadas. Não haveria, numa formação como transformação uma meta definida e inegociada a atingir. A constante autocrítica é a marca de uma formação como esta, uma formação não normalizadora, uma formação que seria uma ação [...] que não tenha um caminho seguro a ser trilhado, um caminho fixo, que não pode ser mudado;



em outras palavras, sem um caminho dogmático. [...] Formação que vai desbravando caminhos (Idem, grifo do autor).

O que implica que “se a formação não for experiencial, não é formação” (JOSSO *apud* MACEDO, 2010, p. 18), pois não transforma, não possibilita reflexões críticas contínuas, por isso que nossa ancestralidade é totalmente escrita, desenhada, trançada, bordada, crocheteada em nossos corpos, tendo-o como produtor de conhecimento, de sentidos, pois o corpo define-se pelo seu contexto e este advém da experiência, do desbravamento de caminhos, pois que sendo desde a matriz africana, entendemos que “a inscrição do universo está no corpo [...] Como solo sagrado ele receberá os sinais daquilo que lhe possibilita a origem e o destino” (OLIVEIRA, 2007, p. 124). Nosso corpo é sagrado e deve ser tratado como tal, pois

O Corpo é equivalente à natureza e ao espírito. [...] O corpo é um texto aberto para a leitura de quem o vê. O escritor é a comunidade. Portanto, meu corpo não é meu, mas um texto coletivo. [...] será sempre cheio de sinais, símbolos e marcas. O corpo é um vestígio dos valores civilizatórios do grupo que nele escreve e nele se reconhece. O corpo social é a extensão do corpo individual (Idem).

O corpo é sujeito do nosso estar no mundo, nele lemos / conhecemos / reconhecemos nossos valores, nossas histórias, denunciemos traumas, anunciamos, pois tudo em nós fala, nossos olhos, nossos ouvidos, nossa boca, nosso paladar, nossos gestos, nosso caminhar, nossas danças, nossos cheiros, como sentimos e expressamos (ou não), como compartilhamos... O corpo fala! Ensina, aprende, alegra, encanta, adocece... morre e mata. Dá vida! Por isso, também é necessário a descolonização de nossos sentidos, tão marcados por uma história colonizadora e opressora.

1.1.5. Espaço

*Quem nasceu com lamparina não tem medo da escuridão.*²¹

Escrever essa tese é um exercício de desprendimento e coragem... é a convicção de que o conhecimento também é um ato de autoconhecimento no movimento próprio dos Odus, metodologia que fala de nós... Pesquisar acerca da filosofia africana, da filosofia africano-brasileira, das filosofias da ancestralidade e do encantamento, não é oriundo de uma descoberta, pois sempre soube dela, mas, tem origem na necessidade de cuidar, com-partilhar e tecer

²¹ Parafrazeando “*Quem nasceu com a luz elétrica não tem medo da escuridão*” de Emily Dinkson *apud* Sueli Carneiro, 2018, p. 105.





diálogos / produções formativas para o fortalecimento de nosso pertencimento e, hoje, percebo que também tem uma forte ligação não apenas com o antirracismo, mas também com a luta contra o sexismo. Implicação com o meu estar no mundo, compreendendo que é um estar coletivo e que a ancestralidade nos alimenta diariamente, mas também necessita ser alimentada. Desse modo, a pesquisa é também um exercício de fortalecimento e cuidado, é meu propósito de vida esparramando minhas raízes, afinal *nossos passos vêm de longe*.

É uma perspectiva de cuidado, pois sabemos que

Apesar da diversidade existente no Brasil as pessoas continuam tendo seus corpos lidos de formas diferentes e desiguais de acordo com a raça, o gênero, a geração e a condição econômica. O estereótipo que coloca a mulher negra em um lugar em que o corpo se sobrepõe ao intelecto diz para além do que é evidente nesse discurso. Quando a sexualidade dessa sujeita/sujeitada é vista quase que incontrolável, indiretamente está lhe sendo destinado um predicado não-humano, pois na visão ocidental os animais é que têm um sexo instintivo incontrolável. Ou seja, existe uma “animalização” de mulheres negras no âmbito estético/corporal e sexual. (CASTRO, 2010, p. 32)

O ocidente animaliza nossos corpos no intuito de nega-lo, negar nossa humanidade. Assim, o desencantamento do mundo perpassa pela negação de nossa existência. A existência negada historicamente é cotidiana, desde nossas origens existe a desumanização do nosso ser, “somos herdeiros de mentalidades decapitadas, as tradições ocidentais cultivam há tempos a má sorte de ter a cabeça deslocadas dos corpos [...]. O corpo é meramente campo a ser disciplinado e normatizado sobre a vigilância do pecado” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 93). Assim, acontece a naturalização da negação e até a exclusão de nossos corpos, pois sabem que só somos de corpo inteiro onde nossas vivências comunitárias africanas, como nos en-sina Vanda Machado (2013, p. 42, grifos meus),

estão lastreadas em princípios e valores humanos que consideram **a vida, o corpo e a ancestralidade na interdependência entre o ser e tudo que pode ser respeitado como vida no planeta**. Tudo que se move como uma teia dinâmica em todas as direções. Inspirada nos princípios básicos que regem a **convivência na comunidade**, encontramos outros paradigmas para se compreender a educação como outra forma de en-sinar. **Educação como possibilidade** quando se oportuniza **aprender pela necessidade de ser**, valendo-se dos acontecimentos cotidianos considerados na sua extraordinariedade. Este é o sentido para que estejamos sempre atentos a tudo que possa contribuir para a **busca de ser antes de aprender para ter**. [...] **A cada tempo, o saber de cada tempo para ser, para cuidar de si, do outro e da vida**.

A encantada Vanda Machado também nos en-sina que “de todas as ‘histórias’ a maior e mais significativa é a das pessoas, simbiose de todas as histórias de vida” (2013, p. 18). A história de cada pessoa é a história do aprender a ser. Aprender a ser é um ato de resistência, de re-existência, coletiva, portanto, de encantamento. Assim, o desencantamento do mundo



exclui a possibilidade de contarmos nossas histórias, suas diversidades e potências criativas, excluindo o corpo, mais que isso, o condenando, proibindo-o *ser*.

Nesse sentido, propomos o encantamento como exercício preponderante da valorização da vida, da existência, das possibilidades criativas, do corpo, pois é esse encantamento que nos qualifica no mundo, enquanto seres de potência, existência infinita e propositiva desde a implicação com nosso estar no mundo, é o devir feminino. O devir feminino é o devir do corpo inteiro, tecido pelo pensamento africano que

não separa, não hierarquiza. Corpo, membro, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se presta a explicação reduzida, a categoria que fragmentam sentidos (MACHADO, 2013, p. 52).

Assim, é necessário continuamente e urgentemente se redescobrir e fortalecer “o corpo como suporte de memórias e de muitos outros saberes” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 93) e assim, fortalecer o

[...] desmantelamento cognitivo que é resultado da normatização do cânone de saber. Esse desmantelo é reflexo de processos que operam de forma em que se exalta um saber (centrado na razão ocidental e na representação da cabeça como centralidade) em detrimento de outras sabedorias que têm o corpo como assentamento. (Idem).

Negar o corpo africano e afrodiáspórico é negar nossa espiritualidade, nosso modo de ser / estar no mundo, o desencantamento é uma arma que nos mata, adocece nosso corpo, portanto, nosso espírito. Pois, como nos diz Fernanda Carneiro (2006, pp. 24-25)

a expressão estética ancestral se manifesta nos cultos e nos modos de viver, dançar, brincar, procriar, adoecer ou buscar a cura. E o sentir-se feliz em sua existência, comunica a ética negra. A expressão corporal negra retoma o devir das particularidades e garante uma continuidade e permanência étnica que não se justifica por leis naturais. [...] No Brasil, mulheres e homens negros subsistem carregados de valores e de escolhas morais e interações relacionais infinitas e históricas. Nossas pegadas vêm de longe...

O sentir-se feliz é um ato de valorização da vida, de celebrar o existir. Não implica que não tenhamos consciência de nossas dores, das mazelas que nos assolam, mas sim que nossa ancestralidade tecida por nossa espiritualidade nos dá força contínua de re-existência e invenção criativa.

Em nossos corpos encontramos as memórias de nossas ancestrais, nossos corpos guardam essa memória, a pele da cor da noite do nosso país é nossa grande força. O corpo que nos habita e que habitamos



é mais que uma memória. Ele é uma trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. Por isso é preciso fazer o movimento da volta, mas volta não é retrocesso. É movimento descontínuo e polidirecional. [...] Trata-se de inventar enquanto se resgata; trata-se de re-criar enquanto se recupera. Assim é o movimento do corpo e da cultura. A cultura do corpo não nos interessa. Trata-se, isto sim, de pensar a cultura desde o corpo, trata-se de filosofar desde o corpo, não sobre ou contra ele. (OLIVEIRA, 2007, p. 107).

O corpo negro é tecido pela pedagogia da ancestralidade, pois “estabelece uma ruptura provocada pela decolonialidade” (OLIVEIRA, 2019, on-line). E o que isso significa? Significa que

não se trata mais de falar pelo corpo, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se (re) significa na e para a resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência – porque resistir às atrocidades também é sagrado –, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e, dessa forma, é um corpo capaz de sobreviver às intempéries sociais. (Idem).

Somos plurais, diversos, porém, um único povo. É importante compreendermos que o racismo, as imagens negativizadas impostas a nós, frequentemente nos deixam

devastados pela raiva reprimida, nos sentimos exaustos, desesperançados e, às vezes, simplesmente de coração partido. Essas lacunas na nossa psique são os espaços nos quais penetram a cumplicidade irrefletida, a raiva autodestrutiva, o ódio e o desespero paralisante (hooks, 2019, p. 36).

Entretanto, ao termos nossa espiritualidade entranhada em nosso viver / ser, é importante pedirmos sabedoria às nossas ancestrais para transformarmos essas agressões em potência para desconstrução não apenas do desencantamento que nos adoece, mas, principalmente, suas armadilhas, para compreendermos que:

numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. (hooks, 2006, pp. 188/189).

A descolonização dos sentidos, implica na descolonização dos afetos, entretanto, essa descolonização é perpassada pela descolonização do pensamento, descolonização epistemológica, pois o conhecimento, como já dissemos repetidas vezes, fora usado, e continua, para nos inferiorizar, para nos desumanizar. A desumanização, concordando com Fanon (*apud* WALSH, 2009, p. 34), é “componente central da colonização” que não resiste sem o opressor



e o oprimido, tirando, assim, do oprimido a capacidade de acreditar que podemos ser amadas e podemos amar. É necessário, portanto, transfor-AMAR essa perspectiva.

O encantamento é a possibilidade dessa transformação, do transfor-AMAR, ele nos faz acreditar que “a vontade de amar tem representado um ato de resistência [...]. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor” (hooks, 2006, p. 189). Assim, diante do desencantamento imposto é fundante confiarmos em nossas ancestrais, pedir sabedoria e cultivar o amor, encanta-lo e assim responder “as dores do mundo” de forma amorosa isso não quer dizer que estamos dando a outra face a tapa, mas que acreditamos na potência da transformação oriunda da ancestralidade e do encantamento em nosso ser-viver. TransformAÇÃO coletiva, compreendendo que “a dor e a mágoa não expressada doem em nossas almas, e está diretamente ligada ao nosso sentido geral de seca espiritual e tumulto emocional, para não mencionar as muitas doenças que experimentamos em nossas vidas” (SOMÉ, 2012, on-line). Não podemos esquecer que essa dor não é pessoal, “é de todo o grupo. Experimentamos uma sensação coletiva, para que uma pessoa não tenha que suportar sozinha todo o peso do sofrimento” (Idem). Assim,

Acredito que o futuro do nosso mundo depende muito da maneira como administramos nossa dor e tristeza. As expressões positivas da nossa dor são terapêuticas. No entanto, a falta de expressão da nossa dor ou sua incorreta gestão está na raiz da infelicidade geral e da depressão, algo que também provoca guerras e crimes. Há coisas que podemos fazer na sociedade para ajudar a curar. Podemos começar a aceitar nossa própria tristeza e sofrimento do outro. (SOMÉ, 2012, on-line).

O que nos leva a empatia, respeito por nós e por todas as pessoas. Acredito que lutar contra o racismo e o sexismo é uma tarefa difícil, porém, sem amor, sem sensibilidade, sem empatia, sem encantamento não será possível. E tudo isso não implica ausência de conflitos, mas aprender com eles, usá-los para potencializar a existência, para desconstruir e transformar e não para destruir. Não venceremos o racismo e o patriarcado usando as armas coloniais, as armas do patriarcado, venceremos usando nossas armas e capacidade de reinvenção, ressignificação, reconstrução, re-existências pautadas pela ancestralidade.

Um dos maiores propósitos da Lei 10.639 / 2003, assim como das Relações Étnico-Raciais, é fortalecer nosso pertencimento, mostrar nossa história e nossa origem e nos dar a alegria (lida como potência para a vida) de dizer quem somos e de onde viemos, pois “aqui, aprendemos a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser. Temos sido ensinados a usar a miscigenação ou a mestiçagem como carta de alforria do estigma da negritude” (CARNEIRO, 2011, p. 64). Sabemos que “uma das características do racismo é a



maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas” (Ibid, p. 70), assim, nos impõe “dúvidas metafísicas que assombram a racialidade no Brasil” (Ibid, p. 71).

Reconhecer nosso pertencimento negro é, também, um ato político! Não é uma atitude impensada, pois o encantamento não nos permite, é uma atitude para a vida: implicação ética, estética, política, social, cultural, amorosa. Consciência racial! Estética do Bem-viver! Engajamento!

A Lei 10.639 / 2003 e o ensino para as relações étnico-raciais estão implicadas em provocar mudanças desde o re-conhecimento de nossas origens e do encantamento por ela. O encantamento por nossa ancestralidade africana nos leva a seguirmos numa luta engajada pelo nosso direito à vida, à existência em sua totalidade. Desse modo, é necessário não perdermos de vista a construção da consciência política, social, cultural e de pertencimento, também para a construção de uma sociedade democrática, onde o bem-viver marque nossas existências, nos permitindo viver plenamente nossa cidadania e assim o respeito às diferenças aparece como primordial. Portanto, compreendemos que a descolonização perpassa a escuta sensível, a percepção do todo, o cuidado a cada segundo com o que o colonizador (e o patriarcado construído por eles) e o racismo entranham em nosso modo de ser e estar no mundo.

Assim, afirmar-se, reconhecer nosso pertencimento negro africano fortalece, potencializa e multiplica os sentidos de pertencimento, atingindo outras pessoas. Por isso, é fundante existirmos em nossas pesquisas, falarmos desde nós mesmas, desde nossas experiências, fragilidades, dúvidas, curiosidades, lutas, conquistas, pois o racismo, a colonialidade afeta profundamente nossa subjetividade. A afirmação de si é afirmação de todas as nossas ancestrais... de quem já veio, de quem aqui está e de quem virá. Afinal, *nossos passos vêm de longe*.

Desse modo, temos uma responsabilidade em contribuir para os processos de descolonização, assim,

para encarar essas feridas, para curá-las, as pessoas negras progressistas e nossos aliados nessa luta devem estar comprometidos em realizar os esforços de intervir criticamente no mundo das imagens e transformá-lo, conferindo uma posição de destaque em nossos movimentos políticos de libertação e autodefinição. [...] a questão da raça e da representação não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar, nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualista acerca do bom e do mau. [...] a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, pp. 36-37).



Portanto, é fundante trabalharmos metodologias, currículos, referenciais afro para que possamos despertar ancestralidades adormecidas, encantamentos silenciados, calados... nossos textos estão impregnados de vida, de axé, de luta, por isso nossas teorias gritam, choram, dançam, flertam, seduzem, cantam e encantam... somos de corpo inteiro, nosso corpo fala, nossos textos são a escrita do nosso corpo... É fundamental unirmos nossas forças para nos curarmos, potencializarmos cada vez mais nossos modos de ser e estar no mundo. Para nos encantarmos!

Mesmo diante de tantas dores, negações, agressões, nossa ancestralidade não deixa o encantamento acabar... E em mim, minhas ancestrais tem transformado o desencantamento do mundo em potência para viver, ser, criar, encantar, encantar-se... Sem encantamento eu não sou, portanto, insisto, resisto, busco potencializar o feminino insurgente que há em mim! O feminino que há em nós é o que permite o transfor-A-MAR ser resistência tecida por nossa espiritualidade, por nossa ancestralidade. É o espelho de Iemanjá permitindo a *liberdade da alteridade*, o espelho de Oxum ensinando a *liberdade do amor*, é Obá nos ensinando a *liberdade da cura* como Ingrid da Rocha Ricardo nos mostra de forma potente em sua monografia de conclusão do curso de psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) intitulada “Corpos Agentes: sobre a constituição de sujeitos afro-brasileiro” (2018). Ingrid Ricardo também traz a potência de Exu que nos ensina a possibilidade da *liberdade do movimento* e a potência de Ogun que nos dá a *liberdade da luta*.

1.1.6. Encantamento

A vida é um ato de encantamento, em nosso caso (negras e indígenas), é, também, reflexão e luta por nossa própria humanidade, portanto, voltar-se para nossas histórias, contada desde nós mesmas, desde nossas ancestralidades e vivências de nossos saberes é ressignificar e potencializar nossa existência negada, valorizando e potencializando a vida desde nossos corpos. Insurgências próprias de corpos que carregam toda uma linhagem, corpos ancestrais, encantados. Portanto, ao nos encantarmos, não abrimos mão de compreender, aprender e apreender desde as diversidades, desde as muitas encruzilhadas, desde nossos corpos, nossos saberes diversos, múltiplos, plurais. Pois nossas identidades são históricas, políticas, culturais... experienciadas. Por isso, essa tese traz discussões teóricas que dialogam com a consciência de



como me vejo, de como sou, ela vem da minha linhagem, da minha história, das minhas vivências, experiências, do território de onde venho, das minhas memórias... Portanto, é importante demarcar que

território não se reduz à terra ocupada, mas abrange também o espaço apropriado pelo grupo. Inclui um repertório de lugares de importância simbólica, [...] onde residiram antepassados, porções de terras perdidas [...]: lugares que são acessados por meio de viagens, notícias, lembranças, saudades. (RATTS, 2015, p. 113).

São essas as razões, pelas quais, enquanto pesquisadora/pessoa, enveredei-me pela filosofia africana delineada pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento, pois para reverter a negação de si, do pertencimento, da própria negritude, é fundante despertar nas pessoas o encantamento por sua ancestralidade, seu pertencimento! Eu precisava falar de filosofia africana... Meu encantamento é fortalecido no encantar outras pessoas. E nesse momento meu pertencimento grita em mim a necessidade de não apenas ser uma mulher negra na filosofia africana, mas falar de filosofia africana dialogando com mulheres negras, dialogando com os saberes ancestrais africanos. Assim, o encantamento que me tece bordará essa tese desde os femininos que existem em mim, dialogando com os femininos que me bordam. O convite está feito...

Me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso:
O que é que eu faço
para tornar esta montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além?

Rupi Kaur

1.1.7. Tempo

Essa tese é continuidade de um grande sonho que começou a ser tecido desde o reencontro com a minha ancestralidade, na realidade, foi antes desse encontro / encanto, pois fora essa ancestralidade que teceu meu ser de ontem, que tece meu ser de hoje e de amanhã... Desse modo, essa tese tem o desejo de dar continuidade ao grande sonho que já existe na dissertação de conclusão do Mestrado em Educação realizado na Universidade Federal da Bahia (2012-



2014) que tem o seguinte título: *Ancestralidade e Encantamento como inspirações formativas: Filosofia Africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira*. A dissertação é, assim como essa tese, um sonho de compartilhar experiências, saberes, desejos, aprendizados, dúvidas. Com-partilhar modos de ser / existir delineados pelo encontro / encanto com a Filosofia Africana, permeado por um devir-mulher que se tece desde o encantamento oriundo da ancestralidade africana.

Sendo assim, irei contar rapidamente parte desse grande sonho que se encontra na dissertação, para que eu possa dizer de onde estou partindo, como pensei em caminhar, como o caminho se transformou e onde desejo chegar, sabendo que o chegar é ficar e partir, caminhando, sempre, conhecendo e compartilhando. Sabendo que são lugares de chegadas e partidas! De encontros e encantos! Assim, escrevo, pesquiso como um modo de dizer que deseja tocar a trama da vida com o modo de cada uma que ver / ouvir / escutar / ler... Que nossas ancestrais nos conduzam nessa dança, nessa trama, nessa colcha de retalhos, nesse caminhar, nesse bordar, nessa grande teia de existências possíveis...

Como já fora dito, durante o mestrado trabalhei com a Filosofia Africana Contemporânea como mediadora para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, para as relações étnico-raciais, tendo as filosofias da ancestralidade e do encantamento como inspirações formativas, ou seja, perspectivas fundantes para uma produção de conhecimento que delinea as relações étnico-raciais, a re-construção e re-afirmação de nossa identidade afro-brasileira, descolonização não apenas do conhecimento, mas também de sentidos. O componente curricular EDCB 79 – História e Cultura Africana e Afro-Brasileira do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) fora o lócus da pesquisa²², entretanto, várias outras experiências foram fundantes no processo constitutivo, formativo daquele momento, reverberando na atualidade. Experiências como: período em que estive como pesquisadora da Universidade do Sul da Califórnia (USC / EUA), onde pesquisamos sobre *relações étnico-raciais na fala de professores da rede pública de Salvador*; experiência como assistente na equipe de construção das *Diretrizes da Educação Quilombola do Estado da Bahia*, momento em que diálogos com quilombolas de todo o estado sobre os conceitos de tradição e ancestralidade²³ foram fundantes para o processo de construção das diretrizes assim como de

²² Esse componente curricular fora criado em 2010 pelo professor Dr. Eduardo Oliveira. Assim, fiz parte de sua criação e estive o acompanhando, como pesquisadora convidada, de 2010 a 2013.2, quando realizei o estágio docente do Mestrado. Momento em que também decidimos que este seria o lócus da minha pesquisa, tendo em vista minha trajetória naquele “lugar”.

²³ Os encontros para construção das Diretrizes da Educação Quilombola da Bahia (2010-2011) davam-se por meio de Audições em um processo de escuta de lideranças de 380 comunidades quilombolas do Estado, com



minhas próprias pesquisas e de mim pesquisadora; participação atuante em grupos de pesquisas, tais como: *ACHEI* (Africanidade, Corpo, História, Educação e (In)Formação), *Griô: Culturas Populares, Ancestralidade Africana e Educação*; participação na organização de alguns eventos acadêmico, inclusive o primeiro *Encontro Internacional de Filosofia Africana no Brasil*, ocorrido em dezembro de 2013 e o *Seminário Ancestralidade e Educação* (evento idealizado por mim, e com-partilhado pela *Achei*, quando da minha qualificação do Mestrado e que se tornou um Seminário Nacional, ocorrido durante quatro dias acolhendo a defesa do mestrado); experiência no *Curso de Extensão “Corpo e Movimento”*, idealizado por Eduardo Oliveira onde aprendíamos filosofia africana, da ancestralidade e do encantamento sentindo / ouvindo / experienciando nosso corpo em espaços diversos, tais como praias, parques, escadarias, praças, de Salvador²⁴; assim como outras atividades que estão apresentadas na dissertação que se encontra disponível no banco de dados de dissertações e teses da UFBA.

Desse modo, essa tese propõe-se a ampliar os diálogos em curso, assim como criar outros diálogos possíveis desde minha atuação na *Rede Africanidades* (grupo de pesquisa do qual sou sócia-fundadora e que fora criado no I Encontro Internacional de Filosofia Africana que ocorreu em 2013 em Salvador, na UFBA), no *NACE* (Núcleo das Africanidades Cearenses), na *AAFROCEL* (Academia Afrocearense de Letras) na qual tenho assento na Cadeira 39, tendo a Ialorixá baiana Mãe Aninha (Eugênia Anna dos Santos) como Patrona. Mãe Aninha fundou o terreiro Ilê Axé Opó Afonjá em 1910. Estive nesse terreiro poucas vezes, lá conheci a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos onde nossa encantada Vanda Machado desenvolveu o Irê Ayô²⁵ (Caminhos de Alegria) que “tenciona outras possibilidades para formação, numa perspectiva de em-sinar colocando o que se ensina e o aprendente na mesma condição de desvelamento de caminhos de autonomia e solidariedade” (MACHADO, 2013, pp. 18-19), que busca “fazer emergir todas as possibilidades criadoras que podem ser alcançadas pelo sujeito da sua condição de aprendentes e ensinantes” (Idem). Lá também, no Ilê Axé Opô Afonjá, em

participação de professores/as e gestores/as das escolas quilombolas, assim como de escolas que recebiam estudantes quilombolas, contando, ainda, com as contribuições de movimentos sociais como o Movimento Negro, trabalhadores rurais, associações de classes, comissão pastoral da terra, coordenações regionais e estaduais de comunidades quilombolas, ativistas sociais, intelectuais da área, etc. As audições davam-se, geralmente, em dois dias. No primeiro trabalhávamos em grupos em torno dos seguintes temas: 1) Identidade Quilombola; 2) Educação e Escola Quilombola; 3) Eixos Pedagógicos da Educação Quilombola; 4) Princípios da Educação Quilombola e, 5) Ações. Ao final do dia fazíamos uma síntese para ser apresentada no segundo dia, onde realizávamos uma Plenária Geral apresentando essa síntese e fazendo uma “síntese da síntese” com a participação de todas as pessoas presentes. Geralmente, nos encontros, eu ficava com as temáticas relacionadas aos Eixos Pedagógicos e Princípios, focando nos conceitos de ancestralidade, tradição e pertencimento

²⁴ Corpo teoria. Líamos textos, mas experienciávamos muito com nossos corpos. Momentos íntimos compartilhados com a natureza, o concreto e as pessoas que se permitiam viver aqueles momentos.

²⁵ Iremos falar mais sobre a tessitura, o bordado desse projeto nos próximos capítulos.



um Amalá pude receber a benção da ancestral encantada Mãe Stella de Oxóssi, uma mulher que potencializa meu caminhar, meu viver... Essas andanças / pesquisas / escrituras também foram tecidas e fortalecidas pelo meu grupo de *Filosofia Africana*²⁶ e nossa atuação na ABPN (*Associação Brasileira de Pesquisadores Negr@s*) onde criamos a *Área Filosofia Africana e Afrodiáspórica*²⁷. Andanças que se fortalecem nas trocas formativas diversas (*rodas de conversas, mesas redonda, palestras, minicursos, oficinas, etc*) nos eventos acadêmicos, dentre outros, dos quais tenho participado.

Assim, no primeiro momento da pesquisa de doutorado desejava-se dialogar desde a filosofia africana no cotidiano, a formação mediada pela ancestralidade e pelo encantamento presente nos saberes tecidos pelos femininos conversando com as estéticas e sentidos presente nas máscaras geledés e dogons, entretanto, após a primeira qualificação, ocorrida em julho de 2017, a tese enveredou-se por um outro caminho, que foi o de com-versar desde saberes ancestrais femininos na filosofia africana e suas poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados. Importante demarcar que no intento inicial a preocupação com currículos e metodologias afrorreferenciadas já estava presente.

Gostaria de demarcar que compreendo que a formação para a compreensão e apreensão das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, assim como para a filosofia africana, faz-se não apenas por meio de leituras de textos teóricos, mas também, por meio de diálogos, vivências, experiências, ou seja, os acontecimentos do cotidiano, dos encontros e desencontros, da contingência que é o próprio viver, pois “a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante” (SANTOS, 2002, p. 238). A formação é experiencial. É a estética de sentidos bordando nosso ser / aprender / fazer em busca da experiência contínua da ética do bem viver.

Desse modo, foram muitos encontros e desencontros em meu caminhar que acabou por me trazer a pesquisar a filosofia africana mediada pelos saberes ancestrais femininos potencializando metodologias e currículos numa perspectiva de descolonização do conhecimento, além de afrorreferenciada.

Assim, no campo da educação a pesquisa intenciona refletir práxis formativas, descolonizadoras, desde currículos afrorreferenciados, onde educadora e educanda possam dialogar com o conceito, uma construção dialética e não impositiva. Um currículo que dialoga

²⁶ Temos um grupo de whatsapp que me fortalece continuamente em meu ser/viver!

²⁷ Que tem a professora Dra. Aline Cristina Oliveira do Carmo e o professor Dr. Eduardo Oliveira como coordenadores.



com o conhecimento desde uma relação com a educanda / educadora e a realidade no qual se encontram inseridas, estabelecendo uma reflexão do local com o global. Portanto, esse currículo demanda metodologias diferenciadas, diversas, implicadas. Desse modo, compreende-se que ensinar / aprender não é armazenar conteúdos, informações, mas participar do processo de construção desse conhecimento, é práxis, reflexão, pois o conhecimento se dá em movimento, não é produto estático, acabado. Assim, torna-se fundante a construção / produção / tessituras de currículos e metodologias afrorreferenciadas.

Nesse intento a pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

1.1.7.1. Objetivo Geral:

- ☞ Compreender como os saberes ancestrais femininos oriundos das filosofias africanas podem contribuir, desde as poéticas de encantamento, para criação de currículos e metodologias afrorreferenciadas, contribuindo com a descolonização do conhecimento e de sentidos.

1.1.7.2. Objetivos Específicos:

- ☞ Compreender como os saberes ancestrais feminino contribuem com a filosofia africana;
- ☞ Apresentar subsídios para construção de currículos e metodologias afrorreferenciadas;
- ☞ Tecer diálogos formativos para descolonização do conhecimento e valorização dos nossos próprios saberes;
- ☞ Bordar perspectivas de descolonização desde as poéticas de encantamento.

1.1.7.3. Problemática

Não visibilidade das mulheres negras na filosofia africana e afrodiaspórica e a ausência de valorização das metodologias para pesquisas em torno das africanidades e de currículos afrorreferenciados.



1.1.8. Natureza

Eu-Mulher²⁸

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

Eu, mulher, a natureza que tece meu ser-tão.

A tese está dividida em três partes, na primeira encontramos a *introdução*, *capítulos I e II*. Na segunda parte temos os *capítulos III, IV e V*, por fim temos a terceira parte onde encontramos o *capítulo VI e a In-conclusão*. Seguida das referências bibliográficas.

Nas *Andanças Introdutórias e Ancestrais* conto um pouco da minha história por meio da metodologia dos Odus, assim, apresento a caminhada que faremos, apresentando, também seus objetivos e sua problemática. Seguimos, então, para o primeiro capítulo, onde apresentamos a pesquisa, passando brevemente pela história da Lei 10.639/2003 e pela Filosofia Africana Contemporânea. O segundo capítulo traz perspectivas importantes para a tessitura da tese, do pensamento em torno dos saberes ancestrais femininos.

²⁸ Conceição Evaristo, *Poemas da Recordação e outros movimentos*, 2017.



A segunda parte, *Andanças Metodológicas e Curriculares desde os Saberes Ancestrais Femininos*, apresenta propostas metodológicas e curriculares afrorreferenciadas, onde voltaremos à Metodologia dos Odu, à Filosofia da Sagacidade, onde dialogaremos com a Pedagogia da Ancestralidade e com a Pretagogia. Além de apresentar propostas curriculares desenvolvidas na UNILAB.

Os Saberes Ancestrais Femininos tecem a terceira e última parte. Aqui apresentaremos experiências de cuidados ancestrais onde o feminino tece as filosofias africanas.

Antes de cada capítulo temos mitos ou contos e no decorrer do texto temos poesias, músicas... tessituras de nossos modos de ser / fazer / sentir.



A TERRA MEXIDA E PLANTADA DÁ FRUTOS²⁹

Era uma vez, quando o mundo foi criado, levou muito tempo que não existia nada plantado, pelo [ser humano³⁰]. Aqui morava um homem chamado *Okô*. Este nome ele recebeu de *Olorum*. Um dia *Olorum* chamou este velho caçador e disse: - Olhe, eu criei o mundo, porém faltam as plantações e eu quero que você assuma esta tarefa. Plantar é uma função muito especial para a construção do mundo. Eu preciso terminar um trabalho que comecei. Portanto, preciso da sua ajuda. Esta tarefa de plantar é sua. E tem mais; eu quero um mundo bem bonito com muitas plantas verdinhas no chão. Quero árvores fortes com boas sombras, quero muitas flores e frutos saborosos, e não esqueça de tudo que possa servir para remédio.

Okô ficou sentado no chão pensando: Que grande trabalho *Olorum* me deu. O que é que eu vou fazer?

Pensou, pensou e depois de muito pensar lembrou de que um dia nas suas andanças, tinha encontrado uma palmeira, um *igi opê*. Uma única palmeira que era a morada do menino do corpo reluzente. Este menino estava sempre com um pedaço de pau mexendo a terra. *Okô* lembrou de que naquele dia, ele teve uma conversa com esse rapazinho:

- Menino, o que você está fazendo ai o tempo todo mexendo na terra?
- Então você não sabe que a terra mexida e plantada dá frutos?
- Plantada como? Perguntou *Okô*.
- É, a gente arruma semente e tudo...
- Como arruma semente se ainda não existem árvores? Não existe nenhuma planta a não ser esta sua palmeira!

O menino lhe respondeu: - Olhe, para *Olorum* nada é difícil.

Okô ficou admirado com a sabedoria do menino e foi embora. Quase esqueceu aquele encontro.

Quando *Olorum* lhe deu esta empreitada, ele pensou logo no menino do corpo reluzente. Voltou ao mesmo lugar e lá estava ele, sentado embaixo da palmeira, cavando a terra.

O buraco estava bem maior. E daquele buraco já estava saindo uma terra mais vermelha. Então *Okô* perguntou ao menino: - Porque esta terra está saindo mais vermelha?

²⁹ Petrovich; Machado, 2004, pp. 35-37. Segundo as autoras o Mito fora aprendido com Mãe Beata de Iemanjá.

³⁰ No texto a autora e o autor escrevem "homem".



- É sinal de que existe algo diferente nas profundezas da terra... Veja onde eu estou cavando agora, observe que a terra é mais seca... agora, esta outra parte é mais molhada... E olha agora o que está saindo... é uma parte bem mais dura.

- Continue a cavar, menino. Vamos cavando. Cavando sempre sem parar.

Enquanto o menino estava cavando, a madeirinha que estava usando quebrou. Ele ai pelejou, pelejou, esfregou a parte que sobrou no chão e fez uma ponta. Naquele momento estava nascendo o primeiro instrumento agrícola. Com este instrumento os dois começaram a cavar alternadamente. Um cavava, depois o outro cavava... um cavava, depois o outro cavava... Agora tiravam lascas bem duras do meio da terra. Era o surgimento das lascas de pedra. Parecia que agora tudo podia ficar mais difícil.

Okô resolveu sair um pouco e foi dizendo:

- Vamos ver se fazemos algo melhor para cavar a terra. Vamos ver o que conseguimos fazer com estas lascas de pedra.

O menino do corpo reluzente continuou o trabalho e *Okô* lhe disse:

- Eu vou embora, veja se você sozinho consegue algo mais eficiente prá gente trabalhar.

Okô foi embora. E pelo caminho ia refletindo em tudo que se passara. No outro dia quando voltou, o menino estava com um fogo aceso e com vários pedaços de pedra dentro do fogo.

Quando o menino fez o fogo, fez também um canal saindo de dentro do fogo. No que as pedras iam derretendo iam formando novas lâminas. Assim foi criado o ferro. Daí em diante, *Okô* teve sempre grandes ideias sobre plantações, sobre a colheita e a lavoura.

E o menino do corpo reluzente? Quem seria o menino do corpo reluzente? Quem seria o menino misterioso e inventor de ferramentas?

O menino só podia ser *Ogum*. *Ogum* foi crescendo, aperfeiçoando e criando novas ferramentas para ajudar a cuidar bem da terra. Assim apareceram a enxada, o arado, a foice e tudo quanto é de ferramenta. Os dois juntos continuaram trabalhando nas plantações que têm grande importância para a vida do ser humano na terra.



2. A PESQUISA: O OBJETIVO INICIAL E O QUE SE TORNOU

Depois de um longo passeio por minhas andanças tecidas pela metodologia dos Odus, já apresentando algumas discussões importante desta tese, esse capítulo tem o intuito de apresentar as andanças do agora crocheteadas pelo ontem e o amanhã, pela ancestralidade encantada, implicada com descolonização dos sentidos, dos afetos, da construção epistemológica. Implicada, também, com a luta antirracista, o sexismo e a implementação da Lei 10.639 / 2003, além de um breve caminhar pela filosofia africana contemporânea.

2.1. A Lei 10.639 / 2003: breve caminhar e muitas possibilidades

A Lei 10.639 deu origem ao Parecer CNE/CP n.º 003/2004, em que Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva atuou como relatora por indicação dos Movimentos Negros. O Parecer regulamenta a referida Lei e indica os marcos legais e os caminhos das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*, obrigando a inclusão no currículo escolar oficial dos estabelecimentos oficiais e particulares, no Ensino Fundamental e Médio, demandando sua inclusão na Educação Infantil e no Ensino Superior, do estudo da História da África, dos povos africanos e seus descendentes, da luta dos povos negros no Brasil e o papel preponderante de suas culturas na formação da nossa sociedade, ou seja, busca de conhecer e ensinar sobre as brasilidades africanas, as africanidades brasileiras e a diáspora africana nas Américas. O Parecer 003/2004, de 10 de maio de 2004, tem o intuito de “oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade” (BRASIL, PARECER N.º: CNE/CP 003/2004, p. 10). Caracteriza-se por apontar uma “[...] política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os [povos] negros” (Idem). Implica-se em divulgar a



produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento etnicorracial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (Idem).

Um dos maiores objetivos da obrigatoriedade da Lei 10.639/2003 é o intento, a busca, a luta de implementar uma educação para enfrentar o racismo que “impactou e impacta a história de nosso país, sobretudo em uma das suas facetas mais nefastas que apaga os modos de pensar e produzir conhecimentos advindos do continente africano e de suas/seus descendentes na diáspora” (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 203). Pois a “luta contra o racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da identidade negra são processos complexos, desafiadores e que precisam ser desenvolvidos de forma enfática, persistente e contundente” (GOMES, 2018, p. 113).

Objetivos oriundos de cobranças epistemológicas, éticas, pedagógicas (curriculares e metodológicas), existenciais, formativas. Nesse sentido “mais do que abordar temáticas concernentes às histórias e culturas africanas e às recriações na diáspora, devemos credibilizar as possibilidades de mundo geradas pelas mesmas” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 46), assim, “mais do que pensar os terreiros e as culturas que o circundam existe a necessidade e a emergência de se praticá-los como possibilidades de invenção de outras rotas” (Idem). Não fugirmos das experiências, das práticas, nos alimentarmos, aprendermos e ensinarmos desde tais experiências, posto sermos tecidas por elas, pois

É na emergência por outros saberes, lançados como possibilidade de encantamento do mundo, que firmamos os pontos entoados em nossos terreiros / mundos. Terreiros que compreendem práticas, princípios e potências de saberes que confrontam a primazia de um modo de conhecimento eleito como único. Dos terreiros praticados emergem histórias, dentre as muitas que nos cruzaram e que alinhavam nossas redes de saber, e narrativas que contam sobre como parte dos saberes do outro lado do Atlântico foi trazido para cá. Estes saberes atravessaram o mar guardados em pedras (otás). Para nós, orientados também por uma ciência encantada, a produção do conhecimento e a sua socialização como formas de educação se estabelecem a partir da compreensão das experiências humanas como fenômenos que articulam vida e arte. (Ibid, pp. 46-47).

O conhecimento é parte do nosso estar no mundo, conhecimento encantado que potencializa a vida e assim o tecemos desde a arte do viver, pois sabemos o quão a vida é sagrada e sacralizada em nosso existir. Eis, então,

a encruzilhada transatlântica e os corpos pretos como os primeiros terreiros inventados nas experiências de trânsito contínuo. Suportes de memórias e sabedorias que em diáspora inventaram outros saberes, mundos, cotidianos, territórios e possibilidades de sobrevivência em forma de potência de vida: terreiros. (Ibid, p. 47).





Os terreiros, nossos lugares de experiências, vivências, brincadeiras, artes, trabalhos, escutas, criações, cuidado, aprendizados, encanto, é o “tempo/espaço onde o saber é praticado” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 42), espaços inventados (criados) que inventam (criam e re-criam), assim,

apontam para uma vasta ecologia de pertencimento e para a dimensão de uma cosmopolítica das populações negras no Novo Mundo. [...] ressaltam as tramas das identidades negras, compreendidas como processos históricos e políticos, que sob as orientações do conceito de diáspora são levados à contingência, a indeterminação e ao conflito. (Ibid, p. 45).

Nossos espaços de terreiros³¹ que nos integram com a natureza e a comunidade, em um tempo outro, onde ralamos joelhos, aprendemos a vida, a viver... onde acendemos fogueiras para contar e ouvir histórias, onde ficamos de papo para cima vendo o céu tomado por estrelas, onde reverenciamos o sol e a lua, onde corremos sob a chuva, onde esperamos o feijão secar, onde plantamos baobás, onde as crianças admiram as vacas, os bois, os carneiros, as ovelhas, os bodes, as galinhas, os perus, os capotes, os cachorros... onde crianças e pessoas adultas aprendem a liberdade e a inventividade da pipa solta, da linha que sustenta, da avó contando histórias lidas em livros, do avô contando histórias dos terreiros, onde lavamos, botamos para quarar e estendemos roupas, onde ariamos as panelas e colocamos sob o sol para ver seu brilho, onde realizamos cultos e outras festas, onde Dona Ciné fazia as panelas de barro, onde Dona Maria Peroba fazia suas simpatias para minha irmã com síndrome de down aprender a andar (ela demorou muito tempo), onde aprendi a ser correndo, caindo, sorrindo, chorando... São “tempo/espaço educativos assentado sobre outras lógicas de saber”, pois

O terreiro, a roda, a esquina, o barracão e todo e qualquer tempo/espaço em que o saber é praticado em forma de ritual está a se configurar como um contexto educativo de formações múltiplas. Contextos firmados por educações próprias, inscritas na cultura e nos modos de sociabilidades. Educações que apontam para outras formas de aprendizagens articuladas a diferentes possibilidades de circulação das experiências. Esses diferentes modos de educação, gerados nas frestas e nas necessidades de invenção da vida cotidiana, evidenciam a potência dos saberes de mundo que se

³¹ Estou falando de terreiros diversos que nos habitam e que habitamos. Terreiros onde nasci e ainda “moro” (também é minha casa, ainda que só passe alguns poucos dias do ano lá), terreiros das casas de pessoas amigas, tios, avôs, do primeiro Grupo Escolar onde estudei. Terreiros afetos dos quilombos e de assentamentos por onde andei e por onde ando. Os terreiros que há em nós... Aqui, potencializo os terreiros do meu interior, do interior de mim, do meu sertão, os terreiros da casa onde nasci e cresci, das casas dos avós, das tias e tios, das vizinhas, os terreiros do Quilombo “Água Preta” onde encontrei alegria, afeto e cuidado em momentos difíceis durante as andanças da construção dessa tese... Entendo esses terreiros do sertão, dos quilombos, dos assentamentos, como espaços de potência, quilombos afetos, territórios de aprendizagens, da construção de nosso ser. Compreensão essa reverenciando a criação dos terreiros onde cultuamos nosso axé, os terreiros de Candomblé e Umbanda, espaços de resistências, cuidados e potência da vida desde os saberes ancestrais africanos. Os terreiros do sertão, dos quilombos, dos assentamentos são espaços outros de re-existências e fortalecimento de nosso estar no mundo. Não faço comparações, “cada qual” tem seu valor, sua potência, talvez sejam complementares. Os terreiros ontem me ensinando a ser e os terreiros hoje me ensinando a pertencer, a continuar.



assentam sob a perspectivas da corporeidade, oralidade, ancestralidade, circularidades e comunitarismo. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 45-46).

Figura 4 - CASA



Fotos do meu terreiro afeto. Minha casa. A casa onde nasci. Meus pais, meus sobrinhos (falta Davi, o mais novo), meus irmãos, algumas pessoas amigas da família... Festa... Plantando o Baobá... Nosso cotidiano... Brincar, correr, aprender a andar, soltar pipa... As fotos são dos anos de 2015, 2017 e 2018, excetuando a foto antiga onde estou correndo ao lado meu irmão Adilberto.

A educação para as relações étnico-raciais é tecida pela diversidade, pelos muitos modos de aprender / ensinar, além da multiplicidade de espaços educativos. Ela tem por alvo “a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (SILVA, 2007, p. 490). Nesse sentido, intenta-se formar pessoas comprometidas “com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação” (Idem). Diálogos tecidos, experienciados, bordados em nossos espaços / encruzilhadas: terreiro, roda, esquina, barracão, etc.

O ensino de história e cultura africana e afro-brasileiro intenta ser tecidos por nossas escrevivências, nossos saberes e modos de ser / aprender / ensinar, nossos sentidos e sensações, nossas percepções. Intenta bordar estéticas de bem viver! Bordar com as linhas do cosmoencantamento, linhas tecidas pela ancestralidade, pelo fortalecimento de nossa origem, de nosso pertencimento.



A obrigatoriedade da Lei 10.639/2003 é transversal a todas as áreas do conhecimento, assim a filosofia não foge da obrigatoriedade em implementá-la. Entretanto, ainda temos uma filosofia profundamente fundamentada na perspectiva ocidental, perspectiva essa que nega a origem da filosofia em solo africano e ainda coloca em dúvida a existência da própria filosofia africana. Por que será? Acredito que a resposta principal gira em torno da concepção de que o racismo estrutural é a raiz, a base do capitalismo, a base do pensamento filosófico ocidental.

Porém, é tempo de travessia, de contar experiências e partilhar seus sentidos, como nos ensina o filósofo camaronês Jean-Godefroy Bidima (2002), e não mais tentar provar a existência da Filosofia Africana, somos seres históricos, contadores de histórias, produtores de conhecimento. Bidima (Idem, p. 01, grifo do autor), nos diz que a “primeira história que foi contada pela e sobre a filosofia africana girava em torno de sua IDENTIDADE”. Posteriormente “os relatos de uma história produzem outras configurações e conexões através de múltiplas intrigas e como eles variam, os relatos do paradigma da IDENTIDADE tornaram possível o paradigma da TRAVESSIA” (Idem). As narrativas sobre a “identidade africana e a especificidade de sua filosofia [...] lutando para recolher pedaços de uma ‘memória africana’” destrozada pela colonização europeia, afirmavam posições que para Bidima promovia o “*aquilo a partir do que*” (Idem, grifo do autor), já “as narrativas sobre a TRAVESSIA não afirmam uma identidade africana”, nesse sentido “o paradigma da travessia não diz o que *é* a história africana ou a filosofia na África, mas libera *suas disposições* e tenta identificar, numa história com contornos irônicos, o que significa ser implicado numa imanência” (Idem, grifo do autor). Ou seja, o importante agora é dizer, pensar, refletir sobre o que o continente africano tem sido, suas dimensões e incompletudes, o necessário é, então, privilegiar o “*ainda não*”, assim, ouvir o fugaz, revestir-se do devir ancestral, encantado, das encruzilhadas de suas tessituras. O importante agora é criar desde nossas experiências, nossas tradições e modos de ser / pensar / sentir / perceber sem preocupar-se em seguir na afirmação contínua de que existe e do que é a filosofia africana, ou seja, de provar sua existência. A memória ancestral é compreendida como potência criativa, travessias como possibilidades inventivas, percepções outras da vida, do mundo, mais território, territorialidades e menos geografia. A filosofia africana é tecida por histórias e memórias ancestrais que também estão no presente, permitindo um futuro!



2.2. Filosofia Africana Contemporânea: Breve Caminhar

Ainda que já tenha algumas publicações, inclusive um livro oriundo da dissertação de mestrado, onde trago uma discussão acerca da filosofia africana contemporânea, correndo o risco de ser repetitiva (diante de quem conhece tais textos) e também o risco de autoplagio, penso ser importante trazer essa breve historiografia. É fundante rememorar. Considero importante tecer esse “retorno”, pois em anos de pesquisa acerca da filosofia africana o acesso a texto de filósofas africanas é praticamente inexistente, o feminino, as mulheres não são eleitas como temas dessa filosofia, as mulheres não são traduzidas, raros trabalhos chegam em terras brasileiras, mesmo não traduzidos. O que denota que a filosofia africana contemporânea, ainda que marcada pela retorno às suas tradições, pelo feminino, tem sido tecida pelo patriarcalismo, silenciando vozes das mulheres pensadoras africanas.

O camaronês Jean-Godefroy Bidima (2002, p. 02, grifos do autor) afirma que “o essencial não é mais aqui dizer o que a África foi (de onde se vem), mas *o que ela se torna (aquilo através do que ela passa)*. Pensamento de mediações, reflexões sobre translações, a travessia exprime sobre o plano temporal a incompletude da história africana”. Ou seja, é momento de nossas escrevivências, do aqui, agora, de como a tradição fortalece o fazer / ser na atualidade, pois a tradição se molda aos novos tempos, ela não é estática, é fluída como as águas de Oxum. A tradição é a “memória vida de um povo, onde nem o tempo nem o espaço se apresentam como um limite. Os valores que garantiram a integridade, a vida e a dignidade de nossos ancestrais escravizados continuam a criar caminhos de libertação” (MACHADO, 2013, p. 94). A tradição, como nos ensina Hampâtê Bâ (*apud* MACHADO, 2017, p. 15),

deve ser considerada como uma árvore. Há o tronco, mas há também os galhos. E uma árvore sem galhos não dá sombra. É por isso que as tradições devem podar elas mesmas os galhos que morrem. Sou contra a conservação cega e total das tradições como sou contra a negação total das tradições porque isso seria uma negação, uma abdicação da personalidade africana.

É hora de privilegiar o *ainda não* e, assim, promover o “imperceptível fugaz, ao que não foi retido pela exegese oficial dessas filosofias e finalmente quer compreender uma história que a *com-prende* já nas suas narrativas” (BIDIMA, 2002, p. 02, grifo do autor). Ou seja, é necessário compreender o cosmoencantamento que tece, costura, borda as filosofias africanas contemporâneas em uma relação intrínseca com as tradições.

As filosofias africanas contemporâneas com sua diversidade e transversalidade nasce do encantamento, pois é uma implicação diante da vida. É tecida pela cosmopercepção de



sua diversidade cultural, o aprender / ser / criar / pensar de corpo inteiro, pois a cosmopercepção “...é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (...) que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo uma combinação de sentidos” (OYĚWÙMÍ, 1997). Assim, quando Oyèrónké Oyěwùmí cria esse conceito, em acordo com Aline Matos Rocha (2018, p. 44),

a epistemóloga não está abrindo mão da noção de cosmovisão, mas sim do seu privilégio visual sobre os outros sentidos, sua universalidade, e sua restrição para se pensar tudo, marginalizando o fato de que há um consenso sobre a primazia da palavra falada (audição como sentido) sobre a palavra escrita (visão como sentido), na produção do conhecimento para os povos iorubás, onde a oralidade (e portanto, a audição), não pode ser secundária diante da visão. Oyěwùmí, está problematizando que se há outras sensações envolvidas no ato de ver, não podemos apenas utilizar a metáfora da cosmovisão para todas as sociedades no mundo. Cabe salientar que para a cultura oral, uma metáfora jamais perde seu objeto inicial: não existem metáforas mortas para os iorubás. Desse modo que a noção de cosmovisão (mesmo os ocidentais afirmando existir uma noção ampla de visão ou olhar) sempre se remeterá aos olhos e sua capacidade de enxergar.

Portanto, é uma filosofia tradicional que se movimenta desde as sabedorias de ontem, hoje e amanhã, memória e travessias, sensações, percepções. Sabedorias de ontem que se atualizam hoje permitindo outro amanhã. Sabedorias oriundas dos movimentos próprios de ser / existir / sentir de corpo inteiro. Corpo inteiro cheio de sentidos, produtor e condutor de conhecimento, corpo templo-ancestral, e não um corpo marcado por um olhar que diferencia, como chama a atenção Oyèrónké Oyěwùmí (1997, *apud* ROCHA, 2018, p. 46) ao afirmar que:

A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao ‘ver’. O olhar é um convite para diferenciar.

Desse modo, a filosofia africana contemporânea é uma filosofia aberta para os acontecimentos, filosofia dos sentidos, do corpo-templo ancestral, da diversidade, dos encontros / encantos, encontros com a diversidade cultural e a diversidade que há em cada uma de nós. Onde a diferença é compreendida como possibilidade, como atitude, como uma ética de sentidos e potencialização da vida. Filosofia que cria e encanta mundos, ressignifica e dá sentidos, ética implicada no cuidado de si e das pessoas, filosofia do desejo e respeito por todos seres existentes. Filosofia da Natureza! Do ser! Do pertencer!

Essa filosofia tem a cultura, em sua diversidade, como grande eixo da sua constituição, origina-se das experiências, das travessias diversas, valorização de si, de nosso povo, de nossos saberes, da busca por justiça, pois que:

A filosofia africana na sua valência política deve contribuir para a realização das exigências de justiça. Por conseguinte, filosofar sobre a acção significa interrogar as





legitimidades edificadas pelos homens (nacionais e internacionais), e tentar dar palavra às pessoas, grupos e culturas que foram privadas dela até aqui. A filosofia não se pode contentar em justificar o status quo, mas, ao contrário, deve dessacralizar os equilíbrios políticos que parecem únicos. [...] contracto cultural, social e político. (NGOENHA, 2011, p. 211).

Inicialmente³² o intento fora resolver os problemas desde concepções próprias de vida, suas culturas, crendices, mitos, poesias, provérbios, contos, saberes, etc... Assim, “ocupou-se essencialmente de problemas particulares do mundo negro: luta contra a escravidão, integração social das diásporas, emancipação política, luta contra a pobreza absoluta” (NGOENHA, 2011, p. 69). Complexidade do coletivo tecendo e sendo tecida pela complexidade das culturas locais, buscando coerência com seu chão, seu pertencimento, com seus valores para reencontrar-se, re-encantar-se, implicando-se no fortalecimento de si, de sua comunidade. Entretanto, os assuntos da filosofia africana ultrapassaram questões endógenas, refletindo acerca da justiça para além do “âmbito afro-africano”:

debruçar-se sobre questões que ultrapassam o âmbito afro-africano, e por conseguinte, a qualidade e a pertinência da resposta podem constituir uma contribuição africana no âmbito da filosofia em geral, mas também, dada a natureza polissêmica da justiça, ao direito, a moral e a política (Idem).

A complexidade implica na mudança de paradigmas da produção de conhecimento, pois escapa da fragmentação de saberes, da sua simplificação, de uma especialização exacerbada, de um pensamento único, universal, brancocêntrico, patriarcal. A complexidade leva a compreensão de quem somos, do nosso lugar no mundo, reconhecendo nossos limites e os problemas que nos assolam, reivindicando direitos, lutando por justiça, não individual, mas coletiva, pois estamos todas interligadas. Assim, a preocupação fundante dessa filosofia é com a comunidade, com a pessoa, com a justiça... partindo da própria natureza, pois, na cosmopercepção africana o ser humano não existe sem a natureza, desse modo, essa filosofia, ao partir do próprio seio, do seu contexto, do seu ventre, caracteriza-se por estar intrinsecamente ligada a cultura, a natureza, onde as análises críticas dos pensamentos que a bordam aparecem como outro modo de pensar, distinto do europeu, entretanto, muitas vezes apresenta influências do “seu” pensamento, pois muitos filósofos tem uma formação europeia. É importante pontuarmos que a colonização deixou muitas marcas, muitas delas entranhadas em nossos corpos físicos, psíquicos, espiritual, epistemológicos.

Jean-Godefroy Bidima (2002, pp. 02-03), traz a seguinte memória crítica do início da filosofia africana contemporânea:

³² Vide Adilbênia Machado, 2019, cap. III.



Era uma vez um belga que tinha tanta pena dos africanos vítimas da depreciação colonial que ele se acreditou obrigado de contar-lhes uma história formando uma filosofia por eles, modelada em medida banta (estilo próprio aos africanos das regiões equatorial e austral): a famosa *filosofia banta* [*La philosophie bantoue*, Placide Tempels, 1949]. Os que deviam se beneficiar dessa gratificação se cindiram em dois campos: os receptores fiéis [Alexis Kagame de Ruanda, *La philosophie banturwandaise de l'Être*, 1956. Jean-Calvin Bahoken. *Clairières métaphysiques africaines*, 1967] que, na sequência de alguns filósofos europeus [Louis Lavelle e Gaston Bachelard homenagearam a obra de Tempels em um número especial da revista *Présence Africaine* consagrada à *Philosophie Bantoue* de Tempels em 1949], se engajaram em frutificar a dádiva recebida e os descontentes que não a aceitaram, achando-a falsificada, lhe batizaram etnofilosofia [Marcien Towa e Hountondji são os primeiros a denunciarem a etnofilosofia de Tempels].

Para Bidima (2002, p. 03), desde essa história oriunda do livro do padre belga Placide Tempels, surgem outras histórias, a principal seria em torno do *anátema* da filosofia africana, onde, por muitas décadas os filósofos africanos estavam divididos em “a) críticos da etnofilosofia em nome de um conceito dito universalista de filosofia e b) partidários da etnofilosofia tornada desde então o filosofema pelo qual se julga quem é verdadeiramente filósofo africano ou *eurofilósofo*”. Essa discussão acerca da identidade da filosofia africana, que aconteceu durante muitos anos em seu início, implica em dois fardos que se carrega, que seriam o *fardo do anúncio* que é missionário e o *fardo do colonizado*. O *fardo do anúncio*, como diz Bidima (Idem), é missionário, é, então,

razão pela qual essa fábula de um certo nascimento da Razão foi contada às colônias e, para melhor fundar a pertinência da boa nova, se imprimiram livros e se sustentaram programas que tentam trazer os colonizados a suas justas proporções. A partir da história do anátema se pôde dizer o quanto a filosofia ocidental excluiu os africanos da trajetória da Razão. Os ocidentais se arrependeram tanto dessa exclusão que admitiam como filosofia africana tudo o que os africanos apresentavam como tal. Esqueceu-se, somente, nessa história do anátema, de examinar as instâncias profundas e o seu funcionamento junto aos filósofos africanos. Que jogos e apostas se tecem em torno e sobre os seus discursos quando eles falam não *uns aos outros*, mas *uns dos outros*?

Esse anúncio, “missionário”, explicaria a razão pela qual nos programas dos componentes curriculares em torno da filosofia africana “sejam os mesmos nomes e textos que atravessam os programas desde os anos 70 e que contam a mesma história colonial às novas gerações que, sobrecarregadas por problemas econômicos, não compreendem esse discurso sobre a identidade africana?” (Idem). Para Bidima,

no lugar de se limitar a dizer quanto os ocidentais excluem ou excluía os africanos da filosofia, seria preciso também contar como a crítica do desprezo colonial se tornou *uma fixação obsessiva* para os filósofos africanos, dispensando esses de *fazer uma autorreflexão* que teria podido mostrar como foram apagados aqueles que – filósofos africanos – não aderiram à problemática da identidade africana a revalorizar (2002, p. 03, grifos do autor).



Dessa forma, a história da filosofia africana seria lida como “uma história de vencidos tornados vencedores de seu próprio campo” e não “como uma história dos vencidos do colonialismo que demandam um reconhecimento de sua humanidade” (BIDIMA, 2002, p. 03). Esse é o *fardo do anúncio* ou o *fardo dito do homem branco*, que, segundo Bidima, “em nome do qual se evangeliza, se cristianiza contando aos [povos] africanos a história de uma Razão atemporal e perambulante que, no entanto, viajava na história mas cujo lugar principal era grego” (Idem).

O segundo fardo é o *do colonizado*. Bidima nos diz:

Todo ato linguístico pode produzir efeitos ilocucionários pelos quais a mudança de comportamento dos interlocutores se opera. O nascimento da Razão grega, o de Jesus Cristo na Palestina e o de Maomé na Arábia, uma vez anunciadas na África provocaram dois tipos de comportamento. Primeiro, houve uma *autoculpabilização do colonizado* cuja cultura e as “Grandes Narrativas” não eram sustentadas militar e tecnologicamente. A autoculpabilização encaminhou a uma espécie de *ódio de si* (Lessing). Depois, emergiu um comportamento reativo: o colonizado oscilou entre *uma linguagem de empréstimo* para *provar* que a racionalidade era universal, e *uma linguagem tribal e muito provinciana* para provar que ele continuava autêntico e que não se deixou corromper no encontro com o outro. (2002, p. 04, grifos do autor).

O que implica que o *fardo do colonizado* é o fardo da *prova*. Dedicamos anos da história da filosofia africana contemporânea tentando provar nossa “racionalidade”, provar sua existência, em uma relação com o que o colonizador diz ser filosofia. Portanto, “toda a filosofia africana escrita nos últimos quarenta anos leva as marcas desses dois fardos” (Idem), onde o encontro de tais *fardos*

deu lugar a um pensamento reativo, choroso e aborrecido. Um africano não podia filosofar sem evocar a aventura *colonial, a escravidão e as tradições*. Colonialismo, escravidão e tradições se tornaram *quadros a priori* de toda fala filosófica africana. Nesse meio tempo se adicionaram dois elementos a esse quadro: a ideia do *desenvolvimento* e aquela de *reapropriação dos saberes tradicionais*. (Idem, grifos do autor).

É momento de criar, filosofar sem estarmos presas a estes fardos, ultrapassar os “tiques de escrita e hábitos relativos às escolhas temáticas”, como nos diz Bidima (2002). Para ele, esses tiques de escrita e de hábitos em relação às escolhas de temas se dão em três níveis:

1) Quando esses discursos pensam o *Outro*, eles subentendem o ocidental. São discursos que funcionam em uma dialética de rejeição, de reconhecimento, de assimilação e de imitação do outro que não é senão o ocidental. O hábito colonial limitou essas filosofias a olharem somente o ocidente. (BIDIMA, 2002, p. 05).

Ou seja, é fundante descolonizarmos essa linguagem e essa construção filosófica, a filosofia, e entendermos que há outros paradigmas para o pensar / criar / filosofar, outras



relações não apenas são possíveis como também necessárias. Essa descolonização implica na compreensão da pluralidade de vozes, de pensamento, pois, como nos diz Renato Nogueira (2014, p. 23), “o conhecimento é um elemento-chave na disputa e manutenção da hegemonia. [...] o estabelecimento do discurso filosófico ocidental como régua privilegiada do pensamento institui uma desigualdade epistemológica”. Essa desigualdade implica no racismo, no epistemicídio, na desconstrução e eliminação do Outro, na exclusão das mulheres, ou seja, “uma injustiça cognitiva que cria escalas, classes para o pensamento filosófico, estabelecendo o que é mais sofisticado e o que é rústico e com menos valor acadêmico” (Idem), tal injustiça é “capaz de definir *status*, formar opinião e excluir uma quantidade indefinida de trabalhos intelectuais” (Idem). Colonização do pensamento que afeta nossos corpos em todos seus sentidos. Colonização do pensamento que perpetua o pensamento ocidental (brancocêntrico, falocêntrico, machista, patriarcal) como régua para as construções epistemológicas em todo e qualquer lugar.

Nesse sentido, a pluriversalidade, o pluriverso, “tem um alcance maior do que universo e universalidade, na medida em que o paradigma da pluriversalidade é um modelo aberto que inclui a universalidade” (NOGUEIRA, 2014, p. 33). A pluriversalidade é tecida pela inclusão, assim, é um convite para pensar, filosofar, desde “a tática da inclusão – ‘isso e aquilo’”. [...] existem vários universos culturais, não existe um sistema único organizado em centro e periferias, mas um conjunto de sistemas policêntricos em que *centro* e *periferias* são contextuais, relativos e politicamente construídos”. (NOGUEIRA, 2014, p. 33-34).

O segundo nível dos tiques de escrita e de hábitos relacionados às escolhas de temas da filosofia africana, gira em torno da epistemologia, ou seja:

2) Sobre o plano *epistemológico*, são discursos que dialogaram bastante com a etnologia, a literatura e a antropologia política. Faltou a esses discursos uma reflexão sobre o *direito* (a punição, a confissão, a reparação etc.), sobre a *economia* (o papel do dinheiro, as noções de dívida, de valor) e sobre a *psicanálise*. O papel do inconsciente, se se pode se dizer com certeza, como alguns, que ele é estruturado como uma linguagem, pode constituir o objeto de uma análise antropológica na qual se poderia notar as proibições fundadoras de toda sociedade. (BIDIMA, 2002, p. 05).

É, então, a descolonização dos sentidos, da linguagem, do pensamento: “Fanon denunciou o discurso eurocêntrico que insistia em denominar as colônias de: terras sem saber, estéreis, para o conhecimento válido das ciências e da filosofia. Numa frase, propôs a descolonização do pensamento” (NOGUEIRA, 2014, p. 43). Descolonizar o pensamento também implica na compreensão de como o racismo atua na economia, na educação, na cultura,



na validação dos nossos direitos e na contribuição da resolução de diversos problemas psicológicos oriundos da destruição imposta pela colonização, da sua desumanização.

O terceiro ponto dos tiques e escritas e hábitos das escolhas temáticas da filosofia africana é fundante na construção dessa tese, vejamos o que diz Bidima: 3) Em relação às vozes que representam os atores e as temáticas dessas filosofias, **as mulheres e as crianças** estão ausentes (BIDIMA, 2002, p. 05, grifos meu). Esse é um ponto importante da tese: a ausência de mulheres, (ainda que tenha uma presença fundante do feminino na construção do pensamento africano) nas temáticas da filosofia africana, na sua divulgação. Por isso, há, aqui, a proposta de crochetear o pensamento da filosofia africana desde vozes femininas. É importante demarcar que compreendo o pensamento africano delineado, crocheteado pelo materno, pela perspectiva matrilinear, matrigestora, entretanto, as vozes femininas são silenciadas a medida que o pensamento africano vai sendo escrito e divulgado por vozes masculinas, mais: pela filosofia profissional que é marcada pelo patriarcado, pela colonização, por um currículo colonizado, branconcêntrico, colonizador.

Ao apresentar os três pontos, Bidima (2002, p. 05) afirma que há uma

falência de um pensamento da alteridade entre os filósofos africanos em benefício de um pensamento da identidade (africana), em todo caso, a questão da identidade se encontra na constituição da “memória africana” tornado o ponto nevrálgico pelo qual a história africana se reconstitui.

A memória africana é ancestral, é a tradição que perpassa o tempo e a geografia. É feminina, é fonte, chegada e partida.

O filósofo nigeriano, especialista em filosofia africana pós-colonial, Emmanuel Eze (2001, p. 65) diz que “al tener a la emigración y la inestabilidad como elementos crónicos de la moderna historia de África, la filosofía debe hallar modos de dar sentido a (y hablar de) las multiplicidades y los pluralismos de estas experiencias ‘africanas’”. Eze também aborda a necessidade de trazer a pluriversalidade para a construção do pensamento filosófico africano.

Em nosso caso, como afro-brasileiras que somos, falamos das experiências que são frutos da diáspora, experiências essas que são perpetuadas e atualizadas por meio da memória, da ancestralidade, que ao ser re-conhecida, sentida, muitas vezes parida, e ao provocar encantamento potencializa nosso existir / estar no mundo. A complexidade própria da ancestralidade e do encantamento tecendo nossa criticidade contínua, nosso refletir criticamente nos move, instiga nossa curiosidade para conhecer / ser. Compreender que os conhecimentos são interligados, como em uma teia. A teia de Ananse ✨ (MACHADO, 2014, 2019).



Assim, a perspectiva é filosofar, transmitir o conhecimento oriundo de nossas vivências / experiências / histórias / memórias, compreendendo-se numa relação que parte do local para o global, é de casa para o mundo, de nossos terreiros para os terreiros do mundo, e não do mundo para casa, são as travessias de nosso ser / viver. Compreensão do ser humano em sua completude, da pessoa em sua integridade, desse modo, a educação oriunda da ancestralidade e do encantamento afrorreferenciado é perpassado por inspirações, criticidade, desejo e respeito pela diversidade, inclusive a que existe em cada uma de nós, sempre em uma relação de corpo inteiro, com todos os sentidos, onde a razão só existe delineada pela emoção, pela sensibilidade, pelos sentidos, pela escuta sensível... com poesia, ou seja, a ética de viver no coletivo tecido pela implicação com a vida. Saberes delineados pela arte do encontro / encanto, pelas relações com nossa intimidade e com o que está a nossa volta, com todos os seres existentes, visíveis e invisíveis, com a valorização de nós mesmas e da natureza.

Alguns filósofos e historiadores gregos confirmam a tese da origem egípcia da filosofia, das ciências e das artes em geral ao discorrerem acerca do seu lugar de formação, ao apontarem suas fontes primeiras de aprendizados e reflexões filosóficas (MACHADO, 2012, 2014, 2019). Eugenio Nkogo Ondó, filósofo da Guiné Equatorial, em seu livro *Síntesis Sistemática de la Filosofía Africana* (2006, p. 36) afirma que:

fueron los griegos, los primeros europeos, quienes en la antigüedad descubrieron a África, via Egipto, como cuna de la sabiduría. Desde aquella época hasta hoy, sólo un número muy reducido de especialistas en la cultura griega se han atrevido a estudiar con profundidad las excelentes relaciones que existían entre el mundo clásico griego y el mundo antiguo africano, para determinar cuál fuera la aportación de África al saber universal.

Para Emmanuel Eze (2001, p. 55) a obra *África: história de um continente* e a obra *El genio africano* de Basil Davidson sinalaram:

que los más antiguos testimonios de encuentro entre los reinos europeos y africanos, a comienzos del siglo XV, se revelan como informes notables de tratos entre iguales (el intercambio de consejeros diplomáticos era una rutina), y como estuistas relatos acerca de las prósperas y vibrantes naciones de Bini, Dahomey, Ashanti, etc., cuyos poderes de organización e influencia eran continuamente comparados, de un modo favorable, con los del pontificado romano.

Podemos perceber, então, que os próprios estudos sobre a origem da filosofia provam sua origem na África Negra. No entanto, o tema “filosofia africana” é recente nas investigações científicas, há pouco mais de sessenta anos começou-se a realizar tais reflexões, tendo-as como tema acadêmico de investigação, debate e aprendizagens, ou seja, “o início do debate filosófico africano moderno equipara-se para muitos à sua entrada como disciplina



acadêmica nas universidades em África” (SEILER, 2009, p. 22). Tshiamalenga (*apud* ONDÓ, 2006, p. 42) considera que:

La filosofía africana contemporánea estaría, a su vez, constituída por los esquemas hechos por los filósofos africanos y africanistas, inspirados en métodos científicos, ya sea para ‘restituir’ un pensamiento africano tradicional original, ordenado por la fidelidad a los valores ancestrales y por los imperativos de la liberación, ya sea para criticar, de forma constructiva, las investigaciones africanas em curso.

Paulin Hountondji, filósofo da República do Benin, compreende não ser surpreendente a recusa do Ocidente, do pensamento ocidental, em aceitar que os povos africanos empregassem o conceito de filosofia, aparecendo na *elite* intelectual. Pois que, é sabido que a sociedade que “domina” o conhecimento julga que as civilizações africanas com base em culturas orais não têm o exercício intelectual que leva a uma análise rigorosa e a conceituações acerca do desenvolvimento moral, físico, psicológico e ético, enfim, as civilizações africanas não poderiam dominar os princípios de conduta do bem viver, de construções epistemológicas, racionais como os povos do Ocidente. Esse racismo epistemicida e genocida desses que se dizem “dominadores” do conhecimento, além de modelo de humanidade, dá-se na medida em que julgam os povos africanos como incapazes de pensar de maneira lógica, racional, científica, afirmando assim a ideia de superioridade intelectual europeia. Um processo que

enfraquece a criatividade vinda da própria experiência de outros lugares que não aparecem como nucleares para a produção do conhecimento e da filosofia, além de invisibilizar a rica e multifacetada produção de pensamento filosófico fora do citado eixo. Uma filosofia descolonizada estaria comprometida em pensar não apenas o local, mas desde o local, pensando estratégias que, atentas ao modo eurocêntrico de produzir conhecimento e filosofia, teriam as filosofias produzidas na Europa e nos EUA como apenas algumas entre outras formas de produzir a filosofia, o que ampliaria o aspecto da discussão sobre modos de produção filosófica (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 80).

Hountondji, no primeiro momento da sua produção intelectual considera que a filosofia africana pode ser resumida em uma série de textos escritos por pessoas africanas e qualificados como filosóficos pelos próprios autores, ele diz: “a meu ver a filosofia africana não devia ser concebida como uma mundivisão implícita partilhada inconscientemente por todos os africanos. Filosofia Africana não era senão uma filosofia feita por africanos” (*apud* CASTIANO, 2010, p. 123). Posteriormente, após críticas recebidas em relação a essa sua concepção inicial e seu amadurecimento, Hountondji admitirá que também pudesse conter textos orais nessa filosofia, tendo em vista a importância fundamental da cultura oral na cosmopercepção africana.



O ganês Kwame Gyekye desde o início da sua produção intelectual rejeitará a perspectiva de que a filosofia africana consiste meramente no trabalho de pessoas africanos em escrever sobre filosofia. Para ele essa filosofia surge a partir do momento em que a pessoa africana pensa em si, na sua cultura, no local onde vive, proporcionando uma filosofia ligada à cultura, aos acontecimentos do cotidiano, às experiências.

Assim, conclui-se que são as análises críticas específicas do pensamento tradicional africano que irá proporcionar essa filosofia distintamente africana. Uma forma própria, além de diversa, de refletir, de criar, de filosofar, onde a oralidade apresenta-se com grande força construtiva de reflexões e construções filosóficas, pois,

la expresión característica de la filosofía africana es que ella, además de la escritura, conserva una vieja, milenária tradición oral más que otras culturas, de tal manera que, “Em África, cuando muere un viejo es una biblioteca que se quema”, como há asegurado inteligentemente nuestro filósofo tradicionalista Amadou Hampâté Bâ. (ONDÓ, 2006, p. 41).

Portanto, não é possível uma filosofia sem cultura, sem oralidade, sem tradição, sem ancestralidade, sem pertencimento, especialmente para nós pessoas africanas não nascidas em África, assim,

é necessário venerar os antepassados e a tradição: o passado ensina, orienta. As contadeiras de história, as “pretas velhas”, as cantigas e as palmas...: tudo são ensinamentos e valores de uma tradição corporal que dão sustento, estruturam personalidades e transmitem uma pedagogia... (CARNEIRO, 2006, p. 27).

Transmissão das filosofias, modos de ser do povo preto. Desse modo, o filósofo afro-brasileiro Eduardo Oliveira (2006, p. 165), considera que a filosofia africana se baseia nos seguintes princípios fundamentais: *ancestralidade*, *diversidade*, *integração* e *tradição*. A *ancestralidade* é o grande eixo, o centro, “responde pela lógica que articula o conjunto de categorias e conceitos que revelam a ética imanente dos [povos] africanos” (Idem), assim, apresenta-se como a linha que borda e costura essa teia e que tem a ética como fundante para essa articulação, é “a fonte de onde emergem os elementos fundamentais da tradição africana” (Idem). A *diversidade* implica no respeito à pluralidade étnica, cultural, epistemológica e política, assim, potencializa as singularidades existentes em cada um desses aspectos. A *integração* submete as singularidades à ética, pois está implicada no bem-estar da comunidade, assim é perpassada pela circularidade, tendo a inclusão como guia. A *tradição* é a teia que sustenta os demais princípios, é dinâmica e molda-se aos novos tempos, é travestida pela ancestralidade. Esses princípios marcam, bordam, trançam o Filosofar Africano e



Afrodiaspórico, compreendendo-os como implicações com estar no mundo, estar com o Outro “pessoa”, outro natureza e consigo mesma, tessituras de nosso modo de estar no mundo de forma ética, pautadas pela justiça e pelo bem-viver.

O pensamento filosófico africano e africano-brasileiro está implicado com as relações sociais, culturais, espirituais, políticas e econômicas, tendo a alteridade, a relação com a natureza, o respeito às antepassadas, ou seja, a tradição e a ancestralidade como características que dão coesão ao pensamento africano, fortalecendo-se desde o encantamento. A filosofia africano-brasileira não tem

o interesse de discorrer apenas sobre uma historiografia da filosofia africana, apresentando seus autores, suas correntes, as escolas de pensamentos de vários países daquele continente, suas obras sobre o tema, como se estivéssemos estudando algo alheio, “de fora”. Nosso interesse é dialogar, mas uma conversa (com-versa) rente a pele, íntima, próxima da realidade africana, negro-africana como nossa realidade latino-americana, desde o Brasil. Em um diálogo desde nossa ancestralidade, nosso ser africano/a fruto da diáspora, reconhecendo suas influências em nosso estar no mundo. Assim, deseja-se um diálogo próximo entre a filosofia latino-americana da libertação e o pensamento africano com suas várias vertentes, inclusive o não acadêmico, pois os saberes tradicionais são fundantes nessa construção, tanto para as diversas epistemologias africanas como para as filosofias da ancestralidade e do encantamento. (MACHADO; OLIVEIRA, 2016, pp. 346/347).

Desse modo, metodologicamente compreendo que a filosofia africana se encontra estruturada da seguinte forma: 1) Implicação com o **fortalecimento do nosso pertencimento**, conscientizando que é possível criar outras epistemologias contribuindo com a construção de um mundo melhor, implicando-se com a descolonização em todos os sentidos. Cosmopercepções outras tecendo mundos inclusivos. Cosmoencantamento implicando o viver em busca do bem viver. 2) **Contribuir para a formação de pessoas íntegras** crocheteadas pelo desejo / ação de mudar a realidade, numa relação de respeito e compreensão de que só existimos em relação com as pessoas, com a natureza, implicadas em uma relação comunitária e integrada. 3) **Filosofia como convite à liberdade, à emancipação, ao bem viver, à justiça.** Filosofia implicada com a descolonização epistemológica, afetiva, cultural, política, social, espiritual, estimulando a transformação da sociedade, abrangendo o contexto social, político, espiritual, afetivo, econômico e cultural, sendo protagonista de uma mudança eficaz. 4) Fortalecer a convicção de que **os povos africanos e afrodescendentes podem e fazem uma filosofia de ponta**, capaz de formular correntes de pensamentos grandiosas e motivadoras de transformações sociais, éticas, políticas e econômicas.

Tais objetivos tem o encantamento como fio condutor, como fio que tece a teia dessa filosofia, onde o conhecimento dá-se com pessoas encantadas que buscam transformar a realidade em que vivem, implicadas com o bem-viver! Esses objetivos implicam-se na ação do



educar, do instruir a pessoa para a vida e para a transformação potente da realidade, numa perspectiva coletiva, comunitária, integrada.

Filosofar, educar, desde a perspectiva africana e diáspórica é uma inversão de paradigmas, pois pensar desde o repertório cultural implicado em um corpo inteiro, vivo, que dança, que canta, que chora, que deseja, que experiencia, desde processos dinâmicos, inclusivos, além de criativos, é compreender o conhecimento como sabedoria atrelada ao cotidiano, à família, à comunidade, é uma ação ética encantada. Assim, desenvolve-se uma pedagogia em diálogo com a origem, que está assentada na experiência, uma pedagogia da ancestralidade. Educar / filosofar com / em / desde África é ressignificar os sentidos, as percepções, é voltar-se para a ancestralidade, aprender com ela, ressignificar, transformar, construir, desconstruir continuamente, encantar-se. Desconstruir para transformar em algo melhor e encantar.

Ressignificar, re-construir, transformar, incluir, é papel fundante do filosofar, do educar, assim é necessário que as implicações sejam fonte de sentidos e ação metodológica e curricular, pois o currículo “como um espaço de significação, está estreitamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais” (SILVA, 2010, p. 27), sabendo ainda que “a identidade, tal como a cultura, tampouco é um produto final, acabado” (Ibid, p. 25). Transformar desde o conhecimento! O conhecimento é oriundo das transformações, dos movimentos próprios do viver!

2.2.1. Correntes da Filosofia Africana Contemporânea: Breve Passagem

Metodologicamente trabalho com algumas correntes da filosofia africana contemporânea no intuito de uma construção historiográfica. Entretanto, compreendo o quão delicado é, tendo em vista que tais correntes estão em processos contínuos de construções, desconstruções, transformações. Sabendo, ainda, que muitos filósofos³³ fazem parte de mais de uma corrente. Desse modo, é importante demarcar que as transformações, construções e desconstruções estão em processos. Entretanto, no intento de responder aos questionamentos sobre sua existência, sua universalidade (filosofia) e particularidade (africana), demarcaremos

³³ Preciso dizer que não identifiquei filósofas africanas nesse processo de construção das correntes filosóficas, por consequência de pouco, ou quase nada, acesso que temos a essas produções.



algumas correntes³⁴. São elas: *Etnofilosofia*, *Sagacidade Filosófica (Filosofia da Sagacidade ou Filosofia das pessoas Sábias)*, *Filosofia Nacionalista-Ideológica ou Filosofia Política*, *Filosofia Profissional ou Acadêmica*. Após a primeira classificação Oruka incluirá a *filosofia literária / artística ou poética* e a *Hermenêutica*. Recentemente podemos encontrar *as filosofias feministas ou mulherismo africana*. Dentro dessas correntes particulares há outras correntes com suas singularidades. Apresentarei, a seguir, sucintamente tais correntes.

2.2.2. Etnofilosofia

A etnofilosofia tem como tema fundamental a relação da filosofia com a cultura, apresenta-se como uma abordagem que considera a sabedoria coletiva como lugar ontológico de visão de mundo de comunidades africanas ou grupos étnicos que tem como códigos pensamentos que são considerados filosóficos. É um sistema de pensamento que tratará as diversas cosmo percepções de povos africanos como forma de conhecimento privilegiada, baseando-se na sabedoria dos povos com seus mitos, ritos, provérbios, contos e suas práticas rituais, buscando demonstrar a racionalidade existente nessas categorias. Aqui, a metafísica do ser africano é fundamental. Busca “extrair conteúdo filosófico desde as diversas esferas culturais, como sejam da religião (Mbiti), da linguagem (Kagamé), etc., (...) para o desenvolvimento duma ou da(s) filosofia(s) dita(s) *africanas*” (CASTIANO, 2010, p. 65, grifo do autor). Essa corrente utilizava-se do método etnográfico para realizar suas pesquisas e conceber o pensamento africano tradicional como filosófico.

O termo “etnofilosofia” foi cunhado pelo beninense Paulin Hountondji para referir-se aos antropólogos, sociólogos, etnógrafos e filósofos que trabalham com as filosofias coletivas de vida dos povos africanos, ou seja, para ele a etnofilosofia é “o trabalho etnológico com a pretensão de ser filosófico” (1996, p. 34 *apud* CASTIANO, 2010, p. 98), assim, não é um termo oriundo daqueles que a praticam. Hountondji, por meio de suas críticas, foi um dos autores que mais contribuiu para a ampla divulgação da etnofilosofia, sendo, então, um dos

³⁴ Henry Oruka (1994, p. 07) diz que “y la clasificación de las diferentes tendencias debiera verse como un medio para nosotros, en Africa, de aislar la filosofía en el sentido estricto de la filosofía en el sentido amplio y omnícomprensivo”. Aqui sigo a divisão realizada por Oruka (1988, p. 35-37), onde ele identifica "Las cuatro tendencias" como: 1) textos filosóficos profesionales, i. e., trabajos de académicos y estudiantes formalmente adiestrados en filosofía; 2) teorías ideológicas nacionalistas y 3) estudios etnográficos de las creencias africanas tradicionales etiquetadas como 'filosofía'-i. e., etnofilosofía. La filosofía de los sábios llega a ser una cuarta tendencia en esta ista” (1994, p. 07).



maiores críticos dessa linha de pensamento, juntamente com os camaroneses Marcien Towa e Eboussi Boulaga e o congolês V.Y Mudimbe, dentre outros.

A crítica de Hountondji relaciona-se com a forma de abordagem ao conceito da filosofia bantu na obra “La Philosophie Bantoue” de Placide Tempels³⁵, pois, acreditava que a tentativa de tornar o pensamento tradicional africano em filosófico iria contribuir com a concepção do pensamento ocidental de que o pensamento africano está voltado para o passado, ou seja, estaria voltado apenas para esse passado, não refletindo o presente e um futuro próximo, seria uma crítica negativa, pois sabemos que a filosofia não é possível se desligada do seu passado. Já os etnofilósofos concebem que os pensamentos coletivos são derivados de um pensamento comum e profundo do continente africano.

Placide Tempels tem uma enorme influência na Filosofia Africana do século XX, sendo considerado por muitos como o pai ancestral dessa filosofia, em virtude da sua célebre obra *La Philosophie Bantoue*, publicada em 1945, onde argumenta que o povo da África Subsaariana (Povo Banto), região do Congo Belga, tem uma filosofia distinta, descrevendo, então, as bases dessa epistemologia.

Era uma reação à crença predominante de que os povos africanos seriam incapazes de pensar racionalmente. Tempels respondeu argumentando através de uma análise de seus costumes e tradições, buscou elementos tradicionais que seriam fundamentais, assim como sua estrutura mental e a relação com a religião, concluindo que a *força vital* seria o elemento que explicaria não apenas a religião, mas também a forma como a pessoa africana compreendia o mundo. Para a Filosofia Bantu o fundamento do universo, o seu valor supremo é a vida, é a força que impulsiona e que emana dela, todos os seres são forças e em qualquer situação se deve, ininterruptamente, procurar acrescentar força à vida e ao universo, essa força é chamada de *Força Vital*. É o axé! Segundo Eduardo Oliveira (2006, p. 46), a Força Vital é “a própria manifestação do sagrado que sustenta o universo e permeia a relação entre os [seres humanos] e entre eles e a natureza”.

Nessa corrente temos nomes como Alexis Kagame³⁶ que traz em seu pensamento o empenho de uma fundamentação maior às concepções de Tempels, por meio da análise das categorias da linguagem, delineando o pensamento banto em Ruanda. Temos Léopold Sédar Senghor³⁷, grande influenciador do pensamento contemporâneo africano devido seu percurso

³⁵ Missionário belga que atuou no Congo, nascido em 1906 e morto em 1977.

³⁶ Padre da Ruanda Belga (1912 – 1981), filósofo, poeta, teólogo e professor de história.

³⁷ Senegalês, poeta, estadista, pensador que lutou para a compreensão dos fundamentos ontológicos do pensamento africano. Considerado fundador do Socialismo Africano e da Civilização do Universal, além do Movimento da Negritude.



estudantil e profissional. Segundo Frank-Ulrich Seiler (2009, p. 33), Senghor “oferece os conceitos de “força vital” e a ideia de um pensamento filosófico intrinsecamente colectivo como elementos subjacentes ao Ser africano aos já referenciados P. Tempels e A. Kagame”.

A corrente da etnofilosofia ainda suscita debates contínuos em torno da sua construção “etnográfica” com o objetivo de ser filosofia. Compreendemos, todavia, que há várias maneiras de se filosofar e que sua validade se dá por critérios internos e externos à sua produção, sendo, sempre, um exercício crítico e criativo o produzir e interpretar as correntes filosóficas africanas.

2.2.3. Filosofia Da Sagacidade ou Sagacidade Filosófica (*Filosofia Dos Sábios*)³⁸

Essa corrente trata das pessoas consideradas “sábias filosóficas”. Apresenta um sistema de pensamento baseado na sabedoria e nas tradições dos povos, sendo, basicamente, o reflexo de uma pessoa reconhecida como “sábua” e pensadora dentro da comunidade, uma pessoa conhecedora dos saberes do seu povo, um pensador ou pensadora crítico/a e racional.

Seu criador, o filósofo queniano Henry Odera Orika³⁹ (1994, p. 6 / 7), considera que “a filosofia dos sábios”

consiste en los pensamientos expresados por hombres y mujeres sabios en cualquier comunidad dada. Los pensamientos pueden ser expresados por escrito o como máximas no escritas y argumentos asociados a algún(os) individuo(s) sabio(s). La filosofía-de-los-sabios es una manera de pensar y explicar el mundo, la cual fluctúa entre la *sabiduría popular* (máximas comunales bien conocidas, aforismos y verdades generales de sentido común) y la *sabiduría didáctica*, una sabiduría expuesta y un pensamiento racionalizado de algunos individuos dados dentro de una comunidad.

Os filósofos da sagacidade estão convictos de que o estudo da Filosofia Africana não versa em torno do estudo de obras, mas nas pessoas sábias, homens e mulheres, das comunidades, estabelecendo uma relação da filosofia com as pessoas sábias enraizadas na

³⁸ Falaremos um pouco mais dessa corrente no capítulo que discorrerá acerca de metodologias aforreferenciadas.

³⁹ Nascido em 1944. Distinguiu o que ele chama de 4 tendências da Filosofia Africana Moderna: Etnofilosofia, Sagacidade Filosófica, Filosofia Nacionalista Ideológica e Filosofia Profissional. Após, Orika acrescentou duas outras categorias, a Filosofia Literária /Artística e a Filosofia Hermenêutica. A necessidade de uma filosofia profissional dava-se devido ao fato de que os sábios Africanos não usavam a razão reflexiva da mesma forma que os antigos filósofos da Grécia, Índia e China. Concebia que a filosofia é impossível em uma tradição puramente oral, e que os tradicionais sistemas de crença desencorajavam o pensamento individual em favor do consenso.



cultura tradicional e em seu contexto. Objetiva mostrar que a alfabetização não é uma condição indispensável para a reflexão e exposição filosófica, o mais importante é a pertença cultural, a cultura popular, os conhecimentos e as experiências tradicionais, aqui a oralidade é potencializada, pois o pensamento tradicional africano não está escrito ou “transcrito”, é, fundamentalmente, transmitido por meio da oralidade. A pessoa sábia filosófica é aquela preocupada com questões éticas e empíricas que são fundamentais para a sociedade, oferecendo soluções fundamentadas para problemas e questionamentos filosóficos que apareçam.

Segundo o moçambicano José Castiano⁴⁰ (2011, p. 140), a obra de Oruka retoma o espírito da etnofilosofia ao procurar conteúdos filosóficos nos saberes populares, entretanto, há duas críticas importantes feitas por Oruka, que seriam: seguir no “unanimismo da etnofilosofia” e por outro lado criticar a “ideia de que os sábios tradicionais não têm pensamento individual elaborado sobre as questões fundamentais da vida”. Essa crítica dá-se quando Oruka apresenta “os saberes tradicionais como resultados de uma reelaboração individual acerca de questões fundamentais da vida da comunidade por parte do sábio” (Idem). O unanimismo etnofilosófico apontado por José Castiano como sendo denunciado por Hountondji é a concepção de que nas sociedades africanas não há crenças ou filosofias individuais, apenas coletivas. Não se pode conceber conceitos ou sistematizações filosóficas que deem conta de todo o contexto do continente africano, desse modo, a busca de Hountondji é em defesa de um pluralismo de ideias e pela democracia (CASTIANO, 2010).

]

2.2.4. Filosofia Nacionalista / Ideológica ou Filosofia Política

Essa tendência tem interesses e objetivos de responder aos problemas referentes ao colonialismo, às independências, ao fim da escravatura e à exploração da pessoa africana, reflexão sobre o desenvolvimento econômico e social atual no continente africano objetivando tirá-lo do caos econômico e social, além de cultural, impostos por séculos de explorações diversas oriundas do ocidente. É a negação da negação, a recusa dos preconceitos ideológicos solidificados no processo histórico, a busca da afirmação do ser africano, desconstruindo a

⁴⁰ Nascido em Beira, província de Sofala, Moçambique. É doutor em Filosofia com especialidade em educação, licenciado em Ensino das Ciências Sociais com especialidade em filosofia.



“desvalorização de si” internalizadas pelo colonizador, é a afirmação da cultura africana, da sua personalidade dentro de sua grande diversidade cultural. É então, refletir filosoficamente desde a política, tornando a filosofia prática e funcional no intento de promover conscientização crítica global desde a realidade local.

Essa corrente representa o reconhecimento de que alguns políticos africanos tratavam com questões filosóficas quando engajados em projetos emancipatórios e de reconstrução da nação, é fundamentalmente uma filosofia sócio-política. É uma corrente crítica dos regimes ditatoriais, colonialistas, exploratórios, capitalistas, com o objetivo de eliminar os muitos sofrimentos em virtude da falta de liberdade, da pobreza extrema, do analfabetismo, das muitas prisões impostas àqueles que lideravam os processos de independência. Aqui encontramos os movimentos de negritude, do pan-africanismo, do socialismo africano, dentre outros que buscam uma consciência crítica da humanidade e uma liberdade concreta. A filosofia política busca uma liberdade, onde

a liberdade do Eu-africano torna-se um valor intrínseco à sua própria existência como sujeito no contexto da escravatura e na condição de colonizado. A liberdade que se clama não tem somente um sentido material de luta pela sua independência econômica e pela sua autonomia política em proclamar a sua própria identidade. *A liberdade que se quer vai muito mais além da independência e da autonomia: é a liberdade epistêmica.* Ou seja: *a liberdade do sujeito africano de falar por si, de construir o seu próprio discurso sobre a sua condição de existência.* É a liberdade de ser livre em negociar a sua entrada na modernidade. Trata-se da *liberdade de ter o direito de ser sujeito da sua história e do pensamento sobre si mesmo* (CASTIANO, 2010, p. 200, grifos meus).

É a busca por meio da libertação mental, um regresso ao verdadeiro humanismo africano, uma significativa liberdade para o ser africano, libertação e desenvolvimento. Aqui os temas não versão em torno das pessoas sábias, mas ideólogas, desse modo é preciso manter uma distinção entre ideologia e filosofia. Essa corrente se expressa nas experiências vividas e estas são o fio condutor de respostas às necessidades das pessoas, é uma filosofia comprometida, comportando em si a ideologia, a moral, a religião, as análises sociológicas, assim como a própria política e as literaturas que versão em torno das questões sociais e políticas. Nessa corrente encontramos nomes como Leopold Sédar Senghor, Kwame Nkrumah, Julius Nyerere e Dubois.



2.2.5. Filosofia Profissional ou Corrente Crítica da Filosofia Africana ou Filosofia Institucional

Essa corrente rejeita um modo particular de filosofar ao compreender que a filosofia é universal, com princípios universais, portanto, não pode ser um pensamento particular, comunitário, mítico. Desse modo, marginaliza o “filosofar” não profissionalizado e cria “rituais para declarar a maior parte do que vêm da tradição como sendo supersticioso, ou no mínimo suspeito” (CASTIANO, 2011, p. 127). Segundo José Castiano (2011), essas pessoas consideradas sábias são proibidas de entrarem nas instituições públicas, mas contribuem com elas por meio do seu saber. Assim, essa é a corrente que inclui aquelas pessoas que foram “treinadas” dentro da filosofia ocidental, nas universidades ocidentais, excluindo aquelas que foram “treinadas” formalmente nessas universidades, mas para questões relacionadas à tradição (Idem). José Castiano (2011, p. 127) diz que:

a filosofia africana acadêmica é racional; pelo contrário, a filosofia que emana dos saberes tradicionais é irracional, é de loucos (no sentido de Foucault que empregamos este termo⁴¹). No entanto, é o próprio filósofo profissional que volta e meia pretende ouvir, em surdina, a palavra dos sábios da tradição. Como o próprio Foucault diz, ao louco se atribui estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pré-anunciar o futuro, o de ver com toda a ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. É assim que são tratadas as áreas da medicina tradicional, a do direito costumeiro, a das filosofias etnocêntricas e por aí fora.

A corrente da Filosofia Profissional é, então, aquela que faz a relação da filosofia com a academia, que compreende a análise e a interpretação da realidade em geral, a crítica e a argumentação como características e condições fundamentais de qualquer forma de conhecimento que deseja ser considerado filosófico. A filosofia é considerada uma disciplina universal que tem o mesmo significado em todas as culturas. Tal corrente faz, também, uma crítica a Etnofilosofia.

⁴¹José Castiano em seu artigo “Filosofia, Ensino e Intersubjetivacção” usa a obra de Foucault, L’ Ordre du Discours, 1971 (A ordem do discurso: aula inaugural no collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970). Foucault faz uma análise da relação entre as práticas discursivas e as diversas formas de poder que permeiam essas práticas. José Castiano, intenta, por meio de Foucault, indicar os procedimentos para que a filosofia profissional africana possa “desmarginalizar-se”, ele diz: “Michel Foucault encontra três procedimentos externos e outros três internos na base dos quais um tipo de discurso exclui outros discursos concorrentes. Aos procedimentos externos pertencem a interdição, a oposição entre o racional e o louco e a oposição entre o verdadeiro e o falso (Foucault, 1971, 10 pp.). Foucault considera estas três formas como sendo «procedimentos externos» porque funcionam como sistemas de exclusão em relação aos outros. Para além desses, Foucault adiciona outras três formas que ele identifica como sendo «procedimentos internos» de exclusão que são o comentário, o autor e a disciplina. Aos procedimentos internos de exclusão dos discursos pertencem o comentário, o autor e a disciplina” (2011, p. 126).



Compartilho da crítica de José Castiano quando ele nos diz que há uma “necessidade de a filosofia profissional africana submeter-se a si mesma a uma dupla emancipação, nomeadamente emancipar-se do eurocentrismo e emancipar-se do debate tradicionalista” (CASTIANO, 2011, p.123). Essa dupla emancipação aparece como:

Um caminho necessário para que a filosofia profissional possa desmarginalizar-se a si mesma e desmarginalizar à(s) filosofia(s) não-profissionalizadas ou não-institucionalizadas nos programas de aprendizagem, de formação e de investigação filosóficas [...]. É só desmarginalizando as outras formas do saber que a filosofia profissional ganhará o seu estatuto primário enquanto filosofia do ensino e formação: não ensinará pensamentos (teorias), ensinará sim os alunos e formandos pensar por si mesmos. (Idem).

Alguns representantes dessa corrente são: Kwasi Wiredu⁴², Paulin Hountondji, Eboussi Boulaga⁴³, Marcien Towa⁴⁴, Henry Odera Oruka⁴⁵ e Peter Bodunrin.

⁴²**Kwasi Wiredu** nasceu em Gana em 1931. Filósofo que se opõe as outras correntes por considerar que todas as culturas têm suas crenças e visões de mundos, mas estas devem ser diferenciadas da Filosofia. Não afirma que a cultura popular não possa desempenhar um papel filosófico, mas que uma verdadeira filosofia deve partir de um pensamento de análise crítica com uma argumentação rigorosa. Segundo Joseph I. Omoregbe, 1998, quando Wiredu “diz que sem argumentação e clarificação não há filosofia, tecnicamente falando, ele identifica filosofia com uma argumentação tipicamente ocidental. Em outras palavras, ele quer dizer que se a atividade reflexiva não estiver baseada na argumentação e clarificação típicas do pensamento ocidental (recomendado pela tradição analítica anglo-saxã), ela não é filosofia”.

⁴³**Fabien Eboussi Boulaga** nasceu em Bafia, Camarões, em 1934. Escreveu sobre questões políticas (artigos, folhetos, guias de eleições e livros) e fez observações sobre eleições (Camarões, República Centro). Era conhecido por suas posições políticas.

⁴⁴**Marcien Towa** é um filósofo camaronês, nascido em Endema em 1931 e falecido em 2014, em Yaoundé. Fez uma crítica ferrenha à Etnofilosofia, concebendo-a como um subconjunto da Etnologia Europeia.

⁴⁵ Oruka considera que os filósofos profissionais são aqueles que deverão sistematizar o pensamento das pessoas consideradas sábias filósofas.



2.2.6. Filosofia Literária / Artística

A filosofia literária / artística é representada por aqueles que refletiram questões filosóficas em ensaios, novelas, poesias e ou obras de ficções, tais como Wole Soyinka⁴⁶, o primeiro africano a receber o Prêmio Nobel de Literatura, Chinua Achebe⁴⁷, Oko p'Bitek⁴⁸, dentre outros.

2.2.7. Filosofia Hermenêutica

A filosofia hermenêutica caracteriza-se como aquela que faz análises das línguas, religiões e dos mitos africanos em torno da busca de conteúdos filosóficos. Segundo Severino Ngoenha (1993, p. 115), é uma interpretação das tradições africanas, “não para reconstruir o pensamento antigo como tal, mas para reatualizá-lo dentro do contexto dos novos sistemas de maneira a torna-lo presente de uma maneira eficaz”.

Uma filosofia de interpretação do contexto africano, ou seja, segue um modelo universal, mas parte do intrínseco do ser africano, tornando-o objeto do seu pensamento, intentando responder aos questionamentos sobre esse ser no mundo e sua ligação com o divino, com o Outro e consigo mesmo. Segundo José Castiano (2010, p. 115) “esta corrente propõe a interpretação da filosofia africana a partir da confrontação com a religião, com os mitos e com a questão da língua”. Aqui a pessoa auto implica-se ao fazer uma releitura sistemática da tradição à luz da atualidade. Há uma crítica de que seria, também, uma etnofilosofia. Nessa

⁴⁶**Wole Soyinka** é um escritor nigeriano, nascido em Abeokuta, em 1954. Autor de mais de vinte obras e considerado um dos mais refinados dramaturgos contemporâneos. Foi o primeiro africano e escritor negro premiado com o Prêmio Nobel de Literatura, em 1986. Grande parte das suas obras refletem a vivência das tradições, assume uma perspectiva cultural ampla, além do drama da existência humana. Concebe que qualquer cidadão tem que estar compromissado com o social. Seu comprometimento é com os valores da liberdade, verdade e justiça.

⁴⁷**Chinua Achebe** é um filósofo nigeriano nascido em Ogide no ano de 1939 e falecido em Boston, EUA, em 2013. Rejeitava a ideia de que uma filosofia africana consiste simplesmente do trabalho do africano em escrever sobre filosofia. Para ele a filosofia africana surge a partir do momento em que o ser africano pensa em si, diz respeito à cultura. Desse modo, reflete em torno de uma filosofia ligada à cultura. Concebe que é a comunidade que confere a personalidade do indivíduo.

⁴⁸**Oko p'Bitek** é ugandense, nasceu em 1931 e faleceu em 1982. Poeta, antropólogo e crítico social. Escreveu em Luo, sua língua local, e em Inglês. Foi uma das vozes mais vigorosas e originais do Leste Africano na poesia do século 20. Seu profundo interesse na cultura Acoli foi evidente em toda sua carreira. Sua escolha foi tomar uma posição contra a infiltração ocidental e defender as tradições e costumes Acoli.



corrente encontramos os trabalhos de Kwame Gyekye, Severino Ngoenha⁴⁹, Tshiamalenga⁵⁰, Maurier, Laleye, Barry Hallen e Sodipo Jo.

2.2.8. Filosofia Feminina

Essa corrente, assim como as outras, está em fase de desenvolvimento. Nela encontramos vertentes diversas para pensar o feminino, as mulheres africanas em África e na diáspora. Assim, temos propostas filosóficas como Mulherisma Africana⁵¹, Feminismo Negro, Matriarcado⁵², Matripotência⁵³. Nesse sentido, tenho pensando em uma *Corrente Feminina*, posto que o *feminismo* não dá conta de pensar “o(s) feminino(s)”, a “mulher(es)” desde a cultura africana, especialmente, quando pensamos uma cultura matrilinear. Nesse sentido, essa tese localiza-se nessa corrente ao buscar dialogar com a filosofia africana desde o feminino. Reconheço uma falha em não desenvolver acerca de tais perspectivas (Matriarcado, Mulherisma Africana, Matripotência), entretanto, essa é uma tarefa que ficará para um outro momento.

São essas as correntes, excetuando a última, com as quais trabalhei no mestrado, na tese estarei privilegiando o pensamento feminino e a filosofia da sagacidade, a filosofia das pessoas sábias, pois também é considerada uma metodologia. É bem verdade que há um

⁴⁹ Nascido em Maputo. Doutor em Filosofia e graduado em Teologia. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Pedagógica de Moçambique, professor associado de Departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade Lausanne, Suíça. Suas pesquisas estão situadas nas áreas do pensamento africano, antropologia, filosofia da educação e interculturalidade.

⁵⁰ **Tshiamalenga Ntumba** nasceu em 1932 no Zaire. Teólogo e Filósofo, deixou sua marca na busca filosófica e teológica na África, especialmente na República Democrática do Congo. Desenvolveu uma filosofia baseada na categoria do "Nós". A concepção de si mesmo como membro integrante de um social, de uma comunidade que protege e apoia toda a existência humana é a condição prévia para qualquer nova percepção humana.

⁵¹ **Nah Dove** (1998, p. 21) diz que “Mulherismo Africana é um conceito que tem sido moldado pelo trabalho de mulheres como Clenora Hudson-Weems, Ifi Amadiume, Mary E. Modupe Kolawole, e outras. O Mulherismo Africana pode ser visto como fundamental para o contínuo desenvolvimento da teoria Afrocêntrica. Mulherismo Africana traz à tona o papel das Mães Africanas como líderes na luta para recuperar, reconstruir e criar uma integridade cultural que defenda os antigos princípios Maíticos de reciprocidade, equilíbrio, harmonia, justiça, verdade, justiça, ordem e assim por diante. Nesse sentido, creio que expressar Maat possa ser um termo que desenvolverá ainda mais a teoria Afrocêntrica”. Nah (Dorothy) Dove, é filósofa afro-americana, é doutora em Estudos Americanos pela Universidade de Nova Iorque em Buffalo, mestra em Sociologia pela Universidade de Londres. Suas pesquisas estão voltadas à investigação das implicações sociais e globais da Identidade Cultural Africana para as Mulheres Afrodiaspóricas.

⁵² Vide Érica Portilho: *Matriarcado Afreekana: narrativas cruzadas do ventre negro ao Brasil*, 2019.

⁵³ Vide Oyèrónké Oyèwùmí: *Matripotência: Ìyá nos Conceitos Filosóficos e Instituições Sociopolíticas* [Iorubás]. Tradução para uso didático de OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood?* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson flor do nascimento.



questionamento se seria uma corrente da filosofia africana ou uma metodologia para pesquisar a filosofia africana. A corrente e metodologia da Sagacidade versa sobre a importância dos nossos valores, das nossas culturas, dos nossos mitos, provérbios, mestres/as de capoeira, pais e mães de santo, os/as líderes comunitários, etc. A importância do saber / conhecer popular. É importante aprendermos a pensar desde a realidade na qual estamos inseridas e, assim, abarcamos as realidades do mundo, compreendendo e dialogando com essas diversidades. Em um processo de ensino / formação / descolonização o interesse fundamental é ensinar a construir processos formativos de cada uma como pessoas donas de suas histórias, dentro de um contexto cultural, social, econômico e de gênero. Posto que sabedoria “não se reduz a conhecimento. Sabedoria é conhecimento vivenciado, ou seja, é uma experiência refletida e solidificada ao longo dos anos” (OLIVEIRA, 2007, p. 277). Fortalecendo continuamente nossos laços, nossas alianças.

Portanto, essa tese intenciona tecer-se desde as sabedorias africanas e afrodiáspóricas, desde seus cantos / contos, mitos, provérbios, músicas, danças, desejos, a busca de “olhar para a produção do conhecimento produzido naquele continente e pelos seus descendentes espalhados no mundo pela Diáspora Africana” (OLIVEIRA, 2007, p. 278). Olhar para minhas mais velhas e tecer saberes, aprender desde seus olhares / vivências / experiências, saber-com! Pois, os currículos e as metodologias enrijecidas não expressão o modo como refletimos a formação / educação, pensa-las é encontrar-se com a diversidade, reconhecer saberes outros, fortalecimento de nós mesmas. Percepções outras de aprender / sentir / ser / fazer / educar / filosofar / dançar / viver!

Assim, intento dialogar com as sabedorias ancestrais femininas numa busca de filosofar desde o feminino que nos tece, que permite a existência, sabedorias orgânicas... mulheres guerreiras perpassadas pela ancestralidade negra, africana, que delineia nosso existir, persistir, resistir, sentir. Filosofia da sagacidade tecida pela ancestralidade e pelo encantamento... posto que a sagacidade é delineada pela ancestralidade!



2.3. O ANTES, O AGORA E O DEPOIS: O ANCESTRAL FEMININO

A construção / criação do conhecimento se dá de formas diversas, desde um contexto histórico, cultural, social, desde o próprio ser / viver em uma relação com o mundo. Nesse sentido, refletir / pensar / tecer uma educação oriunda da afetividade é fundante para uma pedagogia da sensibilidade, para produção / construção / ação em torno das relações étnico-raciais, para essa filosofia africana pensada desde o solo afro-brasileiro. Nilma Lino Gomes (2000, p. 147) afirma que:

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os(as) educadores(as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar.

Desde concepções como essa e desde o feminino que me habita, é o encantamento que me sustenta, pois ele é tecido pelo orgânico, por nossos modos de ser / viver desde o conhecimento de nossas próprias sabedorias e sentidos. Posicionando-se diante da vida de modo implicado política, social, cultural, estético, epistemológico e eticamente, refletindo e questionando-se continuamente, posto que perder-se da implicação com a vida é risco cotidiano em uma sociedade genocida como a que vivemos. Por isso, encantada sou, carregando em minhas dobras a implicação com a vida e sua potencialização, criação e procriação, sou mulher e é a mulher que gera a vida, pois “só as mulheres sangram”:

Só as mulheres sangram

O dia transfigurado em tarde penetra a noite, o horizonte sangra em cores crepusculares. o vermelho predomina espalha-se na intensidade vital da mudança diária, prenunciando transformações, até que a noite acoberte seu jorro com o abrigo negro velutíneo entremeado de estrelas. Sob o refúgio que A noite lhe proporciona como acolhedora pele continua a sangrar certezas.

Longe dos olhos admirados e perplexos, com a ousadia da sangria em despudor e beleza, repousa, escorrendo em silêncio, mas vivo, pulsante e latente.

Agora, a noite que se transfigura e penetra o dia. De novo, o horizonte sangra, agora em cores de aurora o vermelho predomina.

A noite sangra para dar passagem ao dia, que, aos poucos acoberta o fluir constante deste sangrar natureza, encobrindo sob um brilho refulgente.

É assim constante sangrar da natureza sem princípio nem fim, às vezes ocultado por vestimentas que lhe são próprias, às vezes intensos como um fluxo menstrual.

A natureza é feminina em gênero e grau. Assim, parece que **Só as mulheres sangram**, em silêncio ou em alvoroço. Este estado constante cotidiano de ser e estar sempre se renovando em movimentos diuturnos, o que talvez nos faça responsável pela criação e procriação. As musas da inspiração sopraram belezas para os artistas reproduzirem.





Mães, irmãs, guerreiras, heroínas, amantes, mártires, prostitutas, amadas e condenadas, admiradas e ignoradas, que no fazem sangrar continuidades persistentes. Um jorrar ininterrupto, que nos torna trans-e-lúcidas. Ávidas de vida. Infindando toda a certeza dentro da grandeza e limitação. Com a crença na força da palavra e do verbo, constrói-se uma frase, uma página, um livro. Assim, como uma lágrima constrói uma frase, uma página, um livro. Assim, como uma lágrima constrói um oceano dentro de cada um [uma], no qual confunde-se quem chora e quem é chorado no vai-vem das ondas. Haja ondas! Nos braços, às vezes sem abraços, contém todo o calor. É neste oceano que, às vezes, se nada, se surfa. Um jorrar ininterrupto, assim, como uma gargalhada solta sem razão aparente.

Um sorriso que transfunde a energia, a alegria, o gozo, a necessidade de viver. A felicidade de uma dança. Ou o prazer de uma gota de água respingada no rosto. Ou a satisfação de sentir o vento revolver os cabelos ou inquietar as roupas. Haja inquietações! No redemoinho de se redescobrir e se redefinir a cada ação.

Às vezes, a única ação para todos estes momentos é ir. E vai-se, mulher sangrando nas folhas de um livro, prosseguindo firme o legado de ser guerreira, soltando a verve, o verbo transmutado em espadas. Espada brilhante como a prata em meio dia-dia de sol. Espada de ouro puro, fazendo reflexo de arco-íris na chuva do hoje e do amanhã. Segurar firme as espadas e ir escrevendo vidas, existências, resistências e reticências. Resistir, insistir. Ir. A loucura sã da escrita soltando o verbo neste universo que, às vezes, desune as mãos, fazendo sangrar.

Miriam Alves⁵⁴

O encantamento é tecido por essa sede de viver, existir, resistir e reticências. É o insistir e seguir, caminhar, movimentar-se. O encantamento impulsiona a luta em torno do bem-viver... a ação para a descolonização, é inspiração formativa, curricular, epistemológica, metodológica, cria, re-cria, dança, borda, pinta, encanta... Nos impulsiona a pensarmos desde nossas escrituras, desde os Odus que nos tecem, como a apresentação do meu eu no início dessa tese. É pra nos fazer pensar desde nós mesmas! Quem somos? O que queremos? Quais caminhos trilhamos? Queremos esses caminhos? O que aprendemos / ensinamos? Encantamos? Nos encantamos? Onde está nosso encantamento?

Ao nos reconhecermos encantadas dizemos quem somos e para isso é necessário re-conhecermos a ancestralidade que nos toca. Dizemos, e nos impelimos a nos perguntarmos sempre *quem somos, o que queremos, quais caminhos trilhamos, se trilhamos, se desejamos tais caminhos, o que estamos aprendendo e ensinando, se encantamos e se nos encantamos*. Estar em *estado de encantamento* é termos dúvidas, curiosidades, desejo de conhecer, descobrir nos trilhando, bordando nossa existência. Estar em *estado de encantamento* é tecermos os mundos (nossos) desde o desejo da criança que há em nós, desejo de aprender, descobrir, re-descobrir, inebriar-se com a possibilidade de descobrirmos muitas vezes o que está a nossa volta, inclusive nós mesmas. Re-descobrir desde as brincadeiras sérias e a leveza de ser criança aprendiz que pergunta e busca respostas, sempre perguntando e inventando mil modos de perguntar a mesma pergunta... É com dança, experiências, diálogos, trocas, encontros /

⁵⁴ Escritora, Poeta, Pesquisadora. Esse é o texto de abertura do livro “Só as mulheres sangram” de Lia Vieira.



encantos! É o “*compreender com, fazer com*” (MACEDO, 2010), pois somos em comunidade! Assim, é o cuidado coletivo, desde a sua subjetividade até a subjetividade da outra pessoa. Cuidar de si, da outra, da natureza, no cotidiano!

Nossa encantada Vanda Machado (2017, p. 23, grifos meus), ao falar sobre a concepção do Projeto Irê Ayó, resume bem nossa percepção de formação, do aprender / ensinar, de currículo, metodologia, ela diz:

...emergeu da elaboração de experiências, tradições e saberes com a probabilidade de interferir na formação de educadores, considerando itinerâncias, caminhada heurística, o espaço-tempo histórico que contém a cultura, a tradição, a memória e a historicidade do lugar. Toda essa bagagem poderá ser tomada como ferramenta para uma educação preventiva com muitas vozes, **outros sentidos e lógicas capazes de dar significação à educação como um ato de aprender na vida.**

É isso! Formação mediada pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento! Pela filosofia Africana! Por pedagogias, currículos e metodologias afrorreferenciadas! Pela pedagogia da ancestralidade! Pela Pretagogia! Pelo Afeto! Pela potência dos saberes ancestrais femininos! Encanto! Bem Viver! Organicidade! Escrevivências! Saberes que nos tecem...

Somos seres de sentidos e sensações, portanto, percebemos o mundo de corpo inteiro. A ancestralidade caminha pelo tempo mítico, atualizando-se com o encantamento, em um eterno balançar nos braços da tradição, assim, um balanço que movimenta e re-constrói desde princípios tradicionais com vestes da atualidade, ou seja, um retorno à tradição em um movimento da e para a vida! A produção de sentidos aqui se dá desde as com-versas formativas, as escutas sensíveis, oriundas da ancestralidade e do encantamento, desde teias constitutivas que nos permite criar mundos desde a magia, pois esta

é a ancestralidade da filosofia, e é por isso que ela é uma anterioridade em relação à filosofia, muito embora diga a lenda que a filosofia surgiu em contraponto ao mito (A magia sempre aparece correlacionada ao mito, o que, em verdade, é correto afirmar, pois a narrativa mitológica é sempre uma narrativa mágica e o produto dessas narrativas é o encantamento) (OLIVEIRA, 2007, p. 207/208).

Nossos sentidos construindo nosso ser / fazer. O encantamento nos impelindo a reflexões críticas contínuas às nossas ações, ao que fazemos, falamos, escutamos, escrevemos, sentimos. A magia é a possibilidade criativa da existência. A ancestralidade e o encantamento potencializam-se quando são complementares, ainda que diversos, possibilitando a magia criativa da existência.

Assim, essa tese constrói-se desde o desejo de contribuir com o fortalecimento dos nossos processos de identificação por meio do reconhecimento da cultura africana na formação da história e cultura brasileira. Reconhecimento esse que não exclui ou nega a nossa herança



indígena e europeia. A intenção é fortalecer a luta contra o racismo epistêmico, social e cultural, fortalecer uma educação para as relações étnico-raciais e a busca de outra educação, uma educação afrorreferenciada, que se faça desde uma crítica radical à educação colonizada que temos, provocando superação da sociedade vigente (capitalista, machista, racista, sexista...), além da busca de enfraquecimento do sexismo e fortalecimento da potência que somos, do ser mulher enquanto fonte de e para a vida. Compreendendo e dialogando com Boaventura Sousa e Santos quando ele afirma que “para haver mudanças profundas na estruturação dos conhecimentos é necessário começar por mudar a razão que preside tanto aos conhecimentos como à estruturação deles” (SANTOS, 2002, p. 241). Acredito que essa crítica radical é fundante, assim como uma educação, um pensamento, uma concepção da filosofia como plural, diversa... enraizada no pertencimento de cada uma de nós.

Compreendendo ser necessária a desconstrução para a criação, pondero ser fundante desconstruir “conceitos, metodologias, visões, olhares, imaginários. [...] estruturas sociais, históricas, políticas. Desconstruir é necessário, não é destruir, destruir significa que você vai eliminar, desconstruir significa que você vai decompor para compor novamente” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p.121). E assim, transformar desde a ética, delineadas pelos encontros, pelo compartilhar, pelo coletivo, pois transformar desde uma postura ética é transformar desde uma perspectiva inclusiva, perpassada pela escuta, posto que “o pensamento africano é regido pelo paradigma do diálogo e das possibilidades” (MACHADO, 2013, p. 58). Possibilidades éticas de manutenção e ampliação de nossos direitos, de nossas liberdades, encantamento!!!

Assim sendo, somos energias criativas e é fundante potencializarmos todas essas energias. A nigeriana Chimamanda Adichie em seu discurso “Sejamos todos feministas” (2014, p. 42), diz que “meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças”, assim ela pergunta: “e se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero?” (Ibid, p. 44). Ou seja, focarmos em um mundo mais justo para nós, focando em nossa humanidade, em nossas energias, garantindo nosso bem-viver. Focarmos em ensinar as meninas a não anularem suas personalidades, qualquer que seja ela, em ensinarmos os meninos a expressarem sua sensibilidade, sem nos preocuparmos com os estereótipos masculinos e femininos, aqueles ditados por uma sociedade que desumaniza, uma sociedade homofóbica, misógina, machista, sexista, patriarcal, que não foca nas capacidades, nas habilidades das pessoas. Se assim fizéssemos, certamente teríamos um mundo mais justo, mais humano



(ADICHIE, 2014). Ter o mundo perpassado pelo feminino é criar outro(s) mundo(s), oriundo do viver bem, viver respeitando a subjetividade de cada uma, valorizando-as, construindo com, ouvindo, sentindo, aprendendo-com, dançando, cantando, valorização infinita da humanidade de cada uma de nós. Poesia como potência do existir, do bem-viver, como grito, como luta, pois guerreira que somos inventamos modos diversos de potencializar nossas re-existências!

Energias femininas e masculinas em festas, retroalimentando-se, reconhecendo suas potências, individualidades, valores... Esse é o intento, reconhecer nossas potências e valores, nossas singularidades e promover danças, encontros / encantos. Pois, a vida desde a cosmopercepção africana é delineada pelo viver coletivo, onde “o ato de educar passa pela experiência de preparar a construção de outra geração e a construção de cada um em particular” (MACHADO, 2013, p. 22). Um viver coletivo onde a comunidade na qual estamos inseridas(os) é o lugar que alimenta nossa existência, ela é “o espírito, a luz-guia [...], é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras” (SOMÉ, 2003, p. 35), é o lugar onde “as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros (Idem). Fonte de força, alimento do espírito, das nossas energias, “...enquanto nos preparamos para a nossa reexistência negra, somos confortados pelo pulsar do coração da mãe comunidade” (MACHADO, 2013, p.115).

Desse modo, descolonizar o conhecimento no modo de ser / fazer, é falar desde os sentidos, as energias que tecem nosso existir, empoderamento para não sermos silenciadas/os, ter o silêncio como potência para ação, como lugar de escuta, pois, o conhecimento é fruto das experiências, das trajetórias, histórias, vivências, é necessário mergulhar em nossos corações, nossas emoções e ouvir seu ritmo (SOMÉ, 2003) para nos fortalecermos, para fortalecer nossos conhecimentos.

Desta forma, tecer esse texto desde a cosmopercepção africana e afrodescendente é enfatizar nossa voz, é negar a teoria da memória, no sentido em que esta é compreendida como “teoria do esquecimento” como nos diz a afro-portuguesa Grada Kilomba (2016) quando concebe que “o passado colonial está memorizado de tal maneira, que se torna impossível esquecê-lo. (...) Não se pode simplesmente esquecer e não se consegue evitar lembrar”. Negar essa teoria é falar sobre o que tanto assusta os colonizadores, pois “existe um medo apreensivo de que, se a/o colonizada/o falar, a/o colonizador/a terá que ouvir e seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’” (Idem). Estes outros são aquelas pessoas que foram negadas pelo sistema capitalista, racista, eurocentrado, patriarcal, machista



e sexistas, são aquelas a quem foi negado o seu pertencimento, ou seja, sua origem, sua cultura, seus saberes, sua humanidade, sua ancestralidade, suas tradições.

Não silenciar, fortalecer nossos processos identitários, de pertencimento, conhecer nossa história é um **instrumento de luta** contra o racismo, o xenofobia, a criminalidade que aflige, principalmente, a população negra e as mulheres. Por conseguinte, a formação para o reconhecimento da nossa ancestralidade, o re-conhecimento de nossa origem proporciona uma consciência política, cultural, epistemológica, ética e estética, fortalecendo nossa luta, nosso pertencimento e empoderamento. Destarte, como nos aponta Ronilda Ribeiro (1998, p. 65):

O contato com a Ética e a Estética africanas necessariamente induzem sentimentos de orgulho de pertença étnica e racial nos afrodescendentes e nos brasileiros em geral. Resgatar a importância da mão e da voz africanas na construção física e simbólica desta terra brasileira é tarefa inadiável, à qual somos chamados hoje, como nunca antes. Lembrando o que foi ensinado por nossos ancestrais africanos: na grande rede de participação que caracteriza o universo estamos todos indelevelmente ligados.

Somos parte de uma grande teia, “mexeu com uma, mexeu com todas”, temos que nos conscientizar de que o processo de fortalecimento subjetivo é fortalecido pelo coletivo e o coletivo é fortalecido pelo subjetivo, somos subjetivos e coletivos, compreendendo que essa construção identitária “não se dá de forma tranquila, estática, esse processo acontece mediante inquietudes, tensões, relações conflituosas” (MACHADO, MATOS, 2016, p. 220), acontece dentro de um contexto comunitário e histórico. Teias de sentidos subjetivos / coletivos, delineadas por forças ancestrais.

É sabido que a força das mulheres africanas perpassa o tempo e o espaço, é uma força presente no cotidiano, no nosso falar, dançar, cantar, ouvir, fazer, em nosso paladar, nas religiões de matriz africana, no nosso modo de acolher, ser / fazer. Para a moçambicana Paulina Chiziane (2016, p. 08), a mulher é comparada a terra, pois a terra “é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ele é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra”. A mulher negra enraizou o “ensinamento da ética do cuidado” (CARNEIRO, 2006, p. 35).

Somos resultado de vários elementos, de uma interação constante com a natureza, com os seres vivos e não vivos, destarte, “compreender o pensamento africano passa pela necessidade de apreensão de outras realidades. O ser humano não foi construído de um único elemento da natureza. A construção foi de um ser síntese do mundo, síntese de elementos cósmicos”. (MACHADO, 2013, p. 101).



EXU, O MENSAGEIRO⁵⁵

Conta-se que num tempo muito remoto, os deuses também padeceram de fome. Os seus filhos na terra pararam de fazer-lhe oferendas. A caça e a pesca não chegava ao suficiente para alimentá-los por muito tempo. Foi então que *Exu* se pôs a caminho para resolver o problema. Procurou *Iemanjá* que se manifestou muito pessimista: Olha, *Omulu* já mandou doenças eles não se abalam. *Xangô* mandou raios também não aconteceu nada. Eles não têm medo de morrer. Eles não têm medo de nada. *Exu* não desanimou. Continuando sua viagem foi até a casa de *Orungan* que é um filho de *Xangô*. Ele o recebeu muito bem e ouviu com atenção o que estava acontecendo entre os homens e os orixás e foi logo dizendo: Eu já sei como ajudá-lo nesta sua missão. Você só precisa de 16 coquinhos de palmeira. Quando você conseguir estes coquinhos e souber o que eles querem dizer você pode reconquistar os homens. O mensageiro saiu rápido para um lugar onde havia muitas palmeiras e convenceu os macacos a lhe entregarem 16 coquinhos. Mas ele ficou olhando para os coquinhos sem saber o que fazer. Os macacos então lhe dissertam: Você foi muito esperto e já conseguiu os coquinhos, agora só lhe resta ir pelas 16 regiões do mundo recolhendo histórias. No final de um ano você já terá aprendido 16 vezes 16 histórias. Daí você volta e ensina tudo para os homens. E os homens [as pessoas] percebendo os acontecimentos iminentes através destes coquinhos vão dialogando com os orixás e vão agradecer sempre como as oferendas que alimentam a vida e o axé.

⁵⁵ Petrovich; Machado, 2004, p. 53.



3. A TESE: CAMINHOS E PERSPECTIVAS

Essa tese deseja tecer propostas de descolonização epistêmica e do pensamento e seus sentidos... desobediência epistêmica com intuito de pensarmos desde nós mesmas, nossas culturas, nossos valores, saberes, experiências / vivências. Tal desobediência é fundante para mudar a estrutura, não apenas epistemológica, pedagógica, mas também política, econômica, social, cultural vigentes... Não é válido falarmos de “descolonização” e não buscar essa mudança continuamente e cotidianamente em todas as nossas ações e, enquanto pesquisadoras / educadoras / aprendizes, mudar nossas fontes de pesquisas, metodológicas e curriculares é fundante para o exercício em torno de uma formação antirracista e antissexista, descolonizada.

Sabemos que a colonização ocidental teve como grande potência a destruição das experiências / saberes / culturas do Outro, provocando silêncios, aculturações e mortes. O conhecimento colonizado, do colonizador, não tem relação com nosso modo de viver, de estar no mundo, assim, não está implicado em uma luta, uma educação antirracista, mas sim à obediência, à prisão, à negação de si. O conhecimento, a educação, a “formação” aparecem como fortalecimento de práticas de dominação.

Assim, intentamos contribuir com os processos de descolonização da educação, perpassando as metodologias de pesquisas, currículos e referenciais teóricos numa perspectiva da transversalidade, da inclusão e valorização das próprias experiências, dos próprios saberes, uma formação para o afeto. **É uma proposta de descolonização do conhecimento, descolonização dos sentidos e escuta sensível desde a produção e os saberes ancestrais femininos.** Dona Toinha⁵⁶, em nosso último encontro antes da finalização da escrita dessa tese, em um passeio por lugares encantados do Quilombo Água Preta, em uma manhã de domingo, mostrou-me um grande e *velho* cajueiro, que é sustentado por outras árvores, ela falou sobre um grande exemplo que o mesmo nos dá, vejamos o que ela disse:

Eu acho que essa árvore, que esse cajueiro, nos dá um exemplo tão grande: que é o valor do abraço, o valor que tem o abraço, a importância que tem o abraço e que muitas vezes nós não nos preocupamos com isso, acha que isso é besteira. [...] A gente precisa abraçar e ser abraçado. (DONA TOINHA, *com-versas*, 18 de agosto de 2019).

Por meio de um cajueiro sustentado por outras raízes, Dona Toinha nos ensina a importância do afeto, da escuta sensível. Ela diz que esse lugar, onde está o *cajueiro do abraço*,

⁵⁶ Liderança quilombola de Água Preta com a qual aprendi muito e com quem teci muito dessa tese. Logo mais a frente dialogaremos mais com os saberes de Dona Toinha.



é um lugar sagrado para ela, pois quando está triste é para lá que ela vai, quando precisa resolver um problema é para lá que ela vai. Lá ela se escuta, escuta a natureza e os encantados, diz que não os vê, mas sente a presença e assim consegue as respostas que precisa. Esse lugar a alimenta, a alegra, a tranquiliza. Nossa ancestralidade nos guiando e cuidando. A natureza nos sustentando. Somos seres da natureza.

Figura 5 – DONA TOINHA E O CAJUEIRO DO ABRAÇO – DESCOLONIZAÇÃO DOS SENTIDOS



Fonte: Arquivo da Autora

Enquanto conversávamos eu sentia o cajueiro, pedia suas bênçãos e sabedoria para seguir “meu” caminho, agradecia. Passava a mão em suas dobras, compreendendo que

A pele do tronco é, na verdade, sua alma. Toda a antiguidade de um troco está nos caminhos (in)visíveis de seu corpo. Ao pousar a mão levemente sobre sua superfície e escorregá-la como quem faz um carinho poder-se-á sentir toda a irregularidade de um tronco. Eles jamais são lineares. São resultados de muitas dobras. Pequenas dobras de celulose que se avolumam sobre outras camadas de celulose. Uma dobra de um tronco é um universo escondido que esconde outros universos. Não há padrão! Elas – as dobras – seguem caminhos próprios e desenham a própria face da diversidade. A rugosidade dos troncos é um encontro de dobras. (OLIVEIRA, 2007, pp. 70-71).

Naquela manhã, naquela conversa, tecíamos uma relação de troca e cuidado, de escuta e afeto, de cuidados ancestrais e aprendizados oriundos das dobras do tempo em nós, dos saberes ancestrais femininos em nós. De valorização e cuidado, da percepção da diversidade, da natureza, do espaço e do tempo trançando conhecimentos ancestrais, pois suas dobras,

São dobras do tempo no corpo de um vegetal. Ou, melhor ainda, é o corpo do vegetal tecendo o tempo do tempo. Em cada microcavidade está a paciência de um ponto do tempo, como fazem idosa senhoras ao delinearem seus pontos de tricô, crochê ou





rendas. Cada nódulo de tronco é o resultado de um nódulo de tempo. Um a um são pacientemente tecidos na superfície majestosa dos troncos. No conjunto formam um mosaico de nódulos e trilhas microscópicas que dão a exata medida da tessitura do tempo. Tempo profundo, denso, rugoso. (Idem).

Portanto, esse diálogo filosófico, delineado pela educação, pretende contribuir na superação da luta contra o racismo e o sexismo, por meio do afeto, da escuta sensível, da percepção de nossas dobras, das dobras do tempo. É um diálogo que, por meio das relações etnicorraciais, pretende mexer nas estruturas sociais brasileira, nessa busca decolonial, antirracista e antissexista. Sim, é uma grande pretensão, entretanto, acredito que coletivamente é possível mexermos nessas estruturas racistas, machistas, heteronormativa, colonizadora, etc. Somos insurgentes! Somos encantadas! Um abraço da/na nossa ancestralidade...

A descolonização é um projeto de potencialização da vida, onde nenhuma vida é dispensável, ao contrário. Ela é epistêmica, pois é necessário mudar o paradigma do pensar, assim, não podemos seguir com as epistemologias, os conceitos ocidentais como fundantes na construção de nosso pensamento, do nosso conhecimento, de nossos currículos e metodologias. É epistêmica por não se fundamentar na genealogia do pensamento latim e grego, mas no pensamento afrorreferenciado, indígena. (MIGNOLO, 2008).

A língua, a escrita é um lugar de luta, de combate... o que escrevemos, lemos e pesquisamos são atos de re-existências, lutas aquilombadas e implicadas, ética, estética, política, social, cultural e epistemologicamente. É necessário descolonizar nossa linguagem tanto do discurso, como de imagens e escritas, pois são linguagens patriarcais, coloniais, carregadas de violências, impregnadas de uma “normalidade” que exclui a própria condição humana, aquela do Outro. Portanto, escolhas afrorreferenciadas em nossos modos de ensinar / aprender / escrever / criar / sentir são fundantes, afinal “nos constituímos através da linguagem e por dela é que firmamos e encantamos nossos terreiros/mundo” (SIMAS; RUFINO, 2018, p 73), mais que isso, praticamos a dobra na linguagem, pois são múltiplas e de corpo inteiro, essa dobra é “a forma que temos de não nos subordinarmos diante da imposição de normas que nos violentam e nos negam enquanto possibilidade” (Idem).

Sabemos que as práticas educativas estão acompanhadas de políticas de sentidos, experiências reflexivas acerca da vida e do que nos cerca, entretanto, é fundante nos questionarmos continuamente sobre o(s) sentido(s) educativo(s) e se estamos o colocando em prática. Assim, continuamos implicadas na construção coletiva de um mundo melhor, mais justo, preocupadas com uma formação crítica, demarcada por políticas de resistências e de libertação concreta, real, onde a liberdade é compreendida como “o valor mais elevado impregnado no espírito da democracia” (CASTIANO, 2011, p. 59) e da justiça social, liberdade



política (NGOENHA, 2011, p. 202). Implicação numa formação experienciada, numa educação total, não apenas voltada para um conhecimento disciplinar sistematizado, básico, mas como uma perspectiva crítica diante do mundo, não apenas histórica dos saberes escolares, acadêmicos, mas uma educação / formação para a vida, para a criação de mundos melhores. Tudo está interligado, essa é a trama da vida, a grande teia da nossa existência. E o objetivo dessa existência é criar e preservar a harmonia, tudo está no todo e o todo está no tudo, precisamos nos responsabilizar por manter a harmonia dessa teia e da diversidade do mundo, das existências que fortalecem e enfeitam a teia, por isso a

Herança mítica africana está imbricada numa teia de vivências plurais que se repetem nas singularidades e nas diferenças do jeito de ser do povo brasileiro. Vivências plurais que retomam da ancestralidade estratégias míticas e simbólicas, expressões de significados sagrados, momentos ritualísticos de linguagens diversas, repertórios culturais reterritorializados, transformando um jeito de ser em formas de resistência, organização social e ritual. Foi longo e cheio de astúcia o caminho que transformou as transgressões da ordem escravista em formas ancestrais de modo de vida em permanente superação, que nasceram as irmandades, as confrarias, as associações, os terreiros e os quilombos. Até hoje, estes lugares, como microterritórios, fazem parte de um discurso indexalizado, complexo, originante de uma estrutura de pensamento comunitário como um espelho africano na sua essência agregadora, presença vital do cuidado, solidariedade e convivência que abrandam as dores da humanidade negra ferida. (MACHADO, 2013, pp. 91-92).

A educação, ao comprometer-se com a experiência de cada uma de nós está a nos ensinar, nos ajudar a manter a harmonia, o colorido da teia... Implicada numa escuta sensível e na compreensão da diversidade que somos nós e que formamos. Educação implicada com a formação, entendendo a educanda como um ser em transformação, pois

A qualidade essencial de um sujeito em formação está então na sua capacidade de integrar todas as dimensões do seu ser: o conhecimento dos seus atributos de ser psicossomático e de saber-fazer consigo próprio; o conhecimento das suas competências instrumentais e relacionais e de saber-fazer com elas; o conhecimento das suas competências de compreensão e de explicação e do saber-pensar. (JOSSO, 2002, p. 33).

Experienciar e pensar / refletir tais experiências. Pois, se não refletimos sobre as experiências elas deixam de ser experiências, sendo apenas vivências. Nesse sentido, as pesquisas – experiências em torno das africanidades tem a preocupação de transformar as vivências em experiências e assim construir uma formação sólida, desse modo, a escuta sensível, o olhar, sentir, ouvir, desejar a pessoa em formação é fundante, não esquecendo que a pessoa formadora também está em constante formação. Somos seres em formação!

Tal formação implica sim em reivindicações por mudanças curriculares, metodológicas, por mudanças na perspectiva conservadora e disciplinar que impera na



educação brasileira, desde uma imposição oriunda da colonização. Tal formação implica em desconstruções, transições, transformações que nos levem ao encantamento, como veremos na metodologia dos Odus.

Nesse sentido, ao nos debruçarmos em torno da filosofia africana, em terras brasileiras, desde a nossa experiência afrodiaspórica, “não é tanto a filosofia africana em *si* que importa, mas de que modo ela nos aparece para nós, brasileiras/os que pouco sabemos de nossas heranças africanas” (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 203). Heranças despedaçadas, pisoteadas, rasgadas em porões de navios negreiros, durante a colonização, mas que não se perderam totalmente, foram reinventadas no ato de invenções de espaços encantados, de re-existências, como nossos terreiros, nossas danças, nossas comidas, nossas músicas, etc. As sabedorias africanas são arte do ser / fazer, são poéticas de encantamento implicadas na política de valorização da vida. Assim, a diáspora africana fez-se uma encruzilhada de saberes que atravessaram o mar atlântico e saberes re-inventados e inventados. O povo negro na encruzilhada potencializa as infinitas possibilidades de criar, em um ato de resistência, de luta para não perder sua ancestralidade, culturas e tradições. Assim, ressignifica-se a vida desde a referência africana. África reinventada em terras brasileiras, em terras diaspóricas. Imaginário da África em ações de ressignificação do estar no mundo, estar como potência. É importante pontuar que:

Ao mesmo tempo em que a experiência do desterro é produzida como impossibilidade há o cruzo e a necessidade de reinvenção como possibilidade de sobrevivência. Por mais que o trágico acontecimento de deslocamento forçado se configure como um rompimento irreparável de laços de pertencimento, a experiência de desterro forja uma espécie de transcultural de sobrevivência. O trançar dessa rede transcultural reescreve outras perspectivas, que confrontam e rasuram as pretensões monoculturais do colonialismo. (SIMAS; RUFINO, 2018, P. 50).

Assim, nosso intuito é dialogar com, desde a filosofia africana, para conhecermos nossas histórias negadas, nossas heranças africanas e assim, fortalecermos nossa ancestralidade, potencializando a luta antirracista e uma educação descolonizada. Pois, sabemos que a colonialidade persiste, ainda que a colonização como outrora não seja mais uma realidade. Portanto, é necessário um engajamento coletivo, em rede, união e formação para nosso fortalecimento e descolonização. A descolonização de imaginários, de falas, de presenças e ausências.

Reconstrução de nosso pertencimento, de nossa “identidade” negada. Compreendendo que essa identidade está delineada por “movimentos múltiplos e complexos da constituição das nossas *imagens de si*, relacionadas com processos de agenciamentos



históricos e políticos que findam por visibilizar ou ocultar os elementos destas imagens” (FLOR DO NASCIMENTO, 2016, p. 204). Assim, nesse texto, intenta-se tecer a trama da filosofia africana, dessa identidade “perdida”, crocheteada por vozes femininas.

Somos um país tecido por vozes / ações femininas, um país que insiste continuamente em nos calar, somos vozes de um Brasil que se reinventa, que persiste na luta pela existência, re-existência do povo preto, uma luta constante contra o racismo, o genocídio, o feminicídio, o epistemicídio. Por isso não esquecemos que *nossos passos vêm de longe*, nos fortalecemos com nossas ancestrais, com nossas memórias de lutas, conquistas e ações para um mundo melhor, mais justo e encantado.

Acredito, e afirmo há algum tempo, que uma grande tarefa epistemológica da atualidade é de criar conceitos, ressignificá-los, recriá-los, descolonizá-los... De modo que tais conceitos estejam desraizados, desprendidos do colonialismo, do eurocentrismo, do patriarcalismo, do machismo (até misoginia) tão vigente em nossos novos / outros / velhos tempos. Entretanto, pergunta-se: será que é possível? Penso que é um processo, um fazer cotidiano, não apenas na escrita, mas no falar, no ler, no agir, no ser, é um ato de corpo inteiro, uma ação do pensar / fazer / ser / sentir! É mudar desde nosso eu interior, construir epistemologias desde a práxis, experiências / vivências tecendo nossos saberes, nossos conhecimentos, nossos modos de fazer. Desse modo, escrevo essa tese desde experiências do meu eu mulher! Eu mulher, negra, filósofa... em um ensaio primeiro do meu eu feminino. COMUM-AÇÃO! Comunicar em união, agindo, apresentando dispositivos para pensar, questionar, refletir... há muito para ser refletido, dito, escrito, desenvolvido, criado... Estou e sigo em processo de construção, desconstrução, transformação... Essa tese é e será sempre inacabada, factível de ser desconstruída e transformada, é construída desde sentimentos / saberes inacabados, em transformação, em desconstrução, em transição e encantada...

Assim, tenho dedicado minhas pesquisas a essa busca, a essa ação de mudar, tentativas do fazer / ser, portanto, nesse texto trago meus primeiros singelos acordes dessa poesia feminina, ou seja, escritas em diálogo principalmente com mulheres, potencializando nossos saberes, nossos conhecimentos, pois “nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência”. (EVARISTO, 2017).

Não há aqui a proposta de discutir gênero ou feminismo, fundamentalmente o negro, assim como não farei uma espécie de historiografia das mulheres na filosofia africana contemporânea e afrodiaspórica. Propomos perspectivas epistemológicas, curriculares e



metodológicas de descolonização desde os saberes ancestrais femininos. Saberes de mulheres que tem o encantamento como esteio para a vida.

A seguir traremos noções importantes para essa construção da tese. São perspectivas outras para tessituras de epistemologias descolonizadas, afrorreferenciadas.

3.1. ALGUMAS PERSPECTIVAS IMPORTANTES

3.1.1. Noção de Pessoa

Na concepção africana a pessoa nunca está separada da natureza, ela é de corpo inteiro, mesmo diversa não é fragmentada, o corpo não se encontra separado da mente. Hampaté Bâ (1981, p. 03), nos ensina que:

o ser humano não é uma unidade monolítica, limitada a seu corpo físico, mas sim um ser complexo habitado por uma multiplicidade em movimento permanente. Ele não se trata, portanto, de um ser estático, ou concluído. A pessoa humana, como a semente, evolui a partir de um capital primeiro, que é seu próprio potencial e que vai se desenvolvendo ao longo da fase ascendente de sua vida, em função do terreno e das circunstâncias encontradas. As forças liberadas por esta potencialidade estão em perpétuo movimento, assim como o próprio cosmos.

Assim, o corpo humano é considerado como “uma reprodução em miniatura da terra e, por extensão, do mundo inteiro” (Ibid, p. 04). A terra é “considerada como mãe e cuidadora dos animais, plantas e minerais” (BÂ, 1981, p. 04). Assim, quando reivindicamos esse retorno ao feminino, aos saberes ancestrais femininos, buscamos o retorno da compreensão de que só somos em relação com a natureza, ou seja, em relação também com o sagrado, portanto, é fundante cuidarmos de quem somos, do que somos, do que fazemos parte. Sem a natureza não somos, não existimos. É necessário voltarmos à terra.

Hampaté Bâ (1981, p. 05) traz uma história que conta a origem do ser humano:

Na tradição bambara, Maa-nala (Deus-Mestre), se autocriou, depois criou vinte seres: ele se deu conta que nenhuma, dentre as vinte primeiras criaturas, estava apta para se tornar seu interlocutor, kuma-nyon. Então ele retirou “uma porção” de cada um dos seres existentes, que constituíam a totalidade do universo. E misturou tudo. Ele serviu-se disto para criar um vigésimo segundo ser híbrido, o ser humano, ao qual deu o nome de maa – ou seja, a primeira palavra que compõe seu próprio nome divino. Maa, o ser “tudo em um”, não podia ser contido por qualquer invólucro. Também Maa-nala concebeu um corpo especial, capaz de conter ao mesmo tempo uma porção de todos os seres existentes. Este corpo, chamado de tari, foi ajustado de maneira vertical e simétrica. Ele simboliza um santuário onde todos os seres se encontram em inter-relações. Maa, lugar de encontro de todas as forças do universo, investido do nome de Deus – portanto participante dele – mas igualmente constituído de elementos mais



densos, tem então por vocação essencial ser “o interlocutor” de Maa-nala. Mas se ele pode se tornar um ser essencialmente religioso e adorador, e assim encontrar o caminho de sua vocação primária, ele é igualmente capaz de amar ou de odiar com uma paixão muito grande, pois tudo está nele.

Portanto, somos uma multiplicidade dentro de nós, estamos em processos constantes de mudanças, pois

a pessoa não está fechada, como uma caixa fechada. Ela se abre em várias direções, internas e externas. Os diversos seres, ou estados, que estão nela, e que correspondem aos mundos que se erguem entre o homem e seu criador, estão relacionados entre si e com os mundos exteriores. Em primeiro lugar, a pessoa está ligada a seus semelhantes. Não a concebemos isolada, independente. Da mesma maneira que a vida é unidade, a comunidade humana é una e interdependente. As relações humanas, codificadas, fizeram nascer um protocolo, um saber-viver, e geraram uma civilização social cujas regras são transmitidas de boca a boca e tomam corpo no teste da própria vida. Sempre em virtude do profundo sentimento da unidade da vida, a pessoa humana não é cortada a partir do mundo natural que a rodeia e com o qual mantém relações de dependência e equilíbrio. (BÁ, 1981, p. 08)

Somos interdependentes, em relação a nós mesmas e a tudo que está a nossa volta.

Desse modo,

a tradição concebe a pessoa humana tanto como multiplicidade interior convocada a ordenar e a unificar, quanto a encontrar seu lugar certo dentro das unidades mais vastas que são as comunidades humanas e o mundo vivente no seu conjunto. Síntese do universo e cruzamento das forças da vida, o [ser humano] é assim convocado a tornar-se o ponto de equilíbrio onde, por meio dele, se podem reunir as diversas dimensões de que ele é portador. (Ibid, pp. 08-09).

O pensamento africano é um pensamento da diversidade, mas não uma diversidade que separa, ao contrário, une, é um pensamento que deseja e acolhe essa diversidade, pois somos de corpo inteiro em busca de equilíbrio. Somos interdependentes numa relação contínua com a natureza, com a comunidade. Para Ronilda Ribeiro (1996, pp. 43/44) cada pessoa resulta “da articulação de elementos estritamente individuais herdados e simbólicos”, nesse sentido, os elementos herdados situam as pessoas “na linhagem familiar e clânica” (Idem), já os elementos simbólicos posicionam as pessoas “no ambiente cósmico, mítico e social”. Desse modo, resultamos da união da natureza com o divino. Somos síntese de tudo que compõe o universo, somos parte do todo e o todo de uma parte, numa interação contínua entre a natureza e o sagrado (MACHADO, 2019).

Na perspectiva ketu, segundo Kiusam de Oliveira (2008, p. 84), em diálogo com Ronilda Ribeiro (1996, p. 109):

A pessoa tem seu aspecto individual [pessoal, subjetivo] que não pode ser considerado fora do contexto da organização social e das instituições às quais pertence. Vale dizer, portanto, que a pessoa tem seu lado individualizado, único, que é constituído nas





relações sociais, no coletivo, por conta do que constitui a pessoa: ará (corpo físico), ojiji (sombra), okan (coração), emi (respiração, princípio vital) e orí, que vem a ser a cabeça, essência real que carrega a coroa.

Portanto, a pessoa compreendida desde a cosmopercepção africana é “constituída por aspectos naturais e divinos, harmoniosamente articulados e complementares” (OLIVEIRA, 2008, p. 84).

Pensar a pessoa desde a cosmopercepção africana é compreendê-la de corpo inteiro, um ser que produz conhecimento tecido por suas próprias vivências e experiências, escrevivências. Compreender que todo ser humano está munido de conhecimento e é em relação com o que está a sua volta, com a comunidade que o tece e com o mundo em que vive. Entretanto, o povo africano vem tendo seu conhecimento negado há séculos por meio do epistemicídio. Assim, é interessante que possamos dialogar um pouco sobre o que é esse epistemicídio e quais os seus impactos.

3.1.2. Epistemicídio

*Precisamos escolher e nomear quem são as nossas Mestras e Mestres...
Conceição Evaristo*

Lutar contra o epistemicídio é lutar pela nossa memória. A filósofa Sueli Carneiro traz em sua história, experiências e vivências políticas de re-existências, de resistências, uma árdua luta contra o epistemicídio e a descolonização do conhecimento. Ela denuncia, mas também faz anúncios de construções epistemológicas tecida por vozes / escritas / lutas de mulheres negras que tecem a história desse país. Pois, como bem nos diz nossa Mestra Conceição Evaristo, no *prefácio* de *Escrito de uma Vida* de autoria de nossa também Mestra Sueli Carneiro,

...se para mulheres em geral, escrever se torna um ato político, para as mulheres negras, publicar se converte em um ato político também. Podemos ainda ampliar o sentido político de escrever e publicar, acrescentando o ato de ler. Promover os nossos textos entre nós mesmas, e para além de nós, investigar uma bibliografia não conhecida ou não recepcionada como objeto científico, mas que nos informa a partir de nosso universo cultural negro, insistir em apreender as informações contidas na obra, são atos de leitura que se transformam em atos políticos. (EVARISTO *apud* CARNEIRO, 2018, pp. 7-8).

Nesse sentido, essa tese está imbuída da denúncia e do anúncio, numa luta irmanada contra o epistemicídio que o povo preto segue sofrendo (assim como genocídio), assim como



uma luta contra o silenciamento das mulheres, especialmente das mulheres negras. Uma luta irmanada, pois “é preciso entender sempre que nossas ações atuais carregam fundamentos plantados no tempo. ‘Nossos passos vêm de longe’, afirmamos sempre” (EVARISTO *apud* CARNEIRO, 2018, p. 09). Assim, denunciemos e anunciemos modos outros de escritas, escrevivências, metodologias, currículos...

Modos outros tecidos por engajamentos contra o racismo e o sexismo. Modos poéticos de escritas / ações didáticas / metodológicas / curriculares que transformam nossas experiências em discursos potentes e, assim, encantados, comprometidos com os saberes ancestrais africanos, aqui crocheteados fundamentalmente por vozes de mulheres tecidas por nossas brasilidades africanas. Vozes / escritas potentes contra o epistemicídio oriundo do racismo e do patriarcado.

Sueli Carneiro (2005, p. 97) nos diz que o epistemicídio é “um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais” e em

suas vinculações com a racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade / biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quando do biopoder, a saber, disciplinar/normatizar e matar ou anular. (Idem).

Portanto,

Matar o pensamento do outro, na verdade transformar esse outro em “coisa”, em uma mera ferramenta para gerar lucro para o sistema econômico capitalista, é uma estratégia que foi determinante para relegar ao negro uma condição de subalternidade e inferioridade perpétua. Ao impor o insígnia da raça e classifica-la como não-humana cria-se uma categorização de seres despossuídos de racionalidade, isso inclui é claro a memória. Dessa forma se nega o passado; apagando o que foi produzido em termos de conhecimento no continente africano, nega-se o presente; anulando as possibilidades de ascensão social e econômica, seja pelo o extermínio dos corpos negros, seja pela negação do acesso à educação e nega-se o futuro; mais uma vez pelo extermínio dos corpos negros e pela estratégia de submeter esse subalternizado à uma cultura e estética impostas pela branquitude⁵⁷ que determina como negativo tudo que se refere a cultura e conhecimento negro. (PESSANHA, 2018, pp. 63-64).

⁵⁷ Segundo Eliseu Amaro Pessanha (2018, p. 64): o termo branquitude se refere de certa forma a identidade sócio-político-cultural das pessoas brancas ou tudo que essa identidade acumulou durante toda história das relações entre pessoas negras e pessoas brancas. O uso mais pioneiro do termo é atribuído ao filósofo estadunidense W. B. Du Bois, *whiteness*, na obra *Black Reconstruction in the United States* (1935) e posteriormente pelo psiquiatra e filósofo martinicano Franz Fanon em *Pele Negra Mascaras Brancas* (1952). No Brasil há o registro de termo semelhante, brancura, usado pelo sociólogo Guerreiro Ramos no artigo *A patologia social do 'branco' brasileiro* (1957). O filósofo jamaicano Charles W. Mills no artigo *White ignorance* (2007) argumenta como factualmente a branquitude opera: “A branquitude é originalmente coextensiva com a humanidade completa, de modo que o Outro não-branco é compreendido através de uma série histórica de conceitos cujo denominador comum é a localização de seus sujeitos em um degrau ontológico e moral mais baixo”. (MILLS, 2018, p.426).



Desse modo, denunciemos que “o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos” (SANTOS, 1999, p. 283 *apud* PESSANHA, 2018, p. 66). O epistemicídio ficou entranhado na história do “conhecimento”, entranhado na psique, faz parte do nosso cotidiano, é estrutural, assim

foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam constituir uma ameaça à expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, à expansão comunista (neste domínio tão moderna quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1999, p. 283 *apud* PESSANHA, 2018, p. 66)

A educação colonizada, insensível é a atuação do racismo, do epistemicídio, que

serve como instrumento para embrutecer o negro, embrutecido e condicionado à ignorância a sua ascensão social torna-se cada vez mais distante, pois a estrutura do sistema em que ele se encontra foi programada para absorve-lo como mão de obra barata mesmo antes do trabalho assalariado. Alijado do processo de formação intelectual lhe resta o trabalho bruto, nas profissões de baixo prestígio e péssima remuneração, quando muito ele é útil para entreter, na música em alguns esportes, na prostituição, resta-lhe também o desemprego e os vícios e a marginalidade, e em todas essas esferas o seu corpo é alvo fácil para ser exterminado. (PESSANHA, 2018, p. 70).

O racismo é engenhoso, exclui o povo negro dos espaços sociais e políticos, tenta tirar-lhes a cultura, o nega enquanto produtor de conhecimento. Assim,

ao ser excluído dos espaços de poder político e econômico o negro também é excluído dos espaços de produção do conhecimento. No espaço acadêmico é nítido a ausência de pensadores negros, tanto nas referências bibliográficas como no corpo docente. É evidente o quanto que a escravidão é responsável por essa lacuna, pois enquanto era a base do sistema de produção econômica durante os séculos XV à XIX, o sistema jurídico de todo o mundo colonizado produziu leis que impediam o acesso do negro à educação. Se por um lado a epistemologia hegemônica construía conceitos e elaborava argumentações para a defesa da supremacia branca, o judiciário criminalizava qualquer possibilidade de produção epistêmica negra, a mínima que fosse, dessa maneira por várias gerações o conhecimento oriundo das pessoas africanas só conheceram o extermínio sistemático do seu saber. (PESSANHA, 2018, pp. 70-71).

Descolonizar o conhecimento, os sentidos, é imbricar-se em uma luta contra o racismo e o epistemicídio. É um trabalho árduo e contínuo. Ainda reivindicamos, em todas as áreas do conhecimento, um pensamento afrorreferenciado, com currículos e metodologias que dialogam com nosso modo de construção epistemológica. Em diálogo com nossos modos de aprender / ensinar / ser, “é aprender como pegar nossas diferenças e transformá-las em forças. Pois as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre.” (LORDE, 1979).



É como disse Conceição Evaristo em *Olhos D'água* (2016): eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer.

Ao escrever...

Conceição Evaristo
(Poemas da Recordação e outros movimentos)

Ao escrever a fome
com as palmas das mãos vazias
quando o buraco-estômago
expele famélicos desejos
há neste demente movimento
o sonho-esperança
de alguma migalha alimento.

Ao escrever o frio
com a ponta de meus ossos
e tendo no corpo o tremor
da dor e do desabrigo,
há neste tenso movimento
o calor-esperança
de alguma mísera veste.

Ao escrever a dor,
sozinha,
buscando a ressonância
do outro em mim
há neste constante movimento a ilusão-esperança
da dupla sonância nossa.

Ao escrever a vida
no tubo de ensaio da partida
esmaecida nadando,
há neste inútil movimento
a enganosa-esperança
de laçar o tempo
e afagar o eterno.



3.1.3. A interseccionalidade do feminismo negro e decolonial

Para Sueli Carneiro (2003, p. 129), “pensar a contribuição do feminismo negro na luta antirracista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais”. Falar da mulher negra é falar sobre gênero, raça e classe. Nesse sentido, trazer o pensamento feminino é um ato contra o racismo e o sexismo que tanto nos afeta, é interseccional, pois que “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14), posto que “o projeto feminista negro desde sua fundação trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios, de classe, cisheteronormatividades articuladas em nível global”. (Ibid, p. 18).

Carla Akotirene (2018), dialogando com Kimberlé Crenshaw nos diz que “a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente o movimento negro falha pelo caráter machista” (Idem).

Na década de 70, no Brasil, começou a efervescência dos movimentos negros, na busca de direitos, de igualdade, no fim da referida década ocorre, no interior do movimento negro, “a formação de núcleos e coletivos femininos contemporâneos com fins políticos” (RATTS; RIOS, 2010, p. 95), era unânime entre as ativistas a percepção de uma postura e comportamento machista dos companheiros de militância (Idem), “nas entidades, os homens agiam de modo autoritário, controlavam as falas das mulheres, faziam ameaças verbais e dominavam as estruturas decisórias” (Idem), para além disso ainda existia uma discrepância entre “o comportamento na vida privada e íntima dos militantes” que “às vezes contrariava os discursos libertários realizados em espaços públicos” (Idem), muitos casavam com mulheres brancas. Assim, “por mais que o movimento buscasse afirmar a estética negra, valorizando as relações intrarraciais, ainda permanecia o ideal estético do “branco belo”” (Idem), essa é uma realidade que persiste, em 1985 Lélia Gonzalez afirma (*apud* RATTS; RIOS, 2010, p. 97): “desnecessário dizer que o MN [Movimento Negro] não deixava (e nem deixou ainda) de reproduzir práticas originárias mistas, sobretudo no que diz respeito ao sexismo”.

Para Lélia Gonzalez (*apud* RATTS; RIOS, 2010, pp. 111-112) havia um “feminismo negro [que] possui sua diferença específica em face do ocidental: o da



solidariedade, fundada numa experiência histórica comum”, por consequência “o feminismo que se formou no seio das lutas de mulheres negras traria um tipo de solidariedade com os homens negros, já que eles também compartilhavam com elas alguma forma de opressão” (RATTS; RIOS, 2010, p. 112). Portanto, é necessário pensar a mulher negra desde o racismo, o sexismo e a classe social, ou seja, raça, gênero e classe.

É equivocada toda e qualquer análise e concepção de *mulher* desde uma perspectiva universal, pois, “iniquidades de gênero nunca atingiram mulheres em intensidades e frequências análogas” (AKOTIRENE, 2018, p. 23). O gênero modifica ao encontrar o corpo da mulher negra, ou seja, o corpo racializado:

Entretanto, enfoques socialistas encurtados à cantilena de classe negaram humanidades africanas, além do fato de negras serem mulheres e estupros coloniais terem-nas transformado em produtoras e reprodutoras de vidas expropriadas no trabalho de parto, e seus filhos em mercadorias as quais, elas, em tese mães, não tinham o direito à propriedade. É fetiche epistemicida omitirmos clivagens racistas, sexistas e cisheteronormativas estruturadas pelo Ocidente cristão. (Idem).

Às mulheres negras não era dado o direito à família, à maternagem, pois tinham que cuidar das crianças filhas da patroa, muitas vezes negando seu leite às próprias crianças. Muitas vezes essas crianças eram filhas de seus patrões, os maridos das patroas mães das crianças que alimentavam.

Entretanto, as “mulheres negras, na condição de Outro, propuseram ação, pensamento e sensibilidade interpretativa contra a ordem patriarcal racista, capitalista, sem nenhuma conivência subjetiva com a dominação masculina” (AKOTIRENE, 2018, p. 25). Elas lutavam contra a condição que lhes eras impostas, desse modo,

escolheram lutar pelo sufrágio e pela abolição, defenderam os homens negros e as companheiras brancas, reconhecendo, quer seja descrito, quer seja analítico, isolado de outras categorias de análise, o marcador gênero explica as violências sofridas por mulheres brancas, como a categoria raça explica o racismo imposto aos homens negros. (Idem).

Assim, lutavam, evidenciando “destreza corpórea, insubmissão política em defesa do abolicionismo e sufrágio, preocupadas em superar toda e qualquer opressão, sem que, para isto, credenciais acadêmicas validem este conhecimento” (Idem). São os saberes ancestrais femininos em luta pela e para a vida. É importante demarcar que o feminismo negro acolhe as mulheres trabalhadoras (assim, também as mulheres não negras, mas que são exploradas pelo capitalismo), e “também considera que os homens negros sofreram consequências de raça-sexo mergulhadas de estereótipos, linchamentos e classificação racial acusatórias de sê-los



abusadores sexuais das mulheres brancas” (AKOTIRENE, 2018, p. 29). Carla Akotirene dialoga com o primeiro livro de bell hooks (*Ain't I a Woman*, 1981), onde o referido livro:

ajusta a metodologia interseccional articulando o impacto sexista na experiência das mulheres negras durante e após a escravatura, a desvalorização da subjetividade, o machismo dos homens negros, o racismo feminista e a vontade intelectual de trabalhar o paradigma afrocêntrico para defender um povo. (Ibid, pp. 29-30).

Desse modo, a interseccionalidade apresenta-se como uma perspectiva da coletividade do povo negro e como

teoria, metodologia e instrumento prático [...] revela o ciclo lunar da militância encabeçada pelas intelectuais negras, numa diversidade de marés na história do feminismo, rejeita a brancura das ondas feministas que não passaram experiências da colonização, sequer compuseram o projeto intelectual emocionado, manifesto de força teórica negra, sem estar preso às correntes eurocênicas e saberes narcísicos. (AKOTIRENE, 2018, p. 30).

É fundante criarmos nossas próprias metodologias, desde nossas teorias e práticas, pois “as ferramentas do opressor não vão derrubar a casa grande”, como nos ensina Audre Lorde (*apud* AKOTIRENE, 2018, p. 31). Nossos modos de aprender / ensinar, nossos saberes são transversais desde a ancestralidade, desde antes da colonização, hoje temos esses saberes perpassados pela interseccionalidade.

A interseccionalidade “é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras, cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negro” (AKOTIRENE, 2018, p. 13), ou seja, um conceito oriundo da escuta sensível, da percepção de nossas singularidades, das encruzilhadas que nos tecem, pois que “Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto, da interseccionalidade” (Ibid, p. 15).

Ser da encruzilhada é também entender-se desde o uso de todos os sentidos, nos percebendo de corpo inteiro e em relação com nossa ancestralidade, com o visível e o invisível que nos tece, pois que “a única cosmovisão a usar apenas os olhos é a ocidental e esses olhos nos dizem que somos pessoas de cor, que somos Outros” (AKOTIRENE, 2018, pp. 19-20), portanto, nos pensamos e tecemos nossas teorias, usando todos os sentidos, ou seja, “a concepção de mundo que interessa ao Feminismo Negro utiliza de todos os sentidos. [...] não socorre as vítimas do colonialismo moderno prestando atenção à cor da pele, gênero, sexualidade, genitália ou língua nativa. Considera isto sim, humanidades.” (Ibid, p. 20). É a pessoa que interessa, seus sentidos. Carla Akotirene traz o exemplo dos Orixás para ilustrar “nossa base ética civilizacional: o corpo se relaciona com alteridade baseada na memória,



informação ancestral do espírito e não pela marcação morfofisiológica, anatômica, fenotípica” (Ibid, p. 20). Ser de corpo inteiro!

Essa interseccionalidade permite “às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna de onde saem” (AKOTIRENE, 2018, p. 33). É implicada pelo encantamento, tecida pela ancestralidade, luta pelo bem viver, pelo direito à humanidade, à própria vida.

A interseccionalidade é, então, um instrumento metodológico tecido pela ancestralidade africana. Portanto, trazer o feminino desde a filosofia africana, delineado pela ancestralidade e pelo encantamento, implicados na descolonização do conhecimento, é um diálogo com o feminismo decolonial, pois que este, como nos diz Thula Pires (2018, p. 177):

se propõe a articular produção teórica e práticas políticas, a partir de uma perspectiva pensada desde os atravessamentos do racismo, sexismo, capitalismo, heteronormatividade e colonialidade. Com forte crítica ao eurocentrismo, põe em questão o universalismo que constituiu o feminismo hegemônico (cuja história é contada de forma linear e euronocêntrica) e a tríade modernidade/colonialidade/capitalismo global.

Crítica a colonialidade de nossos corpos, de nossos sentidos éticos, estéticos, políticos, sociais e culturais. Segundo Thula Pires (2018, p. 177):

quando chamada a identificar as chaves do feminismo decolonial, Ochy Curiel (2017) destaca: 1) a produção de uma releitura histórica do projeto moderno/colonial/ocidental, colocando em negrito o etnocídio histórico que se iniciou em 1492 e que estruturou os projetos nacionais que se constituíram em Abya Yala⁵⁸; 2) a valorização dos conhecimentos produzidos por sujeitas e sujeitos políticos, independentemente do fato de passarem pelo crivo de “neutralidade”, “objetividade” e “universalidade” impostos pelas instituições acadêmicas; 3) o desenvolvimento de uma produção teórica necessariamente articulada com práticas políticas coletivas; e 4) a crítica a categorias estáveis modernas ocidentais e produção de outras categorias que reflitam, de forma imbricada, os processos de resistências aos modelos de opressão que as naturalizam.

Reconstrução histórica desde o nosso próprio lugar, valorização de nossos próprios saberes, políticas voltadas para o comunitarismo e críticas construtivas, são esses os pontos fundantes. A primeira chave, que é a releitura histórica do projeto moderno/colonial/ocidental, segundo Thula Pires (2018, p. 178), acaba por trazer “os desafios de evidenciar a mobilização

⁵⁸ Segundo Thula Pires (2018, p. 177), “Abya Yala é o nome, em língua Kuna, do território que os colonizadores chamaram de “América”. O que, com Lélia Gonzalez, chamamos de América Ladina, nos termos do povo Kuna que habita o que hoje corresponde ao Panamá e Colômbia, significa “terra em plena maturidade” ou “terra de sangue vital” (ESPINOSA-MIÑOSO; CORREAL; MUÑOZ, 2014:13)



de raça e gênero como epistemes centrais para o sucesso da expansão capitalista através do colonialismo”. E mais:

O olhar retrospectivo aos processos políticos e determinações de hierarquias, empreendidas pelo sistema-mundo-moderno colonial ocidental, busca evidenciar suas expressões contemporâneas, principalmente em relação à divisão internacional, nacional e local do trabalho, tanto sexual, heterossexual, racial e social, que afeta desproporcionalmente as mulheres, negras, indígenas, lésbicas e migrantes. (CURIEL, 2016 *apud* PIRES, 2018, p. 178).

A última chave nos faz compreender a

relação intrínseca entre a acumulação capitalista e os processos de deslocamento/remoções forçadas (notadamente produzidas em territórios habitados por negros, indígenas e camponesas), precarização do trabalho; entre o feminicídio, a violência contra mulheres e a militarização da vida; entre os discursos liberais de “reconhecimento” da diversidade cultural, racial, étnica e suas cumplicidades com as hierarquias de humanidade em Abya Yala; assim como as limitações das políticas de identidade que, apesar de fundamentais em determinados momentos de luta, não devem ser consideradas como um fim em si mesmas. (Idem).

Ou seja,

Lá descolonización para nosotras se trata de na posición política que atraviesa el pensamiento y lá acción individual y colectiva, nuestros imaginários, nuestros cuerpos, nuestras sexualidades, nuestras formas de actuar y de ser em el mundo y que crea una espécie de “cimarronaje” intelectual, de prácticas sociales y de lá construcción de pensamento próprio de acuerdo a experiencias concretas. Se trata del cuestionamiento del sujeto único, al eurocentrismo, al occidentalismo, a lá colonialidad del poder, al tempo que reconoce propuestas como lá hibridación, lá polissemia, el pensamiento outro, subalterno y fronterizo. (CURIEL, 2009, p. 03 *apud* PIRES, 2018, p. 178).

Insurgências próprias de mulheres dos ventos, das águas, das lamas... Propostas delineadas pela ancestralidade de povos marcados por suas experiências, o aprender cotidiano desde uma relação de intimidade com a natureza, a espiritualidade e o cuidar, criar / parir, pois somos sagradas. Assim,

em termos metodológicos, são evidenciadas múltiplas formas de produção de conhecimento, para além da escrita acadêmica. Intervenções artísticas, visuais, ativistas e a mobilização da História Oral são igualmente consideradas para a construção de categorias e para a formulação de crítica às categorias já consolidadas pelo pensamento moderno / ocidental. (PIRES, 2018, p. 177).

Nossas metodologias são tecidas desde nosso corpo inteiro, por isso são diversas, para além do que a colonialidade nos impõe. Somos bordadas na encruzilhada, nos mares e rios. Somos transversais e a colonialidade nos impôs a interseccionalidade e desde nossa potência criativa trilhamos essa encruzilhada desde nossas vivências perpassadas por racismo, sexismo / gênero e classe.



3.1.4. Escrevivência e Oralidade

*“Nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência.”
Conceição Evaristo*

Tenho compreendido e dito que “*escrevivência*” é um dos conceitos filosóficos mais potentes da atualidade, ainda que a sua criadora, Conceição Evaristo, não o compreenda como tal, ou não faça tal afirmação. *Escrevivência* fala de nossas histórias desde o nosso próprio modo de dizer, contar, escrever... fala de nossos sentidos e sentimentos... fala de nossas vivências – experiências, nossos saberes. É o nosso modo de aprender / contar / ensinar / transmitir desde nossas experiências, nossas vivências. É estético, filosófico, histórico, geográfico, literário, metodológico!!! É plural, feminino, interseccional!!! Conceição Evaristo diz:

Eu poderia dizer que esse conceito estético que está fundado no termo que eu uso, “*escrevivência*”, nasce de um processo muito ligado à História. A História dos africanos nas Américas. Muito relacionado à própria figura da mulher, que era escravizada dentro da Casa Grande. [Eu disse em um seminário no Rio de Janeiro, numa mesa de autoria negra de mulheres], **a nossa *escrevivência* não é para adormecer os da Casa Grande e sim para acordá-los dos seus sonhos injustos.** Por quê? O pano de fundo era justamente essa imagem que teve a mãe preta na colonização. **Um dos papéis dessa mulher era justamente contar histórias para adormecer a prole colonizadora.** É uma mulher que a palavra dela ainda era marcada pelo processo da escravidão. Ela era obrigada a acalantar os meninos da Casa Grande, contando histórias. **Eu imagino, eu projeto essa nossa escrita, essa autoria negra, tendo justamente uma função contrária.** (2018, grifos meu).

Escrevivência é um conceito costurado, desenhado, bordado, criado desde a ética da existência, da resistência, da re-existência. É uma ética do encantamento, essa estética da vida desenhando nossas escritas, nossas vivências e experiências, fundamentando nossas epistemologias, gritando-as! A *escrevivência* de Conceição Evaristo (2018b) “parte muito daquilo que eu conheço das mulheres negras, daquilo que eu sou”, é um projeto estético que “vai ligar com o desejo de lidar com outras palavras. Eu quero levar para o texto literário palavras bantas, ditados, uma outra compreensão, uma outra maneira de se postar no mundo” (Idem). *Escrevivência*, estéticas de sentidos implicadas na descolonização, na potencialização dos nossos saberes ancestrais, de uma educação afrorreferenciada, de currículos e metodologias próprias.

Conceição Evaristo é uma mulher encantada que nos diz:



tudo que escrevo, crítica, ensaio, escrita literária, toda minha criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, **nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência**. Escrevo uma vivência, que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se con(fundir) com a minha. (2017, p. 07, grifo meu).

Nossas escrevivências não são apenas nossas vivências, mas também nossas experiências... Ou seja, é um chamado para refletirmos acerca de nossas vivências e assim transforma-las em experiências. Refletir é ouvir nossos sentidos, percebê-los, senti-los. Os aprendizados oriundos de nossas escutas sensíveis, nunca é individual, pois somos seres do coletivo. Conceição Evaristo (2018b), nos diz que:

a oralidade foi importante no sentido de apurar o ouvido. Eu não tenho nenhum jeito para a música, não sei tocar nada, mas todo mundo diz que meu texto é muito musical. **A oralidade me deu o encantamento pela palavra**. Eu tenho dito que escritor é um fofoqueiro. Eu adoro escutar histórias. Hoje, então, com o celular, que as pessoas ficam contando coisas, eu sempre fico muito ligada. **A oralidade me preparou essa sensibilidade para colher os fatos do mundo**. (Grifos meus).

A escuta sensível apura não apenas nossos ouvidos, nossas “ouças”, mas também nosso jeito de olhar, de perceber e sentir, por isso a oralidade nos dá o encantamento pela palavra. E nessa sensibilidade para “colher os fatos do mundo” que encontramos as poéticas do encantamento, oriundas da escuta de nossas ancestrais, nossas mais velhas. Geralmente nossos primeiros contatos não apenas com a literatura, mas com diversos conhecimentos, especialmente das histórias de nossas mais velhas, é oriunda da contação de história. Eu sou tecida por avós, avôs, pai, mães, vizinhos, que contavam muitas histórias. Nossa escritora da escrevivência diz:

meu primeiro contato com a literatura é a literatura oral. Foi essa contação de história. Às vezes, eu escuto uma palavra e ela, pela sonoridade, me desperta. [Eu ouvia essas histórias] da minha mãe, minha tia, um tio velhinho que eu tinha em casa, de todo o entorno. **Acho que uma das grandes riquezas no povo é essa possibilidade de fala, esse brincar com a palavra, essa piada que nasce das coisas mais tristes**. Eu tenho pensado muito, **a palavra, independente de ser escrita ou não, pode ser extremamente libertadora**. Assim como pode ser castradora, impositiva, pode ser libertadora. (EVARISTO, 2018b, grifos meus).

A escrevivência é tecida pela *escuta sensível*. Tal escuta é oriunda da abertura para o Outro. A busca de uma liberdade coletiva, concreta.

...Mas escrever funciona para mim como uma febre incontrollável, que arde, arde, arde... A professora olhava querendo ser natural, a turma ria e eu escrevia. Gosto de escrever



palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida. Outro dia, tarde da noite, ouvi um escritor dizer que ficava perplexo diante da fome do mundo. Perplexo! Eu pedi para ele ter a bondade, a caridade cristã e que incluísse ali todos os tipos de fome, inclusive a minha, que pode ser diferente da fome dos meus. Falei, mas pelo menos naquele momento, me pareceu que ele fazia ouvidos moucos.

Quem sabe os nossos Orixás que são Humanos e Deuses descrevam para esse escritor outras e outras fomes, aumentando assim, mais ainda, a perplexidade dele. Penso em Dorvi a todo o momento. Ele é para mim um presente incompleto e um futuro vazio. Provavelmente Dorvi não virá mais. Ele que tinha um trato de viver fincado nessa fala desejo:

- A gente combinamos de não morrer.

*- Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. Vivo implicando com as novelas de minha mãe. Entretanto, sei que ela separa e separa com violência os dois mundos. Ela sabe que a verdade da telinha é a ficção. Minha mãe sempre costurou a vida com os fios de terra. Tenho fome, outra fome. Meu leite jorra para o alimento de meu filho e de filhos alheios. Quero contagiar de esperanças outras bocas. Lidinha e Biunda tiveram filhos também, meninas. Biunda tem o leite escasso, Lidinha trabalha o dia inteiro. Elas trazem as menininhas para eu alimentar. Entre Dorvi e os companheiros dele havia o pacto de não morrer. **Eu sei que não morrer, nem sempre é viver.** Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. Meu filho dorme. Lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo sangue. Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. **“Escrever é uma maneira de sangrar”**. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...*

*A gente combinamos de não morrer⁵⁹.
Conceição Evaristo*

⁵⁹ A gente combinamos de não morrer. Conto do livro “Olhos D’água”, Conceição Evaristo, 2016.



3.1.5. Corpo Inteiro: fio que tece conhecimentos e sentidos

Estar de corpo inteiro é permitir-se pertencer-se a uma totalidade integrada, comunitária. Pois o corpo humano é compreendido como uma “reprodução em miniatura da terra e, por extensão, do mundo inteiro.” (BÂ, 1981, p. 04), e a terra é a mãe, “mãe e cuidadora dos animais, plantas e minerais” (Idem). Somos femininos em potência...

Nosso corpo é constituído do todo, assim tudo está em nós e nós estamos em tudo, portanto, fortalecer nosso pertencimento, nossa ancestralidade é fortalecer a energia vital que há em nós. Nesse sentido, somos corpos em potência, entretanto, vivemos em sociedade capitalista, genocida que nega nossos corpos, portanto,

Num contexto de constante massacre à população e cultura negra, é de extrema importância que nos tornemos corpos agentes. Corpos que estejam dispostos a construir uma consciência do seu estado de colonizado e poder se desfazer das amarras da colonização. Contudo, alguns problemas surgem ao propor a criação dessa agência, dessa autonomia de falar de um lugar com base africana: De onde partimos? Com que ferramentas denunciemos as concepções brancas e racistas de sociedades? Como não cair no perigo de reproduzir uma luta antirracista com pressupostos do colonizador? (RICARDO, 2018, p. 07).

Desse modo, é importante conhecer tudo que está a nossa volta, que nos constitui e nos destitui, assim, como nos diz Ingrid Ricardo (2018, p. 09), “constituir um corpo agente, ou seja, ser consciente de nossa história e ocupar o lugar de centro nela, é saber dos outros lugares que nos cercam”. Conhecimento que nos proporciona criarmos armas para combater o racismo, os preconceitos diversos.

Kellynia Farias (2015, p. 35) dialoga com Azoilda Trindade quando ela “trata do preconceito e desta “dificuldade” de perceber os corpos negros em determinados espaços, inclusive os escolares e suas consequências para as crianças, adolescentes e jovens negros/as” e afirma:

(...) a gente olha mas vê, a gente vê mas não percebe, a gente sente, mas não ama e, se a gente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa, no espaço/tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para morte das infinitas possibilidades. A gente educa (...) para uma morte em vida: a invisibilidade. (TRINDADE, 2000, p. 09 *apud* FARIAS, 2015, p. 35).

Assim é a educação colonizada e colonizadora, ela educa para a invisibilidade do povo negro e seu conhecimento, é o educar para a morte em vida, pois se eu não conheço, se não é falado é porque não existe. Desse modo, aprendemos e assim nos “mandam” ensinar,



assim constroem “grades curriculares”. No próprio nome já está escrito o que tal educação, tais currículos nos proporcionam: prisão. Entretanto,

Os corpos atravessados nas encruzilhadas transatlânticas transgrediram a lógica colonial. [...] É através do corpo negro em diáspora que emerge o poder das múltiplas sabedorias africanas transladadas pelo Atlântico. O corpo objetificado, desencantado, como pretendido pelo colonialismo, dribla e golpeia a lógica dominante. A partir de suas potências, sabedorias encarnadas nos esquemas corporais, recriam-se mundos e encantam-se as mais variadas formas e via. Essa dinâmica só é possível por meio do corpo, suporte de saber e memória, que nos ritos reinventa a vida e ressalta suas potências. (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 49).

Os corpos atravessados nas e pelas encruzilhadas, são corpos de sentidos, produtores de conhecimento, espaços sagrados de potencialização da vida, assim, são corpos terreiros, ou seja, são “assentamento de saberes e é devidamente encantado” (Ibid, p. 50), desse modo, “significam, através de suas práticas, outras possibilidades de invenção da vida e de encantamento do mundo” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 50), são cruzados por “práticas de saber que o talham, o banham, o envolvem, o vestem e o deitam em conhecimentos pertencentes a outras gramáticas” (Idem), são corpos que “reinventam as possibilidades de ser/estar/praticar/encantar o mundo enquanto terreiro” (Idem).

Em nossos corpos trazemos vários escritos e escrevemos tantos outros, somos livros, grafismos, pinturas, bordados, costuras, crochês, trançados, somos a estética do mundo, da vida, pois “é através do corpo como um suporte de saber e memória que vem a se potencializar uma infinidade de possibilidades de escritas, por meio de performances, de formas de ritualização do tempo/espaço e conseqüentemente de encantamento da vida” (Idem).

Sandra Petit diz que aprender de corpo inteiro é aprender de forma holística, “sem a falsa distinção corpo e mente” (2015, p. 123), assim, potencializamos “a capacidade poiética das pessoas” (Idem). Nossa existência é poética, somos ancestrais tecendo poemas escritos por nossas ancestrais. Poemas encantados.

Na cosmopercepção africana o corpo é compreendido como “campo de possibilidades, de invenção, de mobilidade, dinamismo, como também de transformação e restituição” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 51). Não é à toa que o colonialismo tanto tentou acabar esse corpo negro, e que o colonialismo contemporâneo continua nessa tentativa por meio, principalmente, da colonização do conhecimento, da linguagem e da estética dos corpos.

Existimos de corpo inteiro desde o pensamento africano, somos parte da natureza, só existimos em relação com tudo o que existe no mundo, pois, como nos ensina Vanda Machado (2010, pp. 14-15):



O pensamento africano se caracteriza pela ideia do corpo comprometido com os fenômenos da natureza. Nessa perspectiva, nos colocamos na relação com as energias da natureza do cosmo de modo a vivenciá-las também no próprio corpo. Exu Obará, Exu, rei do corpo, é o que anima, embeleza e revitaliza. Para cada conjunto de célula que morre por dia, Obará faz nascer outras tantas que nos mantêm a vida. É ele que mantém vivo nas pessoas o impulso para troca de afetos e o desejo de gozos para que jamais se acabe a vida na terra. E quando o ser de cada um exulta o prazer e a vida, Exu se move infinitamente sem a contagem inflexível do tempo que limitaria os movimentos do corpo. Exu é o que faz o jogo do universo e nele estão contidas as infinitas possibilidades como a aleatoriedade do movimento, a vagueza e a desorganização. Nele está contida também a turbulência que [o ser humano] vive como um refazer contínuo da ação e do pensamento.

A Cosmopercepção africana traz o pensamento e o corpo, pensar de corpo inteiro, o cognitivo e sensorial. Implica nas pluralidades de sentidos das nossas vivências, das nossas escrevivências, das nossas ações pedagógicas, das pretagogias, dos referenciais teóricos e metodológicos afrorreferenciados, das filosofias africanas, das filosofias da diversidade.

As metodologias afrorreferenciadas, as filosofias africanas, da ancestralidade e do encantamento, são completamente tecidas, bordadas por seres vivos em todas as suas dimensões, seres integrais, por isso a implicação com o viver, com o viver bem, o bem-estar que é subjetivo e coletivo. Engajamento com a liberdade concreta, liberdade e justiça. Corpo, mente e espírito! Somos seres de sentidos, sensações, percepções, afetos!



CRIANDO NO ESPAÇO DA CRIAÇÃO DIVINA⁶⁰

Era uma vez, há muito e longo tempo atrás, muito antes dos tempos conhecidos, nas primeiras terras que apareceram no mundo, um gigante negro bem velho, ia de tribo em tribo, relembando a força dos espaços vazios.

Sentava-se à beira do rio *Ogum*, deixava-se ficar brincando com os pés dentro d'água, rodeado de crianças. E, enquanto todos ficavam admirados de ver aquele tamanhão de gente jogando água pro ar, ele dizia: - Estão vendo o que faço com a água no vazio? E as crianças riam dando grandes gargalhadas, pensando que além de grandalhão desajeitado, aquele gigante era meio lelé do ori, lelé da cuca. Era Kolori.

E o velho estirava o corpo de repente, levantava água com um chute, jogava água com as duas mãos e soprava a água que trazia na boca. As crianças faziam silêncio, ao ver o desenho da água no ar. E ele falava: - “*Ora iê, iê ô, ora iê iê ô*” – saudavam *Oxum*. O que eu faço cada um pode fazer. Criar formas com a água no vazio do espaço. E, continuava a falar no silêncio encantado.

Era uma vez, *Olodumaré*, que depois de criar coisa com coisa, criou os homens e as mulheres. E se alegrou do que fizera. E riu. E seu riso encheu de felicidade aqueles seres que acabara de criar.

Foi então que Ele me chamou um mensageiro e disse-lhe: - Vai ter com essas criaturas risonhas. Diga-lhes que tudo isso que criei é para que elas sejam muito felizes. ... o mensageiro foi saindo e parou.

Olodumaré continuando a falar disse: - Entre as coisas criadas deixei muito espaço vazio. Nesses espaços as criaturas também poderão criar. E quando tiverem aprendido a ser felizes, criando coisas no vazio elas poderão criar mundos e universos no espaço sideral. Isto me alegrará muito, concluiu *Olodumaré*. – O mensageiro que interrompera a sua saída, neste instante partiu montado numa estrela a caminho da terra. Quando o mensageiro desapiou da montaria estelar, subiu num dendezeiro bem grande e reuniu homens e mulheres. Lá, do alto da palmeira, do *igi opê*, deu início ao recado para os homens. As criaturas humanas só ouviram metade do recado. Justamente aquela parte que dizia que o mundo era para elas serem felizes. Enquanto se afastavam ouviu-se uma risada debochada e longa caindo pela escadaria do tempo. O mensageiro pensou, e agora? Como concluir a missão? *Olodumaré* iria pedir contas. Então o mensageiro pensou, pensou e lembrou-se que as criaturas que *Olodumaré* inventara dormiam e sonhavam. Então decidiu comunicar-se com elas através do sonho. Era preciso que as criaturas humanas soubessem que o vazio é a matéria prima da criação divina. E neste instante teve início a nova missão do mensageiro

⁶⁰ Carlos Petrovich e Vanda Machado, 2004, pp. 33/34.



por decisão própria. E ele vai, de sonho em sonho, dando inspiração a cada um: homem ou mulher, criança ou velho, rico ou pobre, doente ou são.

O gigante negro despediu-se das crianças que ficaram sonhando e desapareceu no meio dos dendezeiros.

Recentemente, o mensageiro esteve com *Adilbênia e Sandra*⁶¹, e orientou-lhes para avisar às pessoas amigas, que antes de criar estrelas no universo, é preciso ajudar a criar a humanidade do III Milênio. E só então, Ele, nos levará para criar outros mundos. Então, mãos à obra. Há muitos vazios. Vamos ocupá-los.

⁶¹ Adaptação minha. Agô, minha encantada Vanda Machado.



PARTE II

ANDANÇAS METODOLÓGICAS E CURRICULARES

4. ANCESTRALIDADE E ENCANTAMENTO: PENSAMENTO, METODOLOGIAS E CURRÍCULOS AFRRREFERENCIADOS

Nós, afrodescendentes da diáspora, podemos estar distantes da religiosidade tradicional africana, mas a memória comunitária que em nós habita, ainda quando maltratada e renegada, precisa apenas da centelha do movimento ancestral [encantamento] para se manifestar.
Sandra Haydée Petit (2015)

Temos muitas abordagens pedagógicas para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, para o ensino da filosofia africana, entretanto, poucas estão sistematizadas, assim, a intenção aqui é de apresentar metodologias em construção e currículos afrorreferenciados, perspectivas de descolonização. Com esse propósito, falaremos desde vozes de mulheres educadoras da / na vida.

Desse modo, como já fora dito, um propósito significativo dessa tese é trazer referenciais não apenas filosóficos, mas também sociais, políticos, epistemológicos, curriculares e metodológicos para demarcar, delinear, tecer nosso pensamento, potencializando nossos discursos e práticas desde nossos próprios saberes, nossas experiências, nossos próprios modos de ser, buscando equilíbrio e justiça para nosso estar no mundo. Assim, é fundante nos apropriarmos (no sentido de criar, significar, ressignificar, re-criar) de metodologias, assim como de conceitos, que nos localizem desde nossas vivências ancestrais, experiências e escrevivências históricas-culturais tecidas por nossas ancestrais e tecer currículos inclusivos, diversos.

Psicologicamente, epistemologicamente, culturalmente, historicamente e socialmente falamos desde nossas ancestrais africanas e indígenas, entretanto, nessa pesquisa a ancestralidade africana é o “centro”, a busca pela intimidade com nossa espiritualidade (SOMÉ, 2003), na busca de mundos melhores.

Somos chamadas continuamente a repensar, re-criar, ressignificar, criar desde nossos próprios saberes, insurgindo e criando desde nossos modos de escritas e não escritas, nossos sentidos, nossas percepções. Criar desde nossos próprios “modelos”, assim, essa pesquisa é costurada, tecida, crocheteada, marcada, bordada, tingida, trançada pela



ancestralidade e pelo encantamento que, como conceitos teóricos filosóficos, metodológicos e práticos, ou seja, experienciados, são perpassados pela história de vida, pois “abarcam a totalidade da vida em todos os seus registros, nas dimensões passadas, presentes e futuras e, portanto, em sua dinâmica global” (JOSSO, 1999, p. 19), desde uma percepção do subjetivo, do objetivo, do coletivo, da cultura que nos tece, do visível e do invisível. É um global que é por ser local e desde esse local.

Desse modo, desenha-se desde a pesquisa-formação, pois que

busca um efetivo envolvimento [das pesquisadoras] no movimento de transformação individual [pessoal] e coletiva, trazendo uma variedade de atividades no campo da disciplina de base [da pesquisadora], no campo empírico, bem como do ponto de vista da possibilidade de transformação social (JOSSO, 1991, p. 42 *apud* MEIJER, 2012, p. 64).

Portanto, são metodologias formativas implicadas na transformação desde as próprias experiências. Segundo Rebeca Meijer (2012, p. 64) a experiência “é outra aproximação da pesquisa-formação com a pesquisa-ação”, compreendendo, desde Christine Josso (1991 *apud* MEIJER, 2012, p. 64) que “é exatamente no movimento do encontro, da ação coletiva e da partilha do processo de investigação que o conhecimento é produzido”. É do encontro / encanto que se dá o conhecimento, são os processos formativos e auto formativos.

A ancestralidade e o encantamento são conceitos metodológicos por serem “saberes produzidos por nossos processos de história de vida em formação” (JOSSO, 1999, p. 19). Conceitos metodológicos que são em movimento, implicados nos Odus de origem, de desconstrução, de transformação, de transição, de tempo, de espaço e do próprio encantamento (MACHADO, 2014; 2019), pois a ancestralidade é um modo de vida, de estar no mundo e o encantamento é formação crítica / implicada contínua demarcada por esse estar no mundo. Desse modo, atuam como instrumentos da / para formação. Agem por meio do afeto, ou seja, quando as pessoas são afetadas, tocadas elas se abrem para as possibilidades, abrem-se para a(s) transformações, ressignificações. Se encantam!

A ancestralidade e o encantamento são filosofias metodológicas implicadas, de transgressão, pois desde cedo para o povo negro a educação, o conhecimento, é um ato político de descolonização, antirracismo e revolução (hooks, 2017). Pois, como nos diz bell hooks (2017, p. 10), nós “aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”, e mesmo que isso não fosse teorizado, sabemos que são práticas pedagógicas revolucionárias de resistência e anticolonial (hooks, 2017).



Ao termos a ancestralidade e o encantamento como metodologias, somos perpassadas continuamente, não apenas como pesquisadoras, pela inspiração dos saberes cotidianos, saberes ligado ao chão, à vivência, à experiência, ao nosso ser-tão, e não simplesmente uma transposição de tais saberes, mas inspiração que nos implica no mundo, em nosso estar no mundo desde uma perspectiva comprometida com um mundo melhor. Implicações na criação, re-criação, ressignificação, re-invenção... Ancestralidade e encantamento são conceitos, metodologias, referências de luta e criação! Possibilidades outras de leituras de mundo, implicadas em práticas culturais, ampliando possibilidades criativas e inventivas de um mundo encantado.

São tecidas pelo desejo e potência que nos instiga e inspira em nosso cotidiano, ação política e desejo que nos politiza, sendo assim poética de criação para o bem-viver! Ser encantada é ser tecida pela poética da ancestralidade, é ser em inspiração e ação, ser em luta de resistência e re-existência. Inclusive, da potência infinita do direito a ser, existir, falar, pois sabemos que o patriarcalismo que nos colonizou sempre esteve nos silenciando, impedindo nossa fala, fala como potência da própria existência. bell hooks (2019, pp. 32-33) nos diz que:

Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora?

Assim, somos convidadas a criarmos nossas próprias metodologias, tecer nossas epistemologias, potencializar nossos saberes, nossas linguagens. Portanto, ancestralidade e encantamento são teias metodológicas formativas, desse modo, os fios que constroem suas teias são inspirações dialógicas oriundas de outras metodologias. Temos a liberdade de estabelecermos diálogos com diversos saberes, teorias, linguagens, metodologias! Desejamos que possamos realizar teorias rigorosas e ternas, diversas, múltiplas, inéditas, onde cada uma é única, sem repetir outras, mas dialogando, como as colchas e roupas de retalhos que minha mãe faz, como o crochê que minha avó faz, como o quintal cheio de plantas da Dona Toinha (Água Preta), como as histórias que Vanda Machado conta, o importante é que cada teia construída esteja “adaptada”, dialogando com / desde o local em que se está inserida, apresentando modos de pesquisa, de pesquisar, de tecer teorias numa relação intrínseca com o lugar de origem, de pertencimento, com nosso íntimo na relação com o mundo, com as pessoas de cada pessoa. Compreendemos que os encontros são fundantes nessa construção metodológica, pois são eles



que nos colocam em relação com os acontecimentos do cotidiano e com as pessoas que também estão em processo de construção, ou seja, os encontros são processos contínuos de experiências múltiplas, pois

todo e qualquer tempo / espaço em que o saber é praticado em forma de ritual está a se configurar como um contexto educativo de formações múltiplas. Contextos firmados por educações próprias, inscritas na cultura e nos modos de sociabilidades. Educações que apontam para outras formas de aprendizagens articuladas a diferentes possibilidades de circulação das experiências. Esses diferentes modos de educação, gerados nas frestas e nas necessidades de invenção da vida cotidiana, evidenciam a potência dos saberes de mundo que se assentam sob as perspectivas da corporeidade, oralidade, ancestralidade, circularidade e comunitarismo. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 46).

Assim, são pesquisas implicadas, um lugar onde os sujeitos têm voz, inspirando-se na pesquisa qualitativa, inspirando-se, também, na “história de vida”, na pesquisa formação, pois

a originalidade da metodologia de pesquisa-formação em História de Vida situa-se, em primeiro lugar, em nosso constante preocupação em que [as autoras] dos relatos cheguem a uma produção de conhecimento que faça sentido para [elas], que se engajem, [elas] próprios, num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos” (JOSSO, 1999, p. 16).

São metodologias que provocam deslocamento de quem pesquisa, que se faz desde uma formação pessoal, partindo da própria subjetividade, que é por ser coletiva, assim, auto formativa, é multi e transdisciplinar, imbuída de engajamento, práxis (ação), tem a experiência como fundante, delineando-se pelo ser pertencimento, é intergeracional. Busca sentidos, continuamente! São metodologias de sentido e formação, delineadas pelo conhecimento, pela formação e a ação, ou seja, teoria e prática, vivências / experiências significadas nas práticas e significando-as.

Partem de nossas experiências, vivências, pois são modos de saber, assim, estão imbuídas em ter o conhecimento para a vida, produção de conhecimento com sentido ético, estético... uma atitude diante da vida! Assim, compreendemos que a prática é que efetivamente delinea a formação, porém, a teoria é aquela que nos apresenta possibilidades para o criar, o pensar em parceria com a prática tessituras de outros modos de exercer o ato de aprender / ensinar, ensinar / aprender. A formação não pode negar, “esquecer” nossas múltiplas experiências em nossas vivências cotidianas, assim ela carrega em si teorias, práticas e vivências do cotidiano. O processo de ensino e aprendizagem, de ensino / aprendizagem dialoga com aspectos que nos envolvem, desde a implicação com a transformação da nossa realidade, tais como a política social e cultural, assim como com as metodologias e os processos



avaliativos. Assim, nossa implicação desde a formação está numa ação crítica, reflexiva, transformadora...

Desse modo, não há separação entre teoria, prática, construção metodológica, epistemológica e ações políticas. Implicação oriunda do afeto, do afetar-se. Vanda Machado em uma bela *com-versa na cozinha* em setembro de 2017 e em uma bela entrevista realizada para Juca Winnny Choe, Piaçabuçu em 05 de Outubro de 2007⁶², nos conta sobre como e por qual razão criou a sua primeira escola. Ela nos diz que “tinha uma escola onde as crianças eram tocadas, as crianças brincavam abraçadas”. Mas, de onde surgiu o propósito de criar uma escola tecida pelo afeto? Ela nos conta:

Quando eu pensei em ser historiadora, eu pensava exatamente no engenho, no rio. Quer dizer, eu tinha uma história, uma geografia já marcada dentro de mim que eu precisava de saber: o que é que isso significava? Quando eu não sabia nada sobre o Movimento Negro, quando eu não sabia nada sobre o racismo, quando eu não sabia, sentia, mas não sabia o que era. Quando eu não sabia nada sobre essa pluralidade étnica, mas eu tinha uma ideia de alguma coisa que eu precisava saber, eu resolvi fazer o curso de história. Foi péssimo. Péssimo. Péssimo. Péssimo. Quando eu terminei o curso de história eu pensei, “meu Deus do céu, eu acho que eu vou entrar na universidade outra vez, fazer outra, porque eu não aprendi... Eu nunca ouvi falar em África. Aprendi tudo no caminho, [...] as informações que me deram como aprendizagem para a vida, como aprendizagem que me serviria como educadora, como pessoa, nada disso eu tinha aprendido durante... Daí eu comecei a pensar: bom, **é necessário um outro tipo de educação, fazer diferente**. Toda essa influência, toda essa paisagem⁶³ que eu tinha na cabeça me serviam para pensar: [...] Há de se fazer uma educação de um outro jeito. [...] eu criei uma escola e as imagens continuavam me acompanhando, elas não eram imagem do passado. Na verdade, eu sempre tive essa ideia de que existe um único tempo: que é o tempo presente. Presente do presente, presente do passado e o presente do futuro. Então, pensando nesses tempos eu inventei uma escola [...].

Crocheteada pelo tempo, pelas memórias das paisagens que bordam o seu caminhar, Vanda Machado, implicada no tempo ancestral e no encantamento pela vida e assim pelas pessoas, bordada pelas memórias ancestrais africanas que não sabia o que era, mas sentia, resolve criar uma escola, pois é “necessário um outro tipo de educação”, onde pudesse conhecer, ouvir, descobrir sua história, a história do continente africano. Formação implicada na e pela vida. Assim, ela segue nos contando / encantando sobre a escola criada para fazer uma educação diferente:

A escola tinha dois motivos: um dos motivos era de que eu precisava trabalhar com minhas irmãs que eu já era matriarca nessa época com menos de 20 anos. Eu precisava de uma coisa onde pudesse trabalhar eu e minhas irmãs. Então eu criei uma escola onde nós mesmas fizemos as mesas e as cadeiras. Aliás, não era umas mesas, era uma

⁶² Publicado na página do Projeto Irê Ayô no You Tube em 30 de novembro de 2015.

⁶³ A paisagem a qual Vanda Machado se refere é a paisagem que teceu sua infância: a cidade pequena onde nasceu, São Filipe que fica no Recôncavo Sul Baiano, a fazenda dos padrinhos onde tinha um Engenho, os rios que já encantavam a Oxum que ela nem sabia que tinha em si.



tábua grande com uma tábua aqui, uma tábua aqui, para dar apoio para escrever, então, essa era mais altinha onde a criança escreveria e a outra era mais baixinha onde a criança sentaria. Meu cunhado me ajudou a serrar. A gente mesmo fez e depois nós pintamos, tudo de azul. E onde era a escola? Era no fundo da casa. Mas, as pessoas confiaram e matricularam as crianças, muitas crianças, tantas crianças que depois eu tive que construir uma casa, daí construí uma sala maior do lado. Construí uma casa, uma casa que era a escola mesmo. Aí começou a se realizar o meu sonho, com as imagens da fazenda da minha madrinha com a possibilidade de pensar uma história vivida. (Idem).

Vanda Machado pensava em uma escola implicada em uma formação da e para a vida, bordada pelas histórias vividas e com-partilhadas. Carregava em si os saberes ancestrais das matriarcas africanas, saberes que afloraram quando com pouco menos de 20 anos tornou-se a matriarca de suas quatro (4) irmãs, como disse: “Sou a primeira de 5 filhas, matriarca. Meus pais morreram aos 35 anos cada um e daí em diante eu me tornei a matriarca, criando a mim mesma, já que também era menina, e criando as minhas irmãs. Esse é o início de tudo”. As suas vivências, os caminhos trilhados eram caminhos entrelaçados na sua implicação com a formação, ela nos (en)conta:

Eu morava num lugar que era num subúrbio e esse subúrbio pertenceu a uma mesma cismaria de onde havia um grande engenho. Um engenho que exportava açúcar para o mundo. Que tava ligado a Santo Amaro, então, tinha um engenho, tinha uma casa grande, tinha uma senzala. As crianças iam lá, iam visitar essa reminiscência. Então, ali mesmo, onde eu tinha a escola era um lugar que se chamava *Freguesia do Uó*, onde tinha missões Jesuíticas. E ali perto também das missões Jesuíticas havia uma grande igreja que por pouco a cidade de Salvador não teria começado por esse lugar. [...] o Brasil é um Brasil nem branco, nem negro, nem índio. O Brasil é um Brasil que é branco, que é negro e que é índio. Ali eu comecei a fazer um trabalho que se chamava *Raízes Culturais*. [...] na época chegaram também umas freiras suíças. Fui ensinar as freiras português e elas me ensinavam francês, foi ótimo que eu consegui passar no vestibular com nota dez em francês, depois eu desaprendi tudo, hoje eu mal sei dizer *Bonjour*. [...] o lugar mais importante era aquele Centro Comunitário onde eu era catequista, cursinista, onde eu fazia todos os movimentos religiosos e ali mesmo eu disse: Como que eu vou pensar raízes culturais, raízes negras? Mas, eu encontrei uma solução assim (gesto de algo rápido). Eu chamei o meu amigo, hoje é um babalorixá, é um pai de santo, ele é filho de uma Ialorixá, mas tem um irmão que é padre. Padre Clóvis. Uma pessoa muito conhecida no Movimento Negro. Eu disse, então, vai ser legal por que eu vou estar próxima da religião de matriz cultural africana, mas também vou estar perto da religião católica uma vez que eu estou trabalhando com o irmão do padre e eu vou ficar perto também da igreja. Bom você pode imaginar, eu que tinha sido criada com um pai que ia a missa todos os domingos, que tocava na missa e de repente eu estava pensando em conhecer a cultura africana, a cultura negra, como que isso ia se arrumar na minha cabeça? [...] mas terminou que tudo, de início bastante caótico, hoje eu tenho completamente arrumado na minha cabeça. Mas, **a escola na realidade era a possibilidade de eu fazer uma espécie de educação onde o Brasil começasse a ver de uma maneira cirandada. A minha paixão pela ação griô vem desse sentido, desse trabalho que tem mais de 40 anos que eu comecei de pensar o Brasil Plural. Então, essa hoje é a minha razão, de trabalhar, de pensar... A minha vida, a história da minha vida se confunde com a história de pensar numa educação plural no Brasil.**



A escola criada por Vanda Machado deslocava não apenas as crianças, mas também sua criadora, que continua tendo aquele propósito inicial de fazer uma *educação diferente* como a linha que a tece, movendo todo o seu fazer, confundindo sua *história de vida* com a implicação em *pensar uma educação plural no e para o Brasil*, desde uma perspectiva afrorreferenciada, posto ser essa a sua experiência de vida, a sua própria vida como africana que não nasceu em África, mas que tem a África nascida em si, como o egiptólogo senegalês Cheikh Anta Diop uma vez lhes dissera “há duas formas de pensar o pensamento africano, uma é nascer na África e a outra é deixar a África nascer em vocês” (MACHADO, 2013, p. 18). Vanda Machado compreende o pensamento africano desde a África que nasceu em si e que tece seu existir desde a ancestralidade, experiência formativa tecendo modos de educar, de tecer metodologias e currículos, pois que:

A experiência formativa sempre dirá algo ao currículo (...). Em realidade configura-se aqui, saberes e fazeres em metamorfoses incessantes, queiramos ou não, saibamos ou não, concordemos ou não, até porque qualquer experiência aprendente nos conduz a alguns lugares não habitados, [...] nem sempre formativos (MACEDO, 2012a, p. 68).

Vanda Machado mostra que o fazer / saber é compreendido na experiência, no afetar-se, no desenho tecido desde o conhecimento, a vida e a poiésis de encantamento... somos conhecimento oriundo da arte de viver, do viver a arte, do celebrar a vida. Pois,

A herança cultural, o conjunto de saberes, o mito, o canto, a dança, os provérbios, as diversas narrativas vivenciadas ampliam a percepção que ajuda a compreender a vida em sua interdependência como um enredo que permite dar significados a todos os acontecimentos do mundo em todos os tempos. Este é o sentido que traspasa da história para a solidariedade. (MACHADO, 2013, p. 43).

Portanto, os conceitos de ancestralidade e encantamento são metodológicos, teóricos e práticos, pois são tecidos pelas vivências do cotidiano, pelas experiências, memórias, acasos, imaginação, escuta, fala... Demarcado por caminhos em busca do conhecimento de si... ou seja, os atos / acontecimentos cotidianos demarcam o caminhar e produzem culturas, saberes e fazeres. Subjetividades que se objetivam na ação. Subjetividades que se objetivam no coletivo, um espaço tempo de criar desde os saberes de sentidos, pois os aprendizados, as tessituras de saberes se dão em meio às circulações de experiências cotidianas.

São metodologias que trazem em si diversas inspirações teóricas, práticas, inclusive metodológicas, no intento de construir dispositivos para auxiliar na implementação, nos currículos escolares e acadêmicos, da lei 10.639 / 2003, no ensino da história e cultura africana



e afro-brasileira e das relações étnico raciais. Perspectivas de currículos e metodologias descolonizadas, portanto, plurais, diversas.

Pesquisar referenciadas pela ancestralidade e pelo encantamento implica-se também com a etnopesquisa, pois caracteriza-se por ser uma etnopesquisa à medida que apresenta uma preocupação primordial com a efetivação da Lei 10.639/2003, com propostas em torno das relações étnico-raciais, à medida que não apenas trabalha, mas principalmente, aprende com a diferença (MACEDO, 2009). Implica-se com a etnopesquisa crítica posto que

não promete fidelidade teórica absoluta nem pratica populismo cultural. Assume a centralidade da cultura como possibilidade de compreensão das simbolizadas ações e produções humanas em meio a processos políticos configurados por intenções situadas constituídas em interação (MACEDO, 2009, p. 114).

É qualitativa pois carrega em si “compromisso com os valores sociais e políticos que a referenciam” (MACEDO, 2012, p. 121). Crocheteamos e somos bordadas por leituras outras das nossas implicações / ações / vivências / sentidos, desenhadas por modos outros de educar / trabalhar / ensinar / contar / conhecer atravessados pelos nossos modos de sentir, mediado por nossos corpos, tecendo pedagogias / filosofias da sensibilidade. Implicação com a motivação para o aprender / ensinar, conhecendo e valorizando os referenciais da comunidade em que se vive, assim como sua história, tradição, memórias locais. Metodologia, implicação e transformação curricular. Descolonização.

A pesquisa ainda intenta demarcar os conceitos de ancestralidade e encantamento como instrumentos metodológicos para se realizar pesquisas qualitativas, especialmente aquelas que têm tais conceitos como delineadores do seu processo, ou seja, que são implicadas desde o reconhecimento de sua ancestralidade e potencializadas pelo encantamento oriundo desse reconhecimento, pois esses conceitos são demarcados pela reflexão crítica sobre a vida, pela compreensão de que sabedoria é sabedoria em qualquer lugar, quer seja popular, quer seja acadêmica, que o conhecimento não deve estar atrelado a linhas escritas, a formulas, mas ao viver bem. Pois sabedoria e encantamento são ações voltados para potencializar o viver com dignidade, com justiça, com ética e sempre em comunhão, pois somos apenas nas relações. São filosofias, metodologias mediadoras do processo de ensino-aprendizagem, filosofias críticas para preparação e formação do educador – formador – aprendente. Na busca de uma práxis pedagógica, educativa que busca a construção de saberes de forma crítica, criativa, encantada, implicadas com a superação do desencantamento do mundo...



Ancestralidade é o indo, vindo, sendo. Ela é metodologia, fonte de pesquisa, objetivos e teoria, assim como encantamento, ou seja, são metodologias que vão além, muito além da academia, pois são diálogos formativos / práxis constantes com os diversos saberes, com as memórias marcadas em nosso Odu:

Ancestralidade! Palavra que revela e esconde os mistérios geralmente pronunciados por aqueles que são os guardiões das memórias e dos costumes locais e que conseguem manter viva a tradição do mito, da religião, da filosofia, da arte, da cultura, da estética, dos espaços sagrados como o terreiro e o mato; palavra que guarda os princípios do feminino, do masculino, do híbrido e do coletivo. Palavra que tem o poder de fazer seus descendentes conviverem harmoniosamente com dois tempos: o passado e o presente. (OLIVEIRA, 2008, p. 18).

A interdisciplinaridade própria da ancestralidade e do encantamento as tornam conceitos metodológicos e epistemológicos... elas não se encaixam em um único lugar, é expansão, desregradas acrescentam novos modos de ver / sentir / perceber novos / outros métodos para compreendermos a realidade no qual estamos inseridos, pensando o ser humano numa perspectiva integral, o ser como um todo numa relação contínua com a natureza, com o universo a sua volta. Assim, é transdisciplinar pois reconhece a diversidade dos modos de conhecer, a pluralidade de conhecimento para além do científico, alimentando-se de todos eles.

Desse modo, teremos como instrumentos metodológicos, para análise e escrita, os seguintes: registros escritos (livros, artigos, dissertações, teses, etc.), registros audiovisuais como fotos e filmes, diário itinerante⁶⁴, gravador (transcrição), poesias, músicas, literatura, conversas de boteco, na cozinha, terapia... Vivências que se transformam em experiências. Além dos encontros / encantos com mulheres insurgindo experiências diversas, múltiplos conhecimentos e possibilidades infinitas, pois o conhecimento só é possível em movimento, ao circular o conhecimento é que ele se faz e se fortalece. Os encontros / encantos trazem memórias, experiências e saberes ancestrais que nos ensinam, nos mostram sentidos e fazeres outros, múltiplos, afinal *nossos passos vem de longe*.

Assim, experiências pessoais e coletivas são fundantes para a construção da pesquisa, onde estabelecemos uma agenda política não apenas de pesquisa, mas também da sua escrita e documentação, no intuito de mudar a sociedade que é profundamente marcada pelas bases de uma colonização racista, heteronormativa e patriarcal. Nesse caso, a pesquisa aqui desenvolvida pensa condições epistemológicas, sociais e políticas de mulheres negras frente a dominação racista e sexista, em muito no discurso essas palavras e intenções não são ditas,

⁶⁴ Confesso que tenho muita dificuldade de registrar os acontecimentos, de fazer esse diário. O que não é bom, enquanto pesquisadora.



entretanto, somos movidas por **ações**. Construir metodologias próprias para aprender / ensinar nossas histórias é um ato político numa luta antirracista, pois compreendemos que o conhecimento é revolucionário. Assim, buscamos metodologias aforreferenciadas como fonte de resistência para proporcionar uma educação libertária, decolonial, onde nossas práticas filosóficas-pedagógicas, são compreendidas como lugar político para nossas ações. Estéticas de Sentidos.

Nossas metodologias buscam compreender como os mecanismos que os sistemas de opressão, dominação, racismo perpetuam por tanto tempo, oprimindo o povo negro, assim como as mulheres, para isso, é fundamental contarmos nossas próprias histórias, com nossos próprios métodos, nossos próprios modos de fazer e proporcionarmos práticas pedagógicas como lugares de resistências contra o racismo, o sexismo... Nossas epistemologias são plurais e diversas, proporcionando exercícios múltiplos de escutas e percepções, desde nossas diferenças e singularidades delineadas por histórias que atravessaram o mar... Poéticas de encantamento!

4.1. Poéticas de Encantamento

*A poética é complexidade
É processo infinito
Sem princípio, meio e fim visíveis
poetizo porque olho em todas as direções
A poética é pesquisa
Ela é ancestral...
Rebeca Meijer*

Nossa linguagem aparece como território de re-existências. Portanto, dialogamos com metodologia(s) de re-encontro, de re-encanto com nossa própria história, com o que há de mais profundo, mais fundo em nós... O raso, o fundo e o profundo dos rios (como Oxum, como Nanã). Metodologias de emancipação e criação, onde cada pessoa cria seu caminho, conhece seu Odu, borda seu método, seu modo de fazer, um modo que nunca é solo, mas coletivo, tecido pela escuta, pelos sentidos. Assim, a pesquisa não é o fazer pelo fazer, mas é um encontro, um re-encontro consigo mesma que intenta inspirar outros encontros, re-encontros, na busca da nossa harmonia e integralidade. Busca de se viver poeticamente, amando, sentindo, vibrando, construindo... tecendo afetos, afetando-se!

Conceitos metodológicos em que os sistemas epistemológicos são vivenciados, experimentados, pois assim tem significado. O conhecimento se dá de modo dinâmico, em



movimento, nada é estático, por isso as metodologias devem estar atentas aos movimentos próprios da existência. Assim, a oralidade é fundante, talvez ela seja a maior metodologia de ensino / aprendizagem da e para a vida.

A pesquisa / metodologia / currículo mediadas pela ancestralidade e pelo encantamento tem a vida, a ética do bem-viver como temas fundamentais, nesse sentido os temas giram em torno dessas perspectivas, ou seja, podemos falar de religiões de matriz africana, da Lei 10.639 / 2003, do antirracismo, do feminismo negro, de nossas heroínas, nossas mestras, nossas culturas, numa luta contra o racismo, o sexismo, o epistemicídio, etc, sempre nessa relação com a vida e o bem-viver, ou seja, o respeito pelo visível e invisível, pelos aspectos que tecem a cultura africana. Assim, são pesquisas, projetos educativos e filosóficos tecidos pela política, pela ética, pelo comunitarismo. Sabedorias das águas, pois entram e permitem diálogo com todas as frestas, entendem a pedra (ou a Outra pessoa) como potência de construção, de criação, de vida! Nós falando por nós... vozes silenciadas em escritas inscritas nas implicações de nosso próprio viver / ser. São metodologias implicadas em transformações, sempre oriundas de uma perspectiva sensível, coletiva, perpassada pela relação com a natureza, o universo, pois tudo está interligado. Valorização, reconhecimento, responsabilidade, sensibilidade, libertação... Liberdade concreta é coletiva. Múltipla, transdisciplinar! Poética, pois é a valorização infinita da vida, portanto, a poíesis de cada pessoa envolvida é fundante nessa constru-Ação.

Metodologias exúlicas, pois Exu, dono dos Caminhos nos indica várias possibilidades, caminhos a seguirmos, com um objetivo único: a vida! Construir direções, caminhos, percorrer encruzilhadas, pois “Nas travessias, experiências de morte física e simbólica, os corpos negros transladados reinventaram-se, recriando práticas e modos de vida nas bandas de cá do Atlântico. A diáspora africana aponta para muitos caminhos. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 41). O pensamento exúlico dialoga com a perspectiva de nossas ações serem em diálogo com o que falamos, onde “não haja dissociação entre palavra/corpo/pensamento” (Ibid, p. 52), entre palavra/corpo/pensamento e ação!

Exu é a boca do mundo... o mediador! Encruzilhadas nos ensinando a trilhar o caminho da potencialização da vida, do ser / estar no mundo. Exu é denúncia e anúncio das criações para um mundo melhor, mais justo. Exu é transversal, diverso, múltiplo... Como nos conta / encanta Vanda Machado (2010, p. 14):

Exu fez do mundo inteiro o seu banquete cósmico, engolindo tudo que existe, para em seguida vomitar renovado cada ser que é vivo. [...] Exu se firma no princípio de todo ser. Toda matéria individualizada no Aiyê está acompanhada do seu próprio Exu.





Pulsante, ele corre os caminhos do mundo, os caminhos da vida e o caminho dos encontros amorosos. Anfitrião que não se põe apenas diante das porteiras convencionais, ele está diante da porta do gozo por onde se concebe a vida. Está na porteira de onde brota a vida. Exu é a vida que brota em cada ser. É o que se divide, derrama e junta o que precisa ser juntado. Exu é o que vivifica e movimenta tudo que há no mundo. O que não se renova e não se recria continuamente apodrece e morre. É preciso mover-se e se aquecer sempre para manter aceso o pavio da vida. Ele é o absurdo, é o sol que não deixa apodrecer o juízo.

Figura 6 – FOTOGRAFIA POEMA



Fonte: Arquivo da Autora.

4.1.1. Com-Versas: Metodologia do Sentir

Ter essa metodologia perpassada pela ancestralidade e pelo encantamento é ter as “com-versas” como metodologia do sentir, pois intentam construir dispositivos pedagógicos e filosóficos tecidos, crocheteados pelo autoconhecimento e re-conhecimento oriundo das experiências vivenciadas, aliados com a produção didática, teórica e de pesquisa. Experiência / vivência – teoria – prática, prática – teoria – experiência / vivência.

Tal metodologia dialoga com as escrevivências de Conceição Evaristo... Desejo de uma trans-formação radical, movida por experiências curiosas e criativas. Pois,





Somos orientados por aqueles que na escassez, na ausência e na interdição inventam possibilidades. [...] por mais que o colonialismo tenha nos submetido ao dismantelo cognitivo, à desordem das memórias, à quebra das pertencas e ao trauma, hoje somos herdeiros [e herdeiras] daqueles que se reconstruíram a partir de seus cacós. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 13).

São conversas que acontecem nas cozinhas, nas salas de estar, no chão do terreiro, de diversos modos... abri mão das “entrevistas”, que a princípio seriam semi-estruturadas, havia em mim um incômodo, gosto da escuta, da com-versa perpassada mais por uma “curiosidade formativa” do que perguntas e respostas... Compreendendo que “há em cada palavra dita, cem ditos de sentidos, perdidos e achados nos sonhos de homens e mulheres de todos os tempos” (SANTOS, *apresentação*, ABRAS, 2009), pois, “no entremear dos ditos e sentidos, há uma polifonia que produz suspiro, que afaga a alma, revigora o ser, deslocando o pensamento para o não sei aonde da terra dos sonhos e desejos não ditos (Idem). Compreendemos que é um “dizer algo sem busca de saber” (Ibid, p. 5-6). Essas com-versas são perpassadas pelos diálogos “com as encruzilhadas da vida” (SANTOS, *apresentação*, ABRAS, 2009), em um devir contínuo da busca do nosso eu mais profundo e da apropriação desse eu.

A escuta sensível é perpassada de rigor... relação de respeito e desejo pela diversidade, pela multiplicidade que nos tece. Assim, a pesquisa faz-se perpassada pelo corpo inteiro, com suas percepções, sensações, implicações, intuições, emoção e a razão. Assim se dá as cosmossensações africanas! Ao trabalharmos com as sensações, com corpo inteiro o conhecimento é produzido, assim, não há coleta de dado, mas produção! A escuta sensível não permite coleta de dados, mas sensibilidade para sua percepção e para o encontro com tais dados... encontro se dá pela sensibilidade do momento...

Mediado por essa metodologia temos a compreensão de que os saberes ficam marcados, pois a escuta nunca é só do Outro, mas de si também, desse modo, a ancestralidade e o encantamento permitem um encontro consigo mesmo, encontro da pesquisadora com alguns dos seus eus, encontro das pessoas mediadoras da pesquisa com tantos eus que as habitam e encontro da pesquisadora com seus eus e eus das pessoas mediadoras! Ancestralidade e encantamento são metodologias mediadoras da / para FORMAÇÃO!

bell hooks nos traz um relato interessante acerca de sua busca por uma prática pedagógica diferente, libertária:

tinha o desejo apaixonado de lecionar de um modo diferente daquele que eu conhecia desde o ensino médio. O primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia de que a sala de aula deve ser lugar de entusiasmo, nunca de tédio. E, caso o tédio prevalecesse, seriam necessárias estratégias pedagógicas que intervissem e



alterassem a atmosfera, até mesmo perturbassem. Nem a obra de Freire nem a pedagogia feminista trabalhavam a noção do prazer na sala de aula. (2017, p. 16).

A pedagogia libertaria e crítica de Paulo Freire foram de grande inspiração para hooks, que nos disse:

Quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia, alguém que entendia que o aprendizado poderia ser libertador. Com os ensinamentos dele e minha crescente compreensão de como a educação que eu recebera nas escolas exclusivamente negras do Sul havia me fortalecido, comecei a desenvolver um modelo para minha prática pedagógica. Já profundamente engajada no pensamento feminista, não tive dificuldade em aplicar essa crítica à obra de Freire. Significativamente, eu sentia que esse mentor e guia, que eu nunca vira pessoalmente, estimularia e apoiaria minha contestação às suas ideias se fosse realmente comprometido com a educação como prática de liberdade. Ao mesmo tempo, eu usava seus paradigmas pedagógicos para criticar as limitações das salas de aula feministas. (hooks, 2017, p. 15).

Em sua prática pedagógica e como pesquisadora, hooks estava implicada “a pensar seriamente sobre a pedagogia em sua relação com a prática de liberdade” (Ibid, p. 16), implicada em despertar nas estudantes a pesquisa como liberdade, uma luta antirracista e antissexista. Para hooks era fundamental pensar no *entusiasmo* na educação, especialmente no ensino superior, pois “O *entusiasmo* no ensino superior era visto como algo que poderia perturbar a atmosfera de seriedade considerada essencial para o processo de aprendizado”, a educação colonizadora impede a sensibilidade, a amorosidade, o afeto, o encantamento! Assim, bell hooks (2017, p. 17, grifos meus) considera que

entrar numa sala de aula [...] munida da vontade de partilhar o desejo de **estimular o entusiasmo era um ato de transgressão**. Não exigia somente que se cruzassem as fronteiras estabelecidas; **não seria possível gerar o entusiasmo sem reconhecer plenamente que as práticas didáticas não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto**. Os esquemas teriam de ser flexíveis, teriam de levar em conta a possibilidade de mudanças espontâneas de direção. Os alunos [e alunas] teriam de **ser vistos de acordo com suas particularidades individuais** (me inspirei em estratégias que as professoras de ensino fundamental usavam para nos conhecer), e a interação com eles teria de acompanhar suas necessidades (nesse ponto Freire foi útil). **A reflexão crítica sobre minha experiência como aluna em salas de aula tediosas me habilitou a imaginar não somente que a sala de aula poderia ser empolgante, mas também esse entusiasmo poderia coexistir com uma atividade intelectual e / ou acadêmica séria, e até promove-la.**

Ter uma educação pautada na sensibilidade, na escuta sensível, perpassada pela ancestralidade e pelo encantamento é um ato de transgressão, de implicação, de respeito pela diversidade e singularidade, educação crítica e sensível. O prazer, o entusiasmo são potências para a criação e implicação! Assim, uma didática flexível é aquela voltada para a percepção de todas as pessoas que estão compartilhando do momento de aprendizado, em nosso caso, salas de aulas. Uma didática assim traz possibilidades de mudança, de interação, de percepção, de



partilha e estímulo do desejo de transgredir. Não a transgressão pelo fazer, mas pra potencializar a criação de mundos melhores. Particularmente necessito de entusiasmo em meu ser / fazer / aprender / educar / criar, por isso, desde muito cedo tenho um “quadro imaginário” onde anoto tudo o que eu não quero ser como professora / pesquisadora / educadora, pois realmente acredito que “o prazer de ensinar é um ato de resistência” (hooks, 2017, p. 21), o prazer de aprender é um ato de re-existência, é encantamento! É comum emocionar-me assistindo aula, palestras, ministrando aulas, palestras, minicursos, lendo, escrevendo... é natural chorar de alegria e agradecer pela oportunidade e privilégio de encantar-me e encantar, não apenas me entusiasmar ou entusiasmar aquela pessoa com quem dialogo, pois

o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula [creio que em todos os espaços de trocas epistemológicas], nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença dos outros. [...] qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. [...] *valorizar* de verdade a presença de cada um [e cada uma]. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. [...] é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala. [...] O entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo.

O encantamento é perpassado pelo prazer, pelo entusiasmo, pela implicação e relação afetiva com o que está a nossa volta, com as pessoas. É tecido pela “alegria do pensar”. Com-partilhas! Coletividade! Circularidade! Comunidade! Cosmoencantamento potencializando nossos saberes, encorajando a transgressão de fronteiras, novos modos de fazer, criar, outras epistemologias e modos de conhecer, criações críticas, afetivas, antirracistas, decolonial, antissexista. Onde nossas práticas pedagógicas, teóricas, metodológicas possam nascer da

interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista, cada uma das quais ilumina as outras. Essa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas tem sido um ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual trabalhar. Transpondo as fronteiras, ele possibilitou que eu imaginasse e efetivasse práticas pedagógicas que implicam diretamente a preocupação de questionar as parcialidades que reforçam os sistemas de dominação (como o racismo e o sexismo) e ao mesmo tempo proporcionam novas maneiras de dar aula a grupos diversificados de alunos. (hooks, 2017, p. 20).

Metodologias para o pensar, repensar, criar outros mundos possíveis, modos outros de sentir, aprender / educar, transgredir, movimentar-se contra “as fronteiras e para além delas. E esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade” (hooks, 2017, p. 24).





Uma educação libertária é delineada pela escuta sensível, onde o trabalho da educadora não é o de “simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual [...]. Ensinar de um jeito que respeite e proteja [...] para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo”. (hooks, 2017, p. 25).

4.2. Oralidade e Escrita: percepções delineando modos de aprender / ensinar



Figura 7 - AKOMA NTOASO⁶⁵

Símbolo da comunhão e unidade no pensamento e na ação.

A palavra é tão sagrada para o africano que Deus colocou a língua dentro da boca e, para não deixa-la escapar, protegeu-a pelos dentes de cima e de baixo e, para reforçar ainda mais essa proteção, criou os lábios inferiores e superiores.
Oualoguem, filha de Sotigui Kouyaté ⁶⁶

A palavra, a fala é sagrada e carregada de escuta sensível, de uma percepção da totalidade de cada uma de nós... a oralidade africana delineada pela palavra, pelo ato de falar e escutar, tem em si o cheiro, os sabores, a visão, os sentidos de todas as coisas... A palavra é representação das possibilidades e potência do corpo, “a palavra e todas as suas possibilidades de produção de linguagem e comunicação estão inscritas sobre os mesmos princípios e potências que versão acerca dos poderes do corpo e das suas produções de discursos não verbais” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 52). A palavra é cheia de sentidos, “é um jeito de encantar, a palavra não é só um jeito de se comunicar, a palavra é encanto, tem vida, tem uma liga”, como Vanda Machado ensinou-me (COM-VERSAS NA COZINHA, 27 de Setembro de 2017).

A oralidade é uma das características fundamentais da cultura africana e afrodiáspórica, especialmente nas sociedades tradicionais, ela traduz por meio do corpo que fala modos de ser e estar no mundo. É um importante instrumento metodológico para reconstituição e continuidade da história local, imprescindível para a conservação da tradição,

⁶⁵ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.

⁶⁶ BERNAT, 2013, p. 26.



dos mitos, contos, lendas, provérbios, adivinhações, etc., é por meio da oralidade que a palavra se faz sagrada, elemento produtor da história, formador estrutural da comunidade, de tudo que existe. É com a palavra que se educa, que se aprende, que se expressa, que se diz, que se faz. Pois, como nos ensina Sandra Petit (2015, p. 123),

na tradição oral africana existe uma relação íntima entre a palavra e o fazer, como explica Vansina (1982, p. 157): “quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso, pelo menos, é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. Os Dogon sem dúvida expressaram esse nominalismo da forma mais evidente; nos rituais constatamos em toda parte que o nome é a coisa, e que ‘dizer’ é ‘fazer’”.

Hampâté Bâ (2010, p. 167) afirma que “nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos”. Ou seja, é improvável conhecermos a profunda história africana e afrodescendente sem “ouvidos dóceis”, por isso falamos de uma escuta sensível, de uma educação para a sensibilidade, onde o “o ensino só pode se dar ‘de boca perfumada a ouvido dócil e limpo’ (ou seja, inteiramente receptivo)” (Ibid, p. 211).

A oralidade é uma subversão constante, é contingente (preservando o conteúdo que é “tratado”), é dinâmica e por ser dinâmica, supõe a interação e assim a voz, a pausa, a respiração, mudanças de tons, o silêncio... adquirem grande significados, como o próprio corpo, a música, a dança, os gestos, os olhares, o que está ao alcance das mãos, dos olhos, os sons da natureza, o som dos tambores falantes⁶⁷ e a participação de quem ouve/escuta/aprende/conhece, assim, é sempre um mistério que envolve o que foi, o que está sendo e o que pode vir a ser. É presente perpassado, entrelaçado, tecido por nossas e nossos ancestrais.

A tradição oral é mantida por meio de histórias, contos, provérbios e mitos recontados, que muitas vezes são alterados em função do bem comum e em acordo com a realidade de cada comunidade. Assim, a tradição oral é preservada e os princípios e valores continuam sustentando e preservando as identidades da comunidade, além de nos permitir conhecermos as particularidades da cultura de origem dessas histórias.

⁶⁷ Segundo Ronilda Ribeiro (1998, p. 59) muitas vezes os Oriki (textos de louvação ou saudação) são acompanhados “pelo som dos tambores falantes: *bata, bembe, gangan, ogidigbo, igbin, gbedu* etc”. E por meio de J. Ki- Zerbo ela nos diz que esses tambores são “veículos da história falada, esses instrumentos são venerados e sagrados. Com efeito, incorporam-se ao artista, e seu lugar é tão importante na mensagem que, graças às línguas tonais, a música torna-se diretamente inteligível, transformando-se o instrumento na voz do artista sem que este tenha necessidade de articular uma só palavra. O tríplice ritmo, tonal, de intensidade e de duração, faz-se então, música significante... Na verdade, a música encontra-se de tal modo integrada à tradição que algumas narrativas somente podem ser transmitidas sob a forma cantada. (UNESCO, 1982, p. 30).



Em *Amkoullel, o menino fula*, Hampâté Bâ traz uma passagem intitulada “Na escola dos mestres da palavra” e nesse ponto ele nos conta que um dos grandes aspectos da escola oral tradicional era que “a educação popular era ministrada no dia-a-dia”, em que os Mestres (“tradicionalistas consagrados”)

eram capazes de abordar quase todos os campos do conhecimento da época, por que um “conhecedor” nunca era um especialista no sentido moderno da palavra mas, mais precisamente, uma espécie de generalista. O conhecimento não era compartimentado. (...) Era um conhecimento mais ou menos global segundo a competência de cada um, uma espécie de “ciência da vida”; vida considerada aqui como uma unidade em que tudo é interligado, interdependente e interativo; em que o material e o espiritual nunca estão dissociados. E o ensinamento nunca era sistemático, mas deixado ao sabor das circunstâncias, segundo os momentos favoráveis ou a atenção do auditório. (...) Aprendíamos e retínhamos muitas coisas, sem dificuldade e com grande prazer, porque tudo era muito vivo e divertido... (BÂ, 2003, pp. 174-175).

A finalidade é a transmissão do(s) saber(es), ensinamentos que dizem respeito ao comportamento e a ética comunitária, representando modelos de conduta, apreendendo o que há de mais importante e que deve ser seguido. Vansina (2010, pp. 139/140) diz que:

uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra.

Desse modo, os diversos modos de re-existências da cultura africana mantem viva, atuante, o ato e a arte de contar e narrar histórias. A oralidade tem um caráter pedagógico e na cultura oral não se separa ciência de arte, política de religião, pois tudo está em tudo, tudo é o todo, tudo é movimento, a palavra é condutora de força vital⁶⁸ (BÂ, 2010). Pensa-se sempre o conjunto, o universo, pois cada uma, cada um é o universo já que dele faz parte: "As pessoas da pessoa são numerosas no interior da pessoa", dizem as tradições bambara e peul (BÂ, 2010, p. 184). Somos uma imensidão em nós mesmas/os!

A oralidade transmite os mistérios que envolvem os acontecimentos da vida, é a fala escrita, a escrita falada de quem saber ver, ouvir e sentir o que está a sua volta, quem percebe, sente a Outra pessoa. Até a atualidade, dentro da cosmopercepção africana, esse conhecer no/do cotidiano que se dá numa relação direta com a natureza é preponderante, o sonho coletivo é a ética para a existência e para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e as relações étnico-raciais, onde esses conhecimentos, escutas e aprendizagens cotidianas são fundamentais.

⁶⁸ Energia que anima o mundo.



4.2.1. Mitologias, Contos e Provérbios

*“Quando não souberes para onde ir,
olha para trás e saiba pelo ou menos de onde vens”.*
Provérbio Africano

Na educação escolar e acadêmica brasileira aprendemos a história da África tendo início no período colonial (1500 – 1822), apresentando as pessoas negras escravizadas trazidas para nosso país como força de produção. É uma história onde a pessoa negra não tem voz, é coadjuvante em uma narrativa que privilegia e coloca como centro a história europeia. Nesse contexto, a educação é, desde leituras marxistas (2003, 2011), uma parte da superestrutura controlada pelas classes dominantes, desse modo, a escola acaba por “alienar” o pensamento da classe mais baixa usando-a para criar uma consciência de aceitação da condição social na qual estavam inseridas. Nesse molde a educação é lugar que reproduz a sociedade, assim, se a sociedade é injusta a educação reproduz suas injustiças. Marx idealizava uma educação igual para todas. Uma sociedade justa, uma educação libertária e crítica.

Poder-se-ia, aqui, tecer um texto desde leituras críticas da educação brasileira, um tanto excludente e monocultural. Entretanto, a escolha é a de privilegiar nossas vivências para falarmos desde dentro, desde nossas experiências enquanto aprendizes / educadoras, e, assim, trazer reflexões para um currículo outro, onde educação e formação andam juntas, onde as vivências, as origens e os encontros importam, pois conhecer / aprender / formar / formar-se parte do reconhecimento de quem somos, dos encontros, do nosso lugar de origem, parte do encantamento por esse reconhecimento. Encantamento pelo reconhecimento de nossa ancestralidade. Educação em uma perspectiva igualitária e incluyente. Perspectivas de um convívio em sociedade que não seja pautado por submissão, mas por um acordo em busca da liberdade incessante, ou seja, uma sociedade que proponha uma vida mais digna, com pessoas livres e cidadãs, como propõe Rousseau em sua obra “O Contrato Social” (1762).

Perspectivas críticas de aprendizagens / ensinamentos oriundos das nossas implicações onde nossa crítica “não é então buscar estabelecer critérios, muito antes é colocar em questão os critérios utilizados para valorar o mundo. Não aceitar o dado, embater-se com o óbvio, desnaturalizar o natural, revitalizar o olhar” (FLOR DO NASCIMENTO, 2004, p. 17). Assim, propomos que se trabalhe com leituras outras das nossas implicações / ações / vivências, no nosso fazer, com dimensões outras do educar / educar-se / formar / formar-se, trazendo



epistemologias outras, modos outros de trabalhar e perceber o corpo aprendente desde uma educação da sensibilidade, não apenas para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e para as relações étnico-raciais, mas também para a própria ação de educar / educar-se. Ressignificação crítica do lugar epistêmico (monocêntrico, brancocêntrico excludente), na busca de uma educação que seja mais fruto de nossas experiências, de nossa cultura, afastando-se daquilo que a Europa impôs em sua ação colonizadora que tanto mal fez a humanidade.

Podemos refletir, ainda, com Fernando Azevedo (2010), um dos três líderes do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova⁶⁹, que ao atuar como um dos responsáveis pela reforma do Ensino no Brasil propõe uma maior valorização da Educação enquanto ciência, permitindo que a população tenha maior autonomia, independência, criticidade, respeitando as aptidões de cada uma, propondo, ainda, uma escola laica. Compreensão de nossa cultura por meio da realidade social, das diversas manifestações literárias, artísticas e científicas que caracterizavam nosso país, busca de inclusão e valorização da nossa formação cultural e epistemológica.

Sabemos que no(s) lugar(es) ditos do “conhecimento” o pensamento indígena, africano e afro-brasileiro fora negligenciado, negado, silenciado. Desde uma perspectiva de libertação é que surgiu a Lei 10.639 / 2003 que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todos os estabelecimentos de educação. Mudança das diretrizes da política de educação, dos currículos, das metodologias e das próprias ações cotidianas. Uma proposta que reconhece que somos um povo marcado pela diversidade e que intenta desfazer o projeto político, social, cultural de tornar essa multiplicidade única, como é o projeto que fora encabeçado pela obra *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, onde encontramos a falácia de que somos uma *democracia racial*.

Pensar que somos uma democracia racial e continuar não reconhecendo o racismo estrutural que assola nosso país, é perpetuar uma educação que perpassa pela negação e destruição de uma identidade nacional oriunda de culturas diversas, especialmente a africana e indígena, é perpetuar uma educação colonizadora, racista e machista. A “extinção da escravidão sem projeto de inserção social, impingiu aos afrodescendentes a condição de sub-cidadania e a responsabilidade pelo fracasso passou a ser atribuída a uma suposta incompetência individual e não à conjuntura sócioeconômica-política” (RIBEIRO, 1998, p. 64) do nosso país.

Desse modo, questionar a realidade vigente por meio da implementação da Lei 10.639 / 2003 possibilita rompimentos com o predomínio do paradigma eurocêntrico /

⁶⁹ Juntamente com Anísio Teixeira e Lourenço Filho, fora publicado em 1932.



etnocêntrico, propondo uma educação que combate o racismo, o preconceito e toda e qualquer forma de discriminação. Implicando perspectivas de saída do silenciamento imposto por uma “internalização dos discursos coloniais” (FLOR DO NASCIMENTO; BOTELHO, 2010) que prevalecem, saída de um pensamento monológico, monocultural e hierarquizante. A proposta da Lei não é “mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira” (BRASIL, 2004, p. 17).

Educação para o povo africano, e diaspórico, é uma inversão de paradigmas. Pensa-la desde seu repertório cultural é refletir processos dinâmicos, inclusivos, criativos, é compreender o conhecimento como sabedoria atrelada aos acontecimentos cotidianos, à comunidade, a espiritualidade, à sua tradição, sua história. Nas culturas africanas

a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores (...). São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. Os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles (BÂ, p. 183).

Desse modo, a educação africana e afrodescendente desenvolve-se em diálogo com nossa origem, determinada pela experiência, pela ancestralidade. Exige o reconhecimento das origens, assim como a saída do emaranhado que impõe que as concepções da educação estudadas em nosso país tenham suas raízes no ocidente, excluindo nossos próprios valores. Educação africana e afrodescendente implica no ressignificar nossos modos de percepção e apreensão, re-conhecimento da outra pessoa para que possamos nos aceitarmos e termos as outras pessoas como fonte do / para conhecer e do / para o viver e não para que aquelas pessoas excluídas pelo pensamento racista e monocêntrico seja “um alvo de desprezo e de medo, válvula de escape para culpas e desequilíbrios históricos, carecemos nos soltar de modelos etnocêntricos que inundam nossa formação escolar, nossa exposição midiática, nosso dia-a-dia nas ruas e instituições” (ROSA, 2009, p. 177).

Para sairmos dessa cilada o autor propõe alterações, as tais mudanças de paradigmas, tarefas simples, mas que provocam transformações significantes, ele diz:

Podemos mudar esse patamar de desentendimento e intolerância buscando compreender as diferenças, sem que estas passem por princípios pejorativos e depreciativos, procurando nos elementos simbólicos que envolvem a diferença, o reconhecimento da imensa variedade, da multiplicidade, que habita cada ser, cada cultura, filosofia comunitária ou modo de vida. Encontrar as dimensões de semelhança que gingam entre o igual e o diferente. Esta solidariedade na convivência, esta encruzilhada, esta trança, pode ser trabalhada por uma educação que busque na poesia



e na ciência dos símbolos uma contribuição para o fim de grades de discriminação poderosas, vigorosamente assentadas (Idem).

Educação emaranhada nos acontecimentos da vida, relacionada às singularidades dos diferentes mundos, às diversas formas e modelos do educar / aprender. Na educação tradicional africana o ensinar “não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança” (BÂ, 2003, p. 183). Experienciar o aprendizado no cotidiano, pois, como nos ensina Paulo Freire (1996, p. 12, grifo do autor): “ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Compreendo que para a transformação da nossa realidade são imprescindíveis articulações entre educação, cidadania e etnia, ou seja, entre a diversidade própria da existência humana, sabendo-se que a etnia é transversal à educação e à cidadania. É imperativo conversas entre as diferentes etnias e culturas que nos formam, promovendo conhecimentos que são levados para além das paredes das escolas e universidades, proporcionando o diálogo entre o pensamento crítico, a imaginação, o poético e a realidade, formando sujeitos críticos e compromissados com a transformação da nossa realidade social. Educação é processo de aprendizagem contínua, dinâmica e diversa, é produção epistemológica, é direito social:

a educação se faz uma tarefa altamente importante, uma vez que deve ajudar o [ser humano] a ajudar-se, colocando-o numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. Para tanto, é absolutamente indispensável à humanização do [ser humano] [...] não poderia ser feito nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. [...] Por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. (FREIRE, 1987, p. 62).

Desse modo, refletir a educação desde perspectivas africana, desde a implementação da Lei 10.639/2003 é pensar currículos e metodologias implicadas com a alteridade, tendo o contexto como fundamental e fundante para e na “produção” de conhecimento é fundante. Segundo Petronilha Silva (2007, p. 490),

a educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. (...) persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos.



Educar é promover o desenvolvimento ético, moral, cognitivo, crítico, reflexivo, físico e emocional, é instruir para a vida. Pois o conhecimento é um acontecimento empírico, fruto das experiências que criam e re-criam o evento do próprio viver/existir e é aqui que acontece o encontro fundante entre o saber e o ser.

A cultura africana é demarcada por uma de suas características principais, especialmente nas sociedades tradicionais: a oralidade. Como já fora dito, é um instrumento metodológico significativo para reconstituição e continuidade da história de cada comunidade, fundante para a conservação da tradição, dos mitos, das lendas, dos contos, provérbios, etc., e é por meio da oralidade que a palavra surge como elemento produtor da história, formador do cerne da comunidade, de tudo que a constitui. É por meio da palavra que se educa / aprende.

Os mitos, os contos, os provérbios, as histórias narradas têm um caráter pedagógico, pois na cultura oral não se separa ciência de arte, política de religião, tudo está em tudo, tudo é o todo, tudo é movimento, a palavra é condutora de força vital⁷⁰ (BÂ, 2010). Pensa-se sempre o conjunto, o universo, pois cada um é universo, já que dele faz parte.

O mito é lugar de fonte e ao mesmo tempo em que significa a cultura, dispõe do seu repertório, atualiza-a, movimenta-a, ou seja, “por mais sociais e humanos que sejamos, os mitos africanos nos mantém conectados na unidade da natureza a que imitamos por nossa essência (...) o mito relaciona o indivíduo com a sua própria natureza e com o mundo onde o indivíduo faz parte” (PETROVICH; MACHADO, 2004, pp. 24-25). Vanda Machado (2013, p. 53) diz que “o mito é a forma escolhida para compreender o sagrado, também os pensamentos, sentimentos e sonhos. O mito é o sonho coletivo” que perpassa o nosso existir. Ele é “fundamental nas tradições religiosas afrodescendentes, porque é através dele que a pessoa se conecta com os ancestrais divinizados e os ensinamentos que eles deixaram como legado há milhares de anos. (PETIT, 2015, p. 80).

Na cosmopercepção africana conhecer no cotidiano em contato direto com a natureza é preponderante, o sonho coletivo é a ética para a existência, para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e para as relações étnico-raciais. Assim, a oralidade transmite as muitas histórias por meio de contos, mitos e provérbios e é uma importante fonte de registro em que a palavra é sagrada, é um caminho que apreende a vida e que implementa a Lei 10.639/2003 no ato do aprender / ouvir / sentir o educador / educando. A formação contínua é fundante para o aprender / ensinar e para a construção de um currículo que contempla a

⁷⁰ Energia que anima o mundo. Vide Oliveira (2006, 2007), BÂ (2010), Ribeiro (1998, 1996).



diversidade e a inclusão, posto que “a *experiência formativa* sempre dirá algo ao currículo (...). Em realidade configura-se aqui, saberes e fazeres em metamorfoses incessantes, [...] nem sempre formativos (MACEDO, 2012, p. 68). Desse modo, compreendemos a importância das experiências formativas que acontecem no nosso dia-a-dia, dentro e fora da escola / academia, aprendemos a sermos críticos, conscientes, ou seja, antes de “morder” veremos “se é pedra ou se é pão”, como nos ensina o provérbio dito por Mãe Stella de Oxóssi: antes de morder, veja com atenção se é pedra ou se é pão.

Aprender com as experiências formativas é um ato de renovação da energia que nos trança... movimento, circularidade, vitalidade! É com-preender que “ensinar não é uma questão apenas de currículo e formação institucionalizados, é uma prática cultural muito mais ampla, ou seja, *a nossa condição e desejo de transmitir a cultura*” (MACEDO, 2010, p. 113), a nossa cultura, pois é aqui que acontece toda e qualquer aprendizagem (MACEDO, 2013; OLIVEIRA, 2006, 2007). É apreender a possibilidade de aprendermos e ensinarmos continuamente, por meio de palavras escritas em livros, de provérbios, mitos, contos, nas histórias contadas pelos mais velhos/as, nos ditados populares, no caminhar... é com-viver em sociedade, aprender na e com a cultura.

Portanto, sabendo da importância da oralidade e das formas diversas de escrita em nossa cultura, dialogaremos, a seguir, sobre a filosofia presente nos adinkras em uma construção desde a oralidade e a escrita, o encantamento e a ética de pertencimento. Esse diálogo farar-se-á desde a apresentação de uma atividade desenvolvida no quilombo Água Preta.

4.2.2. Ananse

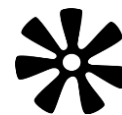


Figura 8 - ANANSE⁷¹

Um dia, muito tempo atrás, uma professora de literatura disse: “quem conta um conto ganha um ponto”. Desde então esse dizer entranhou-se em mim e perguntava-me

⁷¹ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.



constantemente: como contar um conto? Um dia, já não há tanto tempo, um *conto* tomou *conta* de mim e passei a conta-lo: o Conto de *Ananse* que narra a história de uma aranha muito sapeca que pensava que era gente e se orgulhava por ser o ser mais inteligente do mundo, mas um dia assustou-se, ficou preocupada, pensou: “o mundo é tão grande, tão grande, deve ter alguém mais inteligente do que eu”. Essa inquietação levou *Ananse* a andar pelo mundo pedindo um pouquinho de conhecimento a cada ser que encontrava, ao fim, quando sua grande cabaça já estava cheia de conhecimento, aprendeu com uma criança que o conhecimento só existe se for compartilhado e que qualquer ser pode nos ensinar alguma coisa e sempre podemos aprender e ensinar... Lá na frente contaremos direitinho essa história, pois desejo ganhar um/uns ponto/s com cada uma, cada um que ler esse texto, pontos por inspirações, encantamento, dispositivos para criar, re-criar, ressignificar... Constru-Ação do nosso modo de aprender / ensinar, pois o conto, assim como mitos, provérbios, adivinhações, máximas, etc, são modos de educar. Entretanto, é necessário a sensibilidade na escuta, tanto para o ensinar quanto para o aprender.

Desde esse desejo, essa escrita anseia trazer inspirações para que possamos criar, re-criar, ressignificar e encantar o mundo em que vivemos, pois “se escolho dedicar minha vida à luta contra a opressão, estou ajudando a transformar o mundo no lugar onde gostaria de viver” (hooks, 2006, p. 197), assim, proponho uma escolha coletiva. Que cada uma faça essa escolha, pois * somos sementes, sejamos plantas de transformação, de descolonização e escuta sensível. Sabemos que é fundante uma escuta sensível, ou seja, percepção da Outra pessoa, em uma relação de cuidado e com-partilha da caminhada, possibilitando a construção de uma teia que se dá por meio de movimentos / momentos de trocas e aprendizagens que permitem não apenas a formação, mas também a auto-formação. Essa escuta privilegia o corpo como produtor de sentidos, produtor de conhecimento, valorizando a subjetividade de cada uma/um sem perder-se da coletividade. Desse modo, a oralidade que é de corpo inteiro faz-se escrita, encantamento e pertencimento, pois, como nos ensina Sávvia Régis (2016, p. 251), “contar histórias na tradição africana é ampliar os horizontes de conhecimento da própria existência”. *Ananse* é um símbolo *Adinkra* que significa “Sabedoria, Esperteza, Criatividade e a Complexidade da Vida”, pois que sejamos educadoras e educadores que usam nossa criatividade, esperteza e sabedoria para trans-formar nossos currículos colonizados, descolonizando-os, e despertando a valorização de nossos saberes e culturas, e que assim possamos ensinar nossas educandas e nossos educandos com menos dor e mais força para enfrentarmos a complexidade da vida. E assim possamos encantar!



Desse modo, dialogaremos brevemente, acerca da filosofia que encontramos nos *adinkras*. Partindo dessa filosofia traremos dispositivos para refletirmos sobre a oralidade, a escrita, assim como sobre o encantamento e a ética de pertencimento e valorização de nossa cultura e de nossos saberes. Modos diversos de escritas, de transmissão e valorização de nossos conhecimentos. Escritas perpassadas pela *escrevivência*, pois nasce das nossas experiências, das nossas vivências, onde narramos o que vivemos e vivemos o que narramos: “escre (vendo) se. Escrevivendo-se. Escrita e vivência. Vivência como sumo da própria escrita” (EVARISTO, 2017). São modos de ser e estar no mundo do povo africano e afrodescendente que bordam, trans-bordam, nossas escrevivências que é muito além da escrita no papel, é uma escrita de corpo inteiro. Ou seja, oralitura, pois que:

O termo oralitura [...] não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significativo e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. Se a oratura nos remete a um corpus verbal, indiretamente evocando sua transmissão, a oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos vôlejos do corpo. [...] A memória dos saberes inscreve-se, sem ilusórias hierarquias, tanto na letra caligrafada do papel, quanto no corpo em performance. Nessa perspectiva podemos pensar, afinal, que não existem culturas ágrafas, pois nem todas as sociedades confinam seus saberes apenas em livros, arquivos, museus e bibliotecas, mas resguardam, nutrem e veiculam seus repertórios em outros ambientes de memória, suas práticas formativas. (MARTINS, 2013, p. 77).

O modo de escrita africano e afrodescendente é perpassado pelo sentir de corpo inteiro, onde a palavra é sagrada e isso está “intimamente ligado à importância das trocas efetuadas dentro de uma comunidade nos atos de falar e de escutar. A oralidade é ainda hoje o principal meio de transmissão de valores e conhecimento” (BERNAT, 2013, p. 31). Trocas afetivas e efetivas. Falar de corpo inteiro!

Vamos as nossas trocas com os Adinkras? Essa troca é mediada por uma experiência no quilombo Água Preta com o intuito de falar sobre a importância da oralidade e das diversas formas de aprender, valorizando os saberes locais.



4.2.3. Adinkras, quem são?



Figura 9 - SANKOFA⁷²

Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás.

Conta-se por aí que no século XVI o rei do povo Gyaman, Nana Kofi Adinkra, disse que tinha o mesmo Banco de Ouro que o rei Ashanti – Osei Bonsu, líder do povo Akan (grupo cultural presente nos países africanos Gana, Togo e Costa do Marfim). Tradicionalmente, tal banco é visto como um adorno de extrema importância, que diferencia o reinado Ashanti dos demais. O povo de Gyaman também detinha o segredo da fabricação de estamparias em tecidos e tronos de ouros. Por esse “dizer”, os líderes do povo Akan e Gyaman entraram em guerra e o rei Osei Bonsu venceu, sentenciando Adinkra à morte, além de ter seu manto utilizado como o grande troféu, a grande conquista.

E foi assim que o povo Ashanti apropriou-se e foi desenvolvendo a simbologia Adinkra, incorporando suas próprias filosofias (ética, valores, contos, provérbios, ditos populares, etc.), culturas e tradições. Ou seja, a simbologia Adinkra é perpassada pela estética(s), cultura(s) e filosofia(s) de um povo, fundamentalmente o povo Ashanti. Estética de sentidos! Ética de pertencimento!

Tradicionalmente apenas a realeza e os líderes espirituais tinham acesso ao pano que era utilizado especialmente durante funerais e outras ocasiões especiais. Hoje, o uso tornou-se popular, o que faz com que os símbolos adinkras sejam utilizados para estampar tecidos, adornar paredes, objetos, etc. Antigamente eram esculpidos em cabaça e o corante utilizado era a base de vegetais, sua impressão era feita em pano de algodão, cerâmica e símbolos arquitetônicos. As cores oficiais eram o vermelho, o marrom escuro, o preto ou não se pintava. Porém, atualmente, com a produção em massa, é colorido por todas as cores e utilizado de diversas formas⁷³.

Os símbolos Adinkras são oriundos da percepção humana do lugar onde se vive, da sua cultura, seus saberes, da relação entre as pessoas, as funções de objetos criados pelo ser humano, os vegetais, os animais e a relação do humano com o celestial. Ou seja, adinkras são

⁷² Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.

⁷³ Vide: <http://www.afreaka.com.br/notas/adinkra-um-dicionario-de-valores-na-arte-dos-carimbos/>



um modo de escrita, de comunicação gráfica, de transmissão de conhecimento, um ideograma que chega a qualquer pessoa, pois são formas culturais que envolvem o cotidiano de uma sociedade, suas experiências e observações de tudo o que envolve a vida, formas que tocam o modo de existência, dando sentido estético e ético aos modos de ser e estar no mundo.

Sabemos que a falácia epistemológica europeia diz que a história só começa à medida que o ser humano se põe a escrever, a registrar os acontecimentos, desse modo, o passado africano antes do início do imperialismo europeu só podia ser reconstituído a partir de testemunhos de restos materiais, dos costumes primitivos e da linguagem. Entretanto, não dizem que a escrita tem origem no antigo Egito e no Sumer⁷⁴, sobre isso, Maulana Karenga (*apud* KAMABAYA, 2011, p. 48) diz que:

...o desenvolvimento da escrita não se pode explicar só pela simples “necessidade de comunicar”. A ideia de permanência motivou também a feitura de desenhos e símbolos que foram o primeiro passo do homem em direção à arte da escrita e da tecnologia. Os primeiros homens a esboçar esta arte foram os Etíopes, com (as escritas) Sabeana e Géz; os escritos Meroíticos do Kushi; os escritos Cóptico da Núbia; e os escritos Hieroglíficos, Heráticos e Demóticos, do Egito.

O continente africano, e os povos de sua diáspora, tinha e continua tendo diversos modos de transmitir suas culturas, seus valores, suas filosofias, seus saberes, porém a oralidade, a oralitura, é a forma fundante dos processos de transmissão de seu(s) conhecimento(s), valores, etc. Mesmo diante dos processos perversos de tentativas de silenciamento, onde tivemos nossos corpos e *corpus* desterritorializados,

destituídos de sua humanidade, desvestidos de seus sistemas simbólicos, menosprezados pelos ocidentais e revestidos por um olhar alheio, o do europeu. Esse olhar, amparado numa visão etnocêntrica e eurocêntrica, desconsiderou a história, as civilizações e culturas africanas, predominantemente ágrafas, menosprezou sua rica textualidade oral: quis invalidar seus panteões, cosmologias, teogonias; impôs, como verdade absoluta, novos operadores simbólicos, um *modus* alheio e totalizante de pensar, interpretar, organizar-se, uma nova visão de mundo, enfim. [...] No entanto, a colonização da África, a transmigração de escravos para as Américas, o sistema escravocrata e a divisão do continente africano em guetos europeus não conseguiram apagar no corpo/*corpus* africano e de origem africana os signos culturais, textuais e toda a complexa constituição simbólica fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica, linguística, de suas civilizações e histórias. (MARTINS, 1997, p.24, grifo da autora).

Mãe Stella de Oxóssi (Maria Stella de Azevedo Santos) em seu livro “Meu tempo é agora”, onde fala para suas filhas e seus filhos de santo, mas também para toda a cosmopercepção africana e afrodescendente, chama a atenção para duas questões importantes: 1) “É fundamental o conhecimento transmitido de maneira oral. E não só pela manutenção da

⁷⁴ Ver KI-ZERBO, 2010 e MOKHTAR, Gamal, 2010.



tradição, nem pelo guardar dos mistérios, mas, principalmente, porque o conhecimento passado por um mais velho está cheio de emoções, sentimentos e, conseqüentemente, Àse⁷⁵.” (SANTOS, 2010, p. 90). A outra questão é: 2) “A tradição **somente** oral é difícil nos tempos atuais. Até mesmo porque a aquisição da escrita pela humanidade é um ganho, e não uma perda.” (Ibid, p. 31, grifo da autora). Ou seja, “o que se registra por escrito, permanece! Porém, nunca é demais lembrar, apesar da importância da escrita na comunicação, o conhecimento transmitido pela oralidade é a base da transmissão do conhecimento iniciático...” (Ibid, p. 54), é a base da transmissão de um conhecimento de corpo inteiro, perpassado pela escuta sensível.

Nesse sentido, a Lei 10.639/2003 surge para mudar o olhar a que fomos obrigadas e obrigados, à negação de nós mesmas, de nossos modos de sentir, educar, aprender, ser, para contar a história desde nós mesmas, histórias passadas por meio das experiências que são repassadas desde nossas e nossos mais velhas/os, desde a oralitura e também da produção de diversos pensadoras e pensadores negras/os, proporcionando o conhecimento e reconhecimento de nossa ancestralidade africana. Assim sendo, é importante nos atermos um pouco mais em torno o conceito de oralidade que aqui é lida como oralitura.



Figura 10 - NKYINKYIM⁷⁶

Símbolo da resistência, da dialética e do dinamismo na continuidade das coisas através da mudança.

Trazer os adinkras para nosso cotidiano de fala e escrita é trazer nossas formas de pertencimento e encantamento, nossa ética, nossos valores... Os Adinkras carregam em si perspectiva de descolonização da linguagem e dos saberes, pois quando nossas ancestrais foram desraizadas, arrancadas de nosso continente de origem tiveram que aprender uma outra língua, a do opressor. A língua colonizadora é sinônimo de dominação, de conquista, de destruição do “colonizado” (até onde somos colonizados), uma imposição, uma máscara utilizada para destruir, silenciar, ocultar os muitos idiomas de nossas ancestrais... nossas muitas formas de transmissão de nossos valores / epistemologias / ética / pertencimento, pois

quando os africanos cruzaram o Mar Oceano não viajaram e sofreram sós. Com nossos ancestrais vieram as suas divindades, seus modos singulares e diversos de visão de mundo, sua alteridade linguística, artística, étnica, técnica, religiosa, cultural, suas diferentes formas de organização social e de simbolização do real. As culturas negras

⁷⁵ “Àse significa, principalmente, força, poder, energia” (SANTOS, 2010, p. 89).

⁷⁶ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.





que matizaram os territórios americanos, em sua formulação e *modus* constitutivos, evidenciam o cruzamento das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos, escritos e/ou ágrafos, com que se confrontaram. E é pela via dessas encruzilhadas que também se tece a identidade afro-brasileira, num processo vital móvel, identidade esta que pode ser pensada como um tecido e uma textura, nos quais as falas e gestos mnemônicos dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com o outro, transformam-se e reatualizam-se, continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando a singularidade e alteridades negras. (MARTINS, 1997, pp. 25-26).

Compreender a filosofia dos adinkras nos leva a perceber como tais filosofias estão em nosso cotidiano, na(s) cultura(s), saberes, dizeres, fazeres das nossas ancestrais que perpassam o tempo e o espaço. Essa língua, escrita, é como a água, vai onde quer, rompe fronteiras, fala por si, por nós, por todo um povo...

Falar desde a nossa própria linguagem é permitir a possibilidade, como potência de ser, de intimidade com nossa cultura, com nossas ancestrais, nosso modo de estar no mundo, numa busca contínua do falar / criar / ser de corpo inteiro! Criar modos outros de fala / escrita, de produção de conhecimento, outras estratégias de ensinar e aprender, uma educação tecida pela própria vida, pois, como nos diz Paulo Freire (1987, p. 62), é importante termos uma educação que nos proporcionasse reflexões sobre nosso “poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção”, proporcionando criticidade e potência criativa para transformação do espaço onde vivemos.

Educação compartilhada, que acontece no movimento do cotidiano, onde todas nós temos algo para ensinar e muito mais a aprender, onde a escuta e a observação tornam-se preponderantes nessa caminhada. O cotidiano é revestido pelo natural e pelo sagrado, ou seja, a vivência na cultura africana tem uma relação estreita com o natural, este é a interface do sagrado, daí que a ancestralidade se apresenta como esse espírito de intimidade com a natureza. A relação com a natureza é um espaço comunitário e se dá na e com a comunidade. O ancestral é a natureza divinizada, é a referência cultural maior, é quem apreende a memória da comunidade, é o principal arquiteto na construção de uma vida comunitária saudável. Por isso a natureza e nossas ancestrais são guia, sabedoria e diretrizes na cosmopercepção africana.

Bom, companheiras e companheiros, “é hora de aprender, de aprender brincando” (SANTOS, 2010, p. 91), pois “o bom humor deve ser nosso aliado para combater as adversidades da existência humana” (Idem), assim, vamos para a brincadeira séria tecida desde uma oficina com os Adinkras!



4.3. Tecendo Práticas Formativas



**Figura 11 - FUNTUMMIREKU
DENKYEMMIREKU⁷⁷**

*Símbolo da unidade na diversidade e
advertência contra as brigas internas quando existe um
destino em comum*

Eu gosto é da experiência...

Dona Chiquinha (Assentamento Lagoa do Mineiro)

Essa segunda parte trará a experiência de uma oficina sobre os Adinkras que aconteceu em junho de 2019 no Quilombo Água Preta que fica em Tururu – CE. Entretanto, é importante demarcar que outras andanças (oficinas e contação do Conto de Ananse) são significantes para meu processo de tessitura desde os adinkras, amadurecendo o fazer desde essa filosofia africana numa relação com nossa própria história. Ou seja, nossos ensinamentos e aprendizagens são feitos com alegria e o encantamento pelo viver, mesmo com todas as dificuldades e processos de desencantamentos do mundo a que somos submetidas/os.

Costumeiramente trago o conto de Ananse para minhas atividades, como um convite, um exemplo foi uma experiência no Assentamento Lagoa do Mineiro, em Itarema - CE, em uma roda de conversa com rezadeiras e rezadores da localidade. Onde ao contar o conto fui dialogando com as pessoas que lá se encontravam, peguei uma cabaça que se encontrava sobre a mesa e com ela encenei um pouco a história... Antes de concluir a história de Ananse perguntei o que as pessoas achavam que tinha sido o grande aprendizado de Ananse, qual o ensinamento que ele teve ao buscar continuar sendo a pessoa mais inteligente do mundo? Uma senhora, Dona Chiquinha Louvado, rezadeira e uma liderança importante da comunidade, disse: “*ele aprendeu que o conhecimento não deve ser só pra ele, deve ser dividido*”, ou seja, o conhecimento só existe se for compartilhado e todos nós podemos aprender e ensinar! A história de Ananse perpassou toda aquela vivência e no dia seguinte pessoas falaram-me o quão foi importante e como os jovens estudantes ficaram interessados e encantados, pois a história representava aquela troca de conhecimento de pessoas que lá estavam, acadêmicas, estudantes, rezadeiras, rezadores, pessoas da terra, do chão, saberes diversos com-partilhados e com-

⁷⁷ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.



partilhando encantamento pela vida, a potência de existir em comunhão, inclusive com a natureza, pois sem ela não existimos, não somos.

Trago essa pequena história do Assentamento Lagoa do Mineiro, lugar de luta, pertencimento e muitos ensinamentos, de povos indígenas, negros e do Movimento Sem Terra, para dizer que essa perspectiva do compartilhar conhecimento em comunhão com a natureza e tudo e todas as pessoas a nossa volta é o fio que tece a filosofia africana, a filosofia da ancestralidade, a filosofia dos Adinkras, o cosmoencantamento!

4.3.1. **Água Preta - Tururu (Ce)**



Figura 12 - NEA ONNIM NO SUA A, OHU⁷⁸

Símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente e da busca contínua do saber.

Em 17 de Junho de 2017 fui pela primeira vez na Comunidade Remanescente Quilombola Água Preta localizada em Tururu – CE. Água Preta é uma comunidade que fora “formada nos finais do século XIX, segundo indica a tradição oral, a partir de um terreno adquirido por Manoel Bertoso. Os vínculos de parentesco remetem à Conceição, Escondido e Varjota, agrupamentos negros que parecem ter coexistido na década de 1890” (RATTS, 2015, p. 102).

Fui por meio de uma vivência propiciada por minha orientadora Sandra Haydée Petit às suas alunas e alunos do componente curricular Cosmovisão Africana do curso de Pedagogia e da Pós-Graduação em Educação da UFC. Um sábado de encantamento e fortalecimento de nossa ancestralidade.

⁷⁸ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.





Figura 13 – PRIMEIRA VISITA / ÁGUA PRETA



Primeira visita à Água Preta em 17 de Junho de 2017.
Fonte: Arquivo da Autora.

Essa vivência encantou-me, especialmente pela conversa com as matriarcas da comunidade... ao final de nossa estadia, nos reunimos no Galpão Defende Calisto e as ouvimos contarem histórias daquele lugar. Decidi que voltaria para conhecer mais aquela comunidade e aquelas mulheres e assim fiz. Em 23 de Junho de 2018 lá voltei! Cheguei na tardezinha de um sábado, fui para a casa da presidente da Associação, Dona Toinha, depois segui para a casa de sua mãe, Dona Antônia, onde fiquei um bom tempo conversando. A noite fomos presenteados com 13 fogueiras que enfeitavam toda a “rua”, uma em frente de cada casa, seguimos para uma atividade cultural no Galpão Defende Calisto onde fica a Associação, comemos macaxeira assada na brasa e conversamos longamente... O multiartista, educador, produtor cultural, dentre outras habilidades, Viana Júnior, da cidade de Itapipoca, acompanhava-me nessa minha busca, pois ele não apenas é um amigo pessoal, como também é amigo da comunidade e o convidei para estar comigo naquele momento.

Ao amanhecer tomamos um belo café feito por Dona Toinha em seu fogão a lenha, após um belo banho de cuia⁷⁹, e seguimos para o Galpão Defende Calisto, onde a artista e

⁷⁹ Lá não tem água encanada. Dona Toinha, apesar de ter um fogão a gás, prefere utilizar seu fogão a lenha, sua casa é simples, porém muito acolhedora, é um lugar onde sinto-me em casa, um lugar onde minha criança interior é feliz, pois nasci em um lugar onde até meus doze, treze anos não havia energia elétrica, onde coloquei água na



dançarina Agricelha Andrade faz um trabalho voluntário, em parceria com o Galpão da Cena de Itapipoca, com as crianças e jovens da comunidade, focando fortalecimento do pertencimento, da ancestralidade local desde a arte, especialmente a dança.

Fiz essa viagem com intuito de fortalecer meu Ori, minha cabeça, fortalecer minhas raízes, conversar com as matriarcas, *as meninas*, como chamamos, no intuito de tessituras para a tese de doutorado, porém, também me comprometi a ministrar uma oficina sobre os Adinkras e as Máscaras Africanas Geledés e Dogons. Éramos em torno de 20 pessoas, incluindo Dona Toinha, Agricelha e Viana Jr. Além de crianças e jovens da comunidade, tínhamos um professor da região, Romão Barros, que ficou muito interessado no tema e foi participar da oficina, chegando a criar o seu próprio adinkra, que mostrarei logo mais.

A oficina deu-se do seguinte modo: em um primeiro momento nos apresentamos, posteriormente apresentei os adinkras por meio de um power point onde coloquei todos os símbolos adinkras e seus significados, como encontramos no livro organizado por Elisa Larkin Nascimento e Luiz Carlos Gá (2009). Procurei estimular o grupo a reconhecer os símbolos que são partes do próprio cotidiano da comunidade, os estimei a falarem das semelhanças, de como percebiam os símbolos, criando uma narrativa coletiva, onde eu falava, os adultos falavam, as crianças falavam, os jovens falavam, os adinkras falavam... Essa narrativa é muito significativa, pois estimula a pensarmos em como tudo está interligado, como fazemos parte de uma única teia, a teia de Ananse, como costumam dizer, a teia onde somos universais desde nosso próprio lugar, onde o fortalecimento da nossa ancestralidade, do conhecimento da nossa história, enriquece nosso estar no mundo, a compreensão desse local no global. A importância e riqueza de nossa cultura e nossos próprios saberes.

Após falarmos sobre os adinkras dialogamos sobre as máscaras geledés e dogons, fazendo uma relação entre as filosofias que teciam cada uma dessas culturas. Entretanto, nesse momento nosso foco são os adinkras, portanto, vamos para o terceiro momento onde desenhamos adinkras, pintamos e criamos!!! O grupo ficou bem dividido entre construir e pintar máscaras⁸⁰ e a pintura e recriação dos adinkras.

cabeça até os 15 anos, apenas por volta dos 17, 18 é que meu pai conseguiu encanar a água do rio para casa. Nasci em um lugar onde cuias, baldes, lamparinas, fogueiras, etc, fortaleciam nosso ser – estar no mundo.

⁸⁰ Levei um molde do meu próprio rosto que foi feito em 2010 em uma aula sobre máscaras africanas ministrada por mim e uma artista plástica, no componente curricular de “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira” do curso de Pedagogia da UFBA, ofertada pelo professor Eduardo Oliveira.



Figura 14 - OFICINA: ADINKRAS E MÁSCARAS AFRICANAS

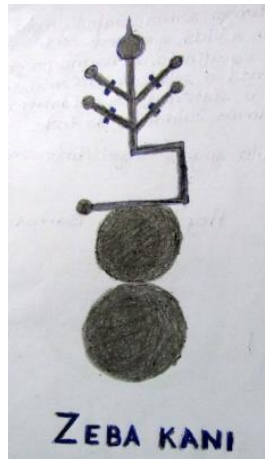


Fonte: Arquivo Pessoal

Nesse momento, gostaria de trazer dois relatos importantes, além da criação do professor Romão Barros, que soube da oficina e foi interessado em conhecer sobre e poder replicar em sala de aula. Professor Romão Barros conhece muito da história local e tem interesse em, enquanto educador, fortalecer a construção da identidade de seus educandos e educandas desde a relação com a história pessoal de cada um/a e a história do seu lugar. Pensando nisso ele criou o seu próprio Adinkra, o qual foi intitulado “*Zeba Kani*”, descrevendo sua criação da seguinte forma: “a natureza acima simbolizando a fertilidade, a vida que deve estar em constante equilíbrio. A harmonia presente apresenta o zelo que devemos ter em todo o sistema. Se cuidarmos da parte estamos cuidando do todo. O título do adinkra sugere *equilíbrio constante*”. Conversando com o professor Romão Barros, o mesmo disse que foi a natureza em volta que o inspirou e que o nome surgiu desde a lembrança de muitos dos nomes dos símbolos adinkras apresentados.



Figura 15 - ADINKRA “ZEBBA KANI”



“Adinkra” criado pelo professor Romão Barros.
Fonte: Arquivo da Autora.

Agricelha Andrade participou de toda a atividade, ela foi a mediadora que possibilitou a realização dessa atividade na comunidade, sempre em diálogo com a presidente da Associação, Dona Toinha. Em uma conversa com Agricelha sobre como a oficina havia repercutido entre os participantes e as participantes ela comentou que não teve uma conversa específica com a turma, mas que a oficina tem feito parte do cotidiano deles, ela disse: “Passou um tempo e eles olhavam para alguma coisa e falavam: Adinkras! Algum sinal, algum desenho que eles viam, por exemplo, na mata [...]. Eles se apaixonaram”. Ela ainda contou que alguns deles seguiram estudando e aqueles com habilidade para desenhar estão treinando para fazer pinturas de hena, em pessoas que desejarem, na atividade do 20 de Novembro que acontecerá na comunidade. Agricelha também comentou que a atividade conseguiu chamar a atenção até das crianças mais hiperativas, fazendo com que, inclusive, conseguissem perceber os Adinkras como parte do seu cotidiano. A participação das crianças nas atividades em Água Preta é fundamental, pois, como nos ensina Sobonfu Somé (2003, p. XX): “Nunca devemos excluir as crianças dos rituais. A presença das crianças gera os rituais mais simples e vibrantes. Quando estão presentes, o que quer que faça de errado torna-se certo”.

Por fim, trago um relato significativo de Viana Júnior, multiartista, educador e produtor cultural, que nos acompanhou nessa criação, também pelo seu desejo de trabalhar com máscaras africanas. Seu relato já aponta os desdobramentos oriundos das experiências vividas / tecidas / sentidas em Água Preta, vejamos:

...A convite de Adilbênia passei dois dias na comunidade participando da oficina, e de maneira muito especial, na força do encontro ali estabelecido, percebi a presença das adinkras em nosso cotidiano, nos diversos espaços, objetos, símbolos e simbologias que nos rodeiam. Fez-me pensar em como nós, brasileiros, vamos construindo e dialogando com os adinkras e os recriando, em nossos fazeres e no

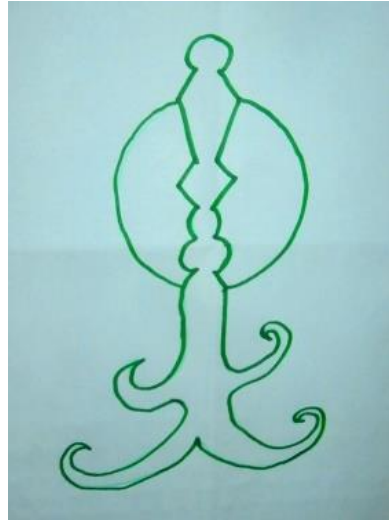


nosso imaginário, esses riscos simbólicos, ritualísticos, místicos e/ou narrativos. Vi-me ligado aos riscos indígenas, aos pontos riscados da Umbanda e da Jurema, dos símbolos do Candomblé construído aqui no Brasil, desenhos que trazem em seu traço a pedagogia da oralidade, a ação que diz e constrói saberes e histórias. Assim como as máscaras africanas, que nos contam sobre deuses e seres mitológicos, celebram a vida e evocam o poder ancestral. E ancestralidade é força que corta os tempos e nos faz ser. Essa vivência em Água Preta junto com a comunidade, deu-me fundamentação para planejar uma oficina de teatro e comunicação que ministrei na Comunidade Indígena Tremembé da Barra do Mundaú em Itapipoca (CE) para a juventude indígena. A oficina constituiu-se muito influenciada pela experiência com a oficina de máscaras africanas e adinkras, pois tive como propor uma vivência que dialogasse com os fazeres da comunidade. A oficina de Teatro e comunicação teve como mote o diálogo entre as máscaras, suas histórias e seu uso, partindo desde a confecção das máscaras, sua presença em diversas culturas, inclusive indígena, e sua utilização na criação de personas em diálogo com o corpo que é extensão da máscara. A oficina propôs uma viagem pela cultura africana e indígena, mostrando diversos tipos de máscaras, desde as geledés até as máscaras de pano do reisado cearense, típico da região onde se encontra a comunidade indígena. Cada participante foi convidado a criar sua máscara, criando suas simbologias e estética própria dos Tremembés, recriando suas personagens mitológicas e do imaginário popular. Foram feitas máscaras com material orgânico, como coité e material colhido na natureza, e de tecido, inspiradas nas máscaras dos ‘papangus’ do reisado. A oficina foi uma forma de buscar potencializar a cultura do reisado realizada na comunidade e proporcionar que as novas gerações se empoderem desse fazer ancestral, muito comum ser realizado apenas por anciãos, pois a juventude nega-se a continuar a tradição. O teatro entrou como proposição de aproximação das personagens do reisado, nossa “comédia de l’arte” brasileira. No reisado encontramos o uso das máscaras, as personagens bufônicas, augustos, branco, estipulados pelos artistas europeus e consagrado no mundo como “origem do teatro”. Mas sabemos que culturas mais antigas já trazem estruturas similares a essa difundida pelo mundo. É o caso das tradições de máscaras africanas, que aqui no Brasil encontramos também nos povos originários de diversas etnias. O reisado no Ceará, é o rebento do encontro dessas duas culturas, é a ressignificação do uso das máscaras nas profundezas do Brasil: sertões, praias e confins das terras brasileiras e seu encantamento. Para mim, a oficina de máscaras africanas e adinkras foi um encontro de reafirmação das nossas estéticas e fazeres, nossas filosofias, ciências e espiritualidades, nossas linguagens cênicas, performáticas e geração do saber que é ação. E agir é pensar que age no tempo-espaço e em nosso existir hoje, rebentos de um ontem que ainda permanece em nós.

Viana Júnior traz um relato potente que diz muito do que vivenciamos e de como podemos replicar essas experiências, pois nós afro-brasileiras e indígenas somos tecidas por nossas vivências, os acontecimentos que movimentam a possibilidade de conhecer, que movimentam o conhecimento, o transformam, multiplicam. Nosso educador multiartista também criou o adinkra de Água Preta, o mesmo é inspirado na logomarca da comunidade. Tal logomarca é oriunda da história que deu origem ao nome da comunidade Água Preta:



Figura 16 - ADINKRA “ÁGUA PRETA”.



Criação de Viana Júnior. Fonte: Arquivo da Autora.

Figura 17 – ADINKRA ÁGUA PRETA “ESTILIZADO”



Adinkra “Água Preta” recriado desde a imagem 01 para configurar em cartazes de atividades cênicas realizadas em Água Preta. Fonte: arquivo da autora.

Dona Toinha conta a história do nome da comunidade, ela diz:

Esse nome Água Preta, segundo os mais velhos é porque em uma seca que teve no ano de 1915 as cacimbas secaram e eles, os mais velhos, começaram a procurar lugar que pudesse ter água. Então, eles saíram naquela direção da serra, segundo eles, os mais velhos, com um galho de goiabeira. Aí onde eles encontraram, onde eles viram que tinha água lá no pé da serra, ai eles lá começaram a cavar e quando descobriu a água o buraco já tava muito fundo e devido a profundidade a água parecia escura, aí eles disseram que era bom chamar de “Água Escura”, mas ai depois eles disseram: não, não dá certo, nós somos pretos, então, vamos chamar de Água Preta. E assim ficou. E quando foi em 2010, quando a gente assumiu a Associação eu resolvi procurar esse lugar, aí fui. [...] Ai mostraram onde era a cacimba, hoje ela não tem mais água. Na época eu ainda estava em sala de aula, ai eu levei um aluno que sabia desenhar



muito bem e ele fez o desenho do lugar lá, da cacimba, ao lado tem um cajueiro que já deitou no chão, mas continua vivo. Ai a gente fez o desenho e virou a logomarca da Associação. Na época, as pessoas para pegar água elas desciam por um pau grosso, que eles chamavam de escada, e com a mão ela segura a cabaça e com a outra a escada. Na época as pessoas colocavam a água em cabaça. (CONVERSA NA COZINHA em 24 de Junho de 2018).

Figura 18 – LOGOMARCA DE ÁGUA PRETA



Fonte: Arquivo da Autora.

O nome da comunidade traz a relação direta com a ancestralidade que a tece, aponta o encantamento pela história de nossa ancestralidade africana, pelo ser negra e negro, preto! Traz a relação direta com a filosofia dos adinkras: dizer de um lugar, da sua relação com a natureza e as pessoas, pertencimento e encantamento.



4.3.2. Metodologias Ananseanas - Encantamento e Pertencimento



Figura 19 - NYANSAPO - NÓ DA SABEDORIA
Símbolo da sabedoria, engenhosidade, inteligência e paciência⁸¹.

*A escrita é uma coisa, e o saber, outra.
A escrita é a fotografia do saber,
mas não o saber em si.
O saber é uma luz que existe no homem.
É a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais
puderam conhecer e que se encontra
latente em tudo o que nos transmitiram...
Bokar apud Hampaté*

Com-partilhar conhecimento é um modo de fortalecimento, de si e do coletivo, da nossa comunidade, pois é aqui onde nos encontramos, nos fazemos em nossa subjetividade e no coletivo que se expande, pois somos como teias de aranha, estamos interligados entre nós e com a natureza, o universo. Mãe Stella de Oxóssi nos diz que

ensina quem pode e aprende quem for inteligente, humilde, sábio, e tiver boa vontade. Os velhos são arquivos vivos, testemunhas de fatos emocionantes. Aprender e ensinar são atos constantes da vida. Ensina-mos e aprendemos sempre. É importantíssima a transmissão do conhecimento” (SANTOS, 2010, p. 102).

Ela ainda nos diz que “viver é aprender” (Idem) e é nesse sentido que nosso pertencimento e nosso encantamento são fortalecidos. Dona Zefinha (Tia de Dona Toinha) disse quando conversávamos (eu, ela e algumas de suas irmãs) em um fim de tarde, sentadas na calçada de uma das “meninas”: “A gente ensina o que sabe... você sabe ensinar o que você aprendeu. [...] é um dom dado por Deus.”

⁸¹ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.



Figura 20 – COM-VERSA COM “AS MENINAS”



24 de Junho de 2018. Foto: Arquivos da Autora

O encantamento é o reconhecimento de nossa ancestralidade, de nossa origem e assim, o fortalecimento desse pertencimento e ele se dá desde o conhecimento, o reconhecimento de nossas histórias, nossas filosofias, nossos modos de ser e estar no mundo, nossos saberes. O encantamento é o comprometimento ético diante da vida, desde uma perspectiva coletiva, irmanadas. As metodologias oriundas de Ananse, como representante dos Adinkras, traz possibilidades de linguagens diversas, tecidas pela escuta sensível, o ser / fazer de corpo inteiro, nos ensina que o conhecimento só existe se com-partilhado e todo o tempo é tempo de aprender e que tudo pode nos ensinar. É uma teia que nos mantém ligado ensinando que a humanidade é parte do todo e o todo está na humanidade e que nada somos sem a natureza e a ancestralidade.

Assim, finalizamos essa parte com o *conto de Ananse*.

O DIA EM QUE ANANSE ESPALHOU A SABEDORIA PELO MUNDO

Eraldo Miranda, 2008.

Conta uma história africana que certa vez Kwaku⁸² Ananse estava sentado a contemplar o sol, pensando nas suas proezas, quando se sentiu extremamente vaidoso por ser tão inteligente.

Sorrindo, falou para si mesmo:

- Realmente, sou muito esperto. Não acredito que haja alguém mais inteligente do que eu!

Mas, no mesmo instante, veio-lhe uma dúvida e Ananse ficou preocupado:

- É certo que sou inteligente, mas existem tantos povos diferentes...

Eu posso não ser o mais sábio de todos... Pode haver alguém mais sábio do que eu!

Isso o incomodou muito e, depois de refletir um pouco, Ananse teve uma ideia:

- Ah, ah, ah, grande Ananse, só você mesmo para ter essa ideia!

⁸²Ananse tanto pode ser feminino, como masculino e possui vários nomes, exemplo: no norte do Togo com os povos kabides ele é chamado de Andjau, lá é masculino, é herói e pode possuir todas as qualidades e defeitos, alternadamente. (Vide: Pinguilly, 2005). Segundo os adinkras, significa sabedoria, esperteza, criatividade e a complexidade da vida.



Já sei o que vou fazer, já sei! E concluiu satisfeito:

- Vou sair pelo mundo pedindo um pouco de sabedoria a cada pessoa que encontrar pelo caminho.
Coloco tudo dentro de uma grande cabaça e então certamente eu serei o mais sábio de todos!
Ananse dirigiu-se para a floresta. Depois de encontrar uma grande cabaça, amarrou-a nas costas e iniciou sua viagem para coletar sabedoria.
Ia de porta em porta, pedindo a todas as pessoas que lhe dessem um pouquinho de sabedoria.
As pessoas riam de Ananse, mas como ele pedia sabedoria, acreditavam que era a mais tola das criaturas.
E, com pena, cada uma foi colocando pouquinho de sua sabedoria na grande cabaça.
Não demorou para que a cabaça de Ananse transbordasse de sabedoria.
Ela estava tão cheia que não dava para colocar ali mais nenhum saber.

- Seguramente, agora sou o mais sábio do mundo! – exclamou Ananse muito satisfeito.
- Mas preciso encontrar um lugar para esconder toda minha sabedoria, senão posso perdê-la, ou alguém pode querer roubá-la!

Olhando ao redor, viu uma árvore imensa, com uma copa que parecia bater nas portas do céu.
Muito satisfeito, falou:

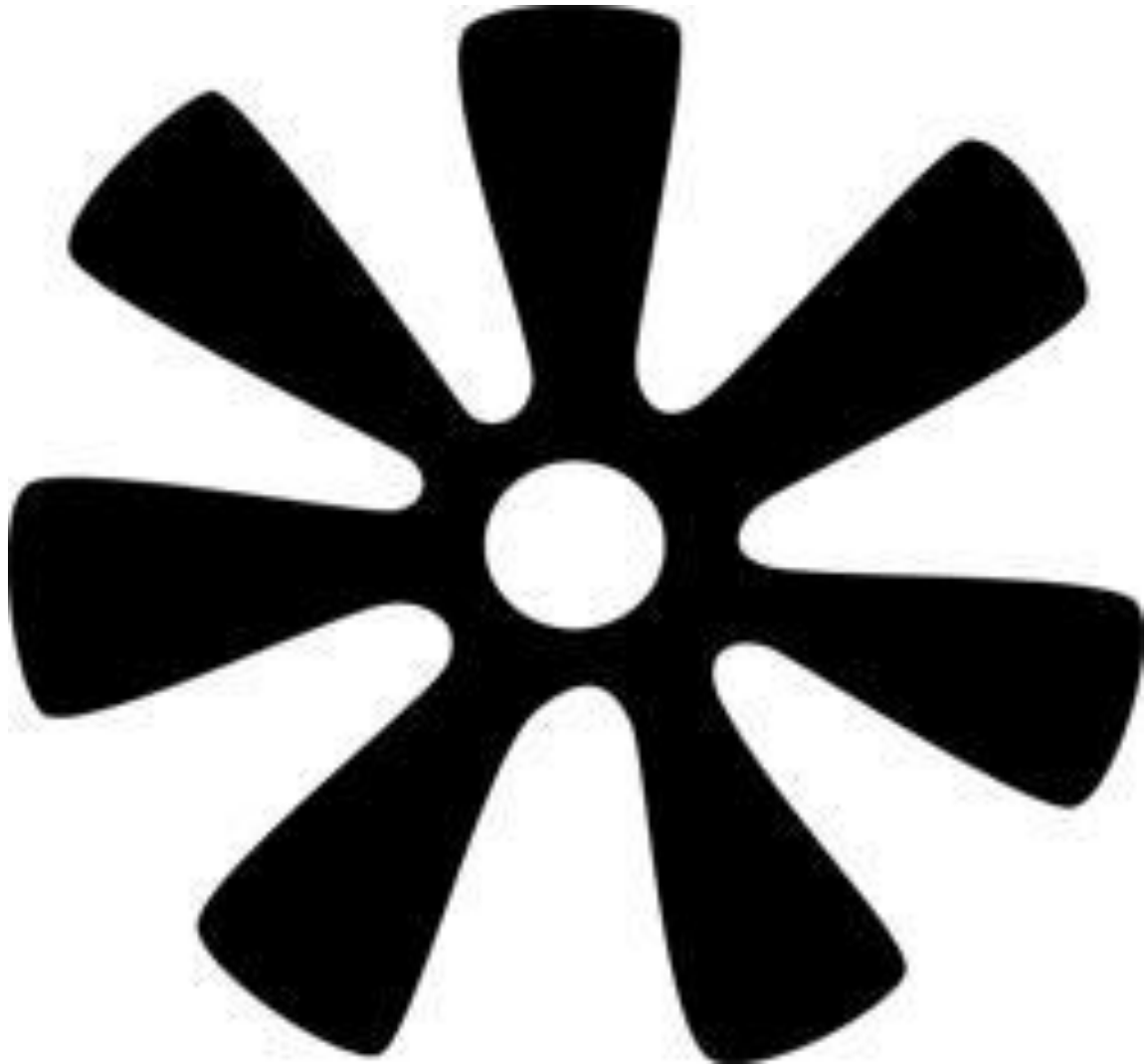
- Que sorte a minha! Vou esconder a sabedoria na copa desta árvore e nunca terei de me preocupar com os ladrões que possam querer roubá-la de mim!
Ananse foi até a árvore para escalá-la.
Tirou a grande cabaça das costas, pegou uma faixa de pano e amarrou-a na sua barriga, por imaginar que assim seria mais difícil a cabaça cair durante a escalada.
Sem perder tempo, começou a escalar a árvore. Entretanto, a grande cabaça, completamente cheia de sabedoria, não permitia que ele subisse. Tentou e tentou inúmeras vezes, mas nada conseguiu.
Naquele momento, apareceu o filho mais novo de Ananse.
Vendo seu pai naquela luta para atingir a copa da árvore, aproximou-se e perguntou:
- Meu pai, o que faz aí tentando subir nessa árvore?
Ananse respondeu:
- Eu vou tentar escalá-la para guardar na sua copa esta grande cabaça, que está cheia de sabedoria!
E seu filho falou:
- Mas, meu pai, não seria muito mais fácil se você amarrasse a cabaça nas costas, em vez de amarrá-la na barriga? Dessa maneira as pernas ficariam livres para escalar a árvore!
Ao ouvir aquilo, Ananse sentou-se e ficou em silêncio por algum tempo. Então, falou para seu filho:
- Meu filho, já não está na hora de você ir para casa?
Sem responder, o filho baixou a cabeça e partiu.
Mal desapareceu, Ananse desamarrou a cabaça da barriga e novamente a amarrou nas costas, subindo tranquilamente na árvore e resolvendo seu grande problema.
Ao alcançar a copa da árvore, gritou para os ventos:
- Andei e andei por toda parte coletando sabedoria e acreditava ser a pessoa mais sábia de todas!
Mas hoje vi que meu filho, que ainda é criança, é mais sábio do que eu.

**Hoje aprendi uma valiosa lição:
que sempre haverá alguém mais sábio que nós e sempre poderemos aprender muito com isso!**

Então, Ananse levantou a grande cabaça e, virando-a, derramou toda a sabedoria, que, carregada pelos ventos, espalhou-se pelos lugares mais distantes da Terra.
E assim se conta como a sabedoria veio ao mundo, por meio da lição que Kwaku Ananse recebeu de seu pequeno filho.



Figura 21 – ANANSE



Fonte: Arquivo da Autora.



OXUM NA CONSTRUÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA

Vanda Machado⁸³

Oxum olhou o povo dela e disse: que pobreza!

Percebeu que as pessoas estavam mal, estavam mal vestidas, estavam mal arrumadas, estavam sem casa, ela foi e disse que queria falar com o Rei.

Mas não deixaram ela falar com o Rei.

Ela reuniu todas as mulheres, saiu em direção ao Palácio e lá com as mulheres todas começaram a falar sobre o que estavam precisando.

Aquela coisa que hoje se faz na porta das universidades, dos sindicatos, etc, etc.

Ela falou: você é um Rei injusto, você é um Rei injusto, olha praí como está o nosso povo e olha o palácio onde você mora...

Oxum começou a confrontar a riqueza do Rei com a pobreza do lugar e depois dela bradar tanto, o Rei chamou o ajudante e disse:

“Quer saber de uma coisa? Dá tudo o que essa mulher quiser, tudo o que ela quiser, por que eu quero me ver livre dessa mulher. Dá tudo o que ela quiser, dá para ela levar para o povo dela”.

Então, Oxum e as mulheres todas levaram quase tudo do palácio e distribuíram para povo.

Figura 22 - SOL OXUM



Casa... o açude onde aprendi a nadar. Foto de 25 de Julho de 2016. Fonte: Arquivo da Autora.

⁸³ Vanda Machado contou-me esse conto na sua cozinha em 27 de Novembro de 2017.



5. METODOLOGIAS AFRRREFERENCIADAS

Início esse capítulo sobre metodologias afrorreferenciadas após apresentar o conto de “Oxum da construção da política pública” para refletir nossas metodologias desde nós mesmas, nossas construções e modo de criar, pensar, filosofar, educar. Pois, como disse Vanda Machado em nossa com-versa na cozinha (2017): os aspectos do pensamento africano

visto do modo como o branco escreveu é uma coisa, vista do nosso lado é uma outra coisa. Primeiro porque eles são pessoas que disputam a sala de visita e a sala de visita não é o principal lugar para se aprender no candomblé, se aprende é na cozinha, coincidentemente você está na cozinha (*risada gostosa*).

Nossa cozinha é nosso modo de aprender as “coisas”, aprender sentindo, ouvindo, fazendo. Portanto, como disse Vanda Machado (Idem):

acho que vale a pena essas ponderações, a que esse lugar leva. Ex: Oxum é vaidosa, Oxum gosta de joias, Oxum quase fazia Xangô perder a guerra por que ela foi se pentear e se banhar, Oxum é linda. Oxum fez a organização do mundo, foi a primeira mulher que cuidou de política pública!!!

Vanda Machado usa a metodologia afrorreferenciada por meio de contos, mitos, provérbios para ensinar. A oralidade, a oralitura tecendo saberes. Ela diz: “Quando eu falo isso com as crianças eu mostro o que é **política pública**. É quando você busca uma melhoria, mas que não é uma coisa particular, não é uma coisa para si, que é o bem, você busca bens coletivos e eles entendem isso” (Idem). Assim, por meio do conto, Vanda Machado trabalha, ainda, a desconstrução de estereótipos, no caso, de Oxum em relação a vaidade, ela questiona:

A quem beneficia mulheres croquetes, mulheres fúteis? Com certeza não é para nós que se tenha essa concepção de mulher. Por que ela não é bonita e ao mesmo tempo mulher, por que ela não para e faz com que as outras mulheres sejam férteis, se mantenham bonita e possa buscar melhoria para seu povo, então, interessou alguém escrever essas histórias de Oxum como a mãe da futilidade. Ela é mãe da saúde, da criação, da proteção, enfim... (Idem).

Oxum representa a estética do bem-viver, onde a sua vaidade não a torna indiferente aos problemas da sua comunidade, ao contrário! Oxum, é o feminino em sua potência do ser / criar / encantar / embelezar / criticar as injustiças e fazer justiça. Oxum denuncia, anuncia e resolve. Oxum cria suas próprias metodologias, modos de fazer para fortalecer sua comunidade. Nesse sentido, as metodologias, os currículos,

as proposições das didáticas afrorreferenciadas ou afrodescendentes contribuem para a efetivação da Lei 10.639/03 na perspectiva de uma abordagem pedagógica afro-brasileira. Abordagens pedagógicas fundadas na cosmovisão [cosmopercepção] e na



tradição oral africana representam a introdução ao pensamento africano e afrobrasileiro na dimensão filosófico-cultural que tem respondido a esta necessidade. [...] demonstra um diálogo entre os diferentes saberes que são organizados de maneira horizontal e circular. (ALVES, 2015, p. 34).

Kellynia Farias (2015) nos aponta que as produções didáticas afrorreferenciadas, assim como metodologias e currículos, são pautadas no diálogo com o diferente, organizando-se, pensando, criando, criando-se desde a perspectiva horizontal e circular, mediadas pela escuta sensível, pelos saberes de nossas mestras, de nossas mais velhas, pelos saberes do povo, pela oralidade. Desse modo,

trançam os saberes acadêmicos, práticos, e tradicionais, acolhendo autores e mestres, lideranças quilombolas, pais e mães de santo e pesquisadores. Os saberes passam pelo corpo, ampliando as simplificações que possam atribuir a tradição oral somente a dimensão de oratura (literatura oral) ou a comunicação oralizada. Ela abrange as práticas presentes em terreiros de Candomblé e Umbanda, nos quilombos, na culinária afro, na capoeira Angola e demais expressões da ancestralidade africana na diáspora. Esses bens simbólicos remontam à afrodescendência pulsante na cultura brasileira, ultrapassando diferenças geográficas (OLIVEIRA, 2003). Levam-nos às diásporas negras, se reconstituindo em permanências-mudanças na filosofia que se vive, se respira, se dança e se reflete. (ALVES, 2015, p. 34).

O pensamento afrorreferenciado é delineado, trançado, bordado por nossas experiências, nosso viver, nossos modos de construção do cotidiano, do aprender / ensinar. Do ser / fazer. Para além da geografia física, são as geografias dos saberes transversalizados pelas vivências, pela territorialidade. Como tecemos essas metodologias?

5.1. Metodologia dos Odus

A metodologia dos Odus foi criada por Eduardo Oliveira e experienciada em nossa parceria de trabalho, na UFPA, por cinco anos e durante toda minha trajetória no doutorado, onde busquei tecer seminários, aulas, palestras, oficinas, falas em mesas redonda, nos chãos redondos do Memórias de Baobá, bordadas por essa metodologia, por isso apresentei a mim e a tese desde cada um dos seus movimentos. E por ser movimentos estão em construção, em transformação, moldando-se, desse modo, cada uma de nós podemos moldar tal metodologia aos nossos modos e contextos de práticas e vivências. É importante pontuar que essa experiência não se deu de modos sistemáticos voltados para a construção da tese, mas nos modos de conduzir o meu fazer / experienciar / ensinar / aprender pois compreendo que é a experiência que proporciona o encontro entre nós mesmas e o/s saber/es, posto que a



experiência é tecida pelas reflexões em torno de si, ela é vivida e refletida. Esses modos são moldados pelo tempo e pelo contexto de cada construção. Nesse sentido, em minhas ações fui experienciando as metodologias propostas e fortalecendo minhas convicções acerca das mesmas, pois o experienciar é o afetar-se, implicar-se, comprometer-se, é ter o corpo vivenciando e experienciando nossos saberes, diálogos, trocas incessantes, relação com o mundo e o que está a nossa volta, relação com nós mesmos, estéticas de sentidos, criação contínua. A experiência nos leva ao encantamento, como já fora dito!

Assim, compreendo que um pensamento engajado, que o pensamento afrorreferenciado, implicado, encantado estão transformando-se, recriando-se continuamente, reinventando-se, pois o mundo, os acontecimentos da vida não são estáticos e conhecimento é movimento, assim, cada espaço educativo é diferente.

A **Metodologia dos Odus** é um exercício constante do não saber, ou seja, de entender o conhecimento como inacabado e em construção, assim, desconstrói-se os conhecimentos cristalizados, e entende que o mesmo está em movimento, desse modo, transformam-se, encantam-se e provocam outras experiências.

Com o advento da Lei 10.639/2003 tornou-se fundante a criação de metodologias que possam delinear, demarcar a implementação de tal lei desde métodos afrorreferenciados, posto que a proposta é um ensino desde nosso próprio lugar de pertencimento, nosso modo de ser, nossos saberes, nossas culturas, nossos corpos, nossas histórias. Assim, essas metodologias são pautadas desde as histórias que nos foram negadas nas escolas e universidades, perpassadas pela oralidade, pela memória, pelos valores que delineiam o cotidiano da população negra diaspórica que forma o Brasil, perpassadas por corpos negados e cheios de potência e resistência.

Dessa forma, dialoga-se desde nossos modos de ser e estar no mundo, desde os (nossos) saberes dos povos africanos que a escravização trouxe para nosso país. Ainda que a colonização tenha nos tornado uma nação marcada por dor, sofrimento, desumanização e negação, ela deixou um legado que segue existindo, re-existindo e fortalecendo um povo que não nasceu em África, mas que tem a África nascida em si, uma África que desenhou, teceu, bordou, trançou, criou, cria e alimenta o Brasil. Aqui não há, em absoluto, o propósito, ou até mesmo a ideia de romantizar a mestiçagem, longe disso, mas reconhecer que ainda com todos os processos de desumanização oriundos da colonização, da escravização, a cultura africana em terras brasileiras ultrapassa o tempo e os espaços, fundamentando nosso ser, nossas culturas,



fortalecendo-se na luta cotidiana por sua existência e re-existência, pois somos um povo demarcado pela ancestralidade e pelo encantamento vindo de África.

Assim, nossas metodologias, currículos e epistemologias são implicadas em bordar um pensamento plural, diverso, que tem o diálogo entre os saberes como preponderante, desde uma perspectiva horizontal, circular, compreendendo a universalidade desde um lugar, territorialidades de nosso próprio chão, abarcando o corpo como produtor e fonte de conhecimento, conhecimentos estes oriundos das relações do cotidiano, pois “existir é relacionar-se, e os relacionamentos não se dão no vazio do nada, mas através de corpos que preenchem o corpo do espaço e os escorrer do tempo corporal. Não se prescinde do corpo, nem como coisa, nem como ideia, nem como palavra” (OLIVEIRA, 2007, p. 107). Assim, pensar / criar / aprender / ensinar / ser desde referenciais que tem a ancestralidade africana como guia, potencializa nosso estar no mundo, nos encantando, nos implicando com um mundo melhor, mais digno de se viver.

A ancestralidade e o encantamento são metodologias e conteúdos demarcados pelos nossos caminhos / experiências / vivências / escrevivências, pois “não separa caminho de metodologia, forma de conteúdo. Elas não são separadas na vida, também não podem ficar separadas na academia” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p.94). Também não dissocia experiência de vivência, de atuação política, ética, social, cultural, profissional, assim, trabalha-se desde a compreensão de “formação como ação” (MACEDO, 2010), pois a formação é um “fenômeno que se realiza nos sujeitos concretos, contextualizados, historicizados, política e coletivamente situados”. (Ibid, 108).

Odu, que é oriundo do Ifá, é a fonte de inspiração para a criação dessa metodologia, que fora gestada por Eduardo Oliveira⁸⁴ para o ensino de “História e Cultura Africana e Afro-brasileira”, desenvolvida, especialmente, para o componente curricular de mesmo nome ofertado no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, entretanto, tal metodologia pode ser “aplicada” em todos os campos do conhecimento afrorreferenciado, pois Odu é uma metodologia filosófica oriunda das filosofias africana, de seus saberes, valores e tradições. Eduardo Oliveira inspira-se em sua espiritualidade, na sua relação com o Ifá, cultura em que é iniciado. O Ifá é oriundo da Nigéria, é uma cultura pré-colonial que representa um sistema ético africano. Segundo Eduardo Oliveira (*apud* Machado, 2014, p. 98),

⁸⁴ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor Permanente do Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) / Salvador. E-mail: afroveda@gmail.com



Na religião de matriz africana, pensando ela como um grande fenômeno social, há uma coisa absolutamente importante que é o oráculo. O oráculo é aquilo que faz com que eu possa me comunicar com o Outro perto e com o Outro distante, é a comunicação do humano para com o humano, do humano para com o sagrado e do sagrado para com o humano. É o lugar da fala da sabedoria, ou seja, o oráculo é o lugar que preserva a sabedoria produzida por um grupo. Um oráculo privilegiado por esse sistema se chama IFÁ.

Ronilda Ribeiro (1996, p. 263), diz que o Ifá é “Orumilá, o oráculo divino, deus da sabedoria iorubá. Também jogo adivinhatório realizado com **ikin** ou **opelê**” (grifo da autora). Para Eduardo Napoleão (2011, p. 105), o Ifá é o “Oráculo praticado por sacerdotes yourubanos cujo patrono é Orunmilá. Compêndio do saber yourubano contendo ensinamentos e textos sobre música, literatura, história, religião, mitologia, ecologia, ciência, filosofia, arte, etc”.

Desse modo, o Opelê-Ifá, que é o colar de Ifá, é utilizado como inspiração metodológica, pois

é um instrumento (...) para me comunicar com o oráculo, ele é efetivamente a metodologia, o instrumento, aquele que faz a comunicação, aquele que revela a sabedoria produzida pelos antepassados para os viventes de agora e atualiza essa sabedoria na experiência desses viventes de agora. (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 99).

Um objetivo fundante para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira é o diálogo com as filosofias presentes na sabedoria de nossos antepassados, nas experiências vividas e transmitidas. Sabedorias / Experiências! Sabedorias / Ações! Sabedorias / Modos de Ser – Estar no Mundo!

O oráculo, o opelê-ifá é circular, pois o círculo é “uma estética radical de inclusão (...), todo mundo tá lado a lado com o Outro, com companheirismo, numa relação fraternal (...) e vendo a face do outro. Então, é uma escritura ética, é uma estética de inclusão” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, pp. 99 – 100). Por isso o círculo é fundante como instrumento metodológico.



Figura 23 - OPELÊ IFÁ
Fonte: Internet



E o oráculo do Opelê-Ifá⁸⁵

é composto de oito sementes que são oito caminhos para entendermos o que a gente fez na humanidade desde os primórdios até agora. Só que na cultura Iorubá – Nagô, o Ifá nunca é pensado como um corpo único, sempre é dois, então não existe indivíduo [...], o africano não se pensa como indivíduo / único, se pensa como comunidade, essa é outra chave de leitura importantíssima, logo o Ifá se pensa sempre como duplo. (Ibid, p. 100).

A multiplicação é fundamental, o duplo pessoa / comunidade, assim, as sementes do Opelê-Ifá são colocadas lado a lado, ficando quatro sementes de um lado e quatro de outro e ao se abrirem formam oito, que são duplicadas por dois formando dezesseis caminhos, depois 32, 64 e segue multiplicando-se... Assim, enquanto metodologia, a proposta é que as educandas possam, também, construir suas próprias metodologias, pois a construção e a produção são coletivas, é oriunda da experiência vivência de cada uma, onde todos nossos saberes e experiências são valorizados. Portanto, a metodologia dos Odus, inspirada no Ifá, é construída sempre numa perspectiva coletiva e de valorização dos saberes antigos e dos saberes do agora.

5.1.1. Odus

Os Odus, ou seja, conteúdo e metodologia, teoria e prática, apresentam chaves de leituras e de interpretações que são instrumentos para produção de outros olhares sobre a história e cultura a africana e afro-brasileira, sobre o pensamento afrorreferenciado, trazendo sempre os deslocamentos de sentidos, a coletividade, a memória, o corpo e a ludicidade como fios condutores dessa produção. Filosofias fundantes do pensamento africano. Eduardo Oliveira desenvolveu oito Odus, entretanto, trabalhou apenas cinco no componente curricular HCAA⁸⁶, no período de 2010 a 2014. Assim, trabalharemos os cinco Odus desenvolvidos naquele momento e os três últimos desenvolvidos em minhas andanças desses últimos 4 anos, ou seja, o que multipliquei desde as experiências anteriores. Os Odus, os caminhos, são os seguintes:

1 – Odu de Origem

⁸⁵ Segundo Ronilda Ribeiro (1996, p. 265, grifo da autora) “o oráculo sagrado possui 4.096 (16 x 16 x 16) poemas. Com base nesses poemas é feita a interpretação no jogo adivinatório de Ifá ou de búzios. Por ocasião do processo iniciático o babalaô procura, através do jogo divinatório, tomar conhecimento de qual é o **odu** de nascimento do iaô que passará a cultuar também o orixá relativo a esse **odu**, respeitando os **ewo** (quizes, restrições) por ele prescritos. O **odu** de nascimento orienta o iaô quanto ao seu destino, nos mais diversos níveis.

⁸⁶ Abreviatura de “História e Cultura Africana e Afro-brasileira”. Acompanhei o referido componente curricular no período referido.



- 2 – *Odu de Transição*
- 3 – *Odu de Desconstrução*
- 4 – *Odu de Transformação*
- 5 – *Odu de Beleza (Estética / Encantamento)*
- 6 – *Odu de Natureza*
- 7 – *Odu de Espaço*
- 8 – *Odu de Tempo*

5.1.1.1. Odu de Origem

O primeiro Odu a ser apresentado é o de Origem, entretanto, é só didaticamente que se começa por ele, pois origem não é começo, posto que no círculo, no opelê-ifá, pode-se começar de vários pontos, assim, há mais de uma origem:

não há uma origem única, não tem um dia em que a bondade começou, que a maldade começou, que o homem nasceu, que a história iniciou (...). Isso é sempre dinâmico, (...) a origem é uma questão de escolha, não é uma questão ontológica, ou seja, não é um fato consolidado, é só uma escolha, cada pesquisador, cada pesquisadora, escolhe o seu ponto de partida, porque o ponto de partida não é arbitrário (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 115).

Desse modo, é importante compreender que a “origem não se impõe como um dado, a origem é uma construção epistemológica, (...) mental, (...) conceitual” (Idem), é uma escolha e como tal não se dá do nada, é pesquisa científica, e acontece em virtude de nossa liberdade, partindo sempre da ético. Ética esta que se apresenta como liberdade da pessoa dentro do coletivo, ou seja, é como aquele ditado que diz: “a minha liberdade termina quando a do Outro começa”. Assim,

a origem não dá margem para a arbitrariedade, a origem é fruto de uma livre escolha, portanto, a base de uma escolha é o que caracteriza a humanidade, não é a racionalidade. O que caracteriza o humano é a liberdade e a liberdade não é uma coisa só docinha, gostosa e etc. (...) Por isso a educação é fundamental, por que é a educação que nos dá mais condições de discernimento, de fazermos melhores escolhas sem nenhuma garantia que elas irão dar certo, ninguém pode garantir a vocês do ponto de vista epistemológico que o que ela tá dizendo é garantido, (...) ninguém! Isso eu acho maravilhoso, porque desautoriza as autoridades absolutas e coloca como condição da produção do conhecimento a interação com o outro. O conhecimento não pode ser produzido sozinho, conhecimento é um fenômeno coletivo. (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, pp. 115-116).



O conhecimento nunca é exclusivamente pessoal, é coletivo e a liberdade são vestes da criatividade, desse modo,

a base epistemológica da produção do conhecimento não é a lógica, (...) não é o raciocínio causal. A base epistemológica do conhecimento é a criação viva, o universo não está estruturado em torno de matérias antigas, sólidas, o universo está estruturado acima de criação. (...) a matéria é uma ilusão da compreensão humana e o que a gente tem é um estado pulsante, constante de criação (Ibid, p. 116).

A criação é subjetiva e essa subjetividade é quem condiciona a produção de conhecimento e a lógica é o instrumento para organização desse conhecimento. Essa subjetividade é responsável, implicada, portanto, ela se apresenta com a responsabilidade de criar mundos melhores, desde as nossas experiências. Essa criação oriunda da subjetividade tem origem em nossos processos formativos. É encantamento, implicação e responsabilidade com nosso estar no mundo.

O Odu de Origem implica-se em recriar nossas origens desde “memórias, saberes, fazeres e dizeres” (MEIJER, 2012, p. 34), pois que “as raízes da [cosmopercepção] africana no Brasil possuem algumas características curiosas. Uma delas é a constatação, óbvia, por sinal, de que são *diaspóricas*, ou seja, “desterritorializaram-se” da África e migraram firmando-se em terras brasileiras” (Idem). Desse modo, a diáspora “gerou, entre outros fenômenos, a oportunidade da raiz africana atravessar o atlântico a nado (o “desterritório”) e enraizar-se em várias partes do mundo, ganhando, em cada lugar, propriedades locais e específicas, mas sempre preservando elementos da África” (Idem). Portanto, O Odu de Origem está implicado no enraizamento, pois que “enraizar-se é deixar-se atravessar pelos corpos-raízes da [cosmopercepção] africana no Brasil [...]. A raiz tem movimento [...]. O enraizamento é flexível, descontínuo e histórico e acontece à medida que a vida vai sendo devorada pelo tempo” (Idem). Raízes / origens nos remetem a movimento e profundidade, passado e futuro.

Educar desde uma perspectiva afrorreferenciada, desde as cosmopercepções africanas, é educar pela experiência, pois o conhecimento real, que pode ser efêmero, tem origem em nós, em nosso lugar de pertencimento, nosso chão, nossas raízes, nossas culturas e saberes. É o educar o olhar, educar para a sensibilidade, para perceber o Outro como parte de nós mesmas, promovendo o exercício da nossa capacidade de sentir, de ter a emoção como a base, o sustentáculo para a razão, pois “em formação é preciso entender que a emoção coloca o sujeito em movimento e impulsiona a ação” (MACEDO, 2010, p. 129). Assim, a criação que parte do sentir se torna base para o conhecimento, para o ser / fazer.



Para Eduardo Oliveira (2007, pp. 238-239), na educação do olhar há três posições fundamentais: o *olhar de longe (ou distanciado)*, o *olhar de perto (ou aproximado)* e o *olhar do entre-meio*⁸⁷. O *olhar de longe* “tende a privilegiar o conjunto e perder os detalhes. Com isso perde-se o movimento das singularidades e se ganha na percepção da totalidade”, enquanto o *olhar de perto* “vê fragmentos, mas distancia-se da visão de conjunto” e o *olhar do entre-meio* é “um híbrido que combina tanto a dinâmica do olhar distanciado quanto do aproximado, ele não substitui, nem supera os outros olhares, pois não se trata nem de negação nem de aprimoramento de outras perspectivas”. Assim, é o *olhar do entre-meio* o escolhido para essa construção metodológica, pois é aquele olhar

que vai de um a outro, tendo como referência sempre o oposto, ou seja, o alheio, o Outro. Assim, quando está sob efeito da vertigem causada pela proximidade (olhar aproximado) terá como referência a mansidão do olhar de totalidade (olhar distanciado) e vice versa. Ao contemplar o conjunto de uma paisagem terá como referência a singularidade de seus movimentos, pois o olhar entre-meios é uma relação / interação dos extremos. Por isso ele é relativista posto que, ao relacionar-se com os extremos de um oposto a outro, pode redefinir os contextos e suas medidas de grandeza. (...) O olhar entre-meios reconhece que o olhar cria o contexto na mesma medida em que o contexto cria o olhar. Um é corrente para o outro e juntos formam os elos culturais (Ibid, p. 239).

O Odu de Origem é nossa postura diante do mundo é como a *Pele da cor da noite* de Vanda Machado, “é como eu me vejo, é como eu vejo o outro, é como eu penso que o outro me vê, é o motivo, é a razão dessa pobreza e dessa postura ancestral que deu outra vida à gente. É uma elaboração o tempo todo” (COM-VERSA NA COZINHA, 27 de Setembro de 2017).

É saber das nossas origens para entender nosso objetivo no mundo e encantar-se com esse estar no mundo. É como nos ensina Vanda Machado (2007, fonte oral) ao nos dizer quem é, entendendo o início de tudo, sua origem:

Eu sou Vanda Machado. Eu gosto muito de ser Vanda Machado. Eu resolvi omitir o último nome que é Silva. Mas, eu gosto de Vanda Machado. É o nome do meu pai. Eu nasci em São Felipe, [...] em 15 de abril de 1942. Sou ariana, filha de Oxum e Ogum. Sou a primeira de 5 filhas, matriarca. Meus pais morreram aos 35 anos cada um e daí em diante eu me tornei a matriarca, criando a mim mesma já que também era menina e criando as minhas irmãs. Esse é o início de tudo.

É quando Dona Toinha diz: “Eu sou Antônia Lopes de Lima, nasci em 27 de Março de 1960 e tenho 6 filhos, cinco mulheres e um homem”. Quando diz da importância de criar um museu para não deixar a história da comunidade Água Preta “morrer”, é bordar nas pessoas jovens e nas pessoal “velhas” o encantamento pela história do lugar onde vivem. Contando,

⁸⁷ Segundo o autor, esses olhares caracterizam a percepção da metafísica (olhar de longe), o pensamento pós-moderno (olhar de perto) e a cultura dogon (olhar do entre-meio) que é uma cultura africana que muito influencia a pesquisa que realiza em sua tese. Vide: Oliveira, 2007, pp. 237-243.



recontando a história e inventando modos de encantar a comunidade para fortalecer seu pertencimento e não esquecer suas origens.

O Odu de Origem nos impele a pensar e buscar nossa ancestralidade para entendermos nossa missão no mundo, para encantar a vida. É compromisso com a vida, é um outro modo de perceber o tempo. No Odu de Origem encontramos todos os demais odus. São encruzilhados, entrelaçados... Vanda Machado tece a origem do seu caminhar perguntando-se pela vida, buscando a ancestralidade, o Odu de Origem traça o nosso plano de vida, ela diz:

...o candomblé me ajudou a pensar a ancestralidade... Quando eu tinha dezesseis anos, o meu pai tinha morrido... Agora eu tenho 75 anos e agora eu penso “o que é que eu ainda vou fazer? E corro pra fazer... eu quero escrever pelo ou menos mais oito livros. Hoje eu consegui mudar, mas eu não pensei numa filosofia, eu pensei num jeito, por que **no candomblé as pessoas tem sempre um plano de vida**, assim: eu vou me iniciar, daí faz iniciação, eu vou fazer minha obrigação de três anos, eu vou fazer minha obrigação de sete anos... Então, **você vai tendo um compromisso com a vida**. Ai como você já está feita a sua mãe ou seu pai diz: olha, agora você vai ser mãe pequena de fulana, um irmão seu que vai ser iniciado. Daí você tinha o compromisso de fazer a obrigação desta pessoa, cuidar dessa pessoa toda a vida. Às vezes você cuida de uma pessoa que é mais velha que você. [...] **Você vai fazendo um pacto com a vida e esse pacto com a vida não tem escrito em lugar nenhum e eu não tenho como colocar isso na boca de nenhum filósofo, porque eu vivo esta experiência, então, o que é que é importante?** Então, eu tenho filha pequena que hoje é mãe pequena de um terreiro, quer dizer, ela é uma pessoa importante num terreiro. ... você vai tendo cada vez mais um pretexto pra viver, um propósito. Sem contar a maneira como você vive. Tem irmãs mais novas do que eu, antes eu fazia a feira, hoje eu não vou mais fazer a feira, ir para o mercado, comprar tudo, hoje eu sento com meus irmãos mais novos, nós recolhemos o dinheiro e eles saem para fazer a feira. Mas, eu tenho uma obrigação, estou no terreiro, então eu tenho a obrigação de manter a casa onde estou bonita, perfumada, com panos bonitos. Então, o mesmo cuidado que eu tenho com minha casa eu tenho lá nessa casa. [...] **A gente passa a ter um compromisso com o tempo.** (COM-VERSA NA COZINHA, 27 de Setembro de 2017, grifos meus).

Entender nossa origem é ter um pacto com a vida, desde uma perspectiva comunitária e experienciada, tecida no cotidiano. Ter um pacto com a vida é comprometer-se com o tempo. O nosso tempo é outro! É o tempo dos ancestrais de ontem, de hoje, de amanhã. É o compromisso com a ancestralidade que serei amanhã, que me permite ser, é o encantamento pelo existir com sabedoria. Vanda Machado segue ensinando sobre o tempo, ela diz:

Esse tempo que pra nós é uma entidade, **tempo é entidade, o tempo que passa, o tempo que não passa, tempo é que rege a vida da gente**. A gente não sabe quando vai morrer... **Você está comprometido muito mais com a vida**, o que não quer dizer que você não tenha nenhuma perspectiva de morte, claro que tem, mas não precisa essa busca. **O que tem uma busca e que precisa ser desejada é a velhice**. A velhice tem que ser desejada. [...] Mãe Stella diz que é uma vergonha a gente de candomblé morrer jovem, a gente tem que viver, então a velhice tem que ser desejada, **uma velhice com sabedoria**. **Eu não sei se eu vou conseguir daqui até lá essa tal de sabedoria, mas eu estou sempre pensando em como conviver melhor com as coisas materiais, com as coisas imateriais, com as coisas que são visíveis ou que é invisível, com as pessoas, com o humano, com o inumano**, então, essa é uma



perspectiva de que quando eu falo o **encanto que me encanta**, no primeiro momento eu pensei em minha neta, mas não pensei na minha neta porque eu tenho um amor de vó, mas pensei que ela é a minha continuidade. **Já que ela é minha continuidade eu vou fazer tudo para que ela aprenda o que é bom.** [...] Então, a avó, eu não sou uma avó que está perto de morrer, eu sou uma avó que está fazendo quase um pacto com a vida, eu quero escrever livros para que sejam gratuitos, [...] eu quero fazer livros para quem quiser fazer formação, quem quiser aprender e passar alguma coisa adiante. (Idem, grifos meus).

Desse modo, no Odu de Origem entendemos de onde partimos, qual nossa origem, onde estão nossas raízes, sabendo-se que essa escolha não é arbitrária, além de ser coletiva, fruto de uma cultura, de um chão, de uma ancestralidade que é fonte de pertencimento e que tece esse chão / lugar, espaço-território regido pelo tempo da natureza, tempo do aprender. Origem é a ancestralidade encantando-se, é a transição para o bem viver. Mas como se dá o processo de transição? Nosso próximo Odu poderá nos responder.

5.1.1.2. Odu de Transição

Ao encerrarmos, sem encerrar, o Odu de Origem, percebemos que não basta apenas escolhermos nossa origem, pois, ainda se apresenta como um ponto, ainda que não seja arbitrário, assim, é imprescindível pensarmos o seu deslocamento, o seu movimento, ou seja, faz-se necessário compreendermos como acontece esta transição ou “como isso se processa na prática, como se ganha forma, corpo” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p.118). O Odu de Transição tem como conceitos fundamentais o movimento, o deslocamento e o processo, pois:

não basta ter origem, que é uma escolha, que não é um dado imposto, (...) a origem é só origem, é só o primeiro passo, **para entender qualquer fenômeno (...) eu preciso entender como isso se modificou, criou movimento, ganhou corpo, como chegou a constituir-se naquilo que eu vejo hoje.** Nós não somos os [seres] primatas que fomos a princípio, nós evoluímos, nós não somos mais aqueles hominídeos, nós somos homens sapiens, sapiens muito desenvolvidos, dizem. Então, eu preciso entender a transição, como a coisa sai do seu estado de origem, do seu estado original (...) para transformar-se naquilo que é hoje, no fenômeno que a gente estuda agora (Idem, grifos meus).

É importante destacarmos que essa perspectiva é válida para qualquer campo do conhecimento, qualquer área. Seguindo essa itinerância, o Odu de Transição apresenta-se como processo de compreensão do movimento de como algo sai do seu estado original e transforma-se no que vemos, por exemplo: “É entender que têm deslocamento de conceito, de ideia, de pesquisa, que tem além de deslocamento, tenho que acompanhar o movimento” (Idem). É



compreender que “muitos séculos de colonização fez surgir a impressão de que a figura do colonizador correspondia a de um ser supremo e que, portanto, deveria servir como parâmetro para modelos civilizatórios nas colônias” (MEIJER, 2012, p. 42), portanto, é necessário movimentar-se para descobrirmos que muitos dos nossos saberes ancestrais “estavam [e estão] encobertos pelo pó do colonialismo e do neocolonialismo” (Idem) e, assim, descolonizar. Tirar o pó é passar pela transição de não perceber, não ter consciência para o conscientizar-se da necessidade de tirar a poeira deixada, imposta pelos colonizadores. Movimentar-se, pois que o movimento é fruto das nossas intenções, dos nossos desejos, dos sopros de vida cotidianos movidos por nossas experiências / vivências, por nossas andanças, pela busca de descolonização epistemológica, dos sentidos.

O conhecimento livre e criativo é contínuo, por isso o movimento é sua condição, posto que nada na natureza está parado e não há como pensar, produzir, conhecer, ser desde a perspectiva africana sem que estejamos em relação com a natureza, pois é ela que “nos ajuda a ser o nosso verdadeiro ser” (SOMÉ, 2007, p. 20). Porquanto, é fundamental desenvolver, criar epistemologias que acompanhem o movimento próprio da existência, da realidade que vemos, sabendo-se que há diversos modos de se ler as coisas, o mundo (as coisas do mundo), não há uma verdade absoluta, há verdades possíveis, realidades possíveis e diferentes, pois as culturas são diferentes, somos diferentes e essas diferenças são fontes de fortalecimento e crescimento. Esse movimento de transição mostra que “os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente” (hooks, 2017, p. 63).

Eduardo Oliveira (*apud* MACHADO, 2014, p. 119) afirma que ainda “perdura o paradigma de que pensar é congelar as coisas, separá-las, é dar respostas definitivas”. Na perspectiva africana “o que não se renova e não se recria continuamente apodrece e morre. É preciso mover-se e se aquecer sempre para manter aceso o pavio da vida” (MACHADO, 2013, p. 110). Portanto:

o objeto de estudo da epistemologia é o processo, é o movimento, não é o resultado, porque nunca tenho resultado final, tenho sempre resultados provisórios e parciais (...). Meu aluno nunca vai estar pronto, eu como professor nunca estarei pronto, é sempre provisória a formação, porque eu sempre vou efetivamente reelaborar, desconstruir, criticar, acrescentar, manter. É dinâmico, não para nunca (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 119).

Nesse movimento de existência e re-existência, escolhemos uma origem, transitamos pelos movimentos contínuos e diversos, nos desconstruímos, nos transformamos, pois “conhecer é reter informações, dominar técnicas e reflexões. Sabedoria é mais! Sabedoria



é viver o que se conhece” (OLIVEIRA, 2007, p. 110). Então, na busca de viver o que conhecemos, escolhemos / encontramos nossa origem, passamos por um processo de transição e desconstruímos o que nos foi colocado de um modo imposto por uma cultura que se deseja mono (cultura ocidental), transformando-nos e nos encantando, descolonizando e ampliando, trazendo diversas vozes para a construção, desconstruindo e transformando e não destruindo como é próprio de nossa(s) história(s). Desconstruimos para potencializar a existência, para transformar desde um processo inclusivo, comunitário, circular!

5.1.1.3. Odu de Desconstrução

Em nossa caminhada fazemos alguns percursos, passamos por processos diversos, escolhemos / reconhecemos / descobrimos nossa origem, passamos por transições que nos levam a mudanças de paradigmas, porém, é necessário

desconstruir o que tá instituído, mesmo que eu tenha localizado, de maneira livre, o meu ponto de partida, mesmo que eu tenha compreendido o processo e o movimento, eu posso sedimentar, posso ossificar, posso cristalizar esse conhecimento como “certeza” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 120).

Isso implica que é fundante, constantemente, se fazer crítica, porém uma crítica responsável, construtiva, que nos leve ao descontentamento, ou seja, ao não se acomodar com o que está dado,

com o que já está dito, com o que já está pronto. É a hora de mexer um pouco nas estruturas dos edifícios, (...) é a parte da problematização propriamente dita, é o momento de entender que estudar história e cultura africana não é igual a estudar história ocidental. Isso é óbvio, mas apesar de ser óbvio até hoje não está na academia, por isso a crítica tem que ser cada vez mais radical, não é a crítica pela crítica é a crítica para a raiz, aí está toda a diferença. (Idem).

É pensar com os pés, pois eles estão sempre plantados no chão, é trazer a cabeça para o chão, pois o chão é a raiz, é a inversão de paradigmas. É mexer nas estruturas, questionar o que está sedimentado e dar sentido desde o contexto em que se está inserida, os acontecimentos que formam e transformam. Eduardo Oliveira traz a percepção de que, por exemplo, o street dance, o break, o hip hop, etc. tinham muitos movimentos que se davam no chão, “inclusive um dos movimentos mais radicais é rodar sobre a sua própria cabeça com muita velocidade (...). Isso quer dizer muita coisa” (Idem). Sabemos que essas danças tem origem na cultura negra, onde “a estética não é uma coisa decorativa, espetacular, ela denuncia uma



cultura, apresenta uma cultura, sintetiza e atualiza” (Ibid, p. 121). Esses exemplos mostram como é importante levar o nosso cotidiano para sala de aula, para os espaços de ensino – aprendizagem, onde os questionamos, proporcionando reflexões desconstrutivas, que nos permitem, por exemplo, sair do ciclo do racismo e ter perspectivas outras dos diferentes modos de ser.

É importante não haver apenas o discurso da diversidade, da multirreferencialidade, multiplicidade, diferença, inclusão, multiculturalismo, é importante que o discurso seja colocado em prática, que faça parte da nossa formação, da formação do nosso próprio conhecimento, da nossa cultura, pois essa diversidade, essa multirreferencialidade proporciona valorização e respeito do que é diverso, diferente, sua valorização e potencialização. Onde nossos espaços de ensino – aprendizagem possa ser delineados por currículos, por metodologias, por epistemologias plurais, diversas, reflexivas, que tem a vida como fundante para e na sua construção.

Tais reflexões permitem debates pertinentes, abrindo horizontes para que nossas estudantes, e até mesmo educadoras, acreditem que é possível enveredar pelos caminhos que acreditamos, por caminhos outros, culturas outras, ainda que não tenhamos abertura ou que ela seja pequena, pois “Desconstrução rima com a criação, (...) leva à necessidade de continuar produzindo conhecimento, porque caso contrário posso só repetir conhecimento e repetir não é criar” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 121). Entretanto, há momentos em que a repetição é importante, mas, não podemos ficar sempre na repetição,

é necessário a criação e para isso eu tenho que desconstruir conceitos, metodologias, visões, olhares, imaginários. Desconstruir estruturas sociais, históricas, políticas. Desconstruir é necessário, não é destruir, destruir significa que você vai eliminar, desconstruir significa que você vai decompor para compor novamente, é diferente o sentido (Idem).

O Odu de Desconstrução nos impele a compreender que o conhecimento é contínuo, além de coletivo, é um exercício de crítica radical, ou seja, uma crítica que vai à raiz e questiona toda a estrutura, mas com um sentido de transformação para melhor, além de coletiva e ligada à natureza.

No caminho percorrido até aqui entendemos que a origem é uma escolha, assim é fundante refletir o processo, desconstruir as certezas dadas, entretanto, isso não é suficiente para produção de conhecimento, é necessário transformar, compreendendo que “transformar significa que o conhecimento tem que ter implicações práticas, pragmáticas, tem que alterar as relações” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 121), descolonizar. Conhecimento só é



válido quando traz transformações, quando altera a realidade, conhecimento como sabedoria, com implicações práticas e que altera as relações.

Na medida em que o conhecimento não é individual, mas coletivo, dá-se apenas com o encontro. Conhecimento não movimentado não faz sentido, a coletividade está intrínseca ao conhecimento, pois “não basta ter conhecimento cognitivo, é preciso atingir também a sensibilidade e alterar na prática a relação” (Ibid, p. 122). Não basta ler um texto, é preciso adentrar suas entranhas, entranha-se pelos sentidos, lê-se com as mãos, com o paladar, o olfato... não se enxerga apenas com os olhos, enxerga-se com todos os sentidos. Comossensações!!! Por isso o educar o olhar!!!

5.1.1.4. Odu de Transformação

O Odu de Transformação implica no pensar / fazer desde a ética, no compartilhar, no encontro, o pensar a própria ética, pois “a parte mais importante da ética é a coletividade” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 122). Transformar desde a ética não é qualquer transformação, é uma transformação inclusiva, em comunhão. Desse modo o referido Odu implica em um conhecimento pragmático, ele

causa alterações reais, visíveis, concretas, sólidas. É também a dimensão da ética, que é a dimensão da ação, (...) aqui é o conhecimento já em ação, a atitude ética. E a palavra base dessa ética chama-se responsabilidade, ou seja, essa transformação não é qualquer transformação, (...) eu tenho que pensar as consequências da minha ação (...)! Eu tenho que pensar, refletir, medir as consequências das minhas ações, da minha fala, (...) porque vai ter efeitos práticos na vida de outras pessoas. (Idem).

Essa ética responsável tem o propósito da manutenção e ampliação da liberdade, onde “uma ação ética é balizada pela responsabilidade com o que você diz e faz. A responsabilidade é o maior princípio da política” (Idem), da educação, da vida. Eduardo Oliveira (Ibid, p. 123) afirma que “grandes autores do nosso tempo estão falando numa ética da responsabilidade, eu, além, de uma ética da responsabilidade, junto com o pessoal da filosofia da libertação falo de uma ética da libertação, que é uma responsabilidade um pouco mais ampliada”, é coletiva.

O Odu de Transformação está implicado com a descolonização do conhecimento, dos modos de aprender / ensinar, de ser / sentir. Descolonização das nossas metodologias, de nossos currículos, do que lemos, de como lemos e como falamos. Cuidar de si ao sentir as outras



peessoas, no doar-se, na troca do aprender ensinar. Vejamos, desde Vanda Machado, essa escuta de si na relação com as outras pessoas desde o propósito de uma formação implicada, descolonizada:

minha fala é formação de educadores e educadoras, a minha fala, que é um dos meus encantos, uma coisa que me encanta é falar com educadores/as, então, se eu não fizer esse exercício de falar corretamente sem ser de uma maneira difícil, quase intrigante, [...] eu não vou me reconhecer. Eu trabalho na relação com educadores/as, eu vou estar engolindo o meu próprio encanto. Porque minha cobra começa a engolir o próprio rabo e daqui a pouco eu me engulo, eu desapareço como uma pessoa que pode contribuir com a sociedade, com a comunidade e esse é o meu desejo e essa é a única possibilidade que eu tenho de pensar, de continuar pensando: o que é mesmo que eu ainda posso fazer no mundo? (COM-VERSA NA COZINHA, 27 de Setembro de 2017).

Concluimos que não importa apenas o conteúdo, mas o que esse conteúdo pode fazer, as transformações que traz para o cotidiano no qual estamos inseridas, o que importa é o que fazemos com esse conteúdo, como o potencializamos, pois nossa implicar é “ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora” (hooks, 2017, p. 63).

Essa é a potência das Lei 10.639 / 2003 e 11.645 / 2008, ações que refletem nas experiências do cotidiano, implicando no re-encontro com nossas origens. O Odu de Transformação é delineado pelo Odu de Estética, pelo Encantamento, pois é o transformar-se desde a implicação, a responsabilidade com o estar no mundo!

5.1.1.5. Odu De Beleza / Estética / Encantamento

Discorrer acerca do Odu de Beleza / Estética / Encantamento é uma tarefa complexa, ainda que este seja um conceito fundante na minha trajetória, não apenas enquanto pesquisadora. Tecer essa teia é uma ação intensa, é falar desde a sensibilidade almejando outros modos de concepções da vida, do fazer / produzir / pensar / criar / ser. É ser desde o coletivo, ser de corpo inteiro, onde esse corpo é sagrado, é fundamental. Durante nossa caminhada, geralmente, somos “ensinadas” que a razão está separada da emoção, acredito que muitas de nós, ou talvez todas nós já nos perguntamos, em algum ou em muitos momentos, como é possível se tudo está “junto e misturado”. Como separar o que sentimos do que fazemos?

Vanda Machado (2013, p. 52) nos diz que:



o pensamento africano não separa, não hierarquiza. Corpo, membro, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se presta a explicação reduzida, a categoria que fragmentam sentido.

Tentaram nos tirar desse lugar, de algum modo o fizeram, pois somos formadas em outra perspectiva, racionalizada de um jeito que nega nosso corpo e tenta nos formatar, então, como agir com ética se não somos “ensinadas” desde a sensibilidade? Se vamos à escola e sentamos em fileiras, uma atrás da outra e não olhamos no olho? Se a educação escolar aparece como um lugar onde temos que guardar informações (não, necessariamente, compreendê-las, mas, principalmente, armazena-las) que nem sempre diz quem somos, qual a nossa história, qual a nossa origem... Se somos orientadas a concluir uma graduação, depois um mestrado, depois um doutorado, depois, depois... sempre numa perspectiva de juntarmos bens materiais, melhor salário, onde a qualidade de vida está relacionada a um status social?

Assim, o Odu de Beleza acaba por ter a responsabilidade de implantar uma dimensão filosófica em nosso estar no mundo, em relação aos Odus apresentados anteriormente. O Odu do Encantamento “produz os sentidos da vida, é esse odu que produz o mundo, (...) constrói o mundo” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 124). Vivemos no mundo da complexidade, “pois quanto mais complexidade, mais a minha liberdade aumenta” (Ibid, p. 125) e é dentro da complexidade que fazemos escolhas, desse modo, “quanto mais complexo for o meu olhar, maior a minha possibilidade de escolha” (Idem), quanto mais complexa a realidade, maior deve ser meu critério, o discernimento para essas escolhas, assim “a gente pode educar o nosso olhar para as complexidades, porque o mundo é complexo, não adianta olhar o mundo reduzindo a certo e errado” (Idem). Educar o olhar para a sensibilidade é caminhar por princípios formativos outros, princípios que tem a ética da valorização e respeito pelo corpo, do desejo pelas outras pessoas e o respeito à diversidade como fios condutores para o existir. Pois, para a cultura africana a união humana é necessária para a construção e manutenção do mundo. São os saberes ancestrais femininos que tecem esse encanto pela vida em comunidade, pois o feminino é o útero do mundo, a potência da vida, uma vida coletiva, pois “não adianta você só se encantar porque se você se encanta, mas não percebe esse outro na relação daí você se engole.” (VANDA MACHADO, COMVERSA NA COZINHA, 27 de Setembro de 2017). O encanto é coletivo é arte do encontro!



5.1.1.6. Odu de Natureza

A natureza é o que nos borda, o que nos permite ser, viver. Sem ela não somos, não criamos. Ela é a própria vida, movimento da existência. A natureza é a ancestralidade que habita em nós e que nos permite ser, como Makota Valdina Pinto ensina:

Ancestralidade pra mim é tudo o que veio antes de mim. Então, a natureza é a minha ancestralidade. [...] E a natureza não foi o [ser humano] que fez, o [ser humano] veio depois, veio depois que toda a natureza foi criada pra dar boa intenção de vida pro [ser humano]. Então, **a minha ancestralidade é toda a natureza que foi criada pela primeira semente viva que iniciou esse mundo.** [...] **Minha ancestralidade é a natureza.** (PINTO, 2017, fonte oral, grifos meus).

A natureza é fonte para nosso caminhar, nosso viver, viver bem. Para nós que estamos encruzilhadas com o pensamento africano, afroreferenciado, a terra é o nosso alimento, é fonte. Na relação íntima com a natureza, no seu contanto, podemos “aprender/partilhar/ensinar através de experiências condizentes com as referências de matriz africana e as expressões da cultura na diáspora” (ALVES, 2015, p. 38). Desse modo, possibilita-se “uma proposta educativa que seja transmitida pelo corpo, pela ancestralidade, pela cultura, pela estética africana e pela tradição oral” (Idem).

Mãe Stella de Oxóssi nos ensina que a natureza são “os vegetais, minerais, animais, fenômenos naturais (chuva, vento, trovão, relâmpago), a própria terra que pisamos” (2010, p. 145). Assim, os fenômenos da natureza são as divindades “que têm vida, inteligência, dão respostas às nossas evocações de maneira surpreendente” (Idem), e o Deus supremo é Ôlôrum. A natureza é o ser-tão que há em cada uma de nós. Intimidade com a espiritualidade que nos habita, com nossa ancestralidade. É a liberdade vivida, pois “a liberdade não se expressa. Vive-se” (CHIZIANE, 2013, p. 29).

Em uma noite, não muito distante, conversando com Dona Toinha sobre espiritualidade falei que percebia, cada vez que ia lá, uma ligação mais forte dela com as plantas e entendia isso como a relação dela com a espiritualidade, ela afirmou positivamente. Então, perguntei: “o que é a natureza para a senhora”? Dona Toinha respondeu assim:

É tudo. Primeiro Deus, segundo a natureza. Eu aprendi, desde pequena, com meu pai e minha mãe, era assim: só levava a gente para o médico quando era uma doença em que eles faziam o chá, faziam o banho, fazia tudo e não dava jeito, não ficava boa, então eles levavam para o médico. Mas, qualquer doença, não! Era tudo do mato mesmo. E eu me acostumei. Lá de baixo dos cajueiros eu tenho plantado mastruz, eu tenho colônia, tem arruda, a única coisa que não pegou lá foi a malva, malvarisco que a gente chama. Eu tenho hortelã, tenho alfavaca, tem o manjeriço que eu não perco



por nada. Aqui no canto de casa tem muita alfavaca. (COM-VERSA NA COZINHA, 17 de agosto de 2019).

O relato de Dona Toinha lembra a infância no meu sertão... Ter as plantas como possibilidade de cura é o nosso cotidiano, os chás, os banhos. Pois, como nos ensina o Ebome Genivaldo, pela voz de Vanda Machado (2017, p. 105): “as folhas curam o ará, o corpo. As folhas curam o ori. Curam a nossa cabeça”. A natureza é a nossa cura. Sobonfu Somé em seu livro “O espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar” (2003), apresenta os cinco elementos que perpassam a vida da etnia Dagara, Burkina Fasso, articulando o mundo, são eles: terra, água, mineral, fogo e natureza. Ela nos ensina que “cada um de nós nasce em um dos cinco grupos elementares dagara. Esse elemento dá forma a nosso propósito de vida” (Ibid, p. 70). Meu elemento é o fogo, sabemos nosso elemento em acordo com o último número de nosso ano de nascimento, assim: “se o seu ano de nascimento terminar com zero ou cinco [...] você é uma pessoa terra; se terminar em um ou seis, você é um bebê água; dois ou sete, fogo; três ou oito, natureza; quatro ou nove, mineral” (Ibid, pp. 70-71). Entretanto, temos que “conter os cinco elementos para poder funcionar” (Ibid, p. 71). Vamos entender um pouco sobre esses elementos.

A *terra* é o elemento “responsável por nosso sentido de identidade, nosso pé no chão e nossa habilidade de apoiar e nutrir uns aos outros” (SOMÉ, 2003, p. 23), é “sentido de identidade e sustentáculo” (Ibid, p. 59). A *água* “é paz, concentração, sabedoria e reconciliação” (SOMÉ, 2003, p. 23). O *mineral* é o que nos ajuda “a lembrar nosso propósito e nos dá os meios para nos comunicar e compreender o que os outros estão dizendo” (Idem). O elemento *fogo* “relaciona-se com sonhar, manter nossa conexão com o ser e os ancestrais e manter nossa visão viva” (Idem). E o elemento *natureza* “nos ajuda a ser o nosso verdadeiro ser, a passar por importantes mudanças e situações que ameaçam a vida. Traz mágica e riso.” (Idem).

E essa magia? Ela “movimenta as forças e energias existentes. [...] A força do mistério tampouco depende do enxergar; muito pelo contrário, quem insiste em ver, perde a conexão com o mistério e a magia” (PETIT, 2018, pp. 114-115). O mistério e a magia estão entranhados em nosso ser, é a natureza em nós,

a terra, a água, a natureza são manifestações de princípios ancestrais construtores dos seres humanos. **A terra é mãe, é mulher, é generosa, é sedutora.** A terra se enfeita e se aquece, se oferece para receber a chuva, sêmen que molha e deixa exalar um cheiro de vida. A terra é viva e abre suas entranhas para receber novas sementes, novas folhas, novos frutos. A terra é próspera. **A terra é sagrada.** Cada pedaço de terra, por menor que seja, por certo é uma síntese do mundo, uma referência de vida, assim como a água. (MACHADO, 2013, p. 78, grifos meus).



Dona Toinha (COM-VERSA NA COZINHA, 17 de agosto de 2019), diz lindamente:

Natureza é vida mesmo. Natureza é tudo o que a gente precisa para viver, sem a natureza a gente não consegue... tem o ar que respiramos, tem a água que vem da terra, as plantas, as plantas medicinais que a gente usa para fazer remédio. [...] tudo meu era remédio caseiro [...] e eu aconselho as pessoas também a usarem remédios caseiros.

A natureza é a ancestralidade em nós, o feminino criando, possibilitando a vida. A natureza representa os saberes ancestrais femininos! E o mundo precisa entender que ela é a própria vida, por isso trago um poema, um grito, um chamado para cuidarmos da natureza, pela e na voz da moçambicana Paulina Chiziane.

CHORO DA NATUREZA

Paulina Chiziane (O canto dos escravizados)

I

Mayombe. Amazônia
Heroicos sobreviventes da tirania do mundo
Florestas maiores, altares criados por Deus
Para a diversidade da natureza

E onde estão as outras florestas?
Foram destruídas. Assassinadas. Substituídas
Os altares naturais deram lugar às florestas comerciais
Desgraça. O planeta devastado chora lágrimas de fogo

II

Chamaram-nos selvagens porque vivíamos com a natureza
E para mostrar que somos civilizados destruimos florestas
Construímos cidades de pedra e as chuvas fugiram para longe
Poluímos a pureza do céu e a brancura das estrelas

III

A árvore que cortas vem dos céus, é árvore de Deus
Tal como tu, recebeu a bênção da vida do Supremo Criador
Essa árvore que decepas traz a beleza à tua alma
Conviva com ela porque cuida de ti e de todas as aves do céu
O animal que matas nas caçadas é de Deus, vem dos céus
Como tu, também recebeu a vida do mesmo Criador
Esse animal que matas traz o equilíbrio ao mundo
Conviva com ele porque cuida de ti e de toda a natureza



5.1.1.7. Odu de Espaço

O espaço é o tempo em que vivemos. É o lugar que habitamos, onde somos, onde tecemos nossos saberes, nossas experiências para construir um lugar melhor para se viver. Onde se constrói as territorialidades de um povo. É o quilombo-afeto que nos habita e que permite a construção da cultura local. Dona Toinha ensina:

Olha, tem gente que acha que território é um terreno, é um espaço que cabe muita gente que dê para as pessoas morarem, trabalhar, mas não é só isso. Para mim não é só isso! **Espaço e território é tudo aquilo que a gente precisa vivenciar.** Não sei como, mas eu entendo que seja isso, que a gente precisa tá vivenciando. É saber, por exemplo, saber um pouco, tá vivenciando um pouco das histórias dos nossos antepassados, também, porque faz parte da história, faz parte daquele território e se a gente pensar bem direitinho, **território é muito mais do que isso, não é terra, não é terreno, é tudo aquilo que a gente precisa tá vivenciando, tá lembrando, tá resgatando.** É o que faz parte da nossa história dos nossos ancestrais, dos nossos antepassados. Não é fácil, a gente não sabe explicar, eu não sei. (COM-VERSA NA COZINHA, 17 de agosto de 2019, grifos meus).

Dona Toinha, tecida pelos saberes ancestrais traz em si a potência de transmitir conhecimentos para as pessoas mais novas. Como educadora encantada, pois além de professora aposentada é professora da vida, implica-se em mudar a realidade, ouvindo, sentindo e respeitando as sabedorias ancestrais, entendendo que território, que espaço são tessituras da ancestralidade e precisam de fortalecimento:

Eu, vem cada coisa aqui [**aponta a cabeça e o coração**] que eu não entendo, tem coisa que se aproxima um pouquinho, mas entender, entender não. Mas sei que existe, eu não duvido, eu acredito, eu sei que a gente precisa fazer um trabalho de resgate, de aprofundar. A gente precisa aprofundar esse conhecimento, que aqui a gente quase não tem. Quando a gente tenta buscar esse conhecimento, precisa a gente ter um pouco de força, de coragem... (Idem).

O tempo, o território, a natureza tecem os espaços que nos habitam e que habitamos. Portanto, o espaço é tecido pelos corpos que habitamos e que nos habitam, posto que o

corpo é uma anterioridade frente ao espaço e ao tempo. O tempo, como coisa, é um corpo dilatado e o espaço, como lugar, é um corpo difuso. O corpo social, de outra feita, é um corpo compacto e difuso ao mesmo tempo. Assim, todo e qualquer corpo é uma anterioridade em relação à relação com o mundo. Existir é relacionar-se, e os relacionamentos não se dão no vazio do nada, mas através de corpos que preenchem o corpo do espaço e o escorrer do tempo corporal. Não se prescinde do corpo, nem como coisa, nem como ideia, nem como palavra. (OLIVEIRA, 2009, p. 102).

O espaço, o tempo, o corpo são as tessituras da existência, “antes do tempo e do espaço há o corpo. O tempo e o espaço são corpo” (Ibid, p. 104). O espaço é o visível que habitamos e o invisível que nos habita, a “energia se dissipa no espaço (O espaço não é vazio).



O espaço é um conceito mediado por signos. Ele é signo e coisa ao mesmo tempo. Os signos fazem a mediação entre as forças e as coisas (As coisas são signos). A força é signo. A forma é o invólucro do signo” (Ibid, p. 232). A sabedoria ancestral africana recriou seus espaços – resistências para resistir, re-existir desde sua cultura entranhada na ancestralidade que atravessou o atlântico, recriou seus espaços por meio dos terreiros de religiões de matrizes africanas, quilombos, samba, capoeira, dentre outras experiências culturais, pois a

a ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: **na trama do tear está o horizonte do espaço**; na urdidura do tecido está a verticalidade do tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência. (OLIVEIRA, 2009, p. 243, grifo meu).

Falamos de espaços simbólicos, espaços resistência, espaço-corpo, espaço visível, espaço invisível, espaços físicos. Falamos de tessituras de espaços resistências para promover uma educação para a diversidade, metodologias e currículos afroreferenciados, um pensamento horizontal, circular, anaseano. Espaços cabaças! Espaços que tecem e são tecidos pelo tempo. Espaço Baobá, como acontece com o nosso **Memórias de Baobá**, um evento voltado para divulgação de pesquisas afroreferenciadas e para formação de professoras e professores, um evento que acontece ao ar livre, na natureza, numa praça da cidade de Fortaleza, onde realizamos *chãos redondos* e não mesa, pois sentamos no chão, sentimos a terra, o vento e tecemos outros olhares para esse espaço chamado “Praça dos Mártires”, um lugar usado para torturar nossas e nossos ancestrais, que buscamos ressignificar desde a força de um Baobá Centenário que fortalece as memórias e sabedorias de nossas ancestrais. Um Baobá tecendo o tempo ancestral.

5.1.1.8. Odu de Tempo

*A cada tempo, o saber de cada tempo para ser,
para cuidar de si, do outro e da vida.*
Vanda Machado

A ancestralidade nos ensina que “tudo está no presente. Todo ensinamento pela história está no presente para ser entregue em forma de vivências” (MACHADO, 2013, p. 66), ou seja, todo ensinamento é processo formativo. Isso implica que a ancestralidade se atualiza continuamente na própria vivência, na experiência, na formação individual que se faz no coletivo.



Com-versando com Dona Toinha, via whatsapp, ao compartilhar angústias, ela disse:

não perca a esperança. Tenha fé, vai dar tudo certo. Acredite, o tempo de Deus é diferente do nosso. Tudo vai acontecer na hora certa. Acalma seu coração ansioso. Deus tem seu próprio tempo. Respire, e tenha um pouquinho mais de paciência, tudo vai acontecer no tempo certo. Deus e os orixás estão na frente de tudo...” (Dona Toinha, conversa no whatsapp, 07 de agosto).

O tempo, é o tempo da natureza. Pois, na natureza tudo tem *o tempo certo*. Há anos peço **sabedoria para entender o tempo do tempo e paciência para esperar o tempo do tempo**, pois tudo tem o seu tempo. Makota Valdina Pinto (2010, fonte oral), nos ensina que:

O tempo para a cultura banto, a cultura do Congo, é muito profundo, porque a formação de tudo, eles imaginam que muito tempo passou. O tempo teve um tempo que não foi o nosso tempo, o tempo do humano, que é a ancestralidade. Quando a gente fala, usando a linguagem mais conhecida, que orixá é ancestral, o Inquice é ancestral, Vodun é ancestral, é porque eles vieram antes. [...] Porque a natureza veio antes do ser humano, quando surgiu o protótipo do ser humano.

O tempo é o espaço onde somos, de onde viemos, para onde vamos. O tempo é a natureza que nos tece, que nos borda. O tempo é o antes, o agora, o depois:

A gente é resultado de toda essa natureza criada antes e que a gente encontrou. E esse tempo é um tempo que a gente não dá conta, a gente especula, a gente cria, as várias culturas criam histórias, se cria lendas para falar desse tempo, mas ninguém tava lá para saber, então, tudo é história, criada. Mas, é um tempo que é hoje também. Ai é que tá, que é o x da questão. Esse tempo ancestral é o tempo de hoje também, se a gente vive porque a gente precisa até do vento, que é o tempo, que é tempo, não o tempo, mas que é tempo... Tempo é vento, vento é tempo. Quem é que não precisa do vento? Quem é que vive sem respirar? Ninguém... (Idem).

Não existimos fora da natureza, não somos sem o tempo. Somos espaços e potência de vida. O tempo é a Dona Iansã, dona do meu caminhar, conduzindo nossas andanças, encruzilhando encontros / encantos. O tempo é como uma mágica, é a relação com o mistério como disse, em uma com-versa na cozinha, Dona Toinha (17 de Agosto de 2019): “Tem coisas que só o tempo para explicar. Sem palavras, mas a gente acaba entendendo”.

Nessa caminhada trilhada com afeito, percebemos que os Odus de Tempo, Espaço (Território) e Natureza se entrelaçam como se fossem a mesma coisa. Dona Toinha diz: “Tempo, Território e Natureza é a mesma coisa, mas cada um tem a sua importância. É a mesma coisa? É. Mas, cada um tem a sua função” (Idem). Assim, concluímos que são Odus interdependentes, “o interessante de tudo isso é que cada um tem a sua função, no entanto, no final, tudo é a mesma coisa”.



Assim, compreendo não ser possível ensinar história e cultura africana e afro-brasileira sem pensar uma educação para as relações étnico-raciais, sem voltar-se para comunidade como um todo, sem a escuta sensível, sem pensar o coletivo. O que não é válido apenas para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, pois não é suficiente ter conhecimento cognitivo se não mudarmos nossas práticas, se não trabalharmos esse conhecimento, assim, essa é uma perspectiva válida em todos os campos do conhecimento, da vida. Experiência / vivência / aprendizagem...

Portanto, a Metodologia dos Odus é tecida por memórias históricas, pois “valorizar a memória e a resistência negra contra as hegemonias é um processo decolonial e ressignificante, que fortalece o combate contra o preconceito e a discriminação racial que afetam a nossa sociedade, possibilitando a mudança do cenário de desigualdade vivida no Brasil” (CORREA, 2018, p. 127). Assim, também é perpassada pela autoformação na busca de uma sociedade mais justa, democrática, antirracista, contra o patriarcalismo, contra toda e qualquer forma de opressão. Metodologia tecida por implicações epistemológicas, ativistas, políticas, éticas, em busca da descolonização curricular, do conhecimento e de nossos próprios corpos. Ancestralidade tecendo o presente para um futuro livre, liberdade demarcada pela conquista de todos os direitos, bem-viver!

Na mulher, o tempo...⁸⁸

Conceição Evaristo

A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas (só as visíveis sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
- dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render.

⁸⁸ Conceição Evaristo, *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, 2017.



Viu os dias gastos
em momentos renovados
d'esperança nascitura.
Viu seu ventre eterno grávido,
Salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
em revitalizado brilho.

E viu nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvores nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz-mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo
no tempo.

E só,
só ela, a mulher,
alisou as rugas dos dias
e sapiente adivinhou:
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,
ele se guardou de uma mulher
a outra...

E só,
não mais só,
recolheu o só
da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.

Assim, in-concluo a Metodologia dos Odus convidando cada leitora a desenvolver suas próprias metodologias. Os Odus estão aí para serem re-criados, tecidos desde o contexto social, histórico, cultural de cada uma. Tecidos por nossas próprias histórias, por nossas escrevivências, delineados por educadoras que se compreendem como aprendizes contínuos, e também enxergam suas educandas como construtoras de todo e qualquer processo de aprendizagem. Odus é uma metodologia, que também é conteúdo, da escuta sensível, da potencialização da vida! É um convite para mudanças de paradigmas, do modo como falamos, pensamos, dialogamos, escrevemos, lemos, criamos, de onde falamos. É falar desde nossa realidade, contar nossas próprias histórias. É dinamicidade em torno dos modos de aprender / ensinar / criar / fazer. Relação de intimidade e afeto. Encantamento!



5.2. Filosofia da Sagacidade (Filosofia das Pessoas Sábias) e sua metodologia

Essa é a corrente da Filosofia Africana Contemporânea que trata as pessoas “sábias filosóficas”, uma corrente filosófica baseada na sabedoria e nas tradições dos povos, sendo, basicamente, o reflexo de uma pessoa que é reconhecida como “sábia” e pensadora dentro da comunidade. Das pessoas conhecedoras dos saberes do seu povo, uma pensadora ou pensador crítica/o e racional e que tem a ética como saber fundante. O criador dessa corrente, o filósofo queniano Henry Odera Oruka (1994, p. 6 / 7), considera que “a filosofia das pessoas sábias”

consiste en los pensamientos expresados por hombres y mujeres sabios en cualquier comunidad dada. Los pensamientos pueden ser expresados por escrito o como máximas no escritas y argumentos asociados a algún(os) individuo(s) sabio(s). La filosofía-de-los-sabios es una manera de pensar y explicar el mundo, la cual fluctúa entre la *sabiduría popular* (máximas comunales bien conocidas, aforismos y verdades generales de sentido común) y la *sabiduría didáctica*, una sabiduría expuesta y un pensamiento racionalizado de algunos individuos dados dentro de una comunidad.

Desse modo, as pessoas filósofas da sagacidade compreendem que o estudo da Filosofia Africana não versa em torno do estudo de obras, mas nas pessoas sábias, homens e mulheres das comunidades, ou seja, essa corrente baseia-se na relação da filosofia com os saberes enraizados na cultura tradicional e em um contexto, saberes perpassados pelas sábias. Assim, objetiva mostrar que a alfabetização não é uma condição indispensável para a reflexão e exposição filosófica, a importância maior é a pertença cultural, a cultura popular, os conhecimentos e as experiências tradicionais, aqui a oralidade é fundante, pois o pensamento tradicional africano não está escrito ou “transcrito”, ele é transmitido por meio da oralidade, da oralitura.

Odera Oruka (1994, p. 09) apresenta uma metodologia para identificar o que é a sabedoria e a não sabedoria (“Sabiduría y no-Sabiduría”), ele nos diz:

El primer paso en la indagación de la filosofía de los-sabios es, para nosotros, asumir que hay, en casi toda sociedad, ciertas afirmaciones que son sentencias sabias, mientras que otras son aserciones de lugares comunes. Y más adelante, asumimos que las afirmaciones sabias son, a menudo, proposiciones originalmente hechas por hombres o mujeres considerados *sabios*. (...) El segundo paso es, para nosotros, ser capaces de distinguir tres tipos de afirmaciones: (i) Afirmaciones sabias; (ii) afirmaciones de lugares comunes y, (iii) afirmaciones estultas.



O autor ressalta a importância de percebermos e identificarmos o contexto, pois “la sabiduría no existe en un vacío; ella existe en un contexto” (Idem), assim, uma afirmação pode ser considerada como sábia em uma determinada cultura, mas em outra pode ser negada, ridicularizada, entretanto, o autor considera que “tiene que haber algunas afirmaciones que sean capaces de trascender sus esferas culturales dadas y atraer, como sabiduría, en todas las culturas” (Idem).

Para dizer como uma verdadeira sábia deve prosseguir, Oruka nos apresenta 3 afirmações: ((1) Puesto que las cosas llegan a ser y cesan de ser, entonces nuestros problemas llegarán a un fin. (2) Cada ser humano necesita comida. (3) No me importa lo que ocurra cuando muera; por lo tanto, me aseguraré de gastar todo lo que tengo antes de que yo muera” (Idem). No intuito de confirmar quem é mesmo uma sábia, a primeira afirmação é considerada sábia, a segunda faz parte do chamado “senso comum” e a terceira é uma afirmação considerada tola, a pessoa sábia poderá ser desafiada a provar sua resposta e se for versada em filosofia certamente responderá de modo racional. Vejamos o que Oruka afirma:

Una persona que hace una afirmación sabia puede ser desafiada a justificarla. Ella puede ser también exhortada a aplicarla en la práctica. Si la persona tiene un entramado mental filosófico, sin duda será capaz de ofrecer alguna respuesta racional al desafío. Si carece de este don, probablemente ofrecerá una respuesta sin relieve o, inclusive, rehusará dar alguna respuesta (Idem).

Oruka diz que a sábia filosófica pode ser versado nas crenças e valores da sua comunidade, como a sábia popular, ou a profeta, entretanto, a sábia filosófica tem a tarefa principal de

hacer una valoración crítica de ellos y recomendar, en la medida en que la presión comunal lo admite, sólo esas creencias y valores que aprueban su escrutinio racional. El sabio popular es identificable por su consistente ineptitud para aislar sus propias opiniones de las creencias de la comunidad, y por su pronta inclinación a refugiarse detrás de la sabiduría popular cuando quiera que es intelectualmente desafiado. El sabio filosófico, por otra parte, es claramente capaz de aislar las creencias dadas de la comunidad, de su propia evaluación, racionalización e incluso crítica de esas creencias. El es también capaz de disfrutar de un juego dialéctico intelectual con el entrevistador (Idem, p. 10).

Ou seja, a sábia filosófica é aquela preocupada com questões éticas e empíricas que são fundamentais para a sociedade, oferecendo soluções fundamentadas para resolução dos problemas e os questionamentos filosóficos que apareçam. E a pessoa profeta é aquela que costuma adivinhar o futuro, adivinhações oriundas por meio de “revelações”, sonhos e até mesmo de suas leituras do clima, do cantar dos pássaros, do tempo, etc., numa relação com o tempo passado, que também é presente!



Segundo José Castiano (2011, p. 140), a obra de Oruka retoma o espírito da etnofilosofia ao procurar conteúdos filosóficos nos saberes populares, entretanto, há duas críticas importantes feitas por Oruka, que seria o seguir no “unanimismo da etnofilosofia” e por outro lado criticar a “ideia de que os sábios tradicionais não têm pensamento individual elaborado sobre as questões fundamentais da vida” (Idem), essa crítica dá-se quando Oruka apresenta “os saberes tradicionais como resultados de uma reelaboração individual acerca de questões fundamentais da vida da comunidade por parte do sábio” (Idem). O unanimismo etnofilosófico apontado por Castiano como sendo denunciado por Houtondji é a concepção de que nas sociedades africanas não há crenças ou filosofias individuais, apenas coletivas. Não é possível conceber conceitos ou sistematizações filosóficas que deem conta de todo o contexto do continente africano, desse modo, a busca de Houtondji é em defesa de um pluralismo de ideias e pela democracia (CASTIANO, 2010).

Desse modo, essa corrente filosófica versa sobre a importância do contexto nas construções filosóficas, a importância dos seus valores, suas culturas, dos modos de ser / fazer, sempre numa relação coletiva para o bem de todas, desde a ancestralidade, pois, como afirma José Castiano (2015, p. 51, grifo do autor) “a sabedoria inclui não somente o conhecimento, mas também e sobretudo uma atitude e ação orientada pela *justeza*. (...) Portanto o “saber saber” [conhecimento] se submete ao “saber viver com os outros” [ética]”. Essa corrente da filosofia africana pauta-se pela ética do bem-viver, ou seja, do bem estar de todas, onde tenhamos todos nossos direitos garantidos. Ética do viver!

A metodologia da Filosofia da Sagacidade parte da compreensão de que a filosofia é viva e que todo ser humano é capaz de filosofar, pois todas nós somos capazes de conhecer intimamente nossa realidade social, política e cultural, independentemente de ser uma pessoa alfabetizada ou não, pois a criticidade, a capacidade de trocar conhecimentos e experiências perpassa o ser alfabetizado. A diferença é que uma filósofa sábia é reconhecida, identificada por sua comunidade como alguém com uma capacidade aguçada de racionar criticamente sobre sua(s) cultura(s), suas tradições, propondo ações para melhoria e conservação do bem-viver, é filosofia de práxis. Aqui, a filosofia sai da academia (universidade, textos escritos e normatizados) e volta para seu lugar de origem, reencontra sua ancestralidade, ou seja, a “rua”, o espaço público! Mais importante é sermos alfabetizadas na / para a vida.

Essa corrente é delimitada por entrevistas às pessoas consideradas sábias, realizadas por uma filósofa profissional. Segundo Kibujjo M. Kalumba (2004, p. 274) é necessário que tal filósofa garanta “que todos os seus interlocutores são tradicionais, excepcionalmente sábios e



satisfazem o critério ético”. Para ele a filósofa interessada em filosofia da sagacidade geralmente imerge “em uma aldeia africana rural e solicita, a partir de um corte transversal dos nomes, aldeões da comunidade em que se acredita destacarem-se por muita sabedoria” (Idem).

A filósofa deve, continuamente, ponderar a sabedoria da sua entrevistada, garantido que estejam usando a sabedoria para o bem-viver da comunidade, mantendo-se vigilantes para que nenhuma informação prejudique a tradição do/a seu/sua interlocutor/a (Idem). Assim, metodologia dessa corrente demarca-se pela vivência e escuta sensível, sempre respeitando o que a pessoa entrevistada diz.

5.3. Pedagogia da Ancestralidade

A pedagogia da ancestralidade exige modos outros de pensar, refletir, criar, posicionar-se diante do pensamento afrorreferenciado, criando metodologias outras, partindo de práticas inclusivas e tecidas por nossos corpos, pelas memórias e conhecimento de nossos saberes ancestrais, dos saberes e das histórias de nossos povos, partindo da ligação ancestral entre nosso corpo, nossa espiritualidade e a natureza. Desse modo, Kiusam de Oliveira (2019, on-line) diz que a pedagogia da ancestralidade é o intento de “sistematizar a episteme negra em um campo teórico-metodológico em construção”, assim ela se faz como “um posicionamento político contrário ao que se estabeleceu no país [...], se opõe ao colonialismo e à colonialidade, que continuam reafirmando a desumanidade de negros e indígenas (Idem). É oposição, porém construtiva à

hegemonia epistemológica eurocentrada, propondo uma forma de ser-pesquisar-conhecer-pensar-juntar-articular-agir que reconheça o continente africano como o berço da humanidade e se dá a partir da criação ou recriação de laços e formas afetivo-coletivas de acolher-ouvir-aprender-falar-trocar-compartilhar, protagonizada não só pelas/os mais velhas/os, mas também pelas crianças e jovens. (Idem).

É uma metodologia afrorreferenciada tecida pela ancestralidade, pelo encantamento e assim pela escuta sensível, além da valorização dos saberes de todas as pessoas, pois como Ananse já nos ensinou, todas as pessoas tem algo para aprender e para ensinar, sempre. A pedagoga, escritora⁸⁹, Assessora Pedagógica da Coordenadoria de Políticas de Promoção da

⁸⁹ Patrícia Adjokè Matos é autora dos seguintes livros: “Adjokè e as palavras que atravessaram o mar” publicado em 2015 pela Nandyala e “Nã Agotimé” publicado em 2019, também pela Nandyala. Ela ainda tem alguns artigos publicados em livros acadêmicos.



Igualdade Racial – CE e cantora, Patrícia Adjokè Matos⁹⁰, fez um relato sobre sua compreensão acerca da Pedagogia da Ancestralidade, a pedagogia que tece o seu fazer, ela começou indagando: *onde estão nossas memórias?* Patrícia Adjokè responde:

Lá encontraremos nossa ancestralidade. Quando percebemos quem somos, de onde viemos, passamos a fazer parte do mundo enquanto sujeitos históricos, (re)construindo territórios existenciais. Essas memórias estão escritas em nossos corpos, através de vivências organizadas e mantidas individual e coletivamente. (ADJOKÈ, RELATO, julho de 2019).

Nossos corpos são fonte das escrituras ancestrais, tecendo memórias que diz quem somos e que marca nosso lugar enquanto sujeitos históricos. Desse modo, Patrícia Adjokè diz:

O que pretendemos com a pedagogia da ancestralidade é perceber, de forma encantadora, identidades reveladas ao abirmos o baú de nossas memórias. A música, a imagem, o cheiro, o gosto, possibilitam re-sentir sem ressentimentos. É no coletivo que nos construímos e fortalecemos a nossa essência vital no mundo, pois somos porquê o Outro é e essa relação de reciprocidade é que nos faz pertencer e aprender o sentido do SER.

Patrícia Adjokè ressalta sobre o significado de compreender a ancestralidade, o que nos remete a pensar sobre uma das maiores dificuldades para implementação da Lei 10.639 / 2003 por ter-se uma compreensão errônea de que ensinar história e cultura africana e afro-brasileira, falar sobre ancestralidade é falar sobre *religião*, sobre *candomblé e umbanda*, mostrando o quão somos uma sociedade racista e preconceituosa. Adjokè diz:

É fundamental compreender que **falar de ancestralidade** não significa falar de religião e sim **estabelecer um diálogo que atravessa e interliga gerações, afinal o que sou hoje está tecido no que minhas bisavós, avós e minha mãe foram e continuam sendo através de mim. Seus legados, histórias e suas memórias. Efetivar um currículo permeado de saberes e fazeres afro-ancestrais é implementar uma educação antirracista**. Contudo, as pessoas fogem desse termo sempre questionando sua existência, não querem enfrentar a realidade da sociedade brasileira. Sendo assim como combater algo que não existe? (Idem, grifos meus).

Nesse sentido, a Pedagogia da Ancestralidade implica-se em criar currículos plurais, com intuito de implementar uma educação antirracista desde a compreensão de nossos saberes, de nossas histórias, desde a escuta e fortalecimento de nós mesmas, de nosso pertencimento, como Adjokè (Idem) diz:

Ratificamos aqui a importância do retorno a quem nós somos através dos ancestrais, aqueles que vieram antes de nós e produziram toda a cultura que se estabeleceu em território brasileiro, em nossos corpos – territórios. Fundamentando-se em conceitos

⁹⁰ Conversamos muito sobre seu modo de construir / formar, tecer saberes metodológicos e curriculares desde a Pedagogia da Ancestralidade, assim como participei de algumas atividades desenvolvidas por Adjokè. Gentilmente, em julho de 2019, ela enviou-me um longo relato sobre suas vivências / experiências com a Pedagogia da Ancestralidade.



de acolhimento, respeito, encanto buscamos, através da Pedagogia da Ancestralidade acordar as africanidades que estão latentes, aguardando que o baú ancestral de nosso íntimos seja aberto.

Nosso baú de memórias ancestrais é vivo, está em nosso cotidiano de modos diversos:

Este baú está aberto, porém não é percebido como tal; ao adentrar no espaço-escola-curriculo é bem comum encontrarmos cirandas de pescadoras e marisqueiras: “sai, sai, sai, oh piaba, saia da lagoa, bota a mão na cabeça outra na cintura, dá um remelexo no corpo, dá o lugar pra outra piaba”, ou ainda o canto das mulheres rendeiras: “olé mulé rendeira, olé mulher rendá, tu me ensina a fazer renda, que eu te ensino a namorar”, ou ainda cirandas de mulheres na farinhada: “mandei fazer uma casa de farinha, tão maneirinha que o vento possa levar e passa o sol, passa a chuva e passa o vento, só não passa o movimento da cirandeira a rodar.” Ou ainda “lava, lavadeira a roupinha de passear”. Aqui, poderíamos enumerar várias cantigas que vem da cultura tradicional popular de mulheres e homens negros. Contudo, ainda há muita dificuldade de perceber e trabalhar essas africanidades que contam história tanto de labor, quanto de lutas, de dor e de amor. (Idem).

Adjokè toca em um ponto importante que remete a uma falta de formação contínua para as Relações Étnico-Raciais mediada pelo afeto, pelo conhecimento e re-conhecimento de nossos saberes:

É isso que nós, enquanto professores/as, queremos: acolhimento, relações de empatia e de comunidade, solidariedade que as práticas afroancestrais trazem em suas filosofias. Compreendendo as tecnologias, artesanias, ofícios ancestrais como práticas acolhedoras que fortalecem e acalentam por suas memórias coletivas que ressoam em nosso espírito para que não nos desliguemos de quem somos, não nos desconectemos uns dos outros nem da natureza, nossa irmã. Sentimos e percebemos a fundamental importância do canto da oralidade presente na musicalidade para repassar a força afroancestral. E como fazer isso? (Idem).

Ao questionar como trabalhar os saberes afroancestrais no currículo por meio de metodologias afrorreferenciadas, Patrícia Adjokè apresenta um relato oriundo de experiências / vivências. Apresentarei o relato na íntegra, pois considero importante, conhecermos experiências, modos prático da Pedagogia da Ancestralidade!!!



FIGURA 01



FIGURA 02



FIGURA 03

Figura 24 – O BAÚ DAS MEMÓRIAS AFRO-ANCESTRAIS

Fonte: Arquivo pessoal d Patrícia

As figuras 1, 2 e 3 apresentam a mesma oficina, entretanto, em tempos, lugares e públicos diferentes. A figura 1 é o registro da vivência com as coordenadoras pedagógicas do município de Redenção, a formação foi uma parceria da Secretaria de Educação com a Universidade da Integração da Lusofonia (UNILAB). Tem como objetivo suscitar memórias, histórias e diálogos por meio do tambor e de cantos que encantam e contam narrativas afro-brasileiras e africanas, envolvendo imagens que apresentam atividades laborais coletivas tais como de pessoas no engenho, na farinhada, na pesca, amassando barro para construção de casas. Essas figuras ficam dentro de um antigo baú, tendo como intento principal suscitar lembranças de momentos das infâncias passadas com os avós, bisavós, tataravós refletindo sempre sobre as aprendizagens e as referências que os mais velhos e as mais velhas nos transmitiram.

Já a figura 2 apresentam uma vivência com turmas de estudantes da UNILAB - CE, o que nos possibilitou perceber como as memórias e histórias, assim como práticas culturais são tão semelhantes entre alunos do Maciço do Baturité, no Ceará, e alunos de Guiné Bissau e Cabo Verde. Essa vivência foi muito intensa.

A figura 3 revela um momento que aconteceu no Memórias de Baobá, evento organizado pelo Núcleo das Africanidades Cearenses – NACE/UFC. O que resultou em produtos didáticos construídos pelas professoras participantes.

Nas oficinas cada participante escolhe uma ou duas imagens as quais se identificassem e, após alguns minutos de contato com a ilustração retirada de dentro do baú, ficam à vontade para *oralizar* suas emoções, sentimentos, trazer músicas que remontem àquela memória, abrindo assim o baú ancestral, revelando lembranças que estavam guardadas de forma tão íntima. É comum participantes



relatarem um ‘quase’ esquecimento de situações tão presentes na infância e na adolescência.



FIGURA 04



FIGURA 05



FIGURA 06

Figura 25 – O BAÚ DAS MEMÓRIAS AFRO-ANCESTRAIS

Fonte: Arquivo pessoal d Patrícia

A figura 4 aconteceu com crianças e adolescentes no ABC do bairro Mondubim, em Fortaleza, com 23 crianças. A figura 5 mostra atividades com crianças e mães na praça do Conjunto Ceará (um bairro que fica na periferia de Fortaleza). As crianças quando viram o baú correram *para cima*, mas suas mães ficaram distantes, desconfiadas. Quando a vivência foi iniciada as mães vieram participar de forma bem intensa trocando saberes com seus filhos e filhas, estabelecendo diálogos de saberes ancestrais dentro de gerações distintas que aprendem umas com as outras de forma intergeracional, contando narrativas de suas infâncias para as crianças e depois brincando com cirandas a partir das cantigas lembradas pelas imagens. Assim, envolvemos 30 pessoas entre crianças, adultos e idosas, nessa troca afroancestral. Já a figura 6 aconteceu em uma escola pública municipal de Fortaleza com as crianças participando, interagindo, cantando, identificando e relacionando a imagem ao ofício e ao canto de tradição popular, sendo 170 crianças, 5 professoras e dois gestores. Dividimos em três grupos para dar mais qualidade ao trabalho, quando de repente uma aluna de 4º ano ao ver a imagem, que continha uma cabaça desencadeou o seguinte diálogo:

"-Professora, minha mãe tem uma cabaça, ela ganhou quando foi iniciada na religião candomblé. A senhora sabe quem é Nanã? Ao que respondi: "- Sei sim! É uma senhora muito sábia. Ela é minha amiga." Com um ar de felicidade a aluna continuou: "-Minha mãe é filha de Nanã e eu sou filha de Yemanjá." - Falava com leveza e confiança no olhar. Veio para perto de mim. "- E a senhora é filha de quem?" "-De Obaluayê." Ela não quis mais sair da sala, nem do meu lado. (Relato oral)



FIGURA 07



FIGURA 08



FIGURA 09

Figura 26 – O BAÚ DAS MEMÓRIAS AFRO-ANCESTRAIS

Fonte: Arquivo pessoal d Patrícia

As figuras 4, 5 e 6 revelam as vivências a partir das imagens do baú das memórias, como também dos cantos da tradição popular, acrescentando mais um elemento: o pontos de macumba (cantos das entidades de Umbanda). A partir das memórias, das histórias e dos cânticos passamos a refletir sobre o que as entidades das religiões de matriz afro-brasileira nos contam de forma melódica e poética, refletimos sobre suas histórias, filosofias e seus trabalhos espirituais. Inicialmente a oficina tinha 6 inscritos, no dia seguinte mais pessoas foram convidadas pelos participantes, inclusive o maestro da cidade, somando 21 participantes. A seguir produzimos um Ponto de Macumba Coletivo sobre os participantes e o mesmo foi apresentado em praça pública na cidade de Quixadá, no Estado do Ceará, como podemos observar na figura 6.

Esse relato mostra como os modos de trançar saberes tendo a Pedagogia da Ancestralidade como guia é transversal, inclusivo, diverso, permeado pela escuta sensível! Trabalha diversas áreas do conhecimento com crianças, adultos e pessoas mais velhas, tendo a intergeracionalidade e a diversidade como fonte de potencialização para o saber / conhecer. Em seguida, nossa contadora de histórias, escritora, pedagoga, cantora, que carrega em si saberes ancestrais guiados por Obaluayê nos presenteou com os produtos didáticos oriundos dessas oficinas! São músicas en-cantadas tecidas coletivamente, mediada pela escuta de si, escuta de nossa intimidade. Vejamos:



PRODUTO DIDÁTICO DAS OFICINAS NO MEMÓRIAS DE BAOBÁ

Uma Pessoa de outra Pessoa

Quem me vê assim
Nem imagina de onde me fiz
Da linhagem Barbosa
Filho de índios, minha matriz
Lembro de Tia Zefinha
Acocorada como a esperar
Sua saia rodada, âncora, porto
De braço abertos para amparar
Lamparina, choque , junco
Como labuta, como alimento
Como marca de sobrevivência
Ah que saudade da infância
O cheiro da terra, de frutas
Sem medo, sem violência
Só saudades indígenas-africanidades.

A História de minha mãe foi pegar roupa pra lavar
E a história da minha foi pegar café pra pilar
Ali tinha uma casinha
De taipa para morar
O fogão era de lenha
E o leite estava a cozinhar
Na casinha tinha lenha
Para o fogo não apagar
E a brasa desse fogo
Era pra roupa passar.

Mulheres de Referência

Franciscas
Marias Josés
Mulheres guerreiras
Andantes, fundantes
Suas mãos construíram realidades, trajetórias e histórias
Carregamos seus traços, sua força e vitória.

Benzedeira, benzedeira
Venha abençoar
A espinhela tá caída
Venha logo me curar
Tua reza é tão santa
E as folhas irão murchar
A cura está certa
E meu corpo irá fechar



Mulheres guerreiras
Mulheres de luta
No silencio, no sofrimento
Lutaram gritaram e conseguiram conquistar seus espaços
Inspirar gerações
De mulheres forte e lutadoras
Somos reflexo de nossas bisavós
Avós, mães
Resistiremos sempre.

PRODUTO DIDÁTICO DAS OFICINAS PONTOS DE MACUMBA: MEMÓRIAS AFRO-MUSICAIS

Memórias Ancestrais

Joguei a colcha no rio
Só pra tirar o sabão
Ô menino não se preocupe
Colcha não sente frio
O rio não leva não
Capoeira veio do batuque
Contaram meus avós
La naquela casa de taipa
Onde viviam apenas nós

Refrão

Sou barro, sou canto, sou pranto que fere
Que bate tambor
Memórias da pele

Eu brincava ao redor da cacimba
Vendo minha vó trabalhar
Fazendo a canjica para todos nós merendar
Numa casa de farinha
Ou dentro de um alguidá
Fabricando mandioca
Ou fazendo mungunzá

Refrão

Sou barro, sou canto, sou pranto que fere
Que bate tambor
Memórias da pele

Alivio as minhas dores
com os sons dos meus tambores
Nas memórias ancestrais
O coco e o milho estão tão presentes
Como Padre Cícero
Em nossas mentes



Refrão

Sou barro, sou canto, sou pranto que fere
Que bate tambor
Memórias da pele

Os encantos gestados pela Pedagogia da Ancestralidade mostram “a potência sócio-emocional-cognitiva de fruição e produção de saberes.” (ADJOKÈ, RELATO, julho de 2019). Nesse sentido, percebemos que as metodologias afroreferenciadas “suscitam debate, sentimentos e aprendizagens coletivas, valorizando as subjetividades de cada uma. Transversalizando ciências, artes, linguagens, filosofias, música, psicomotricidade, oralidade, histórias, matemática, biologia, cuidado de si do eu, do outro e do nós” (Idem). Patrícia Adjokè traz um importante relato de Alexandrinho Moreira, físico Caboverdiano, estudante da UNILAB, que corrobora com essa percepção. Alexandrino diz:

Para [a pessoa] africana a palavra não é mero instrumento de comunicação, nós acreditamos que a palavra é a maior divindade do Deus supremo. A palavra é uma divindade, a palavra tem força, a palavra é magia, a palavra é o maior suporte que o [ser humano] tem para caminhar, quando o [ser humano] canta, ele está utilizando a maior divindade que tem, a força maior para comover e mover você: isso é Ciência. (Depoimento oral *apud* ADJOKÈ, RELATO, julho de 2019).

Assim, fortalecemos nossa convicção sobre a importância fundante de metodologias e currículos que possibilitem a “produção oral, escrita, poética, o movimento” (ADJOKÈ, RELATO, julho de 2019), e isso só é possível quando “docentes e discentes se veem nos conteúdos. Isso é currículo vivo, com significado: a partir de mim para o mundo e do mundo para mim” (Idem). Isso são metodologias vivas, implicadas com nossas escrituras! Adjokè diz que:

Em 15 anos de abordagem pedagógica a partir das africanidades, da implementação da Lei 10.639/2003, é o que tenho experienciado. Como podemos perceber a partir desse texto que é um breve relato, mas que explicita uma abordagem metodológica de uma profundidade com o desejo de convidá-las ao em-canto da Pedagogia da ancestralidade.

Patrícia Adjokè conclui o seu belíssimo relato nos brindando com avaliações de algumas pessoas que participaram das oficinas, vejamos:

“A oportunidade do encontro com nossa raça, nossos ancestrais embutidos nas histórias e cantos, foi uma verdadeira viagem a nossa história e memória ancestral. Felicidade é a palavra que me define.”

“A experiência foi esclarecedora, transgressora, catártica, altamente instigante e importante para o conhecimento da própria cultura tão cheia de misturas que é a brasileira. Conhecer as origens dessa cultura tão rica é algo que não deve ser perdido, merece ser conhecido, transformado e divulgado para qualquer um que se diz



brasileiro. Gratidão as pessoas, aos batuques, às canções, ao trabalho, ao terreiro e a todas as pessoas que tem e repassam esse conhecimento.”

“Aprendi sobre uma cultura incrível que muitos conhecem mas discriminam, pois não tem conhecimento de como incrível é e como pode unir um povo sendo tão simples, mas que se torna grandiosa com poesias, histórias contadas a gerações e mesmo assim é uma coisa incrível.

Adjokè traz experiências / vivências / encantos para dizer da importância de tecer conhecimento desde nosso saber / viver. Promove uma escuta sensível, aberturas para o encontro com nossa intimidade. Não diz, mas mostra como essa Pedagogia é tecida pelos saberes ancestrais femininos.

A pedagoga, bailarina e escritora Kiusam de Oliveira (2019, on-line, grifos meus) tem chamando a atenção para o fato de que:

nessa pedagogia o recorte de gênero se faz necessário, pois entende que mulheres negras têm enfrentamentos violentos no cotidiano por carregarem os fenótipos desprezados pela sociedade. Tais especificidades vividas por cada uma delas incidem diretamente no bem-estar e na qualidade de vida emocional, acadêmica, psíquica, espiritual, social de cada mulher, afinal, elas vivem uma saga crepuscular em busca de si mesmas a partir de uma contradição: se socializar e se aceitar em uma sociedade que as rejeita.

Portanto, a Pedagogia da Ancestralidade é tecida pelos saberes ancestrais femininos, seu fortalecimento e reconhecimento da potência, assim, seu ponto de partida é

a valorização feminina tal e qual dada pelos povos africanos no que tange o seu valor nos processos educativos nas várias dimensões da vida cotidiana, inclusive na geração de vidas, na educação e no trabalho, compreendendo a vida humana (e da humanidade) enquanto resistência feminina. (OLIVEIRA, 2020, *no prelo*).

Saberes ancestrais feminino tecendo filosofias, pedagogias! Nesse sentido, essa pedagogia foca seu trabalho na “complementariedade entre os opostos porque carregamos tudo dentro de nós: o ruim e o bom, o feio e o bonito, a pobreza e a riqueza, o feminino e o masculino etc., bem como valoriza as construções coletivas e comunitárias, não as individualistas” (Idem).

A ancestralidade é a fonte de todos os saberes, além da possibilidade do aprender / ensinar, por meio de

plataformas diversas, como histórias de vida, memórias, provérbios, mitos, itans, letras de músicas, literaturas, danças, gestualidades, poemas, performances etc., e tem no corpo-templo um território sagrado, consciente de que precisa ser reestruturado como um corpo-templo-resistência que seja capaz de combater o racismo institucional e a necropolítica cotidianos, em uma perspectiva sócio-cosmo-política. (OLIVEIRA, 2019, on-line).

Nesse sentido, é uma metodologia horizontal, circular e espiralada, oriunda das mulheres cabaças, desde o que Kiusam de Oliveira (Idem) chama de “campos de potências”,



são eles: “Ancestralidade, Corporeidade, Imaginário, Subjetividade, Oralidade, Identidades, Memória, Processos Educativos e Ancestralidade”. A Pedagogia da Ancestralidade é fundamentada em quatro princípios: “1) consciência de que existe a colonialidade no e do poder; 2) necessidade da emancipação epistêmica; 3) luta por uma educação antirracista [e antissexista]; 4) entendimento da importância da formação para a educação das relações étnico-raciais.” (Idem).

Desse modo, a Pedagogia da Ancestralidade está pautada em uma metodologia da intencionalidade, Kiusam de Oliveira (2020, *no prelo*) diz:

A metodologia que proponho - *intencionalidade para o empoderamento negro feminino* - pode ser utilizada em diversos espaços educativos e nas mais variadas formas de educação (forma, não-formal e informal) porque a *intencionalidade* deve ser compreendida como uma virtude a ser desenvolvida pelos/as educadores/as em geral: *intencionalidade* no sentido de reconhecer que o planejamento da aula, da oficina, das ações é algo essencial para o bom andamento das questões que se quer colocar aos grupos. A *intencionalidade* (Pedagogia da Ancestralidade), reconhece que a raça/cor do/a estudante negro/a tem determinado sua permanência no espaço escolar, seu ingresso e/ou permanência na universidade, a evasão escolar, a escolha do período noturno para seus estudos, o quanto receberá de atenção e carinho dos profissionais de educação, entre tantas outras possibilidades. *Intencionalidade* colocada a serviço do combate ao racismo e de qualquer outra forma de discriminação potencializando ações que fortaleçam pessoas e grupos historicamente discriminados e que disseminem informações capazes de colocar as histórias e culturas dos povos negros-africanas na centralidade da história mundial, uma vez que são herdeiros/as do Berço da Humanidade. *Intencionalidade* também em reconhecer que vivemos numa sociedade extremamente machista, sexista e que em muito crianças, jovens e adultos negros e não-negros se beneficiarão em ouvir recontos de mitos que fortaleçam a mulher a partir de culturas, como a iorubá, que tem na mulher força motriz para todo o processo criativo existente os redor do planeta.

Assim, Kiusam de Oliveira implica-se com a importância crucial para um mundo mais justo, para uma educação inclusiva, para uma filosofia plural, determinada por um trabalho

pautado na “*intencionalidade para o empoderamento negro feminino*”, pois são as mulheres negras que continuam recebendo tratamento desigual e desumano inclusive daqueles que deveriam ser nossos aliados. Tal tratamento incide diretamente na negação de seu pertencimento étnico-racial além de acarretar tantos outros prejuízos sociais, psicológicos, psíquicos, emocionais, culturais etc. É preciso pensar em como a ancestralidade tem ajudado a reconstruir identidades negras femininas saudáveis para que todo o potencial criativo das gerações que estão em plena atividade terrestre, consigam formar nas futuras gerações (de negros/as e não-negros/as) consciências proativas e (re) significadas com respeito profundo aos ancestrais que desenvolveram conhecimentos fundamentais que operam até hoje, a partir da tradição oral que mantém as memórias ancestrais vivas e atuantes. (Idem).

Importante pontuar, também, que a ancestralidade dessa pedagogia “enxerga na infância um período primordial para combater posturas que reproduzem aprendizagens discriminatórias e racistas desde as brincadeiras infantis, altamente racializadas pelas crianças.”



(OLIVEIRA, 2019, on-line). É tecida pelo corpo, pois nosso corpo é sagrado, é potência da e para a vida. Kiusam de Oliveira conclui o breve pensamento sobre a Pedagogia da Ancestralidade nos ensinando desde o mito de Ewá. Ela conta:

Ewá era uma princesa filha de Nanã e irmã de Obaluaiyê, Oxumarê e Ossaim. Contam suas histórias que era uma jovem de beleza infinita e sua mãe queria que ela se casasse de qualquer jeito. Assim, a mãe anunciou a mão da jovem e muitos pretendentes – príncipes – se ofereceram para desposá-la. Tal concorrência transformou-se em disputas que levaram muitos jovens valentes a lutarem até a morte pela mão da princesa. Foi muito sangue derramado. No reino de Nanã, todas as plantas foram secando, o sol já não aparecia mais no céu e a tristeza fez de lá a sua morada. Ewá, triste, foi consultar-se com Orunmilá, que lhe passou alguns ebós com o poder de colocar fim em tantas atrocidades. Os ebós deram certo e o sol voltou a aparecer no céu. As plantas voltaram a ficar verdes e, num belo dia, para o espanto de todos e diante dos olhos deles, a princesa começou a se desintegrar, a perder a forma, a transformar-se em bruma branca e densa, e essa névoa se espalhou por ali, avançando o chão junto a um cantar radiante. Sim, Ewá cantava com força e sua bruma ganhava formas e dimensões. Finalmente, ela estava livre e feliz. Recebeu o poder de ir ao céu como nuvem e, quando quisesse, poderia voltar à terra como água da chuva.

A nossa mestra aponta três ensinamentos, incitando que cada pessoa leitora encontre os seus ensinamentos:

- 1) a vida é transformação; 2) quando a vida ficar difícil é sempre possível mudar nossa energia para o estado gasoso (pensamentos/reflexões/conversas) a fim de retornarmos, mais tarde, como água (ação/reação/posturas/decisões/vida que segue em seu fluxo); 3) somos seres miméticos, isto é, somos seres capazes de nos ajustar a uma nova situação, entendendo a adaptação enquanto estratégia.

A pedagogia da ancestralidade são sabedorias implicadas, encantadas das mulheres cabaças, fonte de vida e afeto. Fonte de resistência e da própria existência. Fontes ancestrais!



5.4. PRETAGOGIA

A Pretagogia é um referencial teórico metodológico totalmente perpassado pela ancestralidade e pelo encantamento, onde podemos encontrar todos os Odus, apresentados anteriormente, em todo o seu processo de construção. Ela preocupa-se com o conhecer a origem, desconstruir preconceitos, imprimir uma transição oriunda das descobertas de outras epistemologias, outras origens, promover transformações que levem ao encantamento, refletindo os espaços, o tempo e a natureza que nos tecem.

É um referencial teórico-metodológico, pedagógico gestado e parido por “mulheres negras que pesquisam e realizam intervenção pedagógica no Ceará, hoje, além de pesquisadoras são professoras universitárias” (PETIT, 2015, p. 143). O mesmo vem sendo alimentado, fundamentalmente, por mulheres, ainda que alguns homens tenham se apropriado do mesmo, são homens que tecem, que fortalecem o feminino que carregam em si. É um referencial em construção com o propósito de “trabalhar com todas as referências africanas e afrodiáspóricas que veiculam a cosmovisão africana” (PETIT, 2015, p. 151), assim, poderá ter-se que realizar “adaptações e ampliações da abordagem teórico-metodológicas” (Idem), porém sem que isso questione seu fundamento, que “é de valorizar as contribuições pedagógicas e filosóficas da matriz africana para a prática educacional” (Idem).

A pretagogia tem sua origem primeira em uma experiência que Sandra Petit e Geranilde Costa⁹¹ tiveram como coordenadora geral e coordenadora pedagógica, respectivamente, do *I Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afrodescendente para Formação de Professores de Quilombo* que aconteceu entre 2010 e 2011, em sua totalidade, em dois quilombos da região do Inhamuns, no Sertão do Ceará, em Novo Oriente. Para as coordenadoras isso foi um grande diferencial, até mesmo para propiciar o nascimento da Pretagogia, oriunda em muito do intento de ter uma metodologia embasada nos valores da cosmovisão africana (PETIT, 2015). Sandra Petit considera que a Pretagogia, dialogando com Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (que atuou contribuindo na elaboração escrita da proposta pedagógica do projeto):

[...] deve enraizar-se, [...] a partir de sua ‘fala-ação’ que canta, batuca, dança, reage, corre, joga capoeira, aprende sobre a diversidade da mãe África e sobre quem são os

⁹¹ Doutora em Educação. Professora da UNILAB – CE. Autora da tese de doutorado que tem o seguinte título: Pretagogia: construindo um referencial teórico-metodológico, de base africana, para a formação de professores/as, Fortaleza, Faculdade de Educação (UFC), 2013.



negros da diáspora, entre outros movimentos. Um currículo assim pensado deve partilhar o saber-fazer pedagógico entre o que fazem parte da coletividade, rompendo com a lógica ocidental da hierarquia, da verticalização [...] fazendo emergir nos espaços de formação o diálogo sobre a sacralidade e não apenas sobre religião. (2012, p. 61 *apud* PETIT, 2015, p. 145).

O curso, com sua abordagem afrorreferenciada, acaba por desenhar, sistematizar as experiências pedagógicas construídas por anos no NACE (Núcleo das Africanidades Cearense) coordenado por Sandra Haydée Petit na Universidade Federal do Ceará. Múltiplas intervenções pedagógicas, em diferentes espaços, com abordagens afrorreferenciadas. No referido curso, buscou-se “integrar os referenciais teóricos, os conteúdos, as metodologias de ensino e avaliação, o modo de pesquisar, a forma de nos comportar no quilombo, inclusive o alimento físico, dentro de uma concepção afrorreferenciada” (PETIT, 2015, p. 146). Essa integração e vivência / experiência são fundantes para pesquisas, intervenções, experiências, modos de educar / aprender desde a ancestralidade africana e suas cosmopercepções, desde as filosofias e pedagogias tecidas pelos referenciais africanos.

Ao falar sobre o sentido da palavra Pretagogia, Sandra Petit diz que surgiu da

crítica ao eurocentrismo na Pedagogia, onde um componente curricular de teoria da educação da universidade onde eu trabalho, por exemplo, o único brasileiro da bibliografia é Paulo Freire, e não se faz sequer menção a experiências educacionais africanas, afro-brasileiras ou afrodiáspóricas, o que denota que nem se cogita sua existência. Esse é o caso típico das universidades brasileiras em geral. Dessa forma, a própria História da educação é referida estritamente à Europa, como se o resto do mundo estivesse fora da história da educação, ou sendo apenas tributária da Europa. [...] já naturalizamos a tal ponto que o termo Pedagogia parece referir-se apenas a teorias e a práticas exercidas por pessoas brancas dessa região do mundo. (PETIT, 2015, p. 149).

Sandra Petit conta que foi “buscando um termo que incluísse e se referisse diretamente à Pedagogia que Geranilde Costa e Silva subitamente teve a ideia do termo Pretagogia. Mais um maravilhoso insight! Pois era isso mesmo que queríamos, empretecer a Pedagogia excessivamente europeizada” (Idem). Diria eu que não é um insight, mas a escuta de nossas ancestrais, elas nos falam, nos ensinam, nos guiam, afinal, *nossos passos vêm de longe*. O mistério ancestral africano tecendo conceitos. Sandra Petit tem o cuidado em dizer que

não se trata de focar na cor das pessoas envolvidas e sim em seus referenciais, que [...] precisavam estabelecer a conexão com a ancestralidade africana, tão rejeitada ou simplesmente relegada ao esquecimento e à indiferença. [...] é para todos/as, independentemente da cor da pele, mas que possui uma especificidade, que é o apresentar referenciais inspirados na cosmovisão africana para o trabalho pedagógico em sala de aula, particularmente para a implementação de conteúdos e de metodologias curriculares condizentes com essa matriz. (PETIT, 2015, p. 150).

Portanto, não é uma inversão de racialização do currículo, mas o intento de trazer



para dentro do **currículo referenciais culturais e filosóficos inspirados na matriz africana**, uma forma particular de ser e estar no mundo e que sugere abordagens diferentes das eurocentradas convencionais. **Toda e qualquer pessoa, pode se apropriar da Pretagogia, tendo a abertura para experimentar. É um referencial essencialmente propositivo, potencializador, [...] perpassado da busca de descolonização dos corpos e de combate ao racismo** incrustado na sociedade brasileira e em outros países que passaram por processos de desvalorização, de negação ou de destituição dos marcadores africanos na educação. [...] trata-se de **um referencial muito mais proativo do que reativo**. [...] pretendemos valorizar e potencializar nossas raízes africanas... (PETIT, 2015, p. 150, grifos meus).

A pretagogia, segundo Sandra Petit (2015, pp. 122-1230, apresenta alguns princípios, tais como:

- * **Autorreconhecer-se afrodescendente:** importância de postura afirmativa e reconhecimento da raiz africana na nossa constituição enquanto pessoa;
- * **Ancestralidade:** valorização e reconhecimento dos saberes e da importância das pessoas mais velhas, de nossas linhagens. Essa consciência e apropriação permite a construção e fortalecimento da identidade e do pertencimento;
- * **Religiosidade** de Matriz Africana: perpassada pelo entrelaçamento de todos os saberes, fundamentando os modos de pensar, estar e agir no mundo, fortalecido pela força vital;
- * **Reconhecimento da Sacralidade:** como fio que tece todos os saberes das culturas africanas e afrodiáspóricas numa relação de respeito e integração com a natureza;
- * **Corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes:** compreendido como sagrado e parte da sacralidade;
- * **Tradição Oral:** valorização da transversalidade da oralidade numa relação íntima com todas nossas vivências e experiências em relação com as vibrações da natureza;
- * **Circularidade:** interconectividade entre os seres, os tempos e as coisas, fortalecendo o *ethos ubuntu*, o comunitarismo;
- * **Território:** espaço-tempo construído socialmente, perpassado pelas histórias geracionais e tecidos por uma teia de relações perpassada pela sacralidade;
- * **Lugar social historicamente atribuído ao negro:** postura de desconstrução do estigma racista construído secularmente, desconstrução do racismo estrutural.

Sandra Petit (2015, p. 122) afirma que tais princípios partem da concepção de cosmovisão africana (OLIVEIRA, 2006), também embasadas em “Bâ (1982), Munanga (2009), Sodré (1988, 2012), Cunha (2007), Oliveira (2006, 2007), Petit e Silva (2011), Cruz (2011), Meijer (2012), Videira (2010), dentre outros e outras”.



Ao desenvolver a Pretagogia, Sandra Petit e Kellynia Farias criaram um quadro, desde suas experiências enquanto educadoras, apresentando os **Marcadores das Africanidades** que são fundantes para compreender, além de desenvolver pesquisas mediadas pela Pretagogia. Logo abaixo colocarei o quadro, entretanto, não tecerei críticas acerca do mesmo, farei melhor: ao final do ponto indico algumas dissertações de *orientandas* de Sandra Petit que tem desenvolvido a Pretagogia.

MARCADORES DAS AFRICANIDADES

01 – História do meu nome.	16 – Danças afro.
2 – Histórias da minha linhagem.	17 – Cabelo afro (encaracolado/cacheado/crespo)-práticas corporais de afirmação e negação dos traços negros diacríticos.
03 – Mitos/lendas/o ato de contar.	18 – Representações da África/relações com a África.
04 – Histórias do meu lugar de pertencimento/comunidade.	19 – Negritude – Força e Resistência.
05 – Sabores da minha infância – pratos, modos de comer e o valor da comida.	20 – Artesanatos.
06 – Pessoas Referência da minha família e Pessoas Referência da minha comunidade.	21 – Tecnologias.
07 – Pessoas Referência do mundo.	22 – Valores de família.
08 – Práticas e valores de Iniciação/Ritos de transmissão e ensino.	23 – Racismos (perpetrados e sofridos).
09 – Mestras e Mestres negras/negros (da cultura negra).	24 – Formas de conviver/laços de solidariedade.
10 – Escrituras Negras.	25 – Relação com a natureza.
11 – Curas/Práticas de saúde.	26 – Religiosidades Pretas.
12 – Cheiros da minha infância.	27 – Relação com as mais velhas e os mais velhos.
13 – Festas da minha infância e festas de hoje.	28 – Vocabulário/formas de falar.
14 – Lugares míticos e territórios afromarcados.	29 – Relação com o chão.
15 – Músicas/cantos/toques/Ritmos/estilos	30 – Outras Práticas corporais (brincadeiras tradicionais/jogos e outros).

Brevemente podemos perceber que essa tese é tecida por diversos desses **marcadores**, posto que são tecidos pelo cotidiano delineado pelas africanidades, por nossos saberes ancestrais, nossas escrituras!



5.4.1. Relatos de Pretagogas

Aqui apresento dois relatos de duas pretagogas com as quais convivi durante o doutorado. Aprendendo, descobrindo e trocando saberes para o aprender ensinar contínuo de modo afrorreferenciado, pois, segundo Kellynia Farias Alves (2015), esse pensamento afrorreferenciado é constituído pela **cosmovisão africana; tradição oral e literatura oral africana; pretagogia; as africanidade(s); os marcadores das africanidades**. Filosofia africana tecendo saberes pedagógicos. Vejamos tais relatos:

Relatos de minha experiência com a Pretagogia⁹²

Por Eliene Magalhães

Meu nome é Maria Eliene Magalhães da Silva, nascida em solo da periferia dos arredores do Morro do Ouro, com divisa com Monte Castelo, sou negra, filha de quixadaense afrodescendente e de ancestralidade materna vinda da Aldeia de Monguba dos Pitaguarys de Pacatuba-Ce. Avó de João Miguel de 5 anos e Maria Clara de 2 anos. Sou ativista, filiada no MNU, sindicalista, poetisa, fundadora da AAfrocel (Academia Afrocearense de Letras), sou antes de tudo professora do ensino básico de Caucaia e do ensino superior da Universidade Brasil.

*A minha relação com a Pretagogia começou quando ela nasceu em chão quilombola com Geranilde Costa (Unilab) e Sandra Petit (UFC) num curso de especialização para professores de quilombos coordenado pela minha ex orientadora da especialização e mestrado, a Dra. Sandra Petit, a quem nutro meu ser de amizade e muito respeito. Portanto, a **Pret@gogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana, o que significa dizer que estamos amparados em um modo particular de ser e estar no mundo.***

Atualmente prolongo a teorização e prática da Pret@gogia em minhas práxis educativa no chão da escola e no ensino superior sendo que trabalho de forma eclética com outras referências metodológica popular e Afroindígena, tais como a Sociopoética de Jacques Gauthier, Filosofia do Encantamento de Eduardo Oliveira (UFBA) & Adilbenia Machado (UFC) e Paulo Freire com a Educação Popular, mesmo vivendo em tempos difíceis, muitas

⁹² Pretagogia é a Pedagogia para negros, indígenas e brancos. Vem a ser o referencial teórico-metodológico para trabalharmos nossas referências ancestrais africanas.



vezes sendo incompreendidos por alunos que não se enquadram com ideias progressistas por causa de pais evangélicos fundamentalistas.

*Hoje precisamos teorizar autores que trabalham o encantamento do amor nesta grande aldeia chamada Brasil, contextualizar temas transversais e interdisciplinar para enquadrarmos saberes e **conhecimentos ancestrais** para que coletivamente venhamos a construir com os estudantes **práticas e pensamentos que fortaleça a África que habita em nós e vive tão escondida.***

*Nesse enfoque busquei enegrecer os componentes curriculares ministrados enriquecendo afirmativamente, afetivamente a população negra de nossas salas de aula e ao mesmo tempo fui tornando-me muito mais sensível e questionadora. A Pret@gogia me serviu para um **novo renascer e transformação em vida**, foi e continuará sendo hoje e futuramente um sulear neste país de arco-íris que escondemos.*

A Pret@gogia também me serviu de aprendizado para a vida, meu amadurecimento pessoal e para minhas tomadas de decisões. A partir da Pret@gogia deparei-me em profundo reflexão com minha existência e às razões de estar no mundo, aprendi a ser mais paciente e saber a hora certa de todas às coisas. Com a Pret@gogia aprendi a ver no segredo um dos passos para poder caminhar bem e sem tropeçar.

Enfim, a Pret@gogia me estimulou a ser EU e viver melhor com às pessoas, canalizando o melhor de mim e o convívio sadio e emanado de amor.

A pretagoga Eliene Magalhães borda o seu pretagogizar desde a descoberta no chão de um quilombo em um curso universitário, já dizendo que a pretagogia para além de ser um referencial teórico metodológico de pretas para brancas, negras e índias é um modo de ser / estar, aprender / ensinar perpassado pelas experiências tecidas por nossa ancestralidade, pelo Odu de Espaço, de Tempo, de Origem, de Transformação, de Transição, de Natureza, de Desconstrução e de Encantamento! Não é uma teoria implicada apenas com a descolonização do conhecimento, das metodologias e dos currículos, mas com a descolonização de nossos próprios corpos. É o acordar e encantar-se com nossas ancestralidades. Foram mulheres que pariram a pretagogia, são os saberes ancestrais femininos tecendo outros modos de sentir e criar o mundo.



*Como a Pretagogia influi na sua vida como pesquisadora, professora, pessoa...
o que ser pretagoga?⁹³*

Kellynia Farias Alves

*O meu encontro com a Pretagogia? Penso que foi antes da própria Pretagogia, pois como li certa vez, 'o que não tem origem, não flui'. Assim, os caminhos foram abertos desde o encantamento pela Educação Popular como forma de pensar a educação com memória, com identidade, com a cultura popular. Nos veios da América Latina, nascentes de um saber que se construía nas perspectivas populares, ou seja, que o conhecimento é uma dimensão do saber que dialoga com o saber agir e saber sentir. Instigada por esta leitura de mundo, ao encontrar a sociopoética pude aprofundar estes saberes e dizer que **saber é conhecer, é viver, é sentir, é o desconhecido e também o criar**. Foram os confetos descobertas deliciosas de intervenção nos quais, **conhecimento de fato se constrói em horizontalidade e em diálogo** entre todas as pessoas que estão na pesquisa e no fazer pedagógico, como não?*

Daí, o caminho preparado, dialogando com a cultura popular e com as resistências afro-indígenas, conheci a Pretagogia. Nela vários questionamentos foram sendo respondidos enquanto outros surgiam. Ela, dialogando com os referenciais com a sociopoética, dizia mais sobre o que estamos construindo como epistemologias de resistência e assim, provocando saberes-fazeres pedagógicos outros.

Por meio dela, foi possível fechar alguns círculos, abrir muitos e dizer que temos ancestralidade, que temos pertencimento e que o apagamento de nossas referências, de estéticas e de epistemologias não seria aceito nos processos de pesquisa, de formação e docência. Aliás, como separarmos algo que se implica o tempo todo. Lembrei de Bâ, quando falava que em África não havia o tempo separado de estudar, do belo, da tradição, pois tudo se conectava.

*Assim, o conhecimento se faz com o corpo todo e que este carrega consigo as marcas históricas, mas também a força dos ancestrais. Dessa forma, implicar-se com a pesquisa, 'ser da porteira pra dentro' é um exercício de construção de **um rigor outro, que não segmenta o saber do fazer, do sentir, do pertencer e do se encantar**.*

⁹³ Grifos meus.



Nas minhas práticas docentes, tento vivenciar os princípios deste referencial teórico-metodológico que influencia a forma de percepção do processo formativo como algo circular, horizontalizado e em diálogo com os valores civilizatórios africanos, guiando intervenções na forma de aprendizagem-ensinagem.

Como tenho dito, a Pretagogia está prenhe pois, vai criando, gerando outras formas de compreender-fazer educação e assim, o ser pretagoga estimula o diálogo com outras produções, pesquisas e didáticas que bebam nas bacias epistemológicas de nossos ancestrais, da resistência e da decolonialidade, promovendo o encontro, o diálogo, o movimento.

Kellynia Farias tece epistemologias do chão, do saber agir por saber sentir! Com ela aprendo a ser educadora, pois estivemos juntas em muitos espaços, construindo o Memórias de Baobá, dividindo mesas redonda, dividindo sala de aula, pois por mais de uma vez ela convidou-me para com-partilhar de saberes com suas educandas e educandos. Kellynia nos ensina a importância do rigor outro que nosso querido Roberto Sidnei nos ensina. Um rigor perpassado pelas leituras de mundo, horizontalidades e saberes e dialogicidade, saber do fazer / sentir / pertencer e encantar-se! Propostas de nossas metodologias e currículos afrorreferenciados. Resistir com a poética do encontro / encanto sempre em movimento, encruzilhando memórias, identidades e as culturas populares que são as culturas do chão que pisamos, do espaço – tempo do nosso viver. Pretagogia como modo de caminhar encruzilhando poéticas de encantamento e resistência, saber / ser / sentir prenhe dos saberes ancestrais femininos. Tessituras da escuta sensível, que não apenas ouve, mas sente, percebe, encanta-se!

Como não pensar / sentir / desejar as outras pessoas se só somos nas encruzilhadas / encontros / encantos do nosso existir? Como não produzir metodologias tecidas por nossas próprias existências? Como não clamar e criar currículos outros, currículos em que nossa existência seja respeitada, reconhecida, sentida?



DISSERTAÇÕES PRETAGÓGICAS⁹⁴

ALVES, Maria Kellynia Farias. **Resistência negra no círculo de cultura sociopoético: pretagogia e produção didática para implementação da Lei 10.639/03 no Projovem Urbano.** 2015. 159f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

REGIS, Sávia Augusta Oliveira. **Pretagogizando a contação de histórias africanas e afro-brasileiras: caminhos pedagógicos para a construção do pertencimento afro.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. 125f.

SILVA, Cláudia de Oliveira da. **Construindo o pertencimento afroquilombola através das contribuições da pretagogia no quilombo de Serra do Juá – Caucaia – Ce.** 2016. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, 2016.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. **Marcadores das africanidades no ofício das rezadeiras de quilombos de Caucaia/CE: uma abordagem pretagógica.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. 206 f.

SILVA, Rafael Ferreira. **Africanidades no ritual das ladainhas de capoeira angola: pretagogia e produção didática no Quilombo.** 2015. 135f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2015.

⁹⁴ Desenvolvidas no período em que cursei o doutorado.



ORI⁹⁵

Um rio não caminha só
ele atravessa:
rasga pedras e fere o chão com a sua correnteza translúcida.

A água que cabe apaziguada no copo,
dança macia nos corpos
e escapa sinuosa das mãos
está sempre caminhando.

Dentro do rio cabe um mais além das margens
e seu limite frágil,
entre o que é mato rasteiro,
terra desfeita em lama ligeira e líquido vão.

Dentro desta água doce cabe a violência das torrentes.
Dentro da água há um espalho sempre preenchido
Onde dança uma mulher castanha e bela.

No fundo, mais que limo e pedra,
Há pulseiras vivas e perfumes feitos de puro mistério.

Quando a água para
- aquietada na carne lívida das lagoas –
dentro dela há muita vida.
Uma luz dourada emana de seus limites
como de um ventre,
enquanto os peixes bebem de seu encanto silencioso.

⁹⁵ In: Água Negra e Outras Águas, Lívia Natália, 2016.



6. CURRÍCULO AFROREFERENCIADO: DESCOLONIZANDO PELA ESCUTA SENSÍVEL

Pensar / refletir / criar um currículo afroreferenciado é pensar desde a teia da diversidade, da horizontalidade dos saberes, da pluralidade de vozes / epistemologias, dos modos diversos de aprender / ensinar / conhecer / experienciar. É propor uma formação para fortalecer o pertencimento, a humanidade das pessoas, permitindo-as compreenderem-se criadoras, também, do conhecimento com-partilhado.

Pensar / criar um currículo afroreferenciado é criar possibilidades diversas de produção de conhecimentos descolonizados, ligados às nossas raízes, nossas ancestralidades, os rios que nos atravessam e que atravessamos. Movimento *sankofa* de ser de um povo negado e colocado à margem. Movimento *sankofa* que nos coloca no centro de nossos saberes, nossas histórias, sem marginalizar outros saberes, outros povos.

Um currículo afroreferenciado implica em metodologias afroreferenciadas, desse modo, conhecemos nossas histórias desde nós mesmas. Nossos modos de escrita, nossas epistemologias, nossas culturas, nossas autoras e autores, contribuindo com a exclusão do epistemicídio que tanto nos assola. Pois, como nos diz Sueli Carneiro no prefácio de “Eu sou atlântica – sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”, escrito por Alex Ratts (2006): “a invisibilização e silenciamento do pensamento negro têm consistido numa das formas mais eficazes para a permanência e reprodução da alienação cultural e postergamento da emergência e florescimento do pensamento crítico negro”. Portanto, esse capítulo intenta tecer acerca de propostas curriculares afroreferenciadas bordadas, privilegiando vozes de mulheres negras, pois sabemos que “a invisibilidade da mulher negra no espaço acadêmico também se consolida porque o seu outro (homem branco, mulher branca ou homem negro) não a vê nesse ambiente e nem mesmo trilhando esse itinerário intelectual” (RATTS, 2006). Antes de trazermos essas propostas curriculares vamos dialogar acerca da colonização do pensamento.



6.1. Colonização do Pensamento

*Temos que aprender com os nossos antigos, os africanos,
esse sentido da sabedoria, esse sentido de saber a hora
em que você vai interferir e como você vai interferir.*
Lélia Gonzalez⁹⁶

É chegada a hora. Vivemos, ainda, as marcas da colonização portuguesa, portanto europeia, de nosso país. Marcas que rasgam nosso cotidiano, deformam nosso modo de ser / estar no mundo, pois desfiguram, engolem, negam nosso pertencimento. Pertencimento indígena e africano, pertencimento terra, folha, água e ar. Dos mares, dos rios, de redemoinhos, dos fogos que esquentam, que tecem, que fazem os tijolos que sustentam nossas casas, que cozinham nossa comida, que alimentam, que limpam, que celebram... das folhas que curam, que matam, que enlaçam...

Desse modo, a colonização do nosso pensamento, do nosso inconsciente, vítima dos mais de trezentos anos de colonização / escravização / negação / destruição ainda é presente. O colonialismo traz o colonizador, homem branco, sociedade patriarcal, como a melhor, a única, o próprio modelo de humanidade, assim, a produção de conhecimento também é de sua propriedade, assim se apropriam do conhecimento e forjam “as narrativas hegemônicas sobre o nosso continente” (PIRES, 2018, p. 179). Por essa razão essa tese não abriu mão de categorias como raça, ainda que não tenha discutido diretamente tal conceito, mas discutimos ações (descolonização, por meio de epistemologias, currículos e metodologias nossas, de nosso povo, de nossos ancestrais) antirracistas e antissexistas desde nossos próprios saberes e ações. Pois sabemos que

grande parte do mito da universalidade e neutralidade construída e reforçada pelo pensamento euronorocêntrico hegemônico se sustentou exatamente pela não nomeação de algumas categorias, ora para mantê-las como representatividades do universal, ora para garantir sua rejeição (PIRES, 2018, p. 177).

O pensamento do colonizador caracteriza-se por ser marcado por homens brancos donos do conhecimento, das questões existenciais e filosóficas, das questões ligadas à política, à economia, à cultura, aos diversos conhecimentos, às questões psicológicas e ao que é considerado arte, belo... é um pensamento que se deseja único e universal, delineado pela negação de tudo que é diferente do seu *eu*, tudo o que é o Outro (africanos e indígenas). O privilégio social está intrinsecamente ligado ao epistêmico. Sabemos que

⁹⁶ Jornal do MNU, 1991, p. 9 *apud* RATTIS; RIOS, 2010, p. 147.



A ciência calçada nas tradições da modernidade ocidental e em diferentes momentos a serviços da política colonial, reivindica o direito de falar sobre o outro sem se deslocar para o lugar do outro, sem buscar observar o mundo, a partir dos olhos do outro. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 36).

Mais, sem buscar sentir pelo outro, ser para além do o que o olho vê... Busca de “mobilidade constante” (Idem), em que os caminhos “ao invés de apresentados como lineares, devem ser codificados em encruzilhadas” (Idem).

É essa mente colonizada que permite a hierarquização de saberes oriundos de uma classificação racial, é essa mente colonizada que não permite mulheres serem reconhecidas como pensadoras e construtoras de epistemologia diversass, etc... permite menos ainda que mulheres negras possam sequer pensar, entretanto, nós, mulheres negras produzimos, pensamos, criamos, nos insubordinamos contra esse modelo machista dominante há muito tempo.

Nesse sentido, a filosofia africana vem falando de descolonização, de valorização da cultura, dos nossos próprios saberes, entretanto, continua colocando as mulheres a margem. É importante demarcar que refletir / criar / desenvolver a filosofia africana, a filosofia africano-brasileira desde o feminino é trazer o legado ancestral, as lutas de enfrentamento ao racismo e ao sexismo, processos de resistência, de re-existência, uma pedagogia da ancestralidade.

É fundante mudar a linguagem, mudar e não trocar... trazer a diversidade para essa linguagem, trazer a potência das existências plurais, diversas... desse modo, é importante valorizarmos o conhecimento das pessoas “iletradas”... é fundante pensar / criar desde outras matrizes de pensamento, é fundante sair do monocentrismo. A descolonização do conhecimento perpassa pela construção e desconstrução de identidades, onde a

reinvenção das formas de vida, nas bandas de cá do Atlântico, nos indicam que a dinâmica acerca dos processos identitários das populações negras reflete a tessitura de uma esteira intercultural, trançada a partir dos cruzamentos de inúmeras experiências em diáspora. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 54).

Portanto, “a complexidade das reinvenções, a partir dos inúmeros cruzamentos de experiências, nos indicam que as múltiplas formas de reivindicação das identidades negras dão os tons das negociações, alianças e jogos estabelecidos” (Idem). Ser negra é ter consciência dessa negritude e assim ter ética e honestidade em relação à nossa origem, nossa identidade étnica, racial, pois

hoje em dia acreditar que no Brasil tem uma democracia racial a pessoa tem que ser muito alienada ou muito cínica. Eu acho que hoje pelo menos temos a coragem de pôr o dedo na ferida. Eu vejo esses 130 anos da Abolição, repetindo ainda o que Milton Santos falava: nós negros ainda somos cidadãos e cidadãs de segunda categoria", ou



seja, não temos ainda a cidadania completa. E quando se celebram hoje os 130 anos de abolição isso tem muito mais a ver com a nossa resistência. Acho que tem que celebrar a resistência negra, mas não as conquistas, que ainda estão no meio no caminho. Cento e trinta anos de uma Abolição em que a grande maioria negra ainda está em situação de subalternidade na sociedade brasileira. Então são 130 anos de comemoração de nossas resistências, mas não de conquistas plenas. (EVARISTO, 2018)⁹⁷.

Esse jogo de cores que permeiam brancos e negros é perigoso, pois ele é o responsável por determinar os discursos, distribuindo os espaços e quem pode ou não falar, posto que foi o homem branco que criou esse jogo. Separatista, excludente. É fundante compreendermos que o racismo tem uma relação direta com a economia, a política e cultura que nos cercam, com as narrativas jurídicas e epistemológicas. Desse modo, é necessário a compreensão de que temos uma diversidade cultural, econômica, política, epistemológica, sexual e também religiosa. O racismo tem uma dimensão sistêmica, é institucionalizado, ele não é uma questão, um problema individual, acreditar que sim é reforçar a estrutura de dominação racial que nos oprime. Ter consciência das nossas diversas formas de pertencimento e das opressões que nos tiram a vida é fundamental.

Sueli Carneiro (2018, p. 106), nos anos 2000 em um texto intitulado “Tempo Feminino” nos disse que as mulheres de sua geração

compreenderam o sentido das palavras liberdade e igualdade, através da sede que a ausência de liberdade e igualdade nos provocou. E essa sede era tão intensa, que transformou as noções de liberdade e igualdade, nos princípios mais caros as pessoas de nossa geração porque além de entender que liberdade e igualdade são valores intrínsecos e inegociáveis para a pessoa humana, descobrimos também que para conquistá-las e mantê-las é preciso muita disposição de luta e uma vigilância permanente para defendê-las, porque liberdade e igualdade são bens que estão sempre sendo colocado em perigo por diferentes ideologias autoritárias, fascismos, neofascismos, por diferentes variações do machismo, pelo racismo e as discriminações étnicas e raciais, pelos fundamentalismos religiosos, pelos neoliberalismos pelas globalizações.

Que liberdade queremos agora? Como seguir no intuito de conseguirmos mais direitos e não perdemos aqueles já conquistados, pois

Autoritarismos que se reciclam ou se renovam permanentemente, se apropriam de nossas lutas, nossos sonhos e nossas conquistas subvertendo-os e colocando em xeque as noções de democracia, de liberdade e a possibilidade de construção da igualdade. (CARNEIRO, 2018, p. 106).

⁹⁷https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passagem.html?utm_source=facebook



A descolonização tá implicada na transformação, no encantamento, e a diáspora tecida por encruzilhadas

opera de forma ativa na produção de possibilidades reconfigurando e provocando perturbação na mecânica cultural e histórica do pertencimento. Os efeitos desestabilizadores, provocadores de perturbação se dão na medida em que as relações nas culturas da diáspora tendem a bagunçar a linearização explicativa enlaçada nas dimensões de lugar, posição e consciência. Desatando-se essa sequência, desata-se também o poder fundamental do território para a determinação da identidade. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 53).

Figura 27 - NYANSAPO



Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.

É como o símbolo Adinkra *Nyansapo* – *Nó da Sabedoria* que representa sabedoria, engenhosidade, inteligência e paciência. A descolonização também opera na descolonização do colonizador. Ela é encantamento, portanto, potência da vida e não anulação da vida. Ela opera com engenhosidade, inteligência, paciência e a sabedoria de quem é terreiro. A descolonização é feminina!

Nesse sentido, é importante dizer que quando digo “feminino” estou pensando em um feminino plural, pois que “ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. [...] lutar para romper com o regime de autorização discursiva” (RIBEIRO, 2017, p. 70). Compreendemos que o feminino é plural, diverso, é natureza, portanto, água doce, salgada, lama, pedras, matas... Carla Akotirene nos diz que:

a diáspora negra sofreu apropriação privada do mar Atlântico, território a cargo de Iemanjá – guardião africana yorubá das cabeças-oris e também da consciência de existirmos há, pelos menos 3 milhos de anos [...]. O impacto do colonialismo à natureza fez milhares de pretos serem atirados ao Oceano e lançou a dicotomia entre natureza e humanidade do padrão capitalista global. [...] A diáspora negra deu suor, lágrima e sangue ao gosto do Mar. O apagamento epistêmico ainda é o “sal-ário” da experiência salgada de modo que me ancore completamente à teoria do ponto de vista feminista negro. Metodologicamente, adoto atitude decolonial, transdisciplinar



ensinando a teoria transgredir como bell hooks, cartografando o pensamento de mulheres negras e terceiro mundistas. (2018, pp. 36-37).

Portanto, para além de criarmos nossas metodologias e adotarmos atitudes decoloniais, transdisciplinares e transgressoras, faz-se necessário lutarmos para mudar nossos currículos escolares e acadêmicos. Nesse sentido é importante nos ancorarmos na interseccionalidade, posto que ela “impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos” (Ibid, p. 38), além de nos instrumentalizar “a enxergar a matriz colonial moderna contra os grupos tratados como oprimidos, porém não significa dizer que as mulheres negras, vítimas do racismo de feministas brancas e do machismo praticado por homens negros, não exerçam técnicas adultistas, cisheterossexista e de privilégio acadêmico” (Ibid, p. 39). É necessário estarmos atentas, pois como diz Fabiana Leonel⁹⁸: “a encruzilhada das várias categorias nas dinâmicas sociais forma uma complexa rede de desigualdade que se perpetua e se reestrutura” (*apud* AKOTIRENE, 2018, p. 40). Assim, pensar desde a interseccionalidade “nos leva a reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroborarmos com as violências” (AKOTIRENE, 2018, p. 40). Descolonizar é um processo contínuo, atento, vigilante, pessoal e coletivo, espiritual, por isso a interseccionalidade é perpassada pelos questionamentos próprios de pessoas encantadas, como: “o que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxerga-las como identidades”? (Ibid, p. 41). Pensar / criar / lutar por um currículo outro, um currículo afrorreferenciado é questionar o nosso estar no mundo como atrizes do nosso ser / fazer. Reivindicar, criar... como muitas vezes ouvi Sandra Petit e Kellynia Farias falarem: fazer a crítica e o anúncio, portanto,

teremos que nos voltar aos processos históricos que consolidaram os currículos. Compreender a historicidade dos conteúdos requer repensar as ações curriculares, refletindo sobre qual visão de mundo representam e seu impacto no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos negros e não negros, bem como a relação consigo mesmo e com o mundo. Ao permanecer alimentando a invisibilidade ou superficialidade às temáticas relevantes à maioria da população brasileira, que é negra, não estaria perpetuando as violências num ciclo de preconceitos que fere cotidianamente estudantes negros/as em nossas escolas? (ALVES, 2015, pp. 34-35).

O racismo é estrutural e a todo custo tenta manter o povo negro longe dos lugares de prestígio da sociedade, impelindo a viver na marginalidade, não legitimando nosso

⁹⁸ Fabiana Leonel foi uma das pessoas que me iniciaram em leituras femininas literárias, acadêmicas, descolonizadoras. Dividimos um pequeno apartamento (chamado pelos demais moradores da nossa pequena vila de “a casa de boneca das meninas estudantes”) no Bairro Garcia em Salvador quando iniciei o meu mestrado em educação. A Bia Leonel meu agradecimento por aproximações com Conceição Evaristo (quando li pela primeira vez o seu romance Ponciá Vicêncio), Toni Morrison, dentre outras. Gratidão por ti!



conhecimento, negando, e matando nossos corpos, folclorizando nossa cultura, alimentando um currículo eurocentrado, racista e patriarcal. Portanto, é necessário descolonizar e fazer compreender que a “formação afro-referenciada é capaz de interferir e direcionar de maneira positiva as relações étnico-raciais, promovendo o respeito e a ruptura de atitudes preconceituosas naturalizados no racismo estrutural brasileiro. (ALVES, 2015, p. 37).

Sabemos que os “espaços acadêmicos são exemplos reais e atualizados de contínua colonização intelectual” (MEIJER, 2012, p. 45), afinal “*falar sobre colonização, descolonização, neocolonialismo, pode causar muitos fluxos diferentes*” (Ibid, p. 45). Com intuito de mudar essa realidade podemos encontrar na UNILAB um currículo implicado com a descolonização, um currículo afrorreferenciado.

6.2. UNILAB – CE E A PROPOSTA / AÇÃO DE UM CURRÍCULO AFROREFERENCIADO

Em 20 de Julho de 2010 o Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 12.289 que institui a UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) como Universidade Pública Federal, tendo sua sede na cidade de Redenção, situada a 55km de Fortaleza, capital cearense. Redenção fora escolhida por ser considerada a cidade pioneira na abolição da escravatura, no Brasil, no ano de 1883. Para o referido presidente “nenhum tema é tão capaz de unir e transformar um país quanto a educação”, desse modo, a UNILAB não apenas transforma um país, mas todos os países envolvidos, implicando na busca contínua da descolonização da educação e no retorno do saber desde nossas ancestrais africanas. Ela é fruto de diversas lutas de movimentos sociais negros implicados em transformar a realidade desde uma educação pautada na diversidade e na inclusão.

A UNILAB tem como foco a perspectiva da integração para o desenvolvimento, tendo os princípios da cooperação solidária como fundantes para seu surgimento que se deu em parceria com outros países, fundamentalmente os países membros da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Objetivando desenvolver formas de “crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado”⁹⁹. Desse modo, a UNILAB se encontra inserida no

⁹⁹ Vide: <http://www.unilab.edu.br/como-surgiu/>



contexto de internacionalização da educação superior, atendendo à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições federais capazes de promover a cooperação sul-sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental. Atuando na perspectiva da cooperação solidária, ela valorizará e apoiará o potencial de colaboração e aprendizagem entre países, como parte do crescente esforço brasileiro em assumir compromissos com a integração internacional no campo da educação superior. (PPC – Licenciatura em Pedagogia, 2016).

Em julho de 2016 foi lançado o “Projeto Pedagógico Curricular – Licenciatura em Pedagogia” com uma abordagem afrocentrada, que eu entendo como uma abordagem afrorreferenciada. A UNILAB estruturava-se da seguinte forma no período referido:

Ministro da Educação

José Mendonça Bezerra Filho

Reitor

Tomaz Aroldo da Mota Santos

Vice-Reitor

Aristeu Rosendo Pontes Lima

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Andrea Gomes Linard

Diretor do Instituto de Humanidades e Letras

Maurílio Machado de Lima Junior

Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

Comissão de revisão do Projeto Pedagógico Curricular

Luma Nogueira de Andrade (Presidenta)

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos (Membro)

Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (Membro)

Evaldo Ribeiro Oliveira (Membro)

Geranilde Costa e Silva (Membro)

Ivan Costa Lima (Membro)

Luis Eduardo Torres Bedoya (Membro)

Ricardo Cesar Carvalho Nascimento (Membro)

Salvio Fernandes de Melo (Membro)

Núcleo Docente Estruturante

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos (Presidenta)

Luma Nogueira de Andrade (Membro)

Rebeca de Alcântara e Silva Meijer (Membro)

Evaldo Ribeiro Oliveira (Membro)

Geranilde Costa e Silva (Membro)

Ivan Costa Lima (Membro)

IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Denominação do Curso: Licenciatura em Pedagogia

Duração do Curso: 08 Semestres (Resolução 32/2016)

Regime Letivo: Semestralidade

Turnos de Oferta: Noturno

Modalidade: Presencial

Vagas Autorizadas: 80 anuais

Vagas ofertadas por semestre: 40

Carga Horária: 4.400 h/a

Título Acadêmico: Licenciado/a em Pedagogia

Unidade acadêmica responsável pela oferta: Instituto de Humanidades e Letras – IHL *Campus* dos Palmares – Acarape – Ceará



O surgimento do curso de Pedagogia iniciou-se

a partir da constituição de uma comissão de implantação do Curso, prevista nas Diretrizes Gerais da UNILAB. A comissão iniciou seus trabalhos sendo composta pelas seguintes professoras Jeannette F. P. Ramos, Rebeca de Alcântara e Silva Meijer, Ivan Maia e Carlindo Fausto, com a consultoria da Profa. Dra. Sandra Petit (UFC), o Mestre de Capoeira Magnata e o Mestre Armandinho, considerando a perspectiva afrocentrada e os valores afro-civilizatórios. A partir da Elaboração do Primeiro Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Licenciatura, a coordenação do curso foi assumida, de forma interina, pela professora Rebeca de Alcântara S. Meijer. Em seguida, a Profa. Luma Nogueira de Andrade assumiu como decana do curso até a realização da primeira eleição para coordenação de curso, realizada no segundo semestre de 2015, sendo eleita a professora Jeannette F.P. Ramos. (PPC – Licenciatura em Pedagogia, 2016).

A UNILAB tem sua missão “atrelada a descolonização de saberes, fazeres e das relações sociais numa perspectiva de romper com os paradigmas e perspectivas racistas, sexistas e coloniais e na promoção do diálogo intercultural” (Idem). Portanto, “a Proposta Pedagógica Curricular do curso de Pedagogia da UNILAB aponta para um saber diferenciado, para um pensar e fazer críticos, criativo, antirracista, antissexista, descolonizante e inter-religioso” (Idem), implicada no “reconhecimento, afirmação e valorização de suas línguas, culturas, religiões e saberes, e na consolidação dos seus sistemas de educação e de ensino” (Idem).

Segundo a professora Rebeca de Alcântara S. Meijer, a construção de um currículo afrorreferenciado para a UNILAB, deu-se da seguinte forma:

A unilab tem a missão de formar estudantes de países que compõem os países da CPLP (comunidades de língua portuguesa) para o exercício profissional em áreas fundamentais para esses países. Em 2014 foi constituída uma comissão para elaboração do primeiro PPC do curso de pedagogia, comissão esta que integrei. Para dar reforço à comissão, solicitei ao instituto de humanidades e letras a convidar a professora Sandra Petit, docente da Faculdade de Educação da UFC, para compor a comissão, já que a UFC era a instituição tutora da Unilab em seu estágio de implantação. Além da Sandra Petit, consultamos os mestres capoeiristas Armando Leão e Magnata. Todos esses sujeitos ajudaram, junto a comissão a tecer um curso de pedagogia **amparado epistemologicamente pela cosmovisão africana**. O currículo afrorreferenciado tomou uma dimensão epistêmica mais específica. **Optamos pela afrocentricidade. Elaboramos componentes curriculares absolutamente inéditos na história da educação brasileira**. Por exempl: as componentes história da educação nos países da integração da Unilab; didática nos países da integração, filosofia da ancestralidade da educação, o ensino da ginga, etc. Todos estes esforços são em função de formar para o combate ao racismo, implementação da Lei 10.639/2003 e sobretudo para a **construção de uma educação descolonizante**. Tivemos muita resistência, mas resistimos e estamos firmes até hoje, colhendo muitos frutos bons do nosso baobá pedagógico, conhecido como pedagogia afrocentrada. (MEIJER, entrevista concedida em julho de 2019, grifos meus).

Pergunto quais resistências são essas a que se refere, Rebeca Meijer diz:



Bom, a comissão formada por professores e professoras para elaboração do curso de pedagogia da Unilab, havia sido criada, por portaria, meses antes de minha chegada redistribuída da UFPI. Inclusive minha redistribuição teve como principal justificativa da reitoria, o ingresso nessa comissão para ajudar na proposta do curso. Contudo, a minuta de projeto político pedagógico que encontrei era de uma pedagogia intercultural Waldorf. Essa abordagem surge da filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. Inclusive sei do grande potencial da pedagogia Waldorf, mas a Unilab tem uma missão de cooperação com países africanos. A Unilab tem em seus quadros profissionais, com ênfase no curso de pedagogia, pesquisadores/as que estudaram toda a sua vida pedagogias voltadas para a África e sua diáspora. Pessoas capazes de propor para a Unilab uma pedagogia coerente com a comunidade acadêmica, suas histórias, suas memórias, suas raízes. Para isso era preciso um PPC com fundamentos epistemológico, metodológico, curricular, político voltado para essas pessoas.

Assim, implicadas em uma educação descolonizante, amparada pela cosmopercepção africana e uma construção coletiva construiu-se o PPC do curso de pedagogia da UNILAB. Cutucou-se o príncipe (currículo) na compreensão de que “uma lei é apenas letra escrita em folha de papel se grandiosas ações não forem feitas para que ela se torne prática pedagógica curricular” (MEIJER, 2012, p. 28). Entretanto, não apenas se cutucou o currículo, houve também formação das e dos professores da UNILAB, pois “para além da inclusão de conteúdo curricular, é necessário capacitar os professores na sua formação inicial e em formações posteriores para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados” (BRASIL, 2004 *apud* MEIJER, 2012, p. 32).

Rebeca Meijer ao ser questionada sobre sua compreensão do que seria essa descolonização, nos diz:

Vou responder com um trecho do PPC, quando falamos da missão do curso de pedagogia da UNILAB: “A missão da UNILAB está atrelada a descolonização de saberes, fazeres e das relações sociais numa perspectiva de romper com os paradigmas e perspectivas racistas, sexistas e coloniais e na promoção do diálogo intercultural. A Proposta Pedagógica Curricular do curso de Pedagogia da UNILAB aponta para um saber diferenciado, para um pensar e fazer críticos, criativo, do antirracismo, antissexista, descolonializante e inter-religioso”. Tal desafio transcende a realidade local, pois a integração internacional com os países da lusofonia africana e o Timor Leste exige a leitura destes territórios, suas culturas, seus fazeres e saberes, como a formação de pedagogos/as que venham a contribuir na construção dos Estados Nações Africanas, recentemente emancipadas, como também com o reconhecimento, afirmação e valorização de suas línguas, culturas, religiões e saberes, e na consolidação dos seus sistemas de educação e de ensino. (MEIJER, entrevista concedida em julho de 2019).

Ao questionar acerca do impacto do currículo afrorreferenciado na comunidade acadêmica da UNILAB e no contexto Brasil, Rebeca Meijer afirma:

No início do curso, seus primeiros semestres, tivemos muita resistência por parte de professores da Unilab e de estudantes. Porém, quando o curso foi avançando os resultados positivos foram surgindo. No Enade tivemos conceito 4. No



reconhecimento de curso também conceito 4. Isso considerando que para efeito de regulação o INEP concebe uma escala de conceitos de 0 a 5. Outra resposta à nossa formação afrocentrada está sendo a aprovação de nossos estudantes nos programas de pós-graduação. Até agora são 5 aprovações, salvo engano. No contexto Brasil ele se destaca, por que é o único curso no país que tem uma proposta tão negra. No continente africano se destaca a medida que os nossos estudantes voltam para seus países com suas mentes abertas, valorizando os saberes ancestrais.

Quando falas do impacto no currículo na comunidade acadêmica tu dizes “no início do curso, seus primeiros semestres, tivemos muita resistência por parte de professores da Unilab e de estudantes”. **Por que essa resistência? O que dizem? Qual o debate que se deu?** Lembro de estar em uma atividade na UNILAB em 2015.1 conversando com estudantes (em uma grande maioria africanas e africanos) sobre filosofia africana contemporânea. No momento das perguntas um estudante perguntou como eu tinha conseguido me descolonizar tão conectada com África se eles que vinham de África tinham essa dificuldade, até porque os currículos escolares de lá também são muito colonizados. Ao responder falei sobre “ancestralidade”, como nossa ancestralidade africana nos remete a uma luta constante por conhecer nossas histórias contadas por nós mesmas, mulheres e homens, nossos saberes e culturas, nesse sentido, a filosofia africana contemporânea mediada pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento estavam implicadas em descolonizar epistemologias, conceitos, currículos, didáticas, metodologias. Também lembro de muitos relatos que já ouvi de estudantes africanos e africanas falando sobre essa relação de pertença ser fortalecida em suas experiências no Brasil, por consequência da nossa **“Filosofia da Ancestralidade”**. Rebeca Meijer responde da seguinte forma:

No início do curso, precisamos ser muito firmes para a aplicação do projeto de curso nas práticas pedagógicas. Os alunos questionavam se essa formação que tinha como componentes obrigatórios como: filosofia da ancestralidade; o ensino da ginga: capoeira, corporeidade e mandinga; psicologia africana da educação, seria competente para torná-los capaz de passar em concursos, fazer ENADE, enfrentar a sala de aula. Hoje, vejo que o curso é muito respeitado. Minha análise é que conquistamos esse respeito por causa dos resultados do curso. Veja: o curso foi reconhecido com nota quatro pelo INEP em uma escala de zero a cinco, com vários elogios no relatório dos especialistas que nos avaliaram. No Enade os alunos conquistaram o conceito quatro, numa escala de zero a cinco. Quatro egressos foram aprovados em cursos de mestrado no Brasil e dois em Portugal. Os alunos das diversas licenciaturas que passam por nossas componentes curriculares elogiam a formação. Então, nossa perspectiva afrocentrada é uma raiz sólida.

Percebe-se que as estudantes africanas ainda chegam aqui com a perspectiva de encontrar um currículo eurocentrado como acontece em seus países. Causa estranheza chegar ao Brasil e encontrar um currículo afroreferenciado. Vejamos o seguinte relato de Rebeca Meijer:



Vários estudantes africanos chegam na Unilab em busca de uma formação "civilizada" de se profissionalizar, ou seja, ocidental. Essas ideias são depoimentos dos próprios estudantes. Muitos nem sequer gostam de usar suas roupas africanas. Então os estudos acerca da História da África, filosofia africana, pensamento africano, etc, vai fazendo uma reconexão dos africanos com África. Uma orientanda guineense disse que hoje, já bacharel em humanidades e quase formada em pedagogia, tem uma visão completamente diferente da de quando chegou aqui. Diz que dialogando com sua *mamá* a conversa chegou no tema religião. Ela disse que sua mãe está fervorosa na igreja católica, mas que não deixa suas obrigações com as religiões tradicionais, mas vive um conflito, acreditando que faz uma coisa proibida. Ela, minha orientanda, ajuda a mãe a resolver esse conflito explicando que vem aprendendo aqui na Unilab sobre que isso não tem nada de vergonhoso, que é parte da cultura africana que não pode morrer. Com a mesma aluna fizemos uma oficina apenas com estudantes guineenses da Unilab sobre a importância das tradições guineenses na educação básica. A oficina envolveu a culinária. Fomos a uma república africana em Redenção almoçar juntos como parte da oficina. Inicialmente quiseram pôr a mesa. Pensei que era por que eu estava lá. Mas depois um estudante falou que não, que eles mesmos já não estão mais comendo juntos na mesma vasilha e com as mãos. Estão perdendo a conexão com seus hábitos de servir e comer os alimentos. Eles mesmos chegaram à conclusão de que precisam voltar a ter esse hábito e que a escola na Guiné-Bissau não faz isso, que não cultiva o hábito africano de comer a moda africana tradicional. Então, entendo que está em África não garante que as tradições serão preservadas. a invasão cultural ocidental está avançando. Nossos alunos na Unilab percebem isso apenas quando desenvolvem o que chamamos de pensamento reflexivo. Então percebem que é urgente até para o africano se africanizar.

Ouvir esse relato lembrou-me de quando o filósofo moçambicano José Castiano, ao ministrar uma palestra no VIII Memórias de Baobá, em 2017, disse o seguinte:

Ao fazer a grande travessia de volta, eu, José Castiano, transmitirei, não só o calor que cada vez que venho ao Brasil eu tenho, mas também essa força que sinto do povo brasileiro em resistir, através da cultura. A ancestralidade tem sido, de fato, um lugar de resistência que é muito importante para o povo brasileiro. Eu tenho o privilégio de saber disso, mas o que estou a dizer é que nem todo africano, nesse caso os moçambicanos, percebem isso, esse elemento talvez seja nosso maior diálogo, no futuro. Vocês nos fazem perceber, porque que preservam os orixás, nós não percebemos isso, mas só quem vem para o Brasil é que tem esse privilégio. Eu sou um mensageiro, então eu vou regressar e vou lutar com todas as minhas forças para perceber porque vocês lutam tanto para preservarem essa ancestralidade, essa cultura, porque ela é importante para a construção e fortalecimento da identidade. Este, e estou a repetir pra mim mesmo, é um esforço que nós temos que fazer.

É a nossa ancestralidade enraizada, implicada com a descolonização que nos faz fortes e não nos deixa esquecer nossas ancestrais, nos ensina: “Ouça mais as coisas que os seres. A voz do fogo se ouve, ouça a voz da água, escuto no vento o arbusto soluçar, é o sopro dos ancestrais...” (Birago Diop, Sopro dos Ancestrais *apud* MEIJER, 2012, P. 47).

Rebeca Meijer ao ser perguntada se as/os professoras/es tiveram uma formação afrorreferenciada para aplicar o currículo afrocentrado, ela respondeu da seguinte forma:

Os concursos feitos para o curso de pedagogia sempre expressaram a natureza afrocentrada da proposta curricular. A maioria dos professores e professoras são



estudiosos afrorreferenciados. A formação de quase todos nós foi voltada à elaboração, construção, proposição de práticas pedagógicas afrorreferenciadas. Os que não tiveram essa formação, uma pequena parcela dos docentes, tem o amparo do PPC, que expressa essa perspectiva de uma forma insistente, recorrente e evidente. Além do apoio dos colegas, coordenação, etc.

Percebemos a implicação da perspectiva da solidariedade na construção e atuação do referido currículo. Por fim, mas sem acabar, pergunto: qual a contribuição de um currículo afrorreferenciado para o continente africano, o Brasil e os demais países da diáspora? Rebeca Meijer responde:

um currículo com afro referencias possibilita criar musculatura para o enfrentamento da invasão cultural, sobretudo de cunho religioso. Lembro que uma aluna do curso de pedagogia que hoje faz mestrado em São Paulo, me abordou no campus liberdade e disse: "Oi professora Rebeca. Soube que a senhora é a primeira coordenadora do curso de pedagogia. Ele vai começar próximo semestre, mas estou em dúvida sobre se vou me matricular nele ou não, depois de formada em humanidades. porque me falaram que ele vai ser afrocentrado. Penso que isso não me interessa porque nós africanos não sofremos racismo na África, somos todos negros". Hoje, essa mesma aluna é um de nossos melhores resultados. A menina se destacou como uma liderança feminista e de combate ao racismo. O curso lhe possibilitou mudar de ponto de vista quanto a ter ou não ter racismo em África, em Cabo Verde, seu país. Então penso que tanto para a diáspora, quanto para a própria África, ao menos a lusófona, nossa proposta vem surtindo efeitos espetaculares.

Experiencio essas descobertas de suas raízes ancestrais em conversas com vários estudantes africanos. É bonito perceber que o Brasil, por meio de um currículo diverso, diferenciado, afrorreferenciado, vem fortalecendo o pertencimento de nossas irmãs africanas e nossos irmãos africanos vindas e vindos do continente. A ancestralidade é potência e a maior força de nossas existências, de nossas resistências.



IANÃ, CRIANDO A DEMOCRACIA¹⁰⁰

Ossain é o orixá das folhas. E em tempos bem remotos, somente este orixá tinha o poder e o conhecimento das folhas. Somente *Ossain* sabia todos os segredos das folhas. Somente este orixá sabia qual a folha que cura cada um dos males que afligem as pessoas. Fossem os males físicos, emocionais ou espirituais. A boa saúde e o bem estar, dependiam sempre de *Ossain*.

Para preservar este segredo, *Ossain* providenciou uma grande cabaça, encheu-a com todas as qualidades de folhas que existia no mundo. Depois procurou uma árvore bem grande e lá, no galho mais alto, pendurou o segredo que ficava vigiando dia e noite, noite e dia. Ele ficava vigiando e saudando. *Ewe ô, ewe ô* (Oh, minhas folhas!).

Cada vez que um orixá precisava de alguma folha para ajudar os homens a manter sua vida ou sua saúde, tinha que pedir a *Ossain*. Ele fazia sempre algumas exigências. Não atendia ninguém à tarde. À noite só se fosse com muita necessidade. Assim, se alguém chegasse fora de hora, ele já ia falando: - Folha a esta hora? De que serve eu tirar folha a esta hora? Esta folha está cansada, empoeirada. A folha é viva. Quando amanhece o dia, bem cedinho, ela está banhada pelo orvalho. Assim que o sol começa a jogar sua luz na terra, tudo se transforma em nova vida. E cada folha estará respirando a força do novo dia.

Tudo parecia bem. Mas, um dia, os outros orixás começaram a refletir: - Por que este poder centralizado só em *Ossain*? Não seria este conhecimento direito de todos que prestam serviço para a vida? Vamos fazer um encontro para discutir o assunto.

Reuniram-se, conversaram, conversaram... foram convencer *Ossain*... e nada. Ele resistia e os outros orixás persistiam. Nova reunião foi marcada, desta vez com a liderança de *Iansã*.

Iansã marcou a hora. Todos deviam estar presentes. Ninguém podia faltar. Assim foi feito. Chegada a hora, ela que tem a força dos ventos, ficou bem embaixo da árvore do segredo. Ficou bem embaixo do galho que guardava a cabaça do segredo. E todos ficaram também ali, bem juntos.

Neste momento, *Iansã* começou a girar. Ela foi girando mais forte. Girou... girou... girou muito. Girou de um jeito que toda a natureza foi se transformando. Até as águas se encrespavam com a força do vento. Todas as árvores começaram a fazer um movimento muito forte. Balançavam muito. A cabaça do segredo começou a sacudir muito. Debatendo-se contra o vento e a árvore, terminou por partir-se ao meio... e todas as folhas foram caindo enquanto cada orixá foi pegando a sua folha.

¹⁰⁰ MACHADO, Vanda; PETROVICH, Carlos, 2004, p. 77-78.



Quando *Ossain* viu todas as folhas espalhadas pelo chão, começou a correr de um lado para o outro gritando sempre. *Eve ô, eve ô.*

E foi assim que todos conseguiram o que tinham direito e nem por isso *Ossain* ficou menos importante. Ele é a própria folha.

Finalmente Iansã feliz com o que conseguiu, saiu cantando e dançando pelos caminhos do mundo, levando novos ventos e cantando sempre:

Okan mimo eru erê – bis

Alagba e le mesan

Okan mimo eru erê



PARTE III

PENSAR / CRIAR / EXPERIENCIAR A FILOSOFIA AFRICANA DESDE O FEMININO

7. IN-CONCLUSÕES: ANDANÇAS OU O ENCANTAMENTO QUE NOS TECE – FEMININO ANCESTRAL

Desde palavras sábias de Vanda Machado (2013, p. 20), assumo que “ao longo dessa escrita, em vários momentos, há afirmações e/ou palavras que se repetem, mas sempre com um sentido a mais. Esta é também a escrita do indizível, a escrita dos silêncios”, assim, esse tese caminha para sua in-conclusão repetindo o que foi dito e o que não foi dito, acabando e não acabando, mas também silenciado. O silêncio refletido desde a cosmopercepção africana e afro-brasileira é compreendido como potencialização de saberes, conhecimento oriundo da escuta da ancestralidade que há em nós, assim. O silêncio é aqui entendido como um “portal da tradição oral: é preciso olhar e escutar o silêncio antes da escrita. É a escrita da fala dos sentidos” (MACHADO, 2013, p. 20). Não é o silêncio oriundo da não permissão da fala, como o que foi imposto pelos “detentores do conhecimento”, pela colonização, é silêncio como potências de nossas escrevivências, pois, *nada nasce imune às nossas experiências, às nossas vivências, aos nossos sentidos!*

Assim sendo, escrevo desde experiências de silenciamentos e negação, vivenciadas por nosso povo, o negro africano, afrodescendente, em alguns espaços como o acadêmico e epistemológico... Escrevo desde o silêncio oriunda da cosmopercepção africana, de nossos modos diversos de perceber, sentir, fazer, tecido no Brasil pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento, em uma relação de potencialização máxima de nossas liberdades, fortalecimento do nosso ser / estar no mundo, ser / estar implicadas em um mundo melhor, afinal, outros mundos são possíveis, assim, potencializamos o bem-viver numa práxis contínua de libertação, de conquista de todos nossos direitos.

É fundante nos definirmos, desde nós mesmas e nossas construções comunitárias e espirituais, pois “as mulheres africanas possuíam [possuem] um aguçado sentido de valor próprio. A necessidade de reconstruir o legado da mulher negra provém de séculos de



desvalorização e da literatura que as definiu como vítimas” (BANKOLE, 2009, p. 258). É fundante acordarmos esse aguçado sentido de valor próprio tecido por nossas ancestrais. Assim, pensar / criar desde as perspectivas femininas é estar em diálogo com o caráter humanista do feminismo africano, “preocupado com o desenvolvimento ótimo de todos os seres humanos. As mulheres africanas compreenderam a estratégia de afirmar um princípio que fazia parte de sua tradição ética ancestral” (Ibid, 2009, p. 271).

Nesse sentido, “as mulheres africanas são humanizadas por meio das histórias por elas contadas, que têm como foco todos os aspectos de sua existência” (Idem). É necessário ouvir nossas sabedorias ancestrais, para fortalecermos o ser mulher que se forja

lutando com experiências profundamente racistas e sexistas. As mulheres levantaram sua voz quando puderam, definindo liberdades fora dos contextos de raça, gênero e classe. Para isso empregaram a ação direta, a palavra e o silêncio como armas alternativas ou integradas (BANKOLE, 2009, p. 273).

Somos tecidas pela complementariedade, por uma espiritualidade comunitária, desejo de promover justiça social: “as mulheres africanas observaram uma teoria afrocêntrica da libertação que impulsionou seu senso de dever perante a comunidade e orientou as suas ideias sobre feminilidade e a explicação de suas próprias experiências históricas” (Idem). Os saberes ancestrais femininos são implicados em “servir a comunidade a fim de atingir a liberdade e melhorar a qualidade de vida da população negra” (BANKOLE, 2009, pp. 273-274), servir e não servidão. Ancestralidade, comunitarismo, encantamento! A feminilidade feminina tece perspectivas de justiça social e potencialização de nossos saberes / viveres!

É fundante ouvir o feminino ancestral que há em nós, acordá-lo para potencializar nossa existência nesse mundo tão destruído por um modo de ser patriarcal e racista. Assim, com intuito de contribuir com essa escuta, faremos um breve caminhar sobre uma pequena história da compreensão da mulher pela filosofia ocidental, mostrando timidamente como as filosofias africanas tem muito a contribuir para a desconstrução do patriarcado, do racismo, da descolonização do conhecimento, dos sentidos.

7.1. Feminino na Filosofia Africana: breve caminhar

Falar desde o feminino é refletir desde uma perspectiva dialógica, desde o nosso direito de fala, nossa liberdade de expressão, construção e formação, de ser e dar sentidos, de criar, gerar. Desde o nosso lugar de criadora e de quem possibilita a existência. Sabemos que



historicamente o patriarcado criou a ideologia de gênero, numa perspectiva em que é dado fundamentalmente ao homem o direito de fala, assim, produziram-se discursos e apagou-se a fala das mulheres... Nesse sentido, entendemos que é fundante a existência do lugar de fala e de escuta, ou seja, a escuta sensível, que é o reconhecimento e respeito a todas as existências.

Discorrer desde o feminino é falar desde a interseccionalidade própria da nossa existência marcada pela opressão oriunda do racismo, de gênero, da sexualidade e da classe social. Muitos marcadores que nos oprimem cotidianamente. O feminino é coletivo, coletivo que fala, expressa a existência humana, cuida, cria, acolhe. Assim, a escuta sensível é fundante, pois tal escuta implica a potencialização da vida, saída da perspectiva destrutiva e autodestrutiva imposta pelo patriarcado que carrega consigo o racismo e a misoginia.

O feminino não é negativo, nem docilizado como deseja o patriarcado. O feminino é potência espiritual, ética, estética, política, cultural, social do direito de ser, de viver a energia feminina que há em nós... O feminino é insurgente! Encantador e Encanto! Ancestralidade ontem, hoje, amanhã... A identidade feminina segue em construção, desmontando modelos patriarcais, machistas.

O feminino é a possibilidade de ser. O feminino é encantado, por isso tem a ampliação de nossa liberdade e do bem-viver como preponderantes em suas tessituras. Implicação com nosso existir. Nosso contexto é a cosmopercepção africana em diálogo com a filosofia, pois a filosofia africana e a filosofia africano-brasileira nascem do encantamento! Da potencialização do criar, do gerar, do permitir ser, da ampliação da nossa força vital, da ampliação do feminino que há em nós!

Assim, pensar desde essas filosofias é refletir desde outros lugares, desde uma cosmopercepção comunitária, é teorizar / criar / fazer desde o corpo inteiro, sentimentos, ações, razão... é criar / teorizar contra uma hegemonia machista que supervaloriza o “racional”... é tecer saberes com cuidado, para o cuidar, desde o cuidado, sempre em relação, em respeito e desejo pela existência da Outra, mudanças de paradigma. Cosmossensações!

A filosofia é um lugar de criação, criação de mundos delineados por escutas e percepções sensíveis, tecidas por reflexões críticas. Assim, pensamos essa filosofia delineada por vozes femininas, demarcada por uma indisciplina própria do nosso modo de sermos múltiplas, sagazes... da nossa liberdade de gerar, criar, aprender, ensinar, errar, recomeçar, recomeçar, sentir, ser, cuidar, de nossas fases traçadas junto à natureza. Onde o cuidar aparece como potencialização das existências e não como abnegação. Assim, é nos apaixonarmos, nos encantarmos pelo o que fazemos sem diminuir outros fazeres, como é a violência simbólica



própria do pensamento vigente. Encantamento pela flexibilidade própria do nosso modo de ser / fazer / estar no mundo! Não há intenção de pensar um feminino que exclui o masculino. Portanto, é importante compreender, como a burquinense Sobonfu Somé (2003, p. 48), que

ser mulher não significa que a pessoa não tem nada a ver com a energia masculina. Da mesma forma, ser homem não quer dizer que a pessoa não tem nada a ver com o feminino. Vaginas e pênis não são as únicas coisas que definem nossa natureza sexual. Nossa vida é influenciada pela presença, dentro de nós, das energias masculina e feminina. É importante que essas energias estejam em harmonia dentro de nós.

Somos energias criativas e é fundante potencializarmos todas essas energias, harmonizando, entendendo que feminino e masculino são plurais, abertos, complementares, um não é superior ao outro.

O feminino é a possibilidade da existência de uma comunidade e também é quem possibilita sua continuidade. A mulher representa a vida que há em cada uma de nós, em cada ser existente. O feminino é a potência do cosmoencantamento.

7.1.1. Breve Andanças: o Feminino na História da Filosofia

A nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2004, p. 01) diz que uma das características da chamada era moderna “é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre comportamento humano, história, sociedades e culturas”, o que implica que seus “interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais, categorias sociais” (Idem) acabem por dominar a escrita de nossa história, promovendo o grande problema que é a “racialização do conhecimento” (Idem), onde a Europa coloca-se como única fonte do conhecimento, assim os europeus (homens cis brancos) são os únicos capazes de conhecer, de aprender, onde o resto do mundo é colocado à margem, negando, inclusive, a capacidade dos povos africanos de adquirir tal conhecimento (MACHADO, 2011, 2012, 2014). Assim, o

processo de exclusão o crivo da racial, ou o dispositivo de racialidade/biopoder, como chama a filósofa Suely Carneiro, decide quem deve viver ou morrer. Nesse processo a morte do pensamento, o epistemicídio, é utilizado como estratégia de proteção do grupo hegemônico, pertencentes da raça branca, em detrimento daqueles que são deixados para morrer, a raça negra. Esse mecanismo faz parte de um contrato e após



esse contrato entrar em vigor a epistemologia hegemônica controla a produção e a legitimação do conhecimento, assim como a necropolítica controla e administra a política da morte. (PESSANHA, 2018, p. 44).

Negando a própria humanidade de outros povos, fundamentalmente, os africanos, justificando, assim, a colonização a que grande parte do continente fora submetida. Negando, também, o lugar da mulher nessa construção do conhecimento, na produção epistemológica, cultural e social, pois “a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação” (hooks, 2017, p. 44).

Desse modo, a descolonização está implicada em uma ação contínua no intuito de mudarmos essas perspectivas, de destruir tal falácia, daí que “este contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 01), digo que não apenas as realidades africanas, mas também da sua diáspora e da América Latina. É necessário, também, desconstruirmos, destruir a falácia de que foram os homens que construíram a história, pois “o privilégio do gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade” (Idem). Mais, “o uso do masculino genérico para designar humanidade reduz automaticamente a existência de mulheres à não existência” (KILOMBA, 2019, p. 108), e as mulheres negras a não existência da não existência, a negação da negação, o *outro do outro*, o *não ser do não ser* (CARNEIRO, 2005; ROCHA, 2014).

Entretanto, nós mulheres negras somos força, potência, voz e ação dentro de todos os processos de construção do conhecimento, de saberes, de cultura... Somos fundantes na construção de tudo o que existe. Sem a mulher não há vida! Assim, não apenas a estrutura do conhecimento deve ser mudada, mas também o modo como tal estrutura é escrita, perpassada, falada, pois que “o epistemicídio opera em estreita consonância com o dispositivo de racialidade na afirmação da hegemonia branca masculina na filosofia, e na deslegitimação das mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico” (ROCHA, 2014, p. 15).

É importante frisar que entendemos nossa diversidade, pois “não somos todas iguais, nem somos completamente diferentes. Contrariando as vozes que o racismo e o machismo propagam, afirmamos aqui nossa Humanidade. Nossas similitudes portanto”. (WERNECK, 2006, p. 09). Assim, falamos desde vozes e experiências plurais que tem o ser feminino como fundante... Mulheres encantadas e lutadoras, vozes encantadas que buscam potencializar o bem-viver, criar mundos, outros mundos, onde a ampliação e afirmação da liberdade, da ancestralidade são preponderantes, mesmo sabendo que a sociedade patriarcal em que vivemos considera que



mulheres tão empoderadas são perigosas. Então somos ensinadas a separar a demanda erótica de quase todas as áreas mais vitais de nossas vidas além do sexo. E a negligência às satisfações e fundamentos eróticos de nossa práxis se traduz em desafeto por grande parte do que fazemos. (LORDE, 1984, on-line).

Nesse sentido, o intento dessa tese em trazer reflexões breves sobre descolonização dos sentidos (ser / fazer / aprender / ensinar / conhecer / sentir), de afeto, implica-se numa busca de contribuir com uma mudança de paradigmas, de descolonização teóricas, metodológicas e curriculares, educação engajada e libertária, pois “as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática da liberdade” (hooks, 2017, p. 45). Desse modo, buscamos “o reconhecimento da diversidade cultural”, “repensar os modos de conhecimento”, “desconstrução das antigas epistemologias”, “transformação [...] de como ensinamos e do que ensinamos” são revoluções necessárias (Idem), onde

todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade. (hooks, 2017, p. 50).

Nesse sentido, busquei e sigo buscando realizar tal intento desde construções epistemológicas, poéticas, ancestrais, de mulheres que tecem o aprender cotidiano, dialogando com a filosofia africana, a filosofia africano-brasileira que, por sua vez, é tecida pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento, dialogando com a compreensão de Evelyn C. White (2006, p. 07) de que:

O que os colonizadores não entenderam foi a profundidade das nossas alianças. Quando nos arrastaram da África para os portos do Haiti, Jamaica, Cuba, Mississippi e Brasil, não sabiam que nossos corações separados continuariam a bater como se estivessem em um só corpo. E que nossas vozes, mesmo fraturadas, continuariam cantando uníssonos.

Nossas raízes ancestrais seguem pulsando e cantando! Assim, em se falando de filosofia, parto da compreensão de Aline Matos Rocha (2014, p.105) de que “a filosofia habita sobre um solo reflexivo, que nos coloca em um constante estado de inquietude diante do que nos é apresentado, propiciando um confronto conosco mesmo/a e o Outro, na tentativa de realização plena do humano”. Deste modo, “sob essa perspectiva, a filosofia não pode se furtar de colocar a si mesma no centro de suas reflexões, confrontando sua produção de conhecimento, seu currículo e ensino” (Idem), assim, colocarmos a filosofia em xeque, resulta, também, em colocarmos o patriarcado, o machismo, o colonialismo, a negação do Outro, negação de fala,



que tanto são em seu fazer... Portanto, é imperativo pensar / gerar / criar / fazer filosofia desde outros lugares de fala, desde existências coletivas, culturas locais, desde vozes negadas, como as vozes femininas, numa perspectiva de mudança da estrutura dos conhecimentos vigentes. Pois que a existência é perpassada pelo feminino.

Mais do que nunca é necessário compreendermos o conhecimento, as sabedorias como plurais, diversas, nesse sentido, potencializar, divulgar as produções femininas, a produções de mulheres é fundamental para se questionar e desconstruir os chamados cânones do conhecimento, os teóricos da Europa e Estados Unidos, as teorias coloniais e machistas. Pois, “as bases ideológicas que situam a mulher como inferior e submissa vêm de muito longe” (THEODORO, 1996, p. 45) e não é africana e nem indígena. Na filosofia ocidental “a figura masculina ainda aparece em lugar de protagonismo, baseando-se em teorias arcaicas de que a mulher é intelectual e biologicamente mais fraca do que o homem” (SIQUEIRA, 2017, p. 217). Essa criação de uma

identidade negativa para a mulher vem desde os mitos de criação¹⁰¹: Eva é feita a partir de uma costela de Adão, suprimindo, porém, uma necessidade do homem, que não deve ficar sozinho! [...] simboliza a tentação, além de ser considerada a responsável pela perda do paraíso terrestre. (MONTEVECHIO, 1991 *apud* THEODORO, 1996, p. 45).

Helena Theodoro (1996) faz uma breve relação da mulher na filosofia ocidental. Segundo ela, Platão no “*Timeu*, sugere mesmo que a mulher teria sido a reencarnação da alma de um homem que, em vida anterior, tivesse dissoluto e que agora recebia castigo” (1996, p. 46). Aristóteles em *Política I*, afirma que “na relação homem-mulher, ambos se ajudam mutuamente, sendo o homem o beneficiados e a mulher a beneficiada” (Idem), na *Política VI* ele afirma que “a vasta maioria dos seres humanos (entre estes os escravos e mulheres) deve viver para servir a uns poucos privilegiados” (Idem). Tais afirmações mostram não apenas seu machismo, como também seu racismo. Helena Theodoro afirma que

as posições de Tomás de Aquino, apoiadas em Aristóteles, influenciaram profundamente o pensamento renascentista sobre a mulher, consolidando a condição de inferioridade da mesma, explicada por várias vias. Os pontos essenciais do Tomismo, segundo Abbagnano (cf. Abbagnano, 1982) foram considerados e defendidos pelas correntes medievais e modernas, sendo que no final do século 15 o foco das diferenças entre o homem e a mulher sai do plano físico para o psicológico, em função de reflexões tomistas em torno da inferioridade física feminina.

Já Jean Jacques Rousseau dizia que ser mulher “significa ter uma condição esquizofrenizante, pela dicotomia entre ser *santa e tentadora*, arquétipos femininos antigos,

¹⁰¹ Gregos, cristãos.



personificados em Eva e Maria, na tradição judaico-cristã” (THEODORO, 1996, p. 46). Segundo Helena Theodoro (Ibid, pp. 46-47), em

Emile, situa a família como sagrada e consagra a fragilidade do sexo feminino, criando uma certa monarquia doméstica, decretando a incapacidade civil da mulher, além de apresentar três pontos justificadores do *pater familias* (cf. Saporiti, 1985): 1º - deve haver uma autoridade final para decidir no caso de haver divergência de opinião; 2º - a mulher, por sua função na reprodução, é inferior ao homem; 3º - é indispensável que o homem tenha autoridade sobre sua mulher para ter certeza de que os filhos dela são seus.

São pensamentos como esses, dos chamados “cânones” da filosofia, que permeiam nosso cotidiano, que fundamenta a sociedade atual. Supervalorização do masculino e hipervalorização do feminino, onde

as mulheres carregam as condições determinadas historicamente pelos homens, sendo possuidoras de vários defeitos: histérica, faladora, caprichosa, frágil, incoerente, passiva, medrosa, fútil. Já os homens são sempre vistos como criativos, decididos, lúcidos, combativos, organizados, objetivos, amantes da ciência etc. (THEODORO, Ibid, p. 47).

Sabemos que há comunidades anteriores a colonização que compreendem o feminino e o masculino como complementares. Helena Theodoro (1996, p. 47) traz Blanca Montevechio que apresenta estudos de Margaret Mead

em três tribos chamadas de *primitivas* apresentam definições de comportamento feminino e masculino completamente opostos aos que hoje usam no chamado *mundo civilizado*, sendo que a estrutura social prescreve uma série de funções para o homem e para a mulher como próprias e naturais de cada gênero, bem como expectativas de feminilidade e masculinidade complementares, ligadas ao desenvolvimento individual, além das opções de valores apresentadas em função da situação vivida por cada um na comunidade. Não existem atitudes consideradas negativas para as mulheres e positivas para o homem.

As entrelinhas dizem muito do sagrado que há em nós, entrelinhas do que a colonialidade tentou apagar, sufocar, mas que está em nosso íntimo. A sabedoria da complementariedade própria da natureza do ser africano, tecido pelo feminino ancestral. Um feminino sagrado, ceio da vida. Um feminino que constitui as mulheres que tecem, costuram, crocheteiam, bordam a teia da(s) nossa(s) existência(s).

O pensamento ocidental, patriarcal, racista, precisa compreender que é “preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos”¹⁰², pois

Eu diria que as mulheres negras estão mobilizadas desde sempre, mas esse protagonismo não era apontado, não era reconhecido. Se eu conto a história, por exemplo, de minha mãe, de minha tia e de outras mulheres negras que me

¹⁰² Duzu Querença em *Olhos D'água*, Conceição Evaristo.



antecederam, você vai ver que, a partir dos seus espaços de vida, essas mulheres se posicionam e sempre se posicionaram, de uma forma ou de outra. Se você for pensar na memória ancestral brasileira, por exemplo no candomblé, as grandes guardiãs foram as mulheres, as grandes mães-de-santo, as grandes cuidadoras de orixás são mulheres. Então, me parece que essa movimentação, essa atuação, essa procura de formas defensivas, de formas de resistência e também de formas de ataque, as mulheres negras construíram isso ao longo dos séculos. E hoje esse protagonismo é reconhecido através da nossa própria imposição. De um modo geral, o que nós conquistamos não foi porque a sociedade resolveu nos abrir a porta. Foi porque realmente forçamos a passagem. (EVARISTO, 2018)¹⁰³

Nossos novos / velhos tempos estão tecidos por uma ancestralidade viva! Encantada! Feminina!

7.2. Aprendizados / Cuidados Ancestrais

*Sagrado é a escuta de nós mesmos, dos ancestrais que nos habitam
Somé.*

Esses aprendizados são anunciados por experiências / vivências que emergem de uma cultura plural, orgânica, que tem o ser humano e a natureza como fonte. Aprendizados orientados por princípios coletivos, ancestrais, horizontais, encantados, ainda que lutem continuamente pela vida. Aprendizados tecidos, crocheteados pela arte de aprender / produzir / criar / gerar e compartilhar / dividir / doar, circular... Encruzilhadas de sentidos, de aprender e compartilhar saberes, para nos curarmos, pois vivemos em um mundo doente. Makota Valdina Pinto (2018, fonte oral), uma grande ancestral nos ensina que desde as cosmopercepções africanas:

A gente vive o tempo todo num processo de autocura e interagindo com o outro. Curando e sendo curado. Então, quando se joga capoeira, quando se dança o candomblé, quando se dança o samba a gente tá interagindo e a gente está segurando, esse é um processo de cura. A gente, mesmo que a gente diga assim: ah, estou saudável, não preciso de médico, mas a gente tá doente porque a gente vive num ambiente doente. Todo ambiente que tem injustiça, que tem discriminação, que tem exclusão é um ambiente doente. O mundo é doente. O mundo é doente quando não agrega, quando poucos têm muito e muitos têm nada. Isso é doença, isso é desequilíbrio, isso é a falta do equilíbrio do *Kalunga*...

Quase todas as vezes que fui para o Quilombo Água Preta no ano de 2018 fui em momentos ruins, depois de acontecimentos que me deixaram fragilizada e triste diante da vida, mas descobri em Água Preta um lugar de cura! O lugar (espaço, território, natureza) e as

¹⁰³ https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passagem.html?utm_source=facebook



peçoas. Em junho de 2018 fui em um sábado, cheguei bem depois do previsto, pois o carro em que eu ia deu problema e atrasou muito a viagem o que impossibilitou o início das atividades propostas (Oficina de Máscaras Africanas e dos Adinkras) no sábado à tarde. Ao chegar muitas pessoas me esperavam, preocupadas também, pois não havia conseguido comunicar o atraso em virtude da linha de telefone na comunidade ser ruim. O atraso da chegada proporcionou a decisão de que realizaríamos a Oficina no dia seguinte. Nesse dia um amigo, e amigo da comunidade, também foi (a meu convite). A noite fomos para uma atividade organizada pela comunidade, comemos macaxeira assada numa das 13 fogueiras que iluminavam a *rua principal* da comunidade e conversamos muito. Ao deitarmos para dormirmos meu amigo me ouviu, acolheu minhas lágrimas e minhas dores, cuidou de mim por toda a noite. No dia seguinte não acordei bem, Dona Toinha preocupada fez chá de ervas que cultivava em seu quintal (um lugar onde costumo ficar sempre que vou lá), perguntou se eu queria cancelar a atividade e durante a atividade *me cuidou* o tempo todo, com olhares que me perguntavam se eu estava bem, cuidando da minha alimentação... E envolvendo todas as pessoas participantes com esse cuidado.

Ao anoitecer Dona Toinha precisou sair para ir à igreja e perguntou se eu queria ir, ao preferir ficar “em casa” (sim, sinto-me em casa quando estou no Quilombo, quando estou na casa de Dona Toinha), ela perguntou se seria tranquilo ficar sozinha. Eu disse que não teria problemas, até porque eu tinha certeza que não ficaria sozinha. E assim foi, quando Dona Toinha chegou eu estava em casa com várias crianças e adolescentes (muitos seus netos e sobrinhos) e com Agricelha. Ela riu e disse: bem que você disse que não ficaria sozinha. Assim é em Água Preta. As pessoas e a comunidade cuidam de mim... A cura é comunitária! Pois, como nos ensina nossa ancestral encantada Makota Valdina Pinto (2018, fonte oral, grifos meus) **“uma pessoa, não é só uma pessoa, aquela pessoa tem de história, de ancestralidade, de tudo que vem até chegar naquela pessoa”**. Somos uma comunidade inteira. Só somos em comunidade. Uma comunidade ancestral:

Não sou eu, não é você, é algo que transcende a mim, a você. Eles estão aqui presente, essa minha ancestralidade que eu tenho preservada está aqui comigo. Mas, está aqui (no espaço), você não vê, eu não vejo, não toca, mas eles estão presente hoje, da mesma maneira que há séculos atrás. Eu acredito! (Idem).

Eu acredito! Ouvir nossa ancestralidade é um ato de cura cotidiana... é preciso silenciar para ouvir, para dizer o que essa ancestralidade tem a dizer, a ensinar, a contar. É essa ancestralidade que nos prepara e nos ensina a lutar contra as grandes e constante ameaças que nos rondam, que rondam a nossa cultura. Makota Valdina Pinto (2018, fonte oral), nos diz:



Eu acho que a grande ameaça é a constante e as diferentes formas que ao longo dos séculos vem se expressando no sentido de fazer com que extermine a essência africana na humanidade, mas eles esquecem que com todos os trejeitos e jeitos que tem como ameaça de extensão disso tem algo que transcende o *mntu, os bantus* e faz aqui ali, acolá como que elos sejam reatados, embora alguém venha e parte o elo. O elo pode estar partido visivelmente, mas invisivelmente o elo é inquebrável e podem existir n meios, que eu não sei quantos e nem quais, mas que faz com que *mntus* reatem e formem novos elos nesse plano que a gente vive, contrapondo a essas ameaças. Nós somos ameaçados, mas cada vez que dois se juntam começa um elo inquebrantável. Eu acredito! É uma grande ameaça sim, mas a gente não tem que temer essas ameaças e deixar de criar os nossos jeitos que só nós podemos encontrá-los, ainda que não tenham em livros, ainda que não falem, ainda que nos neguem, a gente descobre. *Nzambi e os inquices* põem em nosso caminho.

O invisível nos aponta os caminhos, as encruzilhadas que potencializam o nosso estar no mundo, estar inteiras, conhecer-se. Pois, é fundante ser em vez de ter, posto que

quando você envereda pelo caminho de ter coisas, você é muito empobrecido do seu ser e quando tem ausência do ser, tem a ausência do autoconhecimento, da humildade, não da humilhação, mas da humildade de você ser grande sabendo ser pequeno. Eu, a minha máxima para a minha vida, porque **eu aprendi que só se é realmente grande é quando você sabe ser sempre pequeno**, você nunca tá no mais, quando você tá no mais você não presta para a vida, você tem, mas tem alguma coisa a mais, poderá ou não alcançar, mas sabendo que tem sempre algo mais e que diante do tudo e do todo, que pra mim é *Nzambi*, só ele é o tudo e o todo, ou ela, porque a gente sempre fala ele, de repente é ela [risada gostosa]. Isso é a visão ocidental, de repente não é ele e nem ela, é! É o mistério. [...] vive mal quem não acredita em mistério... Ciência para mim já era, ciência tem que explicar tudo, tem coisas que você acredita ou então já era. **A vida é um mistério. Viver é um constante mistério e cada um tem que descobrir o seu mistério do seu viver. Quando você começa a pensar nisso já é alguma coisa**, já é alguma coisa. (MAKOTA VALDINA PINTO, 2018).

O cosmoencantamento é oriundo desse mistério e é mistério. É desde cosmoencantamento que descobrimos o nosso encantamento, qual o mistério da vida que nos dá sentido, que nos implica e nos ensina a sermos pequenas. O mistério tece nosso modo de estar no mundo, é uma dança, uma transa, um abraço, a voracidade do conhecer, ser, aprender, ensinar, saber que nunca sabemos e que sempre podemos aprender mais. O cosmoencantamento é a teia que nos liga ao cosmo, à vida.

Os aprendizados ancestrais são as formas como nos relacionamos com o mundo, como aprendemos a ouvi-lo e assim a nos ouvir e ouvir quem nos permite ser: as Outras pessoas, a natureza, a ancestralidade. Aprendizados que nos ajudam a cura contínua de nós mesmas, mas desde esse sentir / ser / fazer coletivo. Por isso, a busca contínua de desconstrução das injustiças, do racismo, do sexismo, da xenofobia, de todos os tipos de discriminação e exclusão.

Escrever filosoficamente desde o pensamento feminino é uma proposta de fortalecimento de nossa ancestralidade e potencialização do nosso viver, encantamento do mundo, cura. Interrogamos a naturalização e universalização do privilégio masculino e como



isso perdura enquanto ordem do pensamento e da própria existência... Potencialização do nosso viver, encantamento da nossa existência, pois o fortalecimento de nossa ancestralidade nos mostra que tradicionalmente somos oriundas de uma cultura tecida, crocheteada, bordada desde o princípio da senioridade, não se baseando em gênero ou na anatomia do corpo. A hierarquia é respeito e devoção ao tempo e não a anatomia do corpo... hierarquia de saber / viver. Tempo é sabedoria e respeito à natureza e a potência de um corpo de sentidos, corpo inteiro.

Não faz sentido, além de ser adoecedor uma perspectiva destrutiva contar nossas histórias, nossos pensamentos e construções epistemológicas desde uma perspectiva única e masculina, distorcendo tradições baseadas em outros sistemas, como a Iorubá que está baseada na senioridade, criando hierarquias de dominação, exclusão, eliminação. Contar uma história inventada sobre nós.

A proposta defendida e apresentada aqui se implica na valorização, no respeito e potencialização de nossa ancestralidade africana em muita construída pela cultura Iorubá... É uma abordagem plural e não pautada em gêneros, desse modo, privilegiamos o feminino, numa perspectiva de igualdade de direitos, numa perceptiva de saída de uma hierarquia machista, masculina, patriarcal. Feminino como plural, pois o feminino é materno!

O povo negro luta dia após dia, em nosso cotidiano e modo de ser, pelo reconhecimento e respeito pela nossa cultura e é fundante compreendermos que dentro dessa luta a mulher negra é

Um feixe de possibilidades e de força criativa, terra fértil que guarda a semente pronta para germinar, como a vida que se espalha, em plenitude total e dinamismo incessante, oriunda de nossos antepassados, que a receberam de Olorun Deus supremo – para a comunicar e defender. É o direito de ser, de deixar de ser, consciência plena de cada um, do outro, de suas raízes e de sua história. (THEODORO, 1996, p. 142).

A mulher negra é possibilidade da existência, além do elo entre a realidade atual e a ancestralidade, por meio da preservação, transmissão e potencialização de nossas tradições.



7.2.1. O bordado, a costura, o crochê, a teia que não finda

*Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida.
Da mulher emana a força mágica da criação.
Ela é abrigo no período de gestação.
É alimento no princípio de todas as vidas.
Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra.
Paulina Chiziane (Eu, mulher - por uma nova visão do mundo).*

Os saberes ancestrais femininos propõem que nos autorizemos a construir nossas próprias histórias, a re-construí-las, contar sobre nós mesmas, desde nossas vivências, experiências e sentidos... que nos autorizemos a apresentar, tecer, bordar, crochetear, pintar, anunciar nossos conhecimentos, nossos saberes... anúncio, canto como resistência, re-existência, desafio cotidiano, desconstruções, transições, transformações, encantamento... Tempo nos ensinando a compreender a natureza, o território... Invisível se fazendo visível, dançando, seduzindo... o erótico subvertendo padrões machistas, colonizadores, desconstruindo falácias, pois

fomos ensinadas a desconfiar desse recurso [erótico], que foi caluniado, insultado e desvalorizado por pela sociedade ocidental. De um lado, a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram induzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder. (LORDE, 1984, on-line).

O erótico em nós é força de resistência, pois nosso corpo é resistência, potência e

O erótico não é sobre o que fazemos; é sobre quão penetrante e inteiramente nós podemos sentir durante o fazer. E uma vez que saibamos o tamanho de nossa capacidade de sentir esse senso de satisfação e realização, podemos então observar qual de nossos afãs vitais nos coloca mais perto dessa plenitude. (LORDE, 1984, on-line).

Resistência feminina e negra... resistência como potência da vida, encruzilhadas nos ensinando a entender a as possibilidades diversas de criação e resistência, potência para o criar, re-criar! O viver intensamente, desde a escuta sensível, escuta de nosso íntimo, pois

quando começamos a viver desde dentro pra fora, conectadas ao poder do erótico dentro de nós e permitindo que esse poder preencha e inspire nossas formas de atuar com o mundo que nos rodeia, então é que começamos a ser responsáveis por nós mesmas no sentido mais profundo. (Idem).



Escrita, propostas oriundas da escrita do meu próprio eu tecido por tantos outros eus... eus meus e em mim, ancestrais bordando resistências e modos de fazer / resistir / criar. Ainda aprendendo, ouvindo, engatinhando no chão dos ancestrais que darão meu nome. Um corpo em construção e des-construções constantes, corpo como território de resistência, de re-existências. Escrita repetitiva, pois é fonte da oralidade lida, ouvida, sentida... Tem o corpo como suporte de vivências, experiências e sabedorias, um corpo que cria textualidades, que tecido por diversos fios cria tramas complexas e únicas, entretanto, sempre em um coletivo, reinventando a vida, potencializando o encantamento. Corpo ancestral alimentando o cosmoencantamento, pois não nos reduzimos a um modo de ser único, a uma única explicação de mundo, de origem, de nós mesmas, somos diversas! Vivemos em processos constantes de desconstrução, transição, transformação e encantamento, tempo, espaço, natureza! Nem sempre é possível traduzir o que pensa / sente / quer dizer, assim como nem sempre sabemos dizer o que aprendemos... ou desaprendemos!

...a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, p. 37).

A ancestralidade é a trilha da liberdade, liberdade de corpo inteiro! Expansão do nosso eu (coletivo) profundo em um processo contínuo de descoberta e cura das dores do mundo. Conhecimento entendido como ato de amor e este compreendido como “uma combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (hooks, 2003), pois para seres encantados por sua ancestralidade “o ato de conhecer é um ato de amor, o ato de entrar e abraçar a realidade do outro, de permitir que o outro entre e abrace a nossa” (Idem).



7.3. SOMOS ÁGUA: sabedorias ancestrais femininas tecendo a filosofia africana – estéticas de re-existência

*“Pés descalços em contato com a terra sagrada...”
Aidil Lima, 2017, p. 24.*

Falar de filosofia africana, de uma filosofia africana tecida desde a ancestralidade na diáspora, desde o encantamento, desde uma filosofia africano-brasileira, é compreender essas epistemologias como descolonizadoras, desde a percepção de que são como comunidades, aquilombamentos, que constituem espaços orgânicos de organização, resistência, valorização, promoção e celebração da vida, pois como disse Vanda Machado (2017) em nossa com-versas na cozinha, “quilombo é o lugar onde foi inventada a liberdade brasileira” e onde continuamos a potencializar nossos modos de estar no mundo. Potencialização da vida, encantamento! Pois, disputamos, epistemologicamente, ao dizermos filosofia africana, a própria humanidade das pessoas africanas e de sua diáspora que por tanto tempo foram, e ainda são, negadas. Nesse sentido, nesses espaços aquilombados, sabemos que as mulheres são as grandes mantenedoras e potencializadoras das tradições culturais e espirituais africanas em terras brasileiras, mantendo-as, garantindo-as, além de serem as grandes representantes da vida, da existência, do axé.

Os espaços de aquilombamentos são lugares do cotidiano que fortalecem nossa ancestralidade e potencializam nossas escrevivências, pulsadas por nossas experiências. Aprendizados diversos, também tecidos por portas fechadas e por portas abertas pelas andanças e aprendizados com nossas mais velhas... A ancestralidade abre as portas da / para nossa existência... e no seu próprio tempo, pois tudo tem o seu próprio tempo!

As filosofias africanas presente nos aquilombamentos são espaços educativos que mantém nossas tradições e culturas, transmitindo e preservando nossas memórias ancestrais, nossas práticas de solidariedade, de cuidado, de respeito à natureza e às mais velhas, de respeito pela espiritualidade e religiões diversas, cura pela terra, pelas plantas, pela natureza...

Essa tese foi e é tecida pelas encruzilhadas dos meus terreiros, os terreiros em mim, os terreiros por onde passei, por onde passo, por onde passarei e os terreiros que passaram por mim, que passam e que passarão... passarinhos! Como toda encruzilhada ela tem muitos caminhos e caminhos de muitas possibilidades, por isso ela está inacabada, ainda em potência criativa e inventiva. Ela traz em si o que sou e as muitas possibilidades do que posso ser... É circular, talvez dê muitas voltas em torno de um mesmo sentido, certamente não conclui uma



série de proposições. É assim, escrevivências crocheteadas por experiências tecidas na minha pele que não é da cor da noite, mas que carrega em si a cor da noite... pele negra tecida por ancestrais pretas, afinal *nossos passos vêm de longe*.

E o *feminino*, o que é? Acho que é (são) a(s) possibilidade(s) da existência, possibilidades criativas e afetivas. Somos água..

A água doce possibilita a vida também através da cura. Oxum com seu espelho, traz a importância de curarmos a nossa auto-imagem e auto-estima enquanto negros. [...] Precisamos então mergulhar-nos inteiros nas águas doces, para acessarmos a cura, que é a conexão entre corpo, mente e espírito. Precisamos resgatar nossa imagem, levada pelos processos de desencantos do mundo Ocidental. Machado diz que o encanto é a capacidade de dar sentido ao mundo e que o “encantamento é a função da liberdade” (MACHADO, 2014). Portanto, ao recriarmos o nosso amor próprio, que em contato com as águas de Oxum encontramos, estamos então libertos das correntes colonizadoras, estamos enfim, curados. (RICARDO, 2018, p. 24).

Sabedoria de potencializar a vida pautando-se no bem-viver coletivo!!! O feminino é a potência da reinvenção... da criação, do re-criar, ressignificar, do erótico. Como a água que se transforma, que forma, que flui, que dá vida... O feminino é o ser de corpo inteiro, desde o útero, desde a possibilidade de toda e qualquer existência humana... Sabedorias fonte da própria vida.

A compreensão de um tempo outro, tempo este que se dá de modo integrado, somos uma teia, onde passado e presente são um movimento único. Nosso presente só existe por que houve um passado, atualização contínua, sentidos! Nossa história é potência, vivência, experiência, é sentido... é movimento de cada coisa dentro de um todo, respeitando as singularidades, as diversidades em meio a unidade.

Nossa origem é o círculo, esse círculo que é a barriga de nossa mãe... que durante nove meses nos acolhe... a circularidade é, pois, um padrão da cultura tradicional africana. O círculo não exclui e suas primeiras características são a integração e a horizontalidade. O que entra no interior de um círculo já o compõe. E tudo que compõe um círculo está integrado em roda, onde cada elemento se relaciona com o outro, complementando-o. Talvez por isso a cultura oral, praticada embaixo de frondosos Baobás, nas canções dos *Griots*, não separe ciência de arte, política de religião (OLIVEIRA, 2007, p. 265). Essa barriga que nos acolhe quando estamos nos preparando para estrear no mundo é repleta de água... simbiose com o mundo que está fora e como ele é sentido por nossas mães... somos complementos...

Ancestralidade e encantamento são filosofias que tecem PERTENCIMENTO. Pertencimento é construção, formação... é descobrir o que está inscrito em nós, em nosso íntimo. É entender nosso eu interior, nossos sentimentos, nossa intimidade, e compreender o



mundo, a vida desde esse pertencimento. Sair do não lugar, do não ser, sempre em uma perspectiva coletiva. Pois que definimos nossa existência pelo comunitarismo e justiça social:

Uma das mais elevadas formas de feminilidade *Africana* [e afrodiaspórica] era – e é – servir a comunidade a fim de atingir a liberdade e melhorar a qualidade de vida da população negra. A história das mulheres negras denota que a verdadeira feminilidade *africana* não se realizar sem o serviço à comunidade. (BANKOLE, 2009, pp. 273-274).

Somos a continuidade de uma “força majestosa”, como afrodescendentes recebemos “uma herança de feminilidade que, desde o início, nunca foi definida pelos atributos subjetivos de pureza, fragilidade e vulnerabilidade (ou seja, dependência), mas sempre pela autodeterminação orientada para a ação” (Ibid, p. 274). Somos frutos de um legado de força e “essa história persistente preenche volumes e está contida na sabedoria atemporal dos provérbios, adágios, assim como na filosofia de nossas avós” (Idem).

Minha avó paterna Genuína (que está no início desse texto) me dizia como muita frequência: seja sempre você mesma, sempre verdadeira. Ela também me ensinava a sentir a natureza, a ouvi-la e entender o que ela nos ensinava... Ela trazia muitos ensinamentos em meio a brincadeiras no caminho para o rio onde nos banhávamos e de onde carregávamos água na cabeça para aguar o seu jardim. O jardim que nos dizia sobre as visitas que receberíamos pelo modo como o Beija Flor cantava e se ele se aproximava muito de nós... Minha avó: leitora, contadora de histórias no oitão de casa, bordadeira, costureira, crocheteira, artesã da vida... minha avó ouvia a natureza, aprendia e ensinava com ela. Vó Genuína era como a água daquele rio, visível e misteriosa, força, correnteza e calmaria.

Ser água é ter a perseverança como fonte e percurso, ser água é ter motivo pra seguir, resistir, re-existir... Somos rios de sabedoria e resistência.

O rio ensina que é preciso ser perseverante. Ele diz que é preciso encontrar um motivo para seguir adiante. [...] dentro dele tem uma voz que repete sem cessar que, se ele parar, jamais irá se encontrar com o grande rio, lugar de onde vieram nossos ancestrais e para onde voltaremos depois desta nossa existência. O grande desejo do rio é ser *rio*. Ele não quer ser outra coisa. E ele só não poderá sê-lo se abandonar sua verdadeira vocação. Acontecerá com ele o que acontece com todos os que, homens ou mulheres, abandonam sua missão: ficará doente, podre, fedorento. Água parada cria lodo, e a vida vai embora. (MUNDURUKU, 2017, p. 13)

Mulheres como fortalezas, porém, fortalezas de resiliência, que sofre, que tem dor, que sente, mas que agrega e nos salva, pois é uma resiliência perpassada pela ancestralidade, pelo encantamento pela vida... Fortalezas que mesmo com medo segue o caminho... nos permitindo ser. Mulheres em movimento.



Nos compreendermos como “ÁGUAS” é compreender que somos em travessia, em movimento... e a proposta é a reflexão e o impulso / encantar para realizarmos algumas travessias fundantes: mudar nossos paradigmas, sairmos de um cânone europeu, branco, masculino para um cânone onde o feminino aparece aliado ao humano, a potencialização da nossa humanidade, potencialização e compreensão de que só somos em comunidade... Travessias.

Falar desde o feminino é ter a espiritualidade tecendo nosso modo de ser / estar no mundo... Mundo visível, mundo invisível. O feminino é a potência da existência, assim a filosofia africana pauta-se pela ética do cuidado e está numa relação / ação contínua, com intuito de fortalecimento, cuidando, gerando e transmitindo a vida, respeito com o visível e o invisível, sempre perpassada pela ancestralidade que é o elo de ligação. Essa filosofia é muito maior do que a filosofia, mais abrangente, seria, na realidade, o pensamento africano que perpassa não apenas o continente africano, mas também a sua diáspora, está delineada pela história, pela antropologia, pela sociologia, pela economia, pela política, também pela literatura... Ou seja, é uma filosofia / pensamento perpassada pelo modo de ser estar no mundo dos povos africanos, numa relação circular, uma teia de aranha, onde nada está excluído.

Nossa forma de ser, enxergar, conhecer e sentir o mundo, desde o que está a nossa volta, pois pensamos desde o local para o global, ou um glocal. Desse modo, pensar desde essa filosofia, ou seja, desde outra cosmopercepção, é mudar o paradigma, ou seja, o modo de ser, estar no mundo, de pesquisar, de sentir, de conhecer, de dizer, de ler, de escrever, de dançar, de cantar... Fundamentalmente desde a humanidade das pessoas e essa humanidade é também um valor, uma ética. Ou seja, é uma filosofia biocêntrica! A vida é o centro, assim, a filosofia tem o intuito de fortalecimento, de cuidado, de gerar e transmitir vida.

Pensar desde as filosofias africanas em terras brasileiras é dialogar / aprender / ensinar / construir desde os valores culturais africanos, desde os saberes africanos e afro-brasileiros, numa perspectiva interdisciplinar, ou seja, em diálogo com a própria filosofia, com a literatura, com a sociologia, com a ciência política, a história, a geografia, a religião, estudos sobre a mulher, sobre raça e classe, no intuito de descolonização dos saberes, ou seja, a transversalidade em todas as áreas do conhecimento e da educação. Feminino!

Sabemos que gênero é uma construção social e histórica e é fundamental ficarmos atentas e atentos que a narrativa acerca da corporeidade (sexista) oriunda desde a interpretação social eurocentrada, desde a compreensão ocidental do mundo social é um discurso cultural, construído e não deve ser importado à outras culturas. O gênero como categoria universal e



atemporal é uma imposição oriunda do domínio, no sistema global, das culturas europeias e também estadunidense. Desse modo, tal categoria não pode ser desvinculada do determinismo biológico que sustenta o sistema machista e patriarcal de conhecimento do ocidente. Ou seja, o gênero é uma construção social que impõe a mulher como subordinada é uma perspectiva universal.

Pensamos desde a cosmopercepção africana e afrodiaspóricas, assim, compreendemos que a força feminina é a força da criação, do gerar! Brotando vida! Vida humana, vegetal, animal, terrestre. Pensamos a mulher desde o feminino, assim, não somos subordinadas, ao contrário, somos fonte e potência da e para a vida. Cosmoencantamento!

O cosmoencantamento tece essa tese que é como uma colcha de retalhos, como os vestidos, as bolsas, calças, tapetes e colchas de retalhos que minha mãe faz. Retalhos de mim, dos meus eus e dos eus que por mim andaram, que me por mim andam e que por mim andarão. Ancestralidade de ontem, de hoje e amanhã. Retalhos costurados por uma mesma linha. A linha do encantamento, da implicação com a vida, mesmo quando desencantada com (e pelo) o mundo. Como um bonito vestido de retalhos trago temas diversos e nenhuma das discussões estão acabadas, ao contrário, são totalmente inacabadas, talvez isso dê espaço para muitas críticas, desconstruções e até destruição do texto aqui apresentado, entretanto, é a potência dos retalhos, das costuras, dos bordados, dos crochês, que potencializam o modo de ser de uma cultura diversa, de uma filosofia tecida pela escrevivências da vida. O cosmoencantamento é um acabar e um inacabar contínuos.

Os saberes ancestrais femininos são tecidos pelo conhecimento de nossa natureza, da natureza que há em nós, conhecimento de nossos ciclos, da potência do criar, do poder do permitir a vida. Saberes ancestrais femininos é o conhecimento da água que há em nosso útero... Portanto, conhecer nosso corpo, nossas entranhas é movimentar a energia que há em nós e é do movimento que a vida se origina, que o conhecimento se dá. É conhecer a sacralidade de um corpo natureza. O exercício de pertencer ao mundo e ser grata pela vida, nos desfazendo diariamente das inferiorização que o patriarcado nos impõe, ter o conhecimento como cura, especialmente o conhecimento de nós mesmas assim potencializamos nossa força vital que nunca é única, pois carrega uma comunidade inteira. Somos o útero do mundo! Somos mulheres de fase... somos a maternidade, a fertilidade, somos o universo em relação com a natureza. E o conhecimento dessa natureza toda que há em nós assusta, pois ele é transformador.

Não existe filosofia africana sem o feminino! A ancestralidade é feminina!!! E a pedagogia da ancestralidade ensina esse retorno, retorno ao feminino como fonte principal da



e para a vida. Pensar a descolonização do conhecimento, dos sentidos desde o educar / filosofia mediados por currículos e metodologias afrorreferenciadas é tecer possibilidades criativas desde os saberes ancestrais femininos! Saberes encantados!

Essa tese é escrita para *celebrar a “mulher que dói a dor de ser”*:

Para as que vieram antes e usaram a fala, a escrita, a imaginação para burlar as regras e atravessaram o limbo. Para as que vieram, validaram suas experiências num processo real, crítica de resistência e revolução. Para aquelas que, hoje, sangram relacionamentos, solidão, medo, confinamento espiritual, perdas, exílio, violação, feridas, cicatrizes, dor. Para aquelas que proclamarão, a cada dia, o fim da exploração e da opressão e se moverão sobreviventes em direção à liberdade. (VIEIRA, 2011).

Tecer / bordar / crochetear a filosofia africana desde os saberes ancestrais femininos é ter a natureza dando sentido ao ser, à existência, a potência da vida em comunidade. É aprender a ouvir / sentir de corpo inteiro desde o chão que pisamos e que nos fortalece. Pensar / criar / aprender / ensinar a filosofia africana desde os saberes ancestrais femininos dialogando com metodologias e currículos afrorreferenciados é crochetear diariamente a descolonização de nossos modos de ser / fazer bordando modos outros tecidos pela ancestralidade e pelo encantamento, tecidos pelas águas que há em nós, que nos permite ser / existir / re-existir. É ser natureza!

As Senhoras!¹⁰⁴

De um útero ancestral brotam saberes
Nos crespos cabelos, escorregam as línguas de lá e de cá.
Pelas águas e ventos oceânicos, nos chegam as Senhoras.
Deusas negras de saias rodadas com tambores que batem dentro dos seios fartos
e alimentam mundos.
Com coração nas mãos sopram em nós, reles mortais, suas memórias.
Ciência maior não há!
Nas saias estampadas e rodadas moram os segredos.
Mulheres rios, por onde tudo nasce e corre, fontes de vida.
Cuidadoras dos mundos
Mulheres chão
Mulheres que não vivem em vão.
Deusas
Feiticeiras
Faceiras
Zeladoras dos espíritos
Mantedoras dos fios invisíveis
Que ligam cordões umbilicais simbólicos/reais dos que já foram,
dos que virão e dos que aqui, estão.
Mulheres células, átomos, grãos,

¹⁰⁴ Poema / presente da poeta Argentina Castro, recebido em 07 de agosto de 2019. O poema foi escrito para a tese desde o texto de conclusão da mesma.



barro, água, sal
frio, sol, combustão
vulcão em erupção
temperanças, mansidão
mulheres árvores e néctar
céu da boca onde moram estrelas.
Olhos d'água do mar, tanto filho pra criar!
Banho de folhas e muito asê pra nos salvar!
Benção minhas senhoras!
Rainhas cheias de imensidão, permitam o meu caminhar.
Que homens perversos, não me impeçam de sonhar.
Saravá!
Axé!
Oh Jurema!
Motumbá!!

Argentina Castro



AS ASAS DOS PÁSSAROS ENCANTADOS: UMA HISTÓRIA PARA A CRIANÇA DE CADA UM¹⁰⁵

Era uma vez lá onde hoje é a Nigéria, numa aldeia do povo *Iorubá*, num dia que estava amanhecendo mais devagar que os outros dias. O sol mandou primeiro a sua luz. Os raios viriam mais tarde. E a aurora ia devagarinho enchendo o mundo de luz. E as pessoas passando umas pelas outras diziam: *Kuawró*. E as outras respondiam: *Kuawró ô!* Estavam saudando a aurora e o outro.

O velho *griô* estava rezando há um longo tempo naquele nascer de sol. De todas as casas da aldeia, naquela manhã, ouviam-se batidas ritmadas das mãos de pilão quebrando grãos. O trabalho começava de madrugada em Ifé. Ainda hoje é assim no *Opó Afonjá*. Antes do nascer do sol, as velhas mães já estão de pé com as mãos nas folhas, no pilão e na panela.

As crianças estavam chegando no lugar combinado, nas plantações de *igi opé*, ainda se espreguiçando. Durante aquela noite elas dançaram em redor do fogo, dramatizando a dança das aves na criação do mundo.

O *griô* provocara a curiosidade das crianças dizendo que numa outra ocasião iria contar histórias dos orixás femininos que no princípio do mundo eram aves encantadas. O certo é que, até altas horas da noite, as crianças já recolhidas, ainda se ouvia elas rindo da dança da galinha dos cinco dedos em cada pé, e do pombo com o camaleão fiscal. Imaginemos a cena: a galinha e o pombo espalhando e ciscando a areia na criação da terra de *Ifé*, e o camaleão fiscalizando o trabalho para prestar contas ao *Oxalá*, como era descrito no mito.

O velho contador de história abriu os olhos saindo da concentração. Viu que as crianças estavam ali, em redor dele, em silêncio. Crianças caladas era difícil de se ver, mas era verdade. O sol já estava fora brilhando forte. Iniciava ele o seu caminho de todo dia.

Os acontecimentos da noite foram desfilando no *ori* do velho mestre. Ele entendia o porque do silêncio respeitoso das crianças. Era o *Ojó Jakutá*, o dia da justiça, o dia da festa anual da celebração da criação de *Ilê Ifé* por *Oduduma*. O *griô* prometera contar a história do camaleão, animal sagrado para o povo yorubá. As crianças já estavam esperando. O camaleão era extraordinário pela capacidade de fazer-se desaparecer, dissera o velho *griô*. E acrescenta ainda, que mudava de cor, mudava de forma e movia os olhos em todas as direções. Os pequenos aprendizes queriam aprender tudo sobre o mensageiro de *Olodumaré* e *Oxalá*, como era descrito. O silêncio era a condição. A história do mensageiro do *Oxalá*, o camaleão, só viria à noite, em redor da fogueira com máscara e dança. Era muito importante aquela dramatização. Fora o camaleão quem levava a

¹⁰⁵ MACHADO, Vanda; PETROVICH, Carlos. 2004, pp. 99-103.



notícia a *Oxalá* que a criação de *Ilê Ifê* estava concluída. O *griô* caminhou até diante das crianças menores e iniciou a função daquela manhã atirando um pombo branco para o alto. Enquanto todos observavam o pombo ir voando para as alturas ele voltou ao seu lugar. Quando os olhares se assentaram nele, sua voz fez-se ouvir:

- Era uma vez, no princípio da criação *Iorubá*, *Oduduwa* reinava segurando o governo do seu povo com mãos de ferro. A cidade estava ainda em construção. Os inimigos do rei saqueavam as caravanas que para *Ilê Ifê* se dirigiam. Os árabes ameaçavam invadir o reino.

Era nos primeiros tempos. *Ogum*, principal amigo do rei, queria ajudar a construir *Ifé*. E assim fez. *Ogum* é a força. *Ogum* faz. *Ogum* pega de uma grande mão de pilão e vai à guerra. Leva ao seu lado *Iansã*, a guerreira dos ventos e tempestades. Vão lutar contra os árabes e vencê-los. As batalhas se sucedem. *Ogum* e *Iansã* são vencedores. Seus exércitos enchem o reino de *Oduduwa* de glórias, de tesouros e de prisioneiros. O difícil agora era parar. *Ogum* e *Iansã* estavam em guerra com o mundo todo. Com as vitórias aumentavam as riquezas do rei para mais da conta e crescia *Ilê Ifê*. E por outro lado, crescia o sofrimento das mulheres sem marido e a fome e o choro das crianças sem pai. O *griô* deu uma paradinha e notou ao seu lado, as crianças se juntando uma às outras, para se protegerem da guerra daquela história. E logo continuou: - Foi então que *Oxum*, a senhora dona das águas doces e das cachoeiras, intercedeu pelas crianças e pelas mães sem marido, junto a *Iemanjá*, a Senhora das águas do mar, a mãe de *Ogum*, o Senhor da guerra. – Vejam como são as coisas dos orixás, disse o negro velho dando ênfase à voz. – *Iemanjá*, mais que depressa, dirigiu-se a *Iansã*, a companheira de *Ogum* nos campos de guerra. *Iemanjá* e *Iansã*, ambas mães, logo se entenderam e puseram mãos à obra.

Oxum e *Iemanjá* transformaram-se em pássaros como no princípio e foram voar pelos caminhos dos guerreiros cantando as suas cantigas. *Ogum* logo se deu conta das águas. *Iansã* transformou-se também em pássaro encantado. E as águas entraram pelos olhos de *Ogum* e ele via *Ilê Ifê* terminada. E as águas entraram pelos olhos de *Ogum* e ele via *Ilê Ifê* terminada. E as águas esfriaram a sua vontade de guerra. E os três pássaros encantados voaram juntos. As *ayabás* encantadas voaram abraçando o mundo com as suas asas. E a paz voltou à terra. *Ilê Ifê* se tornou a cidade da luz. – O velho fez uma pausa e, num gesto com as duas mãos, continuou: - E a asa do pássaro em vôo é um sinal vivo. Com essa forma (A) se faz o som do axé. A asa do pássaro encantado é exatamente isso, a liberdade, a paz, o axé. O “A” de ará, Ará Keto ê Faraimará*¹⁰⁶.

E o *griô* levantou-se. A meninada levantou com ele:

- Vamos mexer pernas e braços. Sacudir o corpo. Agora vamos cantar e abraçar o outro. Façam de conta que podemos abraçar o mundo. Cantando e abraçando com o som de A.

¹⁰⁶ *Cantiga de confraternização ao povo Keto.



Ará Keto ê, Faraimará

Ará Keto ê, Faraimará

Cantar e Abraçar o outro! Desejar paz e prosperidade a cada abraço amigo. Abraçando o mundo. Acabando a guerra. Abraçando o mundo. Nossos braços são nossas asas, nossas asas de alegria, asas de amor e paz.

E o *griô*, de abraço em abraço desapareceu no meio da multidão do povo ioruba. E o *Ará keto ê*, com as crianças se divertindo, foi de aldeia em aldeia, se transmitindo de pai para filho, de geração em geração. Quando vocês virem crianças brincando, podem ter certeza, é o Faraimará.

Assim também no *Opó Afonjá*, quando crianças pequenas batem nos atabaques de lata, brincando de candomblé à sombra do *Irôko*, perto da casa de Mãe Stella, é *Ará Keto ê! Faraimará*.

Cantiga que criança canta

Gente velha já cantou

Vejam a mãe Cantolina

Cantou cem anos pra *Xangô*



REFERÊNCIAS

- ABRAS, Benjamin. **Falanges**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009 (Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 2).
- ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: Uma oportunidade para pensar outros mundos. Segunda reimpressão. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feminista**. Tradução de Cristina Baum, Companhia das Letras, São Paulo, 2014.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Coordenação: Djamila Ribeiro. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2018.
- ALVES, Maria Kellynia Farias. **Resistência Negra no Círculo de Cultura Sociopoético**: pretagogia e produção didática para a implementação da lei 10.639/03 no projoovem urbano. Dissertação (mestrado) em Educação. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, 2015. 159f.
- ALVES, Maria Kellynia Farias; PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia, pertencimento afro e os marcadores das africanidades: conexões entre corpos e árvores afroancestrais. In: ALVES, Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée (Orgs). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Impreco, 2015.
- ALVES, Miriam. Só as mulheres sangram (apresentação) . In: VIEIRA, Lia. **Só as mulheres sangra**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Coleção Vozes da Diáspora Negra – Volume 5).
- AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**. 7. Ed. São Paulo: USP, 2010.
- BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athenas: Casa das Áfricas, 2003.
- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / Editado por Joseph Ki-Zerbo**. – 2.ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010.
- BÂ, Amadou Hampâté. A noção de pessoa na África Negra. Tradução para uso didático de: BÂ, Amadou Hampâté. **La notion de personne en Afrique Noire**. In: DIETERLEN, Germaine (ed). Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvlin Ferreira Medeiros. <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>
- BANKOE, Katherine. Mulheres africanas nos Estados Unidos. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).
- BERNAT, Isaac. **Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- BIDIMA, Jean-Godefroy. Da travessia: contas experiências, partilhar o sentir. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. **Rue Descartes**, 2002/2, n.36, p. 7-17. Tradução para uso didático por Gabriel Silveira de Andrade Antunes.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para**



Educação das Relações Etnorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Parecer CNE/CP 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais.** Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Parecer CNE/CP 003/2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: MEC, 2004.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos Passos Vêm de Longe. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; C.WHITE Evelyn (Orgs). Traduzido por Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

CARNEIRO, Sueli. Mulher Negra. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida.** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento.** Estud. av., São Paulo, v. 17, n.49, p. 117-133, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundante do ser.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação junto à área de Filosofia da Educação, FEUSP, 2005.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane. O poder feminino no culto aos orixás. In: **Guerreiras de Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente.** NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). São Paulo: Selo Negro, 2008. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3).

CASTRO, Fabiana Leonel de. **Negras jovens feministas: sexualidade, imagens e vivências.** Dissertação (Mestrado). Salvador, 2010. 132f.

CASTIANO, José P. **Filosofia Africana: da sagacidade à Intersubjectivação** com Viegas. Editora: Educar, Universidade Pedagógica – Maputo. Co-edição: ISOED, Instituto de Investigação Social e Educação.

CASTIANO, José P. **Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjectivação.** Moçambique. Sociedade Editorial Ndjira, Lta, 2010. 1ª Edição.

CASTIANO, José P. Filosofia, Ensino e Intersubjectivação. In: NGOENHA, Severino E.; CASTIANO, José P. **Pensamento engajado: ensaios sobre Filosofia Africana, Educação e Cultura Política.** Editora Educar, Centro de Estudos Moçambicanos e etnociências (CEMEC), Universidade Pedagógica, Maputo, 2011.



- CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...** por uma nova visão de mundo. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- CHIZIANE, Paulina. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- CORREA, Marco Aurélio. Pequena África e os cotidianos da resistência: o cinema negro como possibilidades para e Lei 10.639/03. In: **Revista da ABPN** • v. 10, Ed. Especial - *Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira – lei 10.639/03 na escola* • maio de 2018, p.109-134.
- CRUZ, Norval Batista. **Consciência Corporal e Ancestralidade Africana**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2011.
- CUNHA JR., Henrique. Afrodescendência e espaço urbano. In: CUNHA JR., Henrique & RAMOS, Maria Estela Rocha (Org.). **Espaço urbano e afrodescendência: estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.
- DOVE, Nah. Mulherisma Africana – uma teoria afrocêntrica. Tradução de Wellington Agudá. **JORNAL DE ESTUDOS NEGROS**, Vol. 28, Nº 5, Maio de 1998, p. 1-26.
- EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “O que nós conquistamos não foi porque a sociedade abriu a porta, mas porque forçamos a passagem”. Entrevista Concedida a Kamille Viola. **Revista Marie Claire**, Maio de 2018. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/05/conceicao-evaristo-o-que-nos-conquistamos-nao-foi-porque-sociedade-abriu-porta-mas-porque-forcamos-passage.html>. Acesso em 26 de maio de 2018.
- EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: ‘Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial’. Entrevista concedida a Fernanda Canofre para o **Sul 21**, Maio de 2018b. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Acesso em 05 de maio de 2018.
- EVARISTO, Conceição. Destaque: Conceição Evaristo. Entrevista concedida a Ademir Pascale. **Conexão Literatura**. Junho, 2017, Nº 24.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EZE, E. Chukwudi: La moderna filosofia occidental y el colonialismo africana. In: EZE, E. Chukwudi. **Pensamiento africano: ética y política**. Barcelona: Ed. Bellaterra, 2001. Biblioteca de Estudios Africanos.



FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Tecendo mundos entre uma educação antirracista e filosofias afro-diaspóricas da educação. In: KOHAN, Walter Omar; LOPES, Sammy William; MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro (orgs.). **O ato de educar em uma língua ainda por ser escrita**. 1 ed. Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Pensando a Escola**: entre a formação e a liberdade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 6/7: maio/2006 – abril/2007, p. 76-100. Acesso em 04 de Setembro de 2012.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Esboço de crítica à Escola Disciplinar**. Coleção Pensar Rumos, 01. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Outras vozes no ensino de filosofia: O pensamento africano e afro-brasileiro. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio-out/2012, p. 74-89. Acesso em 01 de Junho de 2012.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson; BOTELHO, Denise. Colonialidade e Educação: O currículo de filosofia brasileiro entre discursos coloniais. **Revista Sul- Americana de Filosofia e Educação**. Número 14: maio-out/2010, p. 66-89.

FOÉ, Nkolo. A questão do negro no mundo moderno. **Sankofa**. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano IV, Nº 8, Dezembro de 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 12ª. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/642>>.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC.2000.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. De coração para coração: ensinando com amor. Heart to heart: teaching with love. In: _____. **Teaching community: a pedagogy of hope**. New York: Routledge, 2003, p. 127-137. Tradução para uso didático de Vinícius da Silva. https://oquartodehooks.wordpress.com/2019/02/10/de-coracao-para-coracao-ensinando-com-amor/amp/?__twitter_impression=true. Acesso em 10 de fevereiro.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; C.WHITE Evelyn (Orgs). Traduzido por Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. 2. ed. – Rio



de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. Tradução original do francês – Histoire de vie et projet – l’histoire de vie com me projete et les “histoire de vie” au servive de projets – por Denice B. Catani e Helena C. Chamlian. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

KALUMBA, Kibujjo M. Filosofia da Sagacidade: sua metodologia, resultados e significância e futuro. Tradução para uso didático de: KALUMBA, Kibujjo M. **Sage Philosophy: Its Methodology, Results, Significance and Future**. In: WIREDU, Kwasi (ed.). A companion to African Philosophy. Malden, Oxord, Victoria: Blackwell, 2004, p. 274-281 por Renato Rocha Lima Marques.

KAMABAYA, Moisés. **A contribuição da Africana para o progresso da Humanidade**: uma abordagem antropológica. Mayamba Editora, Luanda, 2011.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca**. Tradução: Ana Guadalupe. São Paulo: Editora Planeta, 2017.

KI-ZERBO, J. (coord.). **Metodologia e pré-história da África**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. **Who Can Speak?** (Quem pode falar). Tradução de Anne Caroline Quiangala, 2016. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-grada-kilomba.html>

LIMA, Aidil Araújo. **Mulheres Sagradas**. Cachoeira – Ba, Portuário Atelier Editorial, 2017.

LORDE, Audre. **Mulheres Negras**: As ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. Tradução de Renata. Conferência do New York University Institute for the Humanities, 1979. Geledés, 10 jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em 29 de março de 2019.

LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. Artigo Original: Use of the Erotic: The Erotic as Power, in: LORDE, Audre. **Sister outsider**: essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59. Tradução feita por Tatiana Nascimento dos Santos – Dezembro de 2009, retirada do [Zine “Textos escolhidos de Audre Lorde”](#).

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica**: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada**: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Prefácio de Nilda Alves. Brasília, Liber Livro, 2012.



MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de Currículo e Formação: o príncipe provocado.** Revista Teias v. 13, n.27, 67-74. 2012a. **Currículos: Problematização em práticas e políticas.** Disponível em: [http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=issue&op=view&path\[\]=56&path\[\]=showToc](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=issue&op=view&path[]=56&path[]=showToc). Visitado em 06 de maio de 2012a.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação: o fundante da educação.** Prefácio de Marie-Christine Josso; apresentação de Jacqueline Monbaron-Houriet. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas.** Salvador, EDUFBA, 2009.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades.** Fortaleza: Imprece, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e Encantamento: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 240p, Salvador, 2014b.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana e Currículo: Aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, Vol.0, N.18, maio de 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>

MACHADO, Adilbênia Freire; OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia Africana-Brasileira: Ancestralidade desregrada, mundos encantados. In: NUNES, Cícera; CUNHA JR. Henrique. (Orgs). **VII Artefatos Da Cultura Negra: Cosmovisão Africana e Afrobrasilidades: Cultura, Religiosidade e Educação**, 2016.

MACHADO, Adilbênia Freire; MATOS, Patrícia Pereira de. Ancestralidade Africana – um modo de ser, estar e cuidar: uma aprendiz e uma iniciada. In: SILVEIRA, Ronie Alexsandro Teles da; LOPES, Marcos Carvalho (Orgs). **A religiosidade brasileira e a filosofia.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

MACHADO, Vanda. **Prosa de Nagô: educando pela cultura.** 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite.** Salvador: EDUFBA, 2013.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **VI Enecult**, encontro de estudos multidisciplinares em culturas. Facom-UFBA – Salvador / Bahia / Brasil. 25 a 27 de Maio de 2010.

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [S.1.], n. 26, p. 63-81, nov. 2013. ISSN 2176-1485. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: 10 set. 2018.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá.** São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. (Coleção Perspectiva).

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da Cosmovisão Africana na Escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses.** Tese (doutorado).



Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012. 194f.

MIGNOLO, Walder D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008. Traduzido por: Ângela Lopes Norte.

MIRANDA, Eraldo. **O dia em que Ananse espalhou a sabedoria pelo mundo**. 1ª Edição, São Paulo: Elementar, 2008.

MOKHTAR, Gamal (Org.). **História Geral da África II: África Antiga**. 2. Ed. Rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

MOORE, Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **Sobre Vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores**. 1.ed. – Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil Contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NATÁLIA, Livia. **Água Negra**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

NGOENHA, Severino Elias. Ensino da Filosofia e Povos Africanos. In: NGOENHA, Severino Elias; CASTIANO, José P. **Pensamento Engajado: ensaios sobre filosofia africana, educação e cultura política**. Editora EDUCAR, Centro de Estudos Moçambicanos e etnociências (CEMEC), Universidade Pedagógica, Maputo, 2011.

NGOENHA, Severino Elias. **Das independências às liberdades**. África, Maputo: Edições Paulistas, 1993.

NOGUERA, Renato. **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. **CORDESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CORDESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o Corpo: Teorias Ocidentais e Sujeitos Africanos. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The invention of women: making an African sense of western gender discourses**. Minneapolis:



University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotência: *Ìyá* nos Conceitos Filosóficos e Instituições Sociopolíticas [Iorubás]. Tradução para uso didático de OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Matripotency: ***Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions***. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016, capítulo 3, p. 57-92, por wanderson flor do nascimento.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da Ancestralidade: corpo-cabeça e dança mítica dos orixás. In: MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée. (Orgs). **Memórias de Baobá III**. Fortaleza, Imprece, 2020. *No Prelo*.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da Ancestralidade. In: **Revista online**, postado em 18 de Julho de 2019. Visitado em 08 de Agosto de 2019. Vide: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. **Candomblé e educação**: estratégias para o empoderamento da mulher negra. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2008. 213f.

ONDÓ, Eugenio Nkogo. **Síntesis Sistemática de La Filosofía Africana**. Barcelona, 2006.

ONDÓ, Eugenio Nkogo. **Síntese Sistemática De La Filosofia Africana**. Barcelona: Edicionescarena, 2001.

ORUKA, H.O. **Las preguntas básicas sobre la filosofía-de-los sábios en Africa**. Rev. Filosofía Univ. Costa Rica, XXXII (77), 7-17, 1994. Traducción de Juandiego Moya B.

OXÓSSI, Mãe Stella de. **ÒWE / PROVÉRBIOS**. Salvador/África, 2007.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica & Epistemicídio**: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo. Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de Brasília, 2018. 98 páginas.

PETIT, Sandra Haydée. Na roda, ao convite do Espírito: ancestralidade e comunidade na filosofia de Sobonfu Somé. In: SILVA, Joselina da (Org). **O pensamento de/por mulheres negras**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral – Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº 10.639/2003. Fortaleza: EdUECE, 2015.



- PETIT, Sandra Haydée.; SILVA, Geranilde Costa e. Pretagogia: referencial teórico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afro-descendentes. In: CUNHA, H.; SILVA, Cícera; SILVA, Joselina (Org.). **Artefatos da Cultura Afro-cearense**. Fortaleza: UFC, 2011.
- PETROVICH, Carlos. MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: Mitos Afro-brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- PIRES, Thula. Ochy Curiel: feminismo decolonial. In: SILVA, Joselina da (Org). **O pensamento de/por mulheres negras**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- PORTILHO, Érica. **Matriarcado afreekana: narrativas cruzadas do ventre negro ao Brasil / Érica Portilho**. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, 2019. 154f.
- RATTS, Alex. Percursos e territórios negros / quilombolas: introdução a uma pesquisa no Ceará. In: ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée (Orgs). **Memórias de Baobá II**. Fortaleza: Imprece, 2015.
- RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Imprensa oficial, São Paulo, 2006.
- RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010. – (Retratos do Brasil Negro / coordenado por Vera Lúcia Benedito).
- RÉGIS, Sávia Augusta Oliveira. Contando Histórias na Educação Infantil. In: ALVES, Maria Kellynia Farias; MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée (Orgs). **Estéticas negras: trançando educação e produção didática**. Fortaleza: Imprece, 2016.
- RICARDO, Ingrid da Rocha. **Corpos Agentes: sobre a constituição de sujeitos afro-brasileiros**. Monografia. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. Departamento de Psicologia. Vitória, Espírito Santo. 2018, 31f.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.
- RIBEIRO, Ronilda. **De Boca Perfumada a Ouvidos Dóceis e Limpos: Ancestralidades Africanas, Tradição Oral e Cultura Brasileira**. Itinerários, Araraquara, Nº 13, 1998.
- RIBEIRO, Ronilda. **Alma Africana no Brasil: Os Iorubás**. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.
- ROCHA, Aline Matos. **A corporal(idade) discursiva à sombra da hierarquia e do poder: uma relação entre Oyëwùmí e Foucault**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia (Fafil), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2018. 98f..
- ROCHA, Aline Matos. A Exclusão Intelectual do Pensamento Negro. In: **Pólemos**, Brasília, vol. 2, n. 4, Março 2014. Acesso em julho de 2014.
- ROCHA, Agenor Miranda. Prefácio. In: THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas ed., 1996.
- ROSA, Allan Santos da. **Imaginário, Corpo e Caneta: Matriz Afro-Brasileira em Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: FEUSP, 2009 (Dissertação de Mestrado).



SACRANIE, Magdalene. **O amuleto perdido e outras lendas africanas**. Ilustração de Sarah Bramley; tradução de Luciano Machado e Elisa Zanetti. São Paulo: Panda Books, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro 2002: 237-280.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. Arrebatado pelas encruzadas da vida (*Apresentação*), in: ABRAS, Benjamin. **Falanges**. Belo Horizonte: Nandyala, 2009 (Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 2).

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SEILER, Frank-Ulrich. **A comunicação e o saber filosófico contemporâneo africanos: Estudo Exploratório de uma Epistemologia Comunicacional Africana**. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2099/1/22055_ulfp034765_tm.pdf. Visitado em 18 de Dezembro de 2010.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnicoraciais no Brasil. Porto Alegre: Revista **Educação**, nº. 3, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche - a poética e a política do texto curricular**. 1. ed. 4.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIQUEIRA, Ana Carla de Abreu. Ser mulher na pós-graduação em filosofia. **Revista Lampejo**. Vol. 06, Nº 01. Páginas: 216 – 220. 2017.1. Disponível em: http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-11-vol_6_n_1/015-SER_MULHER.pdf. Acesso em janeiro de 2018.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade – a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. SP: Odysseus Editora, 2003.

SOMÉ, Sobonfu. **Aceitar a dor: Quando banhar-se em lágrimas cura as feridas mais profundas**. Texto foi publicado em Africaneando. Revista de actualidade y experiencias, nº. 09, 2012. www.oozebap.org/africaneando. Tradução de Aline Matos da Rocha, março de 2014. Acesso em Outubro de 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

THEODORO, Helena. **Mito e Espiritualidade: mulheres negras**. Rio de Janeiro: Pallas, ed., 1996.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África, I: Metodologia**



e pré-história da África / Editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo da Cria-u em Macapá e sua Educação.** 2010. 260f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira)– Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

VIEIRA, Lia. **Só as mulheres sangra.** Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (Coleção Vozes da Diáspora Negra – Volume 5).

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: *in-surgir, re-existir e re-viver.* In: CANDAU, Vera Maria. **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas.** 2009.

WERNECK, Jurema. Introdução. WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). **O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe.** Tradução de Maísa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

WHITE, Evelyn C. Apresentação. In: **O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe.** WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). Tradução de Maísa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

FONTES ORAIS

DONA TOINHA. COM-VERSAS. Entrevista realizada em Água Preta, 17 e 18 de Agosto de 2010. (falar das outras conversas)

VANDA MACHADO. COM-VERSAS NA COZINHA. Entrevista (com-versa) realizada em Salvador, 27 de Setembro de 2017.

MACHADO, Vanda. Memória dos Brasileiros com Vanda Machado. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=7wEKkc2pDjo>

PINTO, Makota Valdina. **Seja mestre de si.** 2018. Vide: https://www.youtube.com/results?search_query=TPSM_Conexão%7C+Seja+mestre+de+si+-+makota+valdina

PINTO, Makota Valdina. **Ancestralidade.** 2017. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=N9l4diwjRbU>

PINTO, Makota Valdina. **Bença, entrevista com Makota Valdina.** 2010. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=P0ziJx0KWRE>



MARIA MARIA

Milton Nascimento

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!!
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê
Hei! Hei! Hei! Hei!
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!



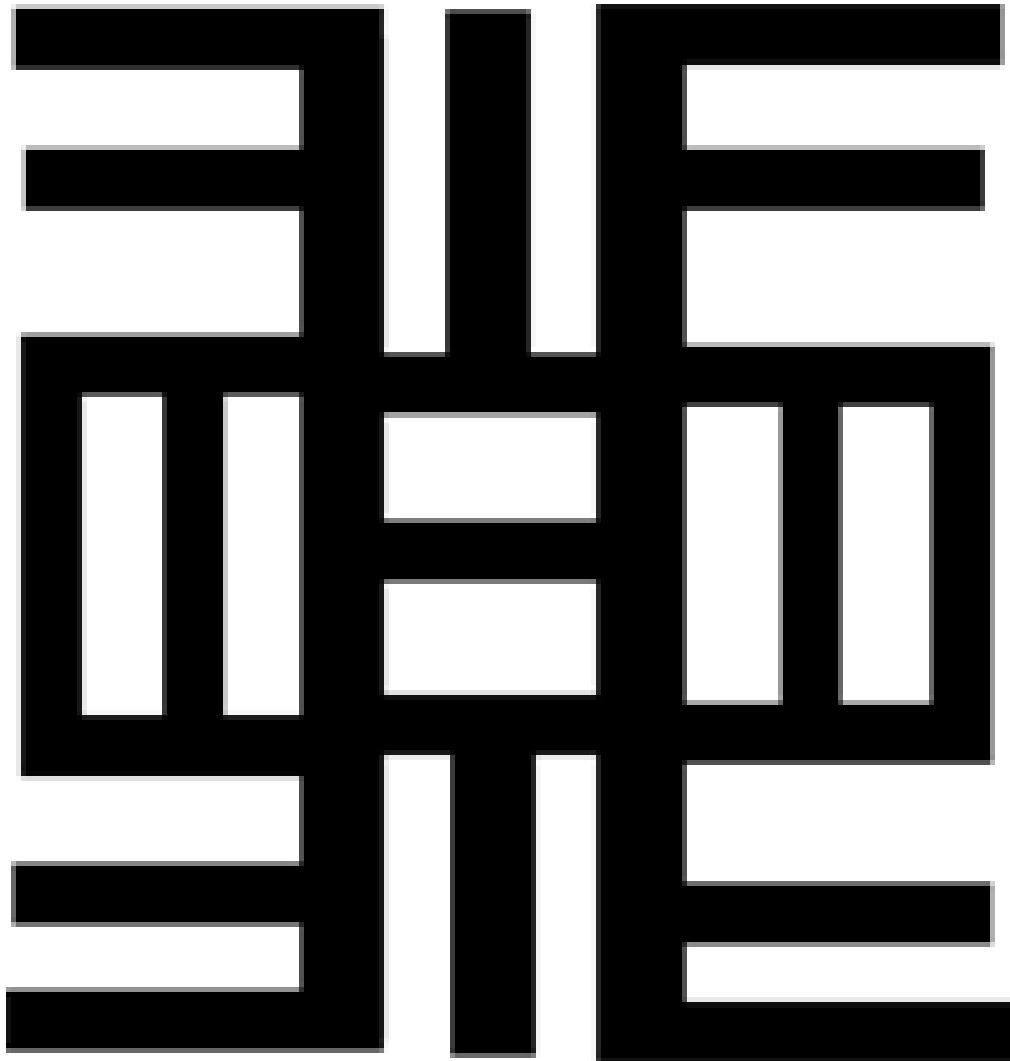
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê!
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê!
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho, sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!!
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê
Hei! Hei! Hei! Hei!
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!
Ah! Hei! Ah! Hei! Ah! Hei!
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê!
Lá Lá Lá Lerererê Lerererê!

Compositores: Fernando Brant / Milton Silva Campos Nascimento



NEA ONNIM NO SUA A, OHU

Figura 28 - NEA ONNIM NO SUA A, OHU¹⁰⁷



Símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente e da busca contínua pelo saber.

¹⁰⁷ Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos.



PROVÉRBIO

ANTES DE
MORDER VEJA
COM ATENÇÃO
SE É PEDRA OU
SE É PÃO

MÃE STELLA DE OXÓSSI